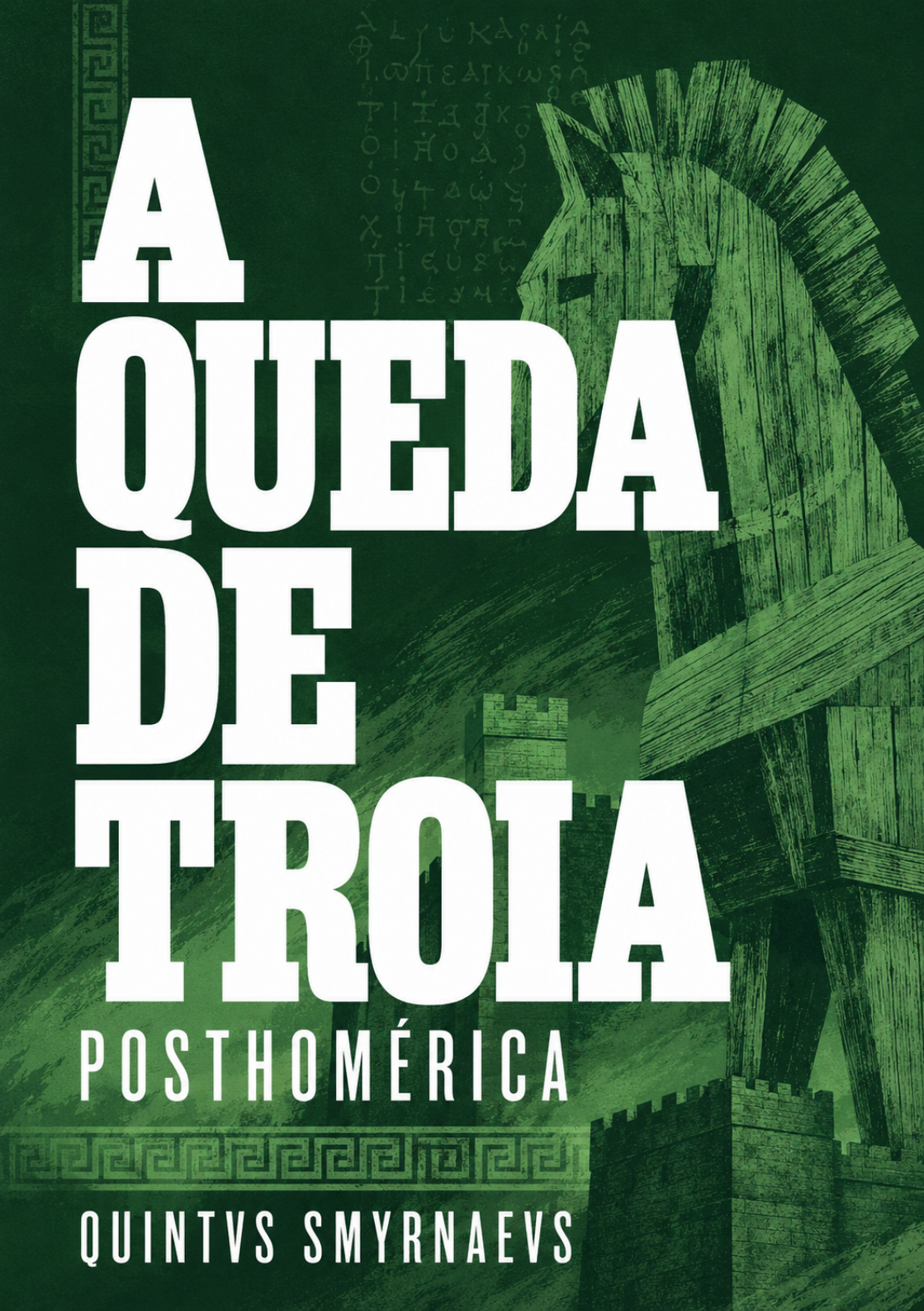

A QUEDA DE TROIA

POSTHOMÉRICA

QUINTVS SMYRNAEVS

A QUEDA DE TROIA

PÓS-HOMÉRICAS

QUINTVS SMYRNAEVS

2026

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO iii
LIVRO I 1
LIVRO II 23
LIVRO III 41
LIVRO IV 62
LIVRO V 78
LIVRO VI 97
LIVRO VII 115
LIVRO VIII 136
LIVRO IX 150
LIVRO X 163
LIVRO XI 175
LIVRO XII 187
LIVRO XIII 204
LIVRO XIV 220

INTRODUÇÃO

Entre a Ilíada e a Odisseia abre-se, para o leitor moderno, um intervalo surpreendente. A primeira termina com as exéquias de Heitor; a segunda encontra Troia já destruída e acompanha um dos vencedores em seu regresso. Entre esses dois pontos situam-se a chegada de Pentesileia e de Mêmnon, as mortes de Aquiles e Ájax, a vinda de Neoptólemo e Filoctetes, o cavalo de madeira, o saque da cidade e o início dos retornos. A Antiguidade conhecia esses acontecimentos por numerosos poemas, narrativas, dramas e imagens. Quase toda essa literatura desapareceu. As Pós-Homéricas de Quinto de Esmirna são a única epopeia grega integralmente conservada que reúne em sequência contínua esse derradeiro ciclo da Guerra de Troia.

Pouquíssimo se sabe com segurança acerca de Quinto. Os manuscritos o chamam Kóintos, nome latino transcrito em grego, e o qualificativo "de Esmirna" deriva sobretudo da passagem do Livro XII em que o poeta situa sua inspiração junto ao templo de Ártemis, nas cercanias de Esmirna, enquanto apascentava rebanhos. A cena imita deliberadamente a consagração poética de Hesíodo no Hélicon e não deve ser lida como certidão biográfica. Ainda assim, o domínio da geografia, das tradições e da cultura literária da Ásia Menor torna plausível a ligação com o ambiente de Esmirna. Não conhecemos sua família, profissão ou posição social; o poema, porém, denuncia educação elevada, familiaridade com a exegese homérica e acesso a uma longa biblioteca de poesia grega.

A datação tradicional coloca a obra no século III d.C., embora propostas entre os séculos II e IV tenham sido defendidas. A posição mais aceita apoia-se na linguagem e na métrica, nas relações com Opiano e Trifiodoro e no fato de Quinto anteceder as inovações métricas de Nono de Panópolis. O resultado é importante: estamos diante de um autor grego do Império

Romano, escrevendo muitos séculos depois de Homero e, ainda assim, escolhendo o hexâmetro, o vocabulário e os procedimentos da antiga epopeia. Essa distância não constitui anacronismo ingênuo. É a condição histórica de uma poesia que contempla a tradição arcaica através das bibliotecas, da escola, da filologia helenística e da cultura imperial.

O título grego transmitido, Tá meth' Hómeron, significa literalmente "os acontecimentos depois de Homero". O nome latino Posthomerica, hoje consagrado, exprime a mesma ideia. Os catorze livros começam imediatamente após a Ilíada: Heitor já foi queimado, os troianos permanecem encerrados na cidade e a chegada de Pentesileia restitui por breve tempo sua esperança. A narrativa prossegue sem novo proêmio até a dispersão da frota grega depois do saque. O poema procura, portanto, ligar-se às margens dos dois épicos homéricos e transformar a ausência entre eles em matéria de uma nova totalidade narrativa.

Sua organização combina blocos relativamente autônomos com uma direção única. Os primeiros livros apresentam os últimos grandes defensores de Troia — Pentesileia e Mêmnon — e culminam na morte de Aquiles. Seguem-se os jogos fúnebres, a disputa pelas armas e o suicídio de Ájax. A chegada de Eurípilo produz uma nova crise, resolvida pela vinda de Neoptólemo; a recuperação de Filoctetes conduz à morte de Páris. Os assaltos finais fracassam até que Odisseu concebe o cavalo. Os três últimos livros formam uma sequência cerrada: ardil, saque e punição dos vencedores. A repetição de chegadas, duelos, funerais e assembleias não é simples mecanismo; ela faz sentir o esgotamento progressivo de ambos os exércitos e a aproximação inexorável do fim.

O lugar de Quinto na tradição começa no século VIII a.C., ou no horizonte em que a crítica costuma situar a cristalização da Ilíada e da Odisseia. Delas provêm a dicção formular, grande parte dos epítetos, as comparações extensas, as cenas típicas de combate, os concílios divinos, as mensagens, as súplicas e os funerais. Quinto domina esse repertório a ponto de produzir uma superfície verbal deliberadamente homérica. Contudo, não escreve como um aedo

arcaico. Seleciona, combina e comenta formas que já haviam sido classificadas por séculos de leitura. A imitação é simultaneamente continuação narrativa e interpretação crítica.

Ao lado de Homero está o chamado Ciclo Épico. Entre os séculos VII e VI a.C., poemas como a Etiópida, a Pequena Ilíada, o Saque de Ílion e os Retornos narravam grande parte dos acontecimentos retomados por Quinto. Esses poemas chegaram até nós somente por fragmentos e resumos tardios. Não é possível demonstrar que Quinto tenha copiado diretamente cada um deles; ele podia conhecer resumos, versões mitográficas e tradições intermediárias. Mesmo assim, a comparação mostra que as Pós-Homéricas conservam a arquitetura essencial do ciclo troiano, ao mesmo tempo que reorganizam episódios, motivações e ênfases. A obra é testemunho precioso da sobrevivência da matéria cíclica, mas não substituto mecânico dos poemas perdidos.

A poesia lírica e a tragédia dos séculos VI e V a.C. também transformaram essa matéria. Píndaro, Ésquilo, Sófocles e Eurípides aprofundaram figuras como Ájax, Filoctetes, Hécuba, Políxena, Neoptólemo, Helena e as cativas troianas. Quinto herda um mundo em que essas personagens já possuíam longa vida dramática e moral. Seu Ájax recorda tanto o guerreiro homérico quanto o herói trágico esmagado pela vergonha; sua Hécuba concentra a catástrofe da realeza reduzida ao cativeiro; seu Filoctetes une a ferida física à memória do abandono. A epopeia tardia reincorpora à sequência heroica emoções e conflitos que a tragédia havia isolado e intensificado.

Do século III a.C. em diante, a mediação helenística tornou-se decisiva. Calímaco, Apolônio de Rodes, os poetas alexandrinos e os filólogos do Museu ensinaram a ler Homero como texto, arquivo e campo de alusões. As descrições de obras de arte, os catálogos, a etimologia, a geografia erudita e a recombinação de modelos pertencem a esse universo. A longa écfrase do escudo de Aquiles, retomada quando as armas passam a Neoptólemo, mostra que Quinto não apenas imita um objeto homérico: relê toda uma tradição de escudos poéticos e converte a herança material do pai em

programa moral para o filho. Maciver demonstrou que essa intertextualidade é central para compreender a originalidade do poema.

A tradição romana forma outra camada incontornável. Virgílio havia reorganizado a queda de Troia no Livro II da Eneida e concedido a Eneias um destino fundador. Quinto narra episódios próximos, mas o faz em grego e sob outra perspectiva. A relação exata entre ambos permanece discutida: em certos lugares pode haver contato direto; em outros, dependência de fontes comuns ou diálogo com uma tradição já amplamente difundida. O mais seguro é reconhecer que Quinto escreve num mundo posterior a Virgílio, em que Troia já era também memória imperial romana. Sua proteção de Eneias e a atenção concedida ao herói participam desse horizonte sem transformar as Pós-Homéricas numa simples réplica da Eneida.

A obra dialoga ainda com a cultura da Segunda Sofística e da Antiguidade tardia. O retorno deliberado ao passado clássico, o gosto pela exibição retórica, a competição com autores canônicos e a afirmação de identidade grega sob Roma são traços desse ambiente. Baumbach e Bär mostraram como Quinto deve ser lido não como sobrevivência isolada, mas no desenvolvimento da literatura imperial grega. A escolha de uma língua artificialmente homérica é comparável ao emprego do ático clássico pelos prosadores do período: não nega o presente, mas constrói uma posição cultural dentro dele.

Por essa razão, a antiga acusação de que o poema seria apenas um pastiche de Homero é insuficiente. Quinto realmente busca uma continuidade estilística e às vezes prefere a regularidade ao risco. Sua narração pode parecer menos veloz que a Ilíada, e a repetição de fórmulas e combates pode cansar leitores habituados ao romance moderno. Mas o critério que exige de toda epopeia uma segunda Ilíada impede a percepção do projeto. A diferença está nos padrões de seleção, na reorganização moral do heroísmo, na intensificação do destino e na consciência de escrever depois de toda uma tradição.

A ética do poema ocupa lugar importante nessa revisão. Os guerreiros são avaliados pela coragem, pela resistência, pela lealdade aos companheiros e pelo domínio de si. A força sem prudência conduz ao desastre; a glória permanece desejável, mas é cercada pela instabilidade da fortuna. Discursos de Nestor, Aquiles e outras figuras aproximam a ação heroica de máximas morais difundidas no mundo imperial, por vezes relacionadas pela crítica a ideias estoicas. Não se trata de converter Quinto em filósofo sistemático. O poema, antes, lê o heroísmo arcaico através de uma sensibilidade que valoriza constância, autocontrole e aceitação da ordem divina.

As mulheres possuem função estrutural igualmente decisiva. Pentesileia inaugura a obra como inimiga capaz de rivalizar com os melhores homens; Aurora e Tétis dão dimensão cósmica ao luto materno; Enone transforma ressentimento, amor e arrependimento em tragédia; Cassandra representa a verdade incapaz de vencer a cegueira coletiva; Políxena e Hécuba revelam a violência que continua depois da vitória. A destruição de Troia não é mostrada apenas como triunfo militar, mas como passagem de pessoas, casas e memórias à condição de despojo. Sob uma leitura moderna, esse deslocamento permite interrogar criticamente a ideologia heroica que o poema simultaneamente celebra e expõe.

Também é moderna a atenção à memória cultural. As Pós-Homéricas não apenas contam "o que aconteceu depois"; mostram como uma cultura se apropria de textos fundadores. O poema conserva Homero pela transformação, repete-o para produzir diferença e preenche um intervalo que a própria autoridade homérica tornou visível. Nessa perspectiva, Quinto ocupa posição singular no cânone grego: não tem a prioridade histórica de Homero, a concentração formal da tragédia ou a radical inovação de Apolônio, mas oferece o mais extenso experimento antigo de continuação integral da epopeia homérica que chegou completo até nós.

No cânone ocidental, sua situação é paradoxal. A matéria que narra é absolutamente central: a morte de Aquiles, o julgamento das armas, o cavalo e a queda de Troia alimentaram a literatura, a

pintura, a ópera, o teatro e o cinema. O poema que as reúne, entretanto, permaneceu periférico. Parte dessa marginalidade decorre da perda do Ciclo, que fez de Homero e Virgílio os polos dominantes; parte provém do preconceito moderno contra a literatura tardia e imitativa; parte, enfim, resulta da reduzida circulação de traduções. Seu valor universal não depende de ser o único depósito de mitos célebres, mas de apresentar uma reflexão contínua sobre guerra, perda, fama, cativeiro, retorno e sobrevivência.

A transmissão material contribuiu para esse destino. Na tradição renascentista, o poeta ficou conhecido como Quintus Calaber porque o manuscrito associado à redescoberta por Basílio Bessarion foi encontrado na Calábria, em Otranto. A primeira edição impressa saiu em Veneza, na oficina de Aldo Manúcio, em 1504. Humanistas e mitógrafos voltaram a dispor de uma narrativa grega contínua para o fim da guerra. A influência literária direta de Quinto sobre cada autor posterior é difícil de provar, pois os mesmos episódios circulavam por Virgílio, Ovídio, Dictis, Dares e compêndios mitográficos. Sua presença deve ser avaliada com prudência: frequentemente serviu como testemunho e reservatório narrativo, mesmo quando não foi reconhecido como modelo canônico.

A filologia dos séculos XIX e XX estabeleceu o texto e examinou suas fontes, sua língua e sua métrica. Os trabalhos de Köchly, Zimmermann, Vian, Campbell, James e outros tornaram possível uma leitura mais segura. Francis Vian produziu a edição e tradução francesa de referência e estudou profundamente a tradição manuscrita; Alan James ofereceu tradução inglesa moderna, introdução ampla e comentários; os estudos reunidos por Baumbach e Bär e a monografia de Maciver ajudaram a deslocar a crítica da caça às “fontes” para a análise da poética, da intertextualidade e do contexto imperial. A investigação recente vê o poema como obra aprendida, deliberada e historicamente situada.

Essa reavaliação não exige ocultar suas limitações. Há desigualdade entre episódios, fórmulas repetidas, catálogos longos e

passagens em que a caracterização cede lugar ao movimento coletivo. A própria transmissão grega contém lacunas, algumas impossíveis de recompor. Mas há também cenas de grande poder: a morte e apoteose de Mêmnon, o funeral de Aquiles, o colapso de Ájax, o encontro de Páris com Enone, os avisos de Cassandra, a morte de Príamo, o sacrifício de Políxena e a tempestade final. A amplitude permite que o leitor contemple Troia não por um único herói, mas como processo de extinção de um mundo.

Para a crítica contemporânea, o interesse maior talvez resida justamente nessa posição intermediária. Quinto está entre Grécia e Roma, oralidade imaginada e cultura do livro, período arcaico e Antiguidade tardia, criação e recepção. Sua epopeia mostra que o cânone não é coleção imóvel de obras autônomas: é uma cadeia de leituras, reescritas e disputas de autoridade. Ler as Pós-Homéricas depois de Homero modifica a percepção do que faltava em Homero; relê-las ao lado de Virgílio mostra como tradições gregas e romanas competiam pela memória de Troia.

A presente tradução foi elaborada em prosa literária, preservando a sequência e os marcadores de versos da edição de Alan James. O objetivo não foi reproduzir artificialmente o hexâmetro grego, mas oferecer português claro e elevado, capaz de conservar a dignidade épica, a energia dos combates, a extensão das comparações e as mudanças de voz. Cada bloco foi confrontado sistematicamente com a tradução inglesa de James, a tradução de A. S. Way e a versão espanhola de Toledano Vargas; nas divergências de sentido, nos nomes próprios e nas passagens suspeitas, recorreu-se ao texto grego.

O cotejo final verificou os catorze livros e todos os 1.778 blocos numerados. Foram conservados os marcadores suplementares das edições e restituídos trechos inicialmente omitidos nos Livros VII e XII. As lacunas que já pertencem à transmissão grega foram indicadas apenas pela própria interrupção do texto, sem notas explicativas, em respeito ao projeto de uma edição de leitura. A onomástica foi uniformizada em formas portuguesas usuais; repetições formularmente significativas foram preservadas,

enquanto construções produzidas pela passagem entre idiomas foram revistas para alcançar naturalidade. O resultado pretende ser fiel ao conteúdo e à arquitetura do original, sem sacrificar a legibilidade da língua portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

BÄR, Silvio; GREENSMITH, Emma; ÖZBEK, Leyla (org.). Quintus of Smyrna's Posthomerica: Writing Homer under Rome. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2022.

BAUMBACH, Manuel; BÄR, Silvio (org.). Quintus Smyrnaeus: Transforming Homer in Second Sophistic Epic. Berlin; New York: De Gruyter, 2007.

CAMPBELL, Malcolm. A Commentary on Quintus Smyrnaeus, Posthomerica XII. Leiden: Brill, 1981.

CARVOUNIS, Katerina. A Commentary on Quintus of Smyrna, Posthomerica 14. Oxford: Oxford University Press, 2014.

GÄRTNER, Ursula. Quintus Smyrnaeus und die Aeneis: Zur Nachwirkung Vergils in der griechischen Literatur der Kaiserzeit. München: C. H. Beck, 2005.

JAMES, Alan. The Trojan Epic: Posthomerica. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2004.

JAMES, Alan; LEE, Kevin. A Commentary on Quintus of Smyrna, Posthomerica V. Leiden: Brill, 2000.

MACIVER, Calum Alasdair. Quintus Smyrnaeus' Posthomerica: Engaging Homer in Late Antiquity. Leiden; Boston: Brill, 2012.

VIAN, Francis. Histoire de la tradition manuscrite de Quintus de Smyrne. Paris: Presses Universitaires de France, 1959.

VIAN, Francis (ed.). Quintus de Smyrne: La Suite d'Homère. 3 v. Paris: Les Belles Lettres, 1963–1969.

LIVRO I

Após os funerais de Heitor, Pentesileia chega a Troia com doze Amazonas e renova a esperança dos troianos. A rainha avança vitoriosa sobre os aqueus, mas Aquiles entra no combate e a mata. Comovido pela beleza da guerreira, o herói mata Tersites, que o insultara; ao final, ambos os exércitos prestam honras fúnebres aos mortos.

[1] Depois que Heitor, semelhante a um deus, foi abatido pelo filho de Peleu, que a pira lhe consumiu o corpo e a terra ocultou seus ossos, os troianos permaneceram encerrados na cidade de Príamo, temerosos da força do Eácida de coração intrépido.

[5] Assim como, nos bosques, as vacas não ousam sair ao encontro de um leão terrível, mas fogem e, juntas, se encolhem entre os arbustos cerrados, também os troianos tremiam dentro da cidade diante daquele guerreiro poderoso.

[10] Recordavam quantos ele privara da vida quando, enfurecido, avançou junto às desembocaduras do Escamandro, rio do Ida; quantos aniquilara enquanto fugiam ao pé da grande muralha; como abatera Heitor e arrastara seu cadáver ao redor da cidade;

[15] e quantos outros matara desde o dia em que, atravessando o mar infatigável, trouxe pela primeira vez a ruína aos troianos. A lembrança de tudo isso os retinha na cidade, enquanto sobre eles pairava uma dor angustiosa, como se Troia já ardesse em chamas, coberta de lamentos.

[20] Então, das correntes amplas do Termodonte, chegou Pentesileia, revestida da beleza das deusas. Vinha, de um lado, movida pelo desejo da batalha dolorosa e, de outro, fugindo à censura e à má reputação entre seu próprio povo por causa da morte

de sua irmã Hipólita,

[25] cuja perda lhe aumentava continuamente o sofrimento. Pentesileia a matara com sua poderosa lança, não por vontade própria, mas ao tentar atingir uma corça. Por isso veio à terra gloriosa de Troia. Seu ânimo guerreiro também a impelia a purificar-se da terrível mancha do sangue derramado

[30] e a apaziguar, mediante sacrifícios, as temíveis Erínias. Enfurecidas pela morte da irmã, elas a perseguiam invisivelmente desde aquele instante, pois sempre rondam os passos dos culpados, e nenhum transgressor consegue escapar dessas deusas.

[35] Com Pentesileia vieram doze companheiras, todas nobres e desejosas da guerra cruel. Embora fossem ilustres, serviam à rainha, que as superava largamente. Assim como, no vasto céu, a Lua se distingue entre as estrelas quando as nuvens trovejantes se abrem

[40] e adormece a violência dos ventos impetuosos, assim Pentesileia sobressaía entre as guerreiras que a acompanhavam. Ali estavam Clônia, Polemusa, Derínoe, Evandra, Antandra e a divina Bremusa;

[45] também Hipótoe, Harmótoe de olhos negros, Alcíbia, Antíbrota, Derimaqueia e Termodossa, orgulhosa de sua lança. Todas seguiam Pentesileia, a donzela guerreira. Como Aurora desce do Olimpo indestrutível, exultante com seus cavalos luminosos,

[50] em meio às Horas de belas tranças, e entre todas elas se destaca, embora sejam irrepreensíveis, assim Pentesileia avançava para Troia, superior em beleza a todas as Amazonas. Os troianos acorreram de todas as partes e se maravilharam

[55] ao contemplar a filha do infatigável Ares, protegida por longas grevas e semelhante aos deuses bem-aventurados. Em seu rosto resplandecia uma beleza ao mesmo tempo terrível e radiante; seu sorriso era encantador, e sob as sobrancelhas seus olhos sedutores brilhavam como os raios do Sol.

[60] O pudor avermelhava-lhe as faces, sobre as quais se estendia uma graça divina revestida de coragem. Apesar dos sofrimentos passados, o povo alegrou-se. Assim como, do alto de uma colina, os lavradores veem o arco-íris surgir sobre o vasto mar,

[65] quando desejam a chuva enviada pelos deuses porque os campos, sedentos da água de Zeus, estão ressequidos; então o grande céu se cobre de nuvens, e eles se alegram ao reconhecer o belo sinal do vento e da chuva que se aproximam, embora antes gemessem por suas plantações;

[70] assim também os filhos de Troia se encheram de alegria ao verem em sua terra a terrível Pentesileia, ávida de combate. Quando a esperança de um bem alcança o coração humano, dissipa-se a dor dos males sofridos. Também o espírito de Príamo, tão habituado aos lamentos,

[75] recebeu algum consolo, embora permanecesse profundamente aflito. Assim como um homem que sofreu longamente com a cegueira e prefere morrer caso não possa contemplar a luz, mas, pelo saber de um médico irrepreensível ou pela graça de um deus, vê dissipar-se a névoa de seus olhos,

[80] e, embora já não enxergue com a antiga nitidez, alegra-se com o pequeno alívio, mesmo sentindo ainda a dor aguda sob as pálpebras; assim o filho de Laomedonte contemplou a terrível Pentesileia. Sentiu alguma alegria, mas a aflição pela morte dos filhos ainda era maior.

[85] Conduziu a rainha ao palácio e de bom grado a cumulou de honras, como um pai recebe a filha que regressa ao lar depois de vinte anos em terras distantes. Ofereceu-lhe um banquete de toda espécie de alimentos, como aqueles em que reis gloriosos,

[90] depois de destruírem povos inimigos, celebram orgulhosamente a vitória. Deu-lhe presentes belos e valiosos e prometeu muitos outros, se ela salvasse Troia da carnificina. Pentesileia prometeu realizar uma façanha que nenhum mortal esperaria:

[95] matar Aquiles, destruir o vasto exército dos argivos e lançar fogo às suas naus. Insensata! Não sabia quanto Aquiles, senhor da lança de freixo, superava a todos no combate destruidor de homens. Quando a ouviu, Andrômaca, nobre filha de Eécion, disse consigo mesma:

[100] “Desventurada! Por que, dominada pelo orgulho, proclamas palavras tão arrogantes? Não tens força suficiente para enfrentar o intrépido filho de Peleu. Ele te dará morte rápida e

destruição. Infeliz, que loucura tomou teu coração? Já estão ao teu lado o fim da vida e o destino decretado pelos deuses.

[105] Heitor era muito superior a ti no manejo da lança e, apesar de toda a sua força, foi abatido, causando grande dor aos troianos, pois todos na cidade o contemplavam como a um deus. Enquanto viveu, foi a minha glória e a glória de seus nobres pais.

[110] Antes tivesse a terra sido amontoada sobre meu rosto morto, antes que a lança lhe atravessasse a garganta e lhe arrebatasse a vida! Agora, ai de mim, contemplei uma dor indizível: vi os cavalos velozes de Aquiles arrastarem-no cruelmente ao redor da cidade.

[115] Aquiles me privou do legítimo esposo e fez da amargura a minha companheira por todos os dias." Assim falou em seu coração a filha de Eécion, de belos tornozelos, recordando o marido, pois nas mulheres fiéis cresce incessantemente a dor pelo esposo morto.

[120] O Sol, percorrendo rapidamente sua órbita, mergulhou na corrente profunda do Oceano, e extinguiu-se a luz do dia. Quando cessaram o vinho e o agradável banquete, as servas prepararam nos aposentos de Príamo um leito acolhedor para Pentesileia, de coração intrépido.

[125] Ela se deitou, e um sono profundo envolveu-lhe os olhos. Então, por ordem de Palas, desceu do alto éter a força de um sonho enganador, para que, ao contemplá-lo, Pentesileia se tornasse uma desgraça para os troianos e para si mesma, quando se precipitasse contra as fileiras da batalha.

[130] Assim tramou a valente Tritogênia: o sonho funesto colocou-se sobre a Amazona sob a figura de seu pai e a incitou a enfrentar face a face Aquiles de pés velozes. Ao ouvi-lo, ela sentiu o coração encher-se de alegria, certa de que naquele mesmo dia realizaria uma grande façanha no terrível combate.

[135] Insensata, confiou para sua ruína num sonho vindo da região sem luz, desses que muitas vezes iludem no leito a raça sofredora dos homens com palavras mentirosas. Também a ela o sonho enganou, animando-a para a batalha.

[140] Quando surgiu Aurora de róseos tornozelos, Pentesileia encheu o coração de grande coragem, saltou do leito e cobriu os ombros com as armas primorosamente trabalhadas que recebera do deus Ares. Primeiro ajustou às pernas alvas as grevas de ouro;

[145] depois vestiu a couraça resplandecente. Cheia de orgulho, suspendeu dos ombros a grande espada, envolvida numa bainha trabalhada em prata e marfim. Tomou então o esplêndido escudo, semelhante ao disco da Lua quando se ergue sobre o Oceano de profundas correntes,

[150] meio cheio de luz entre seus chifres curvos: tão indizível era o brilho que ele lançava. Sobre a cabeça colocou o elmo encimado por crinas douradas. Assim revestiu o corpo com as armas magníficas e resplandeceu como o relâmpago que Zeus infatigável lança do Olimpo à terra,

[155] quando manifesta aos mortais a violência da chuva trovejante ou o sopro incessante dos ventos que assobiam. Logo se apressou a atravessar o salão, tomou duas lanças na mão que sustentava o escudo e, com a direita, empunhou um machado de dois gumes,

[160] que a terrível Éris entregara à filha de Ares como poderosa arma na guerra devoradora de vidas. Exultante, saiu imediatamente das muralhas e incitou os troianos a marcharem para o combate que concede glória.

[165] Os chefes ilustres atenderam prontamente ao chamado, embora antes evitassem permanecer nas fileiras diante de Aquiles, que a todos destruía. Pentesileia, tomada por imenso orgulho, montava um cavalo belo e veloz, presente de Oritia, esposa de Bóreas,

[170] que o oferecera à Amazona quando ela visitou a Trácia. Na velocidade, o animal rivalizava com as Harpias. Montada nele, Pentesileia deixou para trás os altos palácios da cidade, impelida pelas lúgubres Moiras para uma batalha que seria, ao mesmo tempo, sua primeira e sua última.

[175] Ao redor dela seguiam numerosos troianos, com passos dos quais não haveria retorno, acompanhando aquela intrépida donzela para o combate impiedoso. Avançavam em multidão, como ovelhas atrás do carneiro que, guiado pela arte do pastor, corre à frente e mantém unido o rebanho.

[180] Assim a seguiam, ansiosos por mostrar sua força, tanto os robustos troianos como as Amazonas de ânimo indomável. Pentesileia parecia Tritônis quando marchou contra os Gigantes, ou

Éris quando atravessa os exércitos despertando o tumulto. Tão grandiosa avançava entre os troianos.

[185] Então o nobre filho de Laomedonte ergueu para o filho de Cronos as mãos marcadas por tantos sofrimentos. Voltado para o templo resplandecente de Zeus do Ida, que vigia Ílion com olhos sempre atentos, suplicou:

[190] "Ouve-me, ó Pai! Concede que neste dia o exército da Acaia caia pelas mãos desta rainha guerreira, filha de Ares, e faze que ela regresse ilesa ao meu palácio. Peço-te pelo amor que dedicas ao poderoso Ares, teu filho, e também a ela, pois se assemelha maravilhosamente às deusas celestes

[195] e descende de tua própria linhagem. Compadece-te ainda de meu coração ferido. Conheces todos os sofrimentos que padeci com a morte dos filhos queridos, arrancados de mim pelas Moiras e pelas mãos dos argivos no combate devorador.

[200] Tem piedade enquanto ainda resta algum descendente do nobre Dárdano e enquanto esta cidade permanece de pé, ainda não devastada. Concede-nos ao menos um breve alívio da terrível carnificina e da guerra!"

[205] Assim orou apaixonadamente. Logo uma águia passou velozmente à esquerda, soltando um grito agudo e levando nas garras uma pomba ainda palpitante. O sangue gelou no coração de Príamo, que disse consigo mesmo: "Jamais verei Pentesileia regressar viva da batalha." Naquele mesmo dia, as Moiras cumpririam o presságio, enchendo-lhe o peito de desespero.

[210] Ao longe, os argivos se maravilharam quando viram os troianos avançarem pela planície, tendo no meio deles Pentesileia, filha de Ares. Aqueles pareciam feras que nas montanhas levam a morte aos rebanhos lanosos; ela, porém, assemelhava-se a uma chama impetuosa que atravessa os bosques ressequidos quando o vento a impele.

[215] Então um dos guerreiros reunidos disse aos companheiros: "Quem conseguiu novamente conduzir à guerra os troianos, depois que Heitor foi morto? Pensávamos que nunca mais teriam coragem de nos enfrentar; agora, porém, precipitam-se repentinamente, tomados pelo desejo da luta. Certamente algum grande guerreiro no meio deles os incita ao combate.

[220] Dir-se-ia um deus, tamanhas são as façanhas que pretende realizar. Vamos, pois: revistamos o peito de coragem indomável e recordemos nossa força no combate. Também nós não enfrentaremos hoje os troianos sem o auxílio dos deuses."

[225] Assim falaram. Vestiram as armas reluzentes e saíram das naus, cobertos pela fúria da batalha como por um manto. Os dois exércitos se encontraram de frente, semelhantes a feras carnívoras, e se enredaram numa luta sangrenta.

[230] Chocaram-se as lanças, as couraças, os escudos resistentes e os elmos compactos. Sem descanso nem piedade, cada guerreiro rasgava com o bronze a carne do adversário, e o solo troiano tornou-se vermelho de sangue. Pentesileia matou primeiro Mólion, Persínoo, Elisso, Antiteu e o valente Lerno;

[235] derrubou Hipalmo sob os cascos do cavalo e matou Hemônides e o poderoso Elasipo. Derínoe abateu Laógono, enquanto Clônia matou Menipo, que partira de Fílace com seu senhor Protesilau para combater em Troia.

[240] Podarces, filho de Íficlo, encheu-se de dor e ira ao ver morto o companheiro que mais estimava. Arremessou imediatamente a lança contra Clônia, bela como uma deusa. A ponta infalível atravessou-lhe o baixo-ventre; atrás da arma jorrou o sangue negro, e todas as entranhas se derramaram.

[245] Enfurecida, Pentesileia cravou a longa lança no músculo do braço direito de Podarces. Rompeu-lhe as veias repletas de sangue, e da ferida aberta brotou uma fonte escura. Gemendo, ele saltou para trás, vencido pela dor; a tristeza e o espanto dominaram os homens de Fílace quando o viram retirar-se.

[250] A pouca distância da batalha, Podarces desfaleceu e morreu nos braços dos companheiros. Idomeneu atingiu Bremusa com a longa lança junto ao seio direito e fez cessar para sempre as batidas de seu coração. Ela tombou como um alto freixo que os lenhadores cortam nas montanhas:

[255] a árvore cai pesadamente, gemendo em todos os ramos; assim Bremusa caiu com um grito doloroso, a morte lhe afrouxou os membros, e sua alma misturou-se aos ventos de inúmeros sopros. Meríones encontrou Evandra e Termodossa no combate devastador e matou ambas:

[260] atravessou o coração de uma com a lança e cravou a espada no ventre da outra; a vida escapou rapidamente pelas feridas. O impetuoso filho de Oileu atingiu Derínoe entre a garganta e o ombro com a lança impiedosa.

[265] O terrível filho de Tideu lançou-se contra Alcíbia e Derimaqueia e, com a espada destruidora, cortou-lhes de uma só vez as cabeças e os pescoços. Juntas tombaram, como duas novilhas abatidas pelo pesado machado de um homem vigoroso, que rompe os tendões do pescoço e lhes arranca a vida.

[270] Assim morreram pelas mãos do Tidida, na planície troiana, muito longe de sua pátria montanhosa. Estênelo matou então o poderoso Cabiro, que viera de Sesto desejoso de combater os argivos, mas nunca mais contemplou a terra natal. A morte do companheiro inflamou o coração de Páris.

[275] Ele disparou contra Estênelo uma flecha alada de morte, mas, apesar de desejar vingança, não o atingiu. O projétil desviou-se para onde as Moiras inexoráveis dirigiram seu voo e matou Evênor, de cinturão de bronze, que viera de Dulíquio para a guerra de Troia.

[280] Enfurecido pela morte de Evênor, o filho do ilustre Fileu avançou tão velozmente como um leão que se lança sobre o rebanho. Todos recuaram apavorados diante daquele homem terrível. Ele matou Itimoneu e Agelau, filho de Hípaso, que haviam vindo de Mileto combater os dânaos,

[285] sob o comando de Nastes, semelhante a um deus, e do magnânimo Anfímaco. Habitavam o Mícale, os picos nevados do Latmo, os longos vales de Branco e os campos úmidos de Panormo. Perto de suas terras corre o Meandro de águas profundas,

[290] que, partindo da Frígia abundante em rebanhos, serpenteia por incontáveis curvas até a região dos cários coberta de vinhedos. Meges matou esses homens e todos quantos alcançou com a lança de haste negra, pois Tritogênia lhe enchera o peito de coragem para conduzir os inimigos ao dia da morte.

[295] Polipetes, caro a Ares, matou Dreseu, filho que a ninfa Neera dera ao sábio Tiodamante. A união amorosa ocorrera ao pé do monte Sípilo, onde os deuses transformaram Níobe em pedra. Dela escorrem continuamente lágrimas abundantes;

[300] ao redor, as águas do Hermo murmuram solidárias, e os altos cumes do Sípilo, sempre cobertos por uma névoa detestada pelos pastores, devolvem o lamento. A rocha de Níobe é uma maravilha para os mortais que passam: de longe parece uma mulher curvada pelo sofrimento,

[305] chorando incessantemente em meio à dor. Quem a contempla à distância juraria ver realmente uma mulher; quando, porém, se aproxima, toda a ilusão desaparece, e se vê apenas uma rocha escarpada, fragmento arrancado do Sípilo. Ainda assim, Níobe permanece ali, pagando a dívida da ira divina e chorando sob a forma de pedra.

[310] Por toda a confusão daquela batalha desesperada avançavam a carnificina e o destino. O terrível Grito de Guerra percorria furioso os exércitos; ao seu lado caminhava a Morte inexorável, e em torno deles vagavam as Moiras funestas, trazendo o massacre e os gemidos dos moribundos.

[315] Naquele dia cessaram para sempre as batidas de muitos corações, tanto troianos como argivos, enquanto ao redor rugia a batalha. A força de Pentesileia não diminuía. Como uma leoa que, das altas montanhas, desce por um vale rochoso e salta sobre o gado, sedenta do sangue que alegra seu coração feroz,

[320] assim a filha de Ares se lançou sobre os dânaos. Dominados pelo espanto, eles recuavam, e ela os perseguia como uma vaga enorme que atravessa o mar retumbante no encalço de uma nau veloz, cujas velas brancas se distendem sob a violência do vento, enquanto os promontórios ressoam e o mar quebra contra a longa costa.

[325] Assim Pentesileia perseguiu os dânaos, rompeu-lhes as fileiras e, exultante, lançou ameaças: “Cães! Hoje pagareis pela afronta cometida contra Príamo. Nenhum de vós escapará de minhas mãos para regressar ao lar e alegrar os pais, a esposa ou os filhos.

[330] Morrereis e servireis de alimento aos abutres e aos lobos; ninguém levantará sobre vossos corpos um túmulo de terra. Onde está agora a força do filho de Tideu? Onde está o poder do descendente de Éaco? Onde está o imenso Ájax? Dizeis que eles são os melhores guerreiros de todo o exército;

[335] contudo, não ousarão enfrentar-me, com medo de que eu lhes arranque a alma dos membros e a envie para a morada dos mortos." Depois dessas palavras arrogantes, lançou-se sobre os argivos com a violência irresistível do Destino. Abateu muitos guerreiros, ora com o machado de lâmina profunda, ora arremessando a lança aguda.

[340] Seu cavalo veloz carregava-lhe o arco e a aljava inexorável, caso no tumulto sangrento precisasse recorrer às flechas dolorosas. Atrás dela avançavam rapidamente os irmãos e companheiros de Heitor, o guerreiro que nunca recuava no combate corpo a corpo; respiravam no peito o ardor do poderoso Ares

[345] e matavam os dânaos com lanças de freixo bem polidas. Os homens tombavam um após outro, como folhas tocadas pela geada no outono ou como gotas de chuva. A terra gemeu, ensopada de sangue e coberta por cadáveres.

[350] Cavalos atravessados por flechas ou empalados em lanças soltavam o último relincho ao perderem as forças. Homens caídos mordiam o pó, convulsionando-se, enquanto os cavalos dos troianos perseguiam os fugitivos e pisoteavam moribundos e mortos, como bois que trituram os grãos na eira.

[355] Um troiano contemplou com imensa alegria Pentesileia avançando pelas fileiras inimigas, semelhante a uma tempestade escura que enfurece o mar quando o Sol se une ao astro do inverno. Inflado por uma esperança enganadora, gritou:

[360] "Amigos, hoje uma das divindades imortais desceu visivelmente do céu para combater os argivos em nosso favor, com a aprovação do poderoso Zeus. Talvez ele finalmente tenha recordado Príamo, de coração vigoroso, que pode gloriar-se de descender de sangue imortal.

[365] Não pode ser uma mulher mortal aquela que vemos, tão intrépida e revestida de armas tão esplêndidas. É certamente Atena, ou Enio de ânimo violento, talvez Éris ou a ilustre filha de Leto. Creio que hoje lançará sobre os argivos uma carnificina repleta de gritos

[370] e incendiará as naus nas quais eles vieram há tantos anos, trazendo-nos males incontáveis e os sofrimentos intoleráveis da guerra. Jamais regressarão alegres à Hélade, pois uma divindade

combate ao nosso lado." Assim falou o troiano, tomado por excessiva confiança.

[375] Insensato! Não percebia a ruína que avançava contra ele, contra Troia e contra a própria Pentesileia. O fragor do combate ainda não chegara aos ouvidos de Ájax, de espírito impetuoso, nem aos de Aquiles, destruidor de cidades. Ambos permaneciam junto ao túmulo do filho de Menécio,

[380] recordando o companheiro querido e respondendo um ao gemido do outro. Um dos deuses bem-aventurados os mantinha afastados do tumulto, para que muitos gregos completassem a medida de sua dolorosa destruição, mortos pelos troianos e pela gloriosa Pentesileia.

[385] Ela perseguia as fileiras rompidas com intenção de matar, enquanto sua coragem e sua força cresciam continuamente. Nunca desferia em vão o golpe da lança: atravessava as costas dos que fugiam e o peito dos que avançavam para enfrentá-la. Toda a haste estava coberta de sangue ainda quente.

[390] Seus pés eram rápidos como o vento quando se precipitava sobre os inimigos. O cansaço não dominava seu coração intrépido, e sua força parecia de aço. O Destino iminente, que ainda impedia Aquiles de entrar no combate, continuava a cobri-la de glória por um breve momento,

[395] antes de abatê-la pelas mãos do descendente de Éaco. Oculto na escuridão, o Destino a impelia sem ser visto, conduzia-lhe os passos para a destruição e iluminava com glória o caminho que a levaria à morte, enquanto ela matava um inimigo após outro.

[400] Como uma novilha que, desejosa da relva fresca da primavera, entra num jardim coberto de orvalho e, não havendo ninguém que a detenha, corre de um lado para outro, pisoteando as plantas, devorando umas e destruindo outras; assim a filha de Ares percorria as fileiras vacilantes dos aqueus, matando estes e pondo aqueles em fuga.

[405] De longe, as mulheres troianas contemplavam admiradas as façanhas da guerreira. Então o desejo da batalha apoderou-se de Tisífone, filha de Antímaco e esposa de Meneptólemo. Fortalecida pela audácia, ela dirigiu às companheiras palavras impetuosas, incitando-as à guerra dolorosa:

[410] “Amigas, despertemos em nosso peito um coração valoroso! Sejamos semelhantes aos nossos maridos, que combatem sem descanso contra os inimigos pela pátria, pelos filhos e por nós. Também nós acolhamos no coração o espírito da guerra e enfrentemos a batalha, que não favorece ninguém.

[415] Nós, mulheres, não fomos formadas de maneira diferente dos homens: possuímos a mesma força vital, olhos e membros semelhantes. Contemplamos a mesma luz, respiramos o mesmo ar e somos alimentadas pela mesma comida. Em que nos concedeu a divindade menos do que aos homens?

[420] Não recuemos, portanto, diante da luta. Não vedes uma mulher superar largamente os homens no combate corpo a corpo? Ela não é de nossa raça nem luta por sua própria cidade; por vontade própria combate em favor de um rei estrangeiro e não teme o rosto de homem algum,

[425] pois a coragem e um espírito invencível lhe enchem o peito. Ao redor de nossos pés, porém, jazem males por toda parte: uma chora os filhos queridos; outra, o esposo que morreu pelo lar e pela pátria; algumas lamentam os pais que já não vivem; outras, irmãos e parentes perdidos.

[430] Nenhuma de nós deixou de provar a taça da dor. E, atrás de todos esses males, ergue-se a sombra terrível do dia da escravidão. Não recuemos, portanto, da guerra, ó mulheres carregadas de sofrimento! É muito melhor morrer agora no combate

[435] do que depois sermos arrastadas, com nossos filhos indefesos, para o cativeiro entre povos estrangeiros, sob a violência do destino, deixando atrás de nós a cidade em chamas e os túmulos de nossos maridos.” Essas palavras encheram todas as troianas de paixão pela batalha cruel.

[440] Armaram-se e apressaram-se para sair das muralhas, desejosas de defender a cidade e o povo. Como, terminado o inverno, as abelhas zumbem intensamente dentro da colmeia, preparando-se para voar aos prados floridos, já incapazes de permanecer no interior,

[445] e umas incitam as outras a sair; assim as mulheres de Troia se animavam mutuamente para a luta. Lançaram para longe a lã e os cestos e estenderam as mãos às armas dolorosas.

[450] Teriam morrido fora da cidade, naquela batalha selvagem, como morreram seus maridos e as fortes Amazonas, se a prudente Teano não lhes detivesse os passos enlouquecidos. Com palavras sensatas, procurou dissuadi-las:

[455] "Por que desejais os esforços e sofrimentos do tumulto terrível da guerra, infelizes? Vossos membros jamais se exercitaram no combate. Na ignorância, desejais um trabalho insuportável e vos precipitais sem reflexão, pois vossa força não poderá igualar a dos dânaos, treinados diariamente na guerra.

[460] As Amazonas, desde a infância, encontram prazer no combate impiedoso, nos cavalos em corrida e em todos os trabalhos dos homens; por isso o espírito de Ares sempre as percorre. Em nada ficam atrás dos homens: o esforço contínuo lhes fortaleceu o ânimo, e seus joelhos não tremem.

[465] Dizem que Pentesileia é filha do deus da guerra; não convém, portanto, que uma mulher comum rivalize com ela. Talvez seja mesmo uma deusa que veio em resposta às nossas preces. Todos os seres humanos pertencem à mesma raça, mas diferentes são os trabalhos que exercem;

[470] o melhor trabalho para cada pessoa é aquele que ela conhece e pratica com inteligência. Afastai-vos, pois, do combate ruidoso e ocupai-vos dos teares em vossas casas. A guerra será tarefa de nossos homens. Há esperança de um bem próximo, pois vemos os aqueus morrerem e a força dos troianos crescer.

[475] Já não precisamos temer o pior: nossos inimigos impiedosos não cercaram a cidade, nem existe necessidade desesperada de as mulheres entrarem na batalha." Elas obedeceram ao conselho de Teano, respeitando-lhe a idade, e permaneceram contemplando de longe o combate.

[480] Pentesileia continuava a destruir as forças aqueias, cujos membros tremiam ao redor dela. Não encontravam saída para a morte dolorosa: pereciam como cabras balindo entre as mandíbulas de uma pantera. Já não desejavam lutar, mas somente fugir.

[485] Corriam para todos os lados; alguns lançavam ao chão as armas dos ombros, outros fugiam ainda revestidos delas. Até os cavalos, privados dos condutores, escapavam. Havia alegria entre os perseguidores e muitos gemidos entre os que morriam; exaustos

pelo terror, não encontravam defesa.

[490] Breve era a vida de todos quantos Pentesileia alcançava naquela terrível frente. Como uma tempestade impetuosa se abate com imensa força sobre árvores altas cobertas de flores, arranca umas pelas raízes e as lança ao chão, quebra outras pelo tronco e amontoa os ramos partidos,

[495] assim o poderoso exército dos dânaos jazia derrubado no pó pela vontade das Moiras e pela lança de Pentesileia. Quando as naus estavam prestes a ser incendiadas pelos troianos, Ájax, firme no combate, ouviu os gritos de alarme e disse ao descendente de Éaco:

[500] "Aquiles, chegou aos meus ouvidos o som de clamores incontáveis, como se uma grande batalha estivesse em curso. Vamos, antes que os troianos nos surpreendam, matem os argivos junto às naus e incendeiem a frota. Isso lançaria sobre nós dois uma censura amarga.

[505] Não convém que nós, descendentes do grande Zeus, desonremos a linhagem sagrada de nossos pais, os mesmos que outrora, acompanhando o guerreiro Héracles, devastaram com suas lanças a esplêndida cidade de Laomedonte. Creio que hoje nossas mãos devem realizar façanha semelhante, pois grande força cresce em nós."

[510] Assim falou, e o poderoso descendente de Éaco deixou-se persuadir, pois também ouvira o fragor doloroso. Juntos correram às armas resplandecentes, vestiram-nas e se colocaram diante do tumulto. Suas belas armaduras ressoavam intensamente, e seus espíritos ardiam como o de Ares.

[515] Imensa era a força que Atritônia, a deusa que agita o escudo, concedia aos dois enquanto avançavam. Os argivos exultaram ao contemplar aqueles guerreiros poderosos, semelhantes aos filhos do grande Aloeu, que um dia se vangloriaram de colocar sobre o Olimpo duas montanhas enormes,

[520] a escarpada Ossa e o alto pico do Pélion, desejosos de alcançar o céu. Assim se erguiam os dois descendentes de Éaco diante da batalha terrível, visão jubilosa para os aqueus em perigo, ambos impacientes por destruir o exército inimigo.

[525] Com suas lanças invencíveis mataram numerosos guerreiros. Como dois leões destruidores de rebanhos, encontrando

entre os arbustos um grupo de ovelhas gordas sem pastores, as massacram até saciarem a sede de sangue e encherem o ventre de vísceras;

[530] assim os dois heróis destruíam uma multidão incontável. Ájax matou Deíoco, o guerreiro Hilo, Eurínomo, sempre pronto para a luta, e o nobre Enieu. O filho de Peleu matou Antandra, Polemusa e Antíbrota;

[535] depois abateu a impetuosa Hipótoe e Harmótoe. Atravessou todo o exército ao lado do valoroso filho de Télamon. Diante de suas mãos, as fileiras compactas e resistentes ruíam tão fácil e rapidamente como uma floresta diante do fogo, quando o vento atravessa os bosques da montanha.

[540] Quando Pentesileia viu os dois varrerem o campo terrível como feras selvagens, lançou-se ao encontro deles semelhante a uma pantera que, entre os arbustos, açoita furiosamente a cauda e salta contra os caçadores que a perseguem,

[545] embora eles estejam inteiramente armados e mantenham as lanças preparadas para receber o ataque. Da mesma forma, os dois guerreiros aguardaram Pentesileia, as lanças erguidas e o bronze das armaduras ressoando a cada movimento.

[550] A primeira a arremessar a longa lança foi a valente Amazona. A arma atingiu o escudo de Aquiles, mas se despedaçou e ricocheteou como se houvesse encontrado uma rocha, pois indestrutível era o escudo fabricado pelo habilidoso Hefesto.

[555] Pentesileia tomou outra lança e a dirigiu contra Ájax, ameaçando os dois: "A primeira arma escapou inutilmente de minha mão; esta, porém, em breve acabará com a força e a coragem de ambos, que vos gloriais de ser os mais poderosos entre os dânaos.

[560] Assim tornarei mais leves os sofrimentos dos troianos, domadores de cavalos. Aproximai-vos de mim através do combate e vereis quanta força habita o peito das Amazonas! Quanto à minha origem, não fui gerada por homem mortal: meu pai é o próprio Ares, insaciável do clamor da guerra;

[565] por isso minha força supera a dos homens." Os dois apenas riram de sua jactância. Num instante, a lança atingiu a sólida greva prateada de Ájax, mas não alcançou a bela carne que procurava, pois o destino decretara que o sangue daquele herói

jamais seria derramado em batalha pela ponta impiedosa de uma arma inimiga.

[570] Ájax desprezou a Amazona e se lançou contra a multidão dos troianos, deixando Pentesileia somente para o filho de Peleu. Sabia em seu coração que, apesar de toda a coragem da guerreira, ela seria para Aquiles presa tão fácil quanto uma pomba para o falcão.

[575] Pentesileia gemeu ao ver que ambas as lanças haviam sido lançadas em vão. Então o filho de Peleu escarneceu dela: "Mulher, tu te comprazes em palavras vazias! Vieste ansiosa para enfrentar-nos, embora sejamos de longe os maiores guerreiros entre todos os que vivem sobre a terra.

[580] Gloriamo-nos de descender do poderoso Zeus. Até o veloz Heitor tremia quando nos via avançar de longe para o combate cruel, e minha lança o matou, apesar de toda a sua força. Teu coração enlouqueceu completamente, pois hoje cometeste a enorme insolência de ameaçar-nos de morte.

[585] Contudo, teu último dia já chegou. Nem mesmo teu pai, Ares, poderá libertar-te de minhas mãos; receberás o destino funesto que te cabe, como a corça que nas montanhas encontra um leão destruidor de rebanhos.

[590] Não ouviste falar da multidão de cadáveres que caiu diante de nossas mãos junto às correntes do Xanto? Ou, se ouviste, os deuses bem-aventurados te privaram da razão para que as Moiras inexoráveis te devorem."

[595] Assim falou e se precipitou sobre ela, brandindo na mão vigorosa a enorme lança destruidora de exércitos, que Quíron fabricara com grande esforço. Atingiu Pentesileia junto ao seio direito, e o sangue negro jorrou da ferida.

[600] Imediatamente os membros da Amazona se afrouxaram, e ela deixou cair o grande machado. A noite escureceu-lhe os olhos, e a dor penetrou até o diafragma. Ainda recuperou o fôlego e percebeu o inimigo prestes a derrubá-la do cavalo veloz.

[605] Hesitou entre desembainhar a grande espada e aguardar o ataque de Aquiles, saltar do cavalo e suplicar ao guerreiro divino, oferecendo-lhe abundância de bronze e ouro - presentes que abrandam até o coração mais inflexível dos mortais - ou pedir-lhe que, por compaixão de sua juventude, lhe concedesse o retorno à

pátria.

[610] Assim ponderava, desejosa de escapar, mas os deuses decidiram de outro modo. Enquanto esses pensamentos lhe agitavam o coração, o filho de Peleu lançou-se enfurecido e atravessou de uma só vez Pentesileia e o cavalo de cascos velozes.

[615] Como homens famintos atravessam com um espeto as vísceras sobre o fogo ardente; ou como, nas montanhas, um caçador arremessa a lança dolorosa, perfura o ventre de uma corça e, depois de transpassá-la, crava a ponta vigorosa no tronco de um carvalho frondoso ou de um pinheiro elevado;

[620] assim a lança impetuosa do filho de Peleu atravessou Pentesileia e seu magnífico cavalo. Ambos se misturaram imediatamente ao pó e à morte. A rainha caiu graciosamente, sem que posição vergonhosa desfigurasse seu corpo admirável:

[625] inclinou-se por inteiro sobre o ventre, convulsionando em torno da lança, e permaneceu reclinada sobre o cavalo veloz. Como um abeto, o mais alto de um vale profundo, nutrido pela terra junto a uma nascente, cai sob a violência gelada de Bóreas;

[630] assim Pentesileia tombou do cavalo: ainda admirável, mas com a força destruída. Ao vê-la morrer no combate, os troianos estremeceram e fugiram para a cidade, carregando no coração uma dor imensa.

[635] Como marinheiros que, depois de um vendaval sobre o vasto mar, perdem a embarcação e apenas em pequeno número escapam da morte; depois de muito sofrerem nas águas calamitosas, avistam enfim a terra e uma cidade próxima e, exaustos em todos os membros, deixam o mar correndo,

[640] lamentando o navio e os companheiros tragados pelas ondas sob a escuridão terrível; assim os troianos fugiram da batalha para a cidade, chorando pela filha do invencível Ares e pelos guerreiros perdidos no combate doloroso.

[645] Exultante sobre o corpo da Amazona, o filho de Peleu vangloriou-se: "Jaz agora no pó e serve de alimento aos cães e às aves, infeliz! Quem te enganou e te fez enfrentar-me? Pensavas regressar da batalha carregando incontáveis presentes do velho Príamo, depois de matar os argivos?

[650] Os imortais não realizaram teu propósito. Somos de longe os melhores guerreiros, grande luz para os dânaos e ruína dos troianos - e também tua, desventurada, pois as Moiras sombrias e teu próprio coração te incitaram a abandonar os trabalhos das mulheres e marchar para a guerra, diante da qual até os homens tremem."

[655] Assim falou o filho de Peleu e arrancou a lança de freixo de Pentesileia e do cavalo veloz. Ambos estremeceram quando a mesma arma deixou seus corpos. Aquiles retirou-lhe da cabeça o elmo resplandecente, semelhante aos raios do Sol ou ao brilho dos relâmpagos de Zeus.

[660] Mesmo caída entre o pó e o sangue, a beleza do rosto sob as delicadas sobrancelhas não fora apagada pela morte. Os argivos reuniram-se admirados ao redor dela, pois parecia uma das deusas bem-aventuradas.

[665] Jazia no chão entre as armas como Ártemis indomável, filha de Zeus, quando dorme depois de cansar os membros caçando leões velozes pelas altas montanhas. A própria Cípria, companheira de Ares, conservara-lhe a beleza mesmo na morte, para causar sofrimento também ao filho do irrepreensível Peleu.

[670] Muitos guerreiros desejaram que, ao regressarem à pátria, pudessem partilhar o leito com uma esposa semelhante a ela. Até Aquiles sentiu contínuo remorso por tê-la matado em vez de levá-la como esposa para Ftia, terra de belos cavalos, pois em estatura e beleza ela se igualava às deusas imortais.

[675] No Olimpo, o coração de Ares foi dominado pela dor pela morte da filha. Saltou imediatamente das alturas, semelhante ao terrível relâmpago que ressoa quando Zeus o arremessa com a mão infatigável.

[680] O raio atravessa brilhando o mar ilimitado ou a terra, e ao seu redor estremece o grande Olimpo; assim Ares avançou armado pelo céu, com o coração dilacerado, quando soube do destino funesto de Pentesileia.

[685] Enquanto atravessava o vasto firmamento, as Auras, filhas imortais de Bóreas, anunciaram-lhe a morte terrível da donzela. Ao ouvi-las, desceu como um furacão sobre os montes do Ida. Sob seus passos tremeram os grandes vales, as ravinas profundas, os rios e

todos os contrafortes da montanha.

[690] Teria causado aos Mirmidões um dia repleto de lamentos se o próprio Zeus não lhe incutisse medo com relâmpagos terríveis e raios lançados do Olimpo. Densos e rápidos, caíram diante de seus pés através do céu límpido, ardendo ameaçadoramente.

[695] Ares contemplou-os, compreendeu a advertência estrondosa do pai e deteve o avanço para a batalha. Como uma rocha imensa é violentamente arrancada de um penhasco pela tempestade de Zeus, entre vento, chuva e relâmpagos, fazendo os vales cobertos de árvores ressoarem enquanto rola;

[700] depois avança com saltos repetidos e ruído incessante até alcançar o terreno plano, onde subitamente para contra a própria vontade; assim Ares, poderoso filho de Zeus, interrompeu a corrida, embora desejasse prosseguir.

[705] Todos os deuses do Olimpo se submetem àquele que governa os bem-aventurados, pois ele os supera e possui força inexprimível. A mente impetuosa de Ares oscilava entre dois propósitos: ora regressar ao céu, temendo a ameaça terrível do filho de Cronos enfurecido;

[710] ora desprezar a ordem paterna e mergulhar as mãos incansáveis no sangue de Aquiles. Por fim, seu coração recordou quantos filhos do próprio Zeus haviam morrido na guerra sem que nem mesmo o pai pudesse salvá-los no instante fatal.

[715] Ares afastou-se então dos argivos, pois, como os Titãs, seria destruído por um raio mortal se ousasse contrariar a vontade do imortal Zeus. Os filhos guerreiros de Argos correram em todas as direções para despojar os cadáveres de suas armas ensanguentadas.

[720] O filho de Peleu, porém, sentia profunda tristeza ao contemplar no pó a força e a beleza da donzela. A dor consumia-lhe o coração não menos do que outrora, quando morreu seu companheiro Pátroclo. Então Tersites insultou-o abertamente:

[725] “Aquiles, homem de espírito pervertido! Que poder enganou teu coração por causa de uma Amazona funesta, cujo único desejo era causar-nos todos os males? Tua alma está tão enlouquecida pelas mulheres que te preocupas com ela como se fosse uma esposa prudente,

[730] conquistada por teus presentes para o casamento legítimo. Antes tivesse ela te atingido com a lança na batalha! Teu coração se compraz tanto nas mulheres que, ao contemplares uma, já não te importas com os feitos gloriosos da coragem.

[735] Infeliz! Onde estão agora tua força e tua razão? Onde está o poder do rei irrepreensível? Não sabes quanto Troia pagou pela paixão por uma mulher? Nada existe de mais destrutivo para os mortais do que o prazer do leito, que torna insensato até o homem prudente.

[740] A glória acompanha o esforço: o guerreiro valoroso encontra prazer nos feitos de Ares e na fama da vitória; o covarde, porém, deleita-se no leito das mulheres." Esses insultos encheram de ira o coração do filho de Peleu.

[745] Num instante, Aquiles atingiu Tersites com o punho poderoso entre a mandíbula e a orelha. Todos os dentes lhe caíram juntos ao chão, e ele tombou de rosto para a frente, enquanto da boca jorrava uma corrente de sangue.

[750] A alma covarde abandonou rapidamente o corpo daquele homem desprezível, para alegria de todo o exército aqueu. Tersites costumava insultar a todos com palavras vis e era a vergonha do exército dânao.

[755] Entre os guerreiros argivos ouviu-se então: "Não é bom que um homem inferior insulte os reis, abertamente ou em segredo, pois a consequência é a ira. Existe Justiça, e as línguas desavergonhadas pagam à Ruína, que sempre acumula desgraça sobre desgraça para os mortais."

[760] Assim falaram os dânaos. Aquiles, ainda enfurecido, dirigiu-se a Tersites: "Jaz aí no pó, esquecidas para sempre tuas loucuras. Não compete a homens desprezíveis desafiar os superiores. Noutra ocasião já provocaste gravemente o coração paciente de Odisseu com uma torrente interminável de insultos.

[765] Eu, porém, filho de Peleu, mostrei-me diferente: roubei-te a vida, embora minha mão nem sequer empregasse toda a força. Um destino impiedoso te envolveu, e tua fraqueza te custou a existência. Deixa agora os aqueus e profere entre os mortos tuas palavras ofensivas."

[770] Assim falou o intrépido filho de Peleu. Entre os argivos, somente Diomedes se enfureceu com Aquiles pela morte de Tersites, pois ambos descendiam do mesmo sangue: Diomedes era filho do nobre Tideu, enquanto Tersites descendia do glorioso Ágrio.

[775] Ágrio era irmão do nobre Eneu; Eneu gerou o guerreiro Tideu, e de Tideu nasceu o poderoso Diomedes. Por esse parentesco a morte de Tersites o indignou. Teria levantado as mãos contra Aquiles se os melhores filhos da Acaia não o detivessem com palavras persuasivas,

[780] enquanto outros continham o filho de Peleu. Os dois maiores guerreiros argivos, tomados por amarga cólera, estavam prestes a desembainhar as espadas; por fim, porém, atenderam aos conselhos dos companheiros.

[785] Movidos por compaixão e admiração pela nobre Pentesileia, os filhos de Atreu permitiram que os troianos levassem o corpo e as armas para a cidade de Ílio, depois de ouvirem a mensagem enviada por Príamo.

[790] O rei desejava depositar a donzela de coração valoroso, juntamente com as armas e o cavalo, no grande túmulo do rico Laomedonte. Fora da cidade mandou erguer uma pira alta e larga. No alto colocaram Pentesileia com abundantes riquezas, como convinha ao cadáver de uma rainha caída na batalha.

[795] A poderosa força de Hefesto, a chama destruidora, consumiu-a. As pessoas reunidas ao redor apagaram rapidamente a pira com vinho perfumado. Recolheram os ossos, banharam-nos com óleo fragrante e os colocaram numa urna profunda;

[800] sobre eles dispuseram a gordura de uma novilha, a melhor dos rebanhos que pastavam nas montanhas do Ida. Depois de chorá-la como a uma filha muito amada, os troianos sepultaram-na junto à muralha bem construída, perto de uma torre saliente e dos ossos de Laomedonte,

[805] honrando assim Ares e a própria Pentesileia. Nas proximidades enterraram todas as Amazonas que a acompanharam à guerra e haviam caído pelas mãos dos argivos. Os filhos de Atreu não lhes negaram túmulo nem lágrimas;

permitiram que os guerreiros troianos retirassem do alcance das armas tanto as Amazonas como os demais mortos. Não se conserva rancor contra os que morreram, e até os inimigos despertam compaixão quando o sopro da vida os abandonou.

Longe dali, os argivos entregaram às chamas os corpos dos muitos guerreiros mortos pelos troianos no mesmo combate. Grande era a dor por todos, mas choraram sobretudo o valoroso Podarces, que na batalha não fora inferior ao irmão Protesilau.

O nobre Protesilau havia morrido muito tempo antes pelas mãos de Heitor; agora Podarces, abatido pela lança de Pentesileia, mergulhara os argivos em amarga aflição. Separado da multidão dos cadáveres, recebeu um túmulo elevado, visível de longe, erguido com grande esforço em honra de sua coragem.

Também enterraram à parte o corpo desprezível de Tersites e regressaram às naus de belas proas, louvando no coração Aquiles, descendente de Éaco. O dia radiante mergulhou sob o Oceano, e a noite maravilhosa estendeu-se por toda a terra.

Nos aposentos do rico rei Agamêmnon, o poderoso filho de Peleu participou do banquete. Todos os chefes partilharam a alegria da festa até a chegada da deusa Aurora.

LIVRO II

Depois da morte de Pentesileia, os troianos aguardam o auxílio de Mêmnon, filho de Aurora, que chega à frente dos etíopes. O novo aliado mata numerosos aqueus e abate Antíloco, filho de Nestor. Aquiles enfrenta Mêmnon em longo duelo e o mata; Aurora lamenta o filho, enquanto os companheiros etíopes são transformados nas aves chamadas memnônides.

[1] Enquanto o esplendor do sol, em seu curso infatigável, se erguia acima dos picos das montanhas ecoantes, os poderosos filhos da Acaia enchiam o acampamento de alegres louvores ao seu incansável campeão Aquiles.

[5] Troia, porém, enchia-se de pranto. De suas torres mantinha-se incessante vigília, pois todos temiam que aquele poderoso guerreiro transpusesse a muralha de um salto, os matasse e incendiasse a cidade. Em meio à aflição, o velho Timetes tomou a palavra:

[10] "Amigos, já não sei descobrir um meio de nos salvar por mais tempo dos infortúnios da guerra após a morte de Heitor, que, no combate corpo a corpo, era outrora a nossa força. Nem mesmo ele escapou do destino, mas caiu nas mãos de Aquiles, que creio

[15] levaria à morte até um deus que o enfrentasse em batalha, assim como destruiu em combate aquela que pusera em fuga todos os outros gregos, a guerreira Pentesileia. Ela inspirou tanto terror que, quando a vi, pensei que algum imortal tivesse vindo do céu à terra

[20] para nos trazer alegria; mas não foi assim. Considerai, portanto, qual será o melhor caminho: sustentar a luta contra nosso odiado inimigo ou fugir imediatamente desta cidade votada à destruição. Não podemos mais enfrentar as forças argivas

[25] agora que o feroz Aquiles combate em campo aberto." Em resposta, o régio filho de Laomedonte falou: "Amigos, troianos e valorosos aliados, não abandonemos nossa pátria por medo, nem continuemos a lutar contra o inimigo fora da cidade,

[30] mas defendamos antes nossas muralhas e torres até a chegada de Mêmnon, o de coração valoroso, à frente de inúmeras tribos de homens negros da terra da Etiópia. Creio que, a esta altura, não pode estar longe da terra troiana, porque já faz algum tempo

[35] que eu lhe enviei uma mensagem expressando a angústia do meu coração. De bom grado ele me prometeu que viria a Troia e realizaria tudo o que eu pedisse. Ele deve estar por perto. Resisti apenas mais um pouco. É muito melhor morrer bravamente em batalha do que escapar

[40] e levar vida vergonhosa em terra estrangeira." As palavras com que o velho rei aconselhava nova resistência não agradaram a Polidamas, que respondeu prudentemente: "Se é certo que Mêmnon se comprometeu a libertar-nos do medo da morte, não me oponho

[45] a esperar pelo grande herói aqui dentro da cidade. Mas ainda assim temo que ele e seus companheiros acabem derrotados, envolvendo muitos mais de nós no sofrimento, agora que a força dos aqueus prevalece. Não há necessidade, porém, de sofrer toda a vergonha

[50] de abandonar, impotentes, a nossa cidade e partir para alguma terra estrangeira e distante, ou ficar em casa e ser morto na guerra contra os argivos. Um caminho melhor seria, ainda que tardiamente, devolver agora mesmo aos dânaos a esplêndida Helena

[55] com toda a riqueza que ela trouxe de Esparta e pagar-lhes o dobro além disso, para salvar a cidade e a nós mesmos antes que nossas posses se tornem presa de hordas inimigas e Troia seja destruída pelo fogo. Agora é tempo de seguires meu conselho,

[60] pois ninguém em Troia saberá propor conselho melhor. Quem dera Heitor me tivesse ouvido quando procurei retê-lo em segurança dentro das muralhas!" Essas foram as palavras de Polidamas, o bom e forte.

[65] Aqueles que o ouviram lá aprovaram em seus corações, mas ninguém ousou falar em voz alta por medo de seu rei e respeito por

Helena, embora por causa dela estivessem morrendo. Apesar da sensatez de Polidamas, Páris cobriu-o de injúrias: "Polidamas, não passas de um desertor covarde. Em teu peito não há coração capaz de enfrentar o inimigo,

[70] apenas medo e pânico. Embora te proclames o melhor conselheiro, teus conselhos são os piores de todos. Fica tu longe da luta, sentado em segurança dentro de casa.

[75] o resto da cidade seguir-me-á armando-se, até encontrarmos uma maneira adequada de lidar com esta guerra impiedosa. É pelo esforço e pelos sofrimentos da guerra que os homens alcançam feitos gloriosos. O pânico convém às mulheres e às crianças; é o espírito delas que demonstras. Jamais confiaria em ti no combate: enfraqueces a força e a coragem dos demais."

[80] Polidamas respondeu à injúria com palavras coléricas e não temeu replicar abertamente. Insensato, perverso e odioso é o homem que se mostra afável e lisonjeiro diante de alguém, mas no coração

[85] abriga pensamentos contrários e o ataca pelas costas. Assim Polidamas devolveu francamente a afronta ao príncipe: "És o homem mais funesto que vive sobre a terra. Tua é a coragem que nos fez sofrer; anseias por uma guerra interminável e a terás, até que

[90] vejas nosso país e seu povo destruídos. Jamais me governe semelhante coragem; nunca me abandone a prudência que preserva segura a minha casa." A essas palavras de Polidamas, Páris não teve resposta. Ele se lembrou de quanto sofrimento havia trazido a Troia

[95] e de quantos ainda traria. Todavia, abrasado de paixão, preferia a morte à vida sem a beleza divina de Helena, por cuja causa os troianos agora vigiavam do alto das muralhas da cidade por medo dos argivos e do neto de Éaco, Aquiles.

[100] Não muito depois disso, chegou o guerreiro Mêmnon, Mêmnon, rei dos etíopes de pele escura, à frente de um exército inumerável. Os troianos rodearam-no jubilosos ao vê-lo dentro da cidade.

[105] Assim como os marinheiros, exaustos depois de uma tempestade destrutiva, avistam a luz brilhante da Ursa Maior que gira no céu, assim se alegrava a multidão reunida em torno dele; maior ainda era a alegria do filho de Laomedonte.

[110] Pois agora esperava realmente ver os etíopes incendiarem os navios. Eram inúmeros, todos ávidos de guerra, e guiava-os um rei de estatura gigantesca. Por isso Príamo não mediu esforços para honrar o nobre filho da deusa Aurora com esplêndidos presentes e abundante regozijo. Durante o banquete, os dois conversaram.

[115] Príamo falou dos campeões dânaos e todo o sofrimento que eles lhe trouxeram, e Mêmnon falou de seus pais: Titono, seu pai, e Aurora, sua mãe; falou ainda das marés do ilimitado Tétis e o fluxo sagrado das águas insondáveis do Oceano, do nascer do Sol nos limites mais distantes da terra firme, e toda a sua jornada desde a costa do Oceano

[120] até a cidade de Príamo e os picos de Ida: de como, com suas mãos poderosas ele despedaçara a portentosa hoste dos selvagens sólimos, quando eles barraram seu caminho e atraíram sobre si a aflição e uma morte funesta. Assim Mêmnon contou sobre as inúmeras nações que encontrou.

[125] enquanto ouvia, o coração de Príamo encheu-se de alegria. E com estas palavras expressou-lhe a sua grande estima: "Mêmnon, os deuses concederam-me a visão do teu exército e de ti mesmo dentro deste meu palácio. Que eles cumpram este desejo adicional, de ver os argivos

[130] todos destruídos de uma só vez por tua lança. Maravilho-me ao ver que, em tudo, és semelhante a um deus invencível e superior a todo guerreiro mortal. Por isso confio que destruirás meus inimigos. Hoje, porém, desfruta dos prazeres desta festa;

[135] Amanhã travarás um combate digno de teu valor." Príamo terminou e ergueu uma taça ampla e profunda, empenhando amizade a Mêmnon naquele enorme vaso de ouro, uma obra-prima apresentada ao poderoso Zeus

[140] pelo artífice coxo Hefesto quando ele se casou com a deusa Cípria. Zeus presenteou-a a seu filho, o semideus Dárdano; este, a Erictônio; de Erictônio passou ao valente Tros, que o legou com seus bens a Ilos, de quem Laomedonte o recebeu e o passou para Príamo.

[145] Príamo a teria legado depois a um dos filhos, mas o Céu não permitiu que isso se cumprisse. Ao manusear aquela esplêndida

taça, Mêmnon encheu-se de admiração, e esta foi sua resposta a Príamo: "Um banquete não é o lugar para lançar grandes jactâncias, nem assumir compromissos; convém comer em silêncio

[150] no salão e traçar os planos convenientes. Se sou corajoso e forte, logo o saberás no combate, pois é ali que se revela o valor de um homem. Agora é a hora de pensar em descansar, não em beber durante a noite. O excesso de vinho e a falta de sono

[155] são problemáticos para um homem que deseja entrar em combate." Encantado com suas palavras, o velho rei respondeu: "Come como te aprouver e segue tua vontade; não te constrangerei contra teu desejo.

[160] Não é certo deter um homem que quer sair de um banquete, nem apressar alguém que prefere ficar. Assim devem comportar-se os homens." Ao ouvir essas palavras, Mêmnon levantou-se do jantar e foi para a cama. Aquela seria a última ceia de Mêmnon. Com ele, os demais convivas recolheram-se, e logo o sono tranquilo os envolveu. Enquanto isso, no palácio de Zeus, o senhor do relâmpago,

[165] os imortais banqueteavam-se, e o pai, filho de Cronos, anunciou-lhes o que sabia sobre a terrível guerra. "Sabei isto, todos vós, deuses: doloroso sofrimento se aproxima no combate de amanhã. Vereis muitos fortes cavalos abatidos junto dos carros em ambos os lados

[170] e guerreiros a morrer. Por maior que seja vosso cuidado por eles, permanecei onde estais e não vos lanceis suplicantes aos meus joelhos: o Destino não é menos inflexível conosco." Esse solene anúncio do que já sabiam foi feito para dissuadi-los da guerra, qualquer angústia que pudessem sentir,

[175] e de fazer uma viagem infrutífera até a fortaleza de Olimpos para implorar a Zeus em nome de um filho ou homem favorecido. Quando ouviram isso do filho de Cronos, o deus do trovão, fortaleceram o coração e não proferiram palavra alguma contra o soberano, tamanho era o temor que lhes inspirava.

[180] Muito perturbados, eles dirigiram-se para suas próprias casas e camas, e lá, apesar de toda a sua imortalidade, o doce sono estendeu-se sobre seus olhos. Quando, sobre os altos cumes das montanhas, a estrela da manhã se ergueu luminosa na vastidão do

céu e despertou do doce sono os ceifeiros para o trabalho,

[185] o guerreiro filho de Aurora, deusa portadora da luz, despertou pela última vez e, sentindo crescer a força, ansiava para enfrentar o inimigo sem demora. Aurora, porém, subiu ao céu contra sua vontade.

[190] os troianos então revestiram-se de suas armas, e o mesmo fizeram os etíopes e todas as hostes de aliados que se reuniram em apoio a Príamo, com toda a força. Irromperam velozes das muralhas, assim como as nuvens negras que o filho de Cronos

[195] reúne no ar pesado quando uma tempestade se levanta. Logo a planície ficou completamente cheia, à medida que avançavam como um enxame de gafanhotos devoradores de grãos que se move como uma nuvem ou tempestade de chuva pela face da terra, seu apetite trazendo o horror da fome aos mortais.

[200] Da mesma forma, aquela poderosa multidão se moveu e toda a terra se cobriu com seu avanço, com poeira subindo sob seus pés. Ao vê-los ao longe em movimento, os argivos ficaram cheios de espanto e apressaram-se a revestir-se de bronze,

[205] depositando sua confiança no poderoso filho de Peleu, que se movia entre eles dotado de toda a força de um dos Titãs, exultante com os cavalos e o carro. Sua armadura brilhava em todas as direções como relâmpagos. Assim como, dos confins do Oceano que circunda a terra, o Sol, que ilumina o mundo inteiro, sobe esplêndido ao céu,

[210] enchendo de sorrisos o ar e a terra fecunda, tão brilhante foi o filho de Peleu enquanto se movia entre os argivos. Assim também, entre os troianos, o guerreiro Mêmnon seguiu com todo o furor de Ares, enquanto suas forças acompanhavam ansiosamente o passo de seu rei.

[215] Logo as longas filas de ambos os exércitos, troianos e dânaos, empenhavam-se na guerra, sobretudo os etíopes. Eles colidiram com um estrondo como as ondas do mar quando os ventos de inverno sopram de todos os lados. Eles arremessaram suas lanças de freixo polido para a mútua matança,

[220] e do meio deles erguiam-se gemidos e estrépitos semelhantes ao crepitar das chamas. Assim como os rios, com um rugido poderoso e trovejante, descem em direção ao mar, quando

uma violenta tempestade de chuva é enviada por Zeus e com um som constante de estrondo as nuvens, como lâminas agudas, despedem incessantes clarões de fogo;

[225] Assim, sob os pés daqueles homens guerreiros, toda a terra estremeceu, e através do ar sagrado um grito terrível subiu, pois terríveis eram os gritos de ambos os lados. O filho de Peleu então matou Tálio e o nobre Mentes, ambos famosos, e derrubou muitos outros à terra.

[230] como quando os edifícios são atingidos por um violento tremor subterrâneo, tudo, arrancado dos alicerces, cai por terra, pois as profundezas da terra são completamente abaladas; da mesma forma, aqueles homens encontraram uma morte rápida na poeira, derrubados pela lança do filho de Peleu em seu ataque furioso.

[235] Do outro lado, não menos terrível, o esplêndido filho de Aurora massacrava os argivos como a própria Quere funesta, que traz às nações o horror da ruína total. Primeiro ele derrubou Feron, atingido no peito por sua lança mortal, e em seguida matou o nobre Ereuto,

[240] ambos ardorosos no fragor da guerra. De sua casa em Tríon, ao lado do rio Alfeu, eles vieram sob o comando de Nestor para a cidade sagrada de Ílion. Depois de abatê-los, ele foi atrás do filho de Neleu, Nestor, com a intenção de matá-lo. Mas o divino Antíloco

[245] adiantou-se e arremessou a lança; errou Mêmnon, que se esquivou, mas matou o amado companheiro de Mêmnon, Étiope, filho de Pírraso. Enfurecido com sua morte, Mêmnon lançou-se sobre Antíloco como um leão terrível contra um javali, fera capaz de enfrentar

[250] homens e animais e cuja investida dificilmente se contém. Quando Mêmnon avançou, Antíloco o atingiu com uma grande pedra, mas não lhe tirou a vida. Seu capacete sólido o salvou de uma morte cruel. O coração de Mêmnon ficou furioso com o golpe.

[255] o retinir do elmo inflamou-lhe ainda mais a fúria contra Antíloco, e todas as suas forças ferveram. E assim o filho de Nestor, por mais valente combatente que fosse, recebeu o golpe no peito. A enorme lança cravou-se em seu coração, onde a morte chega rapidamente aos mortais.

[260] A morte de Antíloco trouxe tristeza a todos os dânaos, mas maior foi a dor que assolou o coração de seu pai Nestor, por ter seu próprio filho morto diante de seus olhos. Na verdade, não há pior tristeza que aflija o homem mortal do que quando um filho é morto sob o olhar do pai.

[265] e assim, apesar da firmeza de espírito, Nestor sucumbiu à dor pelo cruel destino do próprio filho.

[270] Apressadamente, ele chamou Trasímedes, embora a alguma distância: "Ajuda-me, Trasímedes, meu ilustre filho, a afastar do cadáver o homem que acaba de matar teu irmão e meu filho, para que o corpo não se torne nossa vergonha, ou então encontremos também, em sua defesa, nosso triste destino. Mas se o teu espírito falhar por medo, não és meu filho, nem digno de pertencer à linhagem de Periclímeno, que teve a coragem de enfrentar o próprio Héracles.

[275] Mas avante, agora! Na batalha, a pura necessidade muitas vezes fortalece grandemente até mesmo homens de pouco valor." Ao ouvir as palavras de seu pai, o coração do irmão foi abalado pela dor mais pungente.

[280] Mas de súbito ele se juntou a Fereu, que também, com a morte de seu comandante, foi tomado pela angústia. Então, juntos, eles foram lutar contra o poderoso Mêmnon naquela batalha sangrenta. Como quando um par de caçadores segue avidamente sua presa pelos vales arborizados de uma alta montanha, e avançam de frente a um javali ou urso,

[285] com intenção de matar; mas a fera, enfurecida, investe e os repele com toda a força. Assim cresceu no peito de Mêmnon a soberba quando aqueles dois se aproximaram e tentaram em vão matá-lo com suas lanças de freixo.

[290] Suas pontas foram desviadas de sua carne, sem dúvida desviadas pela deusa Aurora. Mas nenhuma de suas lanças caiu no chão. O audaz Fereu, em sua ânsia, matou Polimnios, que era filho de Meges, e Laomedonte foi morto pelo robusto filho de Nestor, enfurecido pela morte de seu irmão

[295] nas mãos de Mêmnon. Ele estava agora ao lado do corpo arrancando-lhe a armadura de bronze com suas mãos incansáveis, sem se inquietar com a força de Trasímedes e Fereus, ciente de

quanto lhes era superior. Eles eram como chacais que, afugentados por um leão dominando um cervo,

[300] perdem a vontade de avançar. Enquanto Nestor observava de perto, ele lamentou amargamente, convocando outros de seus camaradas para enfrentar o inimigo. Ele até pensou em se juntar à luta em sua carruagem, já que a perda que ele sentia pelo filho que foi morto o estava arrastando para uma luta

[305] além de suas forças. Teria caído ao lado do filho e, como ele, seria contado entre os mortos, se o valente Mêmnon não tivesse se dirigido a ele enquanto atacava, por respeito a um homem tão velho quanto seu próprio pai:

[310] "Ancião, não me convém combater-te, pois agora vejo quanto és velho. A princípio julguei que fosses um jovem, apto para a luta, que enfrentava o inimigo, e em minha ousadia esperava ter um trabalho digno de minha mão e lança. Mas agora recua, bem longe da luta e da matança odiosa;

[315] retira-te, para que eu não te golpeie contra a vontade. Não tombes em defesa de teu filho contra um homem que te é muito superior. Os homens apenas te chamarão de insensato: não convém afrontar quem te é superior." O velho respondeu-lhe de onde estava:

[320] "Mêmnon, vãs são todas as palavras que disseste. Ninguém chamará de tolo o homem que, pelo bem do filho, luta contra o inimigo e afasta do cadáver seu cruel assassino no campo de batalha. Eu só queria ter minha força intacta, para que conhecesses a minha lança.

[325] Agora te vanglorias em excesso: audaz é o coração dos jovens e levianos seus pensamentos; por isso, em tua soberba, pronuncias palavras vãs. Se tivesses vindo me enfrentar quando eu estava no auge, não terias regressado para alegrar teus amigos, apesar de tua força.

[330] Mas agora sinto o pesado peso da idade, como um leão que até um cão se atreve a afugentar de um redil cheio de ovelhas; o leão, apesar de seu anseio, não consegue se sustentar, porque seus dentes já não são firmes; sua força extinguiu-se e o tempo quebrou seu espírito robusto.

[335] Da mesma forma a força dentro do meu peito já não se agita como antes. No entanto, ainda sou mais forte do que muitos

homens e, mesmo velho, cedo diante de poucos." Com essas palavras ele recuou um pouco, deixando o filho onde estava deitado no pó, porque não havia mais toda a força

[340] que havia antes em seus membros outrora flexíveis, tão fortemente a idade com todo o seu sofrimento o oprimia. Da mesma forma, Trasímedes, armado da lança de freixo, recuou com o valente Fereu e todos os seus outros camaradas por medo do guerreiro mortal que os perseguia impetuosamente.

[345] como de altas montanhas um rio profundo e rodopiante corre em seu caminho com um rugido monstruoso, quando Zeus envolve os mortais em densas nuvens enquanto ele levanta uma poderosa tempestade, e por todos os lados há o estrondo de trovões e relâmpagos, enquanto massas de nuvens

[350] se reúnem; todos os campos baixos são inundados pela chuva ensurdecedora, e ao longo do curso de cada torrente montanhosa há um fragor terrível; assim Mêmnon conduzia conduzindo os argivos até as praias do Helesponto, ferindo-os pelas costas durante a fuga.

[355] Muitos perderam a vida na poeira e no sangue pelas mãos dos etíopes, e a terra se tingiu com o sangue dos dânaos agonizantes. Grande era o deleite de Mêmnon ao perseguir as fileiras inimigas, e com seus cadáveres o solo de Troia cobria-se. Não cessava a perseguição, na esperança de ser a luz de Troia e a ruína dos dânaos.

[360] Mas foi um destino sinistro que o enganou, permanecendo ao lado dele e estimulando-o na luta. Ao seu redor, porém, seus valentes companheiros lutavam arduamente, Níquíon, Alcioneu e o espirituoso Asíades,

[365] o lanceiro Menéclo, Clídon e Alexipo e outros ávidos de combate, todos fortes na batalha e merecedores da confiança a confiança de seu rei. Enquanto Menéclo atacava os dânaos, ele foi morto por Nestor, filho de Neleu.

[370] Então a angústia por seu camarada levou o valente Mêmnon a massacrar uma multidão de homens. Como um caçador nas montanhas persegue impetuosamente uma manada de cervos de pés velozes, quando eles são apanhados na armadilha mortal de redes ocultas pela perícia dos caçadores, e como seus cães mostram seu deleite

[375] com latidos constantes, o caçador, ávido, mata com a lança aqueles animais outrora tão velozes; assim Mêmnon massacrou uma multidão de homens e alegrou os companheiros, que contemplavam os argivos recuando diante do glorioso chefe. Como quando uma pedra enorme de uma montanha elevada

[380] cai, desalojada do topo de um precipício por um dos raios mortais do todo-poderoso Zeus; Ao precipitar-se através dos bosques e de longos desfiladeiros, faz ecoar os vales, e na floresta o pânico apodera-se de qualquer ovelha que pasta abaixo de sua trajetória,

[385] ou gado ou outras criaturas, pondo-os em fuga de seu caminho destrutivo e impiedoso; foi assim que os Aqueus fugiram diante da investida da enorme lança de Mêmnon. Foi então que Nestor se aproximou do poderoso neto de Éaco e falou angustiado pelo filho:

[390] "Aquiles, poderoso baluarte das forças argivas, meu filho foi morto e as armas do jovem morto estão nas mãos de Mêmnon; Temo que ele se torne presa de cães. Apressa-te em socorrê-lo; verdadeiro amigo é aquele que não esquece um camarada morto e chora por quem já não vive."

[395] Ao ouvir as palavras de Nestor, Aquiles ficou cheio de tristeza. Quando avistou Mêmnon através do tumulto funesto, massacrando multidões de argivos com a lança, imediatamente abandonou as outras fileiras de troianos que ele estava matando e, sedento por uma luta,

[400] avançou contra Mêmnon, furioso por causa de Antíloco e de todos os outros mortos. Mêmnon pegou uma pedra que havia sido colocada como marco de um campo cultivado, e com ela aquele herói atingiu o incansável filho de Peleu no escudo. Mas, sem se deixar intimidar pela rocha maciça,

[405] Aquiles imediatamente se aproximou, brandindo à frente a longa lança, a pé porque o carro ficara longe do combate, e atingiu o ombro direito de seu inimigo logo acima do escudo. Embora ferido, Mêmnon lutou com espírito inabalável e então atingiu o neto de Éaco no braço com a lança

[410] e fez correr-lhe um pouco de sangue. A vã alegria que ele sentiu com isso arrancou do guerreiro estas palavras de jactância

temerária: “Agora, na morte, acho que cumprirás teu destino, derrotado por minhas mãos, e não escaparás deste combate. Por que, insensato, tens matado temerariamente os troianos,

[415] alegando ser o homem mais poderoso de todo o mundo, por seres filho de uma filha imortal de Nereu? Agora chegou para ti teu dia de destruição. Pois sou descendente dos deuses, o poderoso filho de Aurora; ao lado do oceano distante, fui nutrido pelas Hespérides de alvos braços.

[420] Por isso não recuo em lutar contigo até ao fim, porque sei que a minha deusa mãe é muito superior à filha de Nereu, de quem tu te orgulhas de ser filho. Aurora traz luz aos deuses abençoados e aos mortais. Ela realiza tudo dentro dos limites do Olimpo,

[425] todas as obras boas e gloriosas que beneficiam os homens. Tua mãe se oculta nas profundezas áridas do mar, junto com os monstros e peixes que são seu deleite, inúteis e invisíveis. Não a reverencio nem a considero uma das deusas celestiais.”

[430] Suas palavras arrancaram esta repreensão do destemido neto de Éaco: “Mêmnon, a insensatez deve ter-te incitado a enfrentar-me agora no combate. Sou superior a ti tanto pela linhagem quanto pela força do corpo, pois minha linhagem distinta vem tanto do nobre Zeus

[435] quanto do poderoso Nereu, cujas filhas são as Nereidas do mar. Os deuses do Olimpo honram-nas e, acima de todas, Tétis é famosa por sua sabedoria, porque ela deu abrigo a Dionísio em seu palácio quando ele fugiu com medo do poder assassino de Licurgos,

[440] em sua casa ela uma vez recebeu Hefesto quando do Olimpo aquele hábil artífice do bronze caiu, e libertou da servidão o próprio senhor do raio. Isso é lembrado pelos deuses oniscientes do céu, e assim eles honram minha mãe Tétis no sagrado Olimpo.

[445] Hás de reconhecê-la como uma deusa quando a força de meu braço cravar-te no fígado a lança de bronze. Como puni Heitor por Pátroclo, assim te punirei por Antíloco, pois não foi um guerreiro fraco que o matou. Mas por que estamos aqui como crianças tolas,

[450] a falar do que nós e nossos pais realizamos? Agora é a hora da guerra, agora é a hora da coragem.” Dito isso, Aquiles desembainhou sua enorme espada. Mêmnon fez o mesmo e de

súbito se enfrentaram.

[455] em seu orgulho arrogante, eles desferiram golpes repetidos nos escudos, ambos moldados pela habilidade de Hefesto, fazendo ataque após ataque. Eles pressionaram tão de perto que as plumas de seus capacetes roçaram umas nas outras. Zeus favoreceu ambos e deu-lhes enorme força.

[460] Zeus tornou-os incansáveis e aumentou-lhes a estatura até que parecessem deuses, não homens, deliciando o coração de Éris. Ansiosos por enfiar a ponta da arma direto na carne no espaço entre o escudo e o elmo com crista, dirigiam repetidamente toda a força; ou então miravam logo acima da greva e depois abaixo do peitoral finamente modelado que envolvia o tronco.

[465] Igualmente ávidos, faziam chocar sobre os ombros as armas imortais que vestiam. Direto aos céus subiram os gritos dos troianos, dos etíopes e dos valentes argivos enquanto ambos os lados combatiam. A poeira debaixo de seus pés

[470] alcançou a vastidão do céu, enquanto feitos poderosos eram realizados. Como a névoa sobre as montanhas quando a chuva se aproxima, quando os leitos dos rios se enchem do som ensurdecedor da água corrente; em cada barranco o rugido ressoa alto; todo pastor treme de medo

[475] das torrentes e da névoa, que favorece os lobos mortais e outras feras que vivem na floresta sem limites; não menos opressiva era a poeira que subiu de seus pés, escondendo até mesmo a gloriosa luz do sol e ofuscando o céu. Os exércitos foram esmagados pela poeira sufocante, bem como pelo conflito mortal.

[480] de repente, o campo de batalha foi limpo de poeira por um deus. Mas as fileiras atacantes de ambos os lados foram despertadas pelos Queres funestas para um trabalho incessante naquela dolorosa batalha. Ares não fazia cessar

[485] a terrível matança, e por toda parte o chão estava manchado de sangue corrente. A Morte negra regozijava-se com tudo. Cadáveres amontoavam-se naquela planície onde os cavalos pastavam, em toda a extensão limitada pelo Simoeis e pelo Xanto, que fluem de Ida para o sagrado Helesponto.

[490] Depois que a luta se prolongou por muito tempo, com ambos os exércitos empregando forças iguais, os deuses do Olimpo,

que observavam à distância, deleitaram-se, alguns no incansável filho de Peleu, outros no glorioso filho de Titono e Aurora.

[495] Todo o céu ressoou, o mar rugiu alto, e por todos os lados a terra escura estremeceu sob os pés dos exércitos. Medo e tremor indescritíveis tomaram conta de Tétis, e com ela todas as outras filhas do nobre Nereu, em nome do poderoso Aquiles.

[500] enquanto isso, a deusa Aurora temia por seu querido filho, que estava em seu carro celeste. Perto dela, as filhas do deus Sol permaneciam atônitas junto à maravilhosa órbita do Sol infatigável, concedido a ele por Zeus para seu curso anual, através do qual

[505] Todas as criaturas vivem e morrem à medida que o tempo passa implacavelmente, dia após dia, e os ciclos dos anos se completam. Uma amarga disputa teria irrompido entre os deuses, se a prudência de Zeus tonante não tivesse enviado depressa duas Queres distintas, uma para cada herói.

[510] Uma Quere sombria aproximou-se do coração de Mêmnon; outra, luminosa, veio ao valente Aquiles. Quando o viram, os imortais gritaram em voz alta, alguns tomados por acerba dor e outros possuídos pela alegria do triunfo glorioso. Enquanto isso, aqueles heróis lutavam na luta sangrenta

[515] sem trégua, inconscientes da aproximação do Destino, lançando toda a coragem e a força uns contra os outros. Alguém poderia pensar que naquele dia de luta desesperada combatiam Gigantes incansáveis ou Titãs poderosos. Tal foi a força da luta entre aqueles dois,

[520] Quer se acometessem com as espadas, quer arremessassem pedras maciças, apesar de terem sido atingidos, nenhum deles se atemorizou ou cedeu terreno, mas como dois promontórios permaneciam, incansáveis e revestidos de força imensa. Ambos descendiam do grande deus Zeus.

[525] e assim Ênio manteve equilibrado o combate, e por longo tempo todos se esforçaram ao máximo, tanto eles quanto seus destemidos camaradas, que com seus líderes combatiam com ardor inabalável, até que, exaustos, viram suas pontas de lança dobrarem-se contra os escudos. Ninguém

[530] de parte alguma escapou sem receber um golpe. De todos os membros fluíam sangue e suor para o chão na luta incessante. Cadáveres cobriam o chão tão densamente como as nuvens no céu quando o sol se move para Capricórnio, quando o mar inspira o maior medo ao marinheiro.

[535] os cavalos dos exércitos atacantes relinchavam alto enquanto pisoteavam os mortos, que jaziam densos como folhas num bosque quando o fecundo outono cede lugar ao inverno. Entre os cadáveres e o sangue, a luta continuou entre aqueles gloriosos filhos de divindades, implacáveis em sua fúria mútua.

[540] o combate atingiu então o auge, e a balança fatal da guerra já não permaneceu equilibrada. Então o glorioso Mêmnon foi atingido na base do peito pelo filho de Peleu, cujo negro ferro atravessou-lhe o corpo, e fez escapar a vida preciosa.

[545] quando tombou numa poça de sangue, as armas retiniram estrondosamente. O chão ressoou e seus companheiros recuaram de medo. Os mirmidões acorreram para despojá-lo enquanto os troianos fugiam, com Aquiles a persegui-los com toda a força de uma tempestade. A deusa Aurora deu um gemido e se cobriu de nuvens,

[550] de modo que a terra ficou escura. Todos os ventos velozes convergiram, por ordem da mãe, por um único caminho até a planície de Troia e envolveram o herói morto. Rapidamente eles levaram embora o filho de Aurora e o carregaram através de uma névoa prateada, angustiados

[555] por seu irmão caído; o ar ao redor deles gemeu. Todas as gotas de sangue que caíram sobre a terra dos membros de Mêmnon converteram-se num prodígio para as gerações futuras. Os deuses as reuniram de todos os lugares e formaram um rio de forte corrente,

[560] que é chamado de Paflagônio por todos os povos que vivem sob os contrafortes mais distantes da elevada Ida. Na verdade, corre semelhante a sangue pela terra fértil sempre que retorna o dia funesto em que Mêmnon morreu. Sua água então exala um fedor repugnante,

[565] insuportável; dir-se-ia que o cheiro nauseante vinha dos líquidos putrefatos daquela ferida fatal. A vontade dos deuses provocou isso. Mas então os Ventos carregaram em seu vôo rápido o

poderoso filho de Aurora em um sombrio véu de escuridão logo acima da terra.

[570] os etíopes não se afastaram muito do seu líder caído. Logo um deus os guiou, e em seu anseio receberam a velocidade com que pouco depois cortariam os ares. E então eles lamentaram por seu rei seguindo os Ventos.

[575] como quando um caçador é morto na floresta pelas mandíbulas cruéis de um javali ou de um leão, seus companheiros aflitos recolhem seu corpo e o carregam de volta com o coração pesado, e lamentando seu dono, os cães de caça os acompanham com gemidos pelo desfecho funesto da caça;

[580] Da mesma forma, os etíopes deixaram aquele campo impiedoso e gemeram alto enquanto se afastavam com os ventos velozes envolvidos em uma névoa milagrosa. Perto dali, os troianos e os dânaos ficaram surpresos porque, junto com seu rei, todos eles haviam desaparecido e, por um longo tempo, ficaram

[585] mudos de assombro. Enquanto isso, os ventos incansáveis com profundos gemidos depositaram o corpo do guerreiro Mêmnon nas margens do profundo rio Esepo, onde as ninfas de belas tranças possuem um belo bosque, plantado depois ao redor de seu elevado túmulo

[590] pelas filhas de Esepo, densamente sombreado por muitas árvores diferentes. Essas deusas muitas vezes entoam lamentos em honra do filho de Aurora que se assenta em esplendor. Então a luz do Sol desapareceu e desceu dos céus a Aurora, chorando por seu querido filho. Ao redor dela reuniram-se

[595] As doze donzelas de belas tranças que regem o curso descendente e sempre circular do deus Sol, a noite e o dia e tudo o que é ordenado pela vontade de Zeus, ao redor do enorme portão de cujo palácio elas viajam de um lado para o outro fazendo avançar o curso do ano

[600] com sua carga de frutos; em seu ciclo sucedem-se primeiro o frio do inverno, depois a primavera com todas as suas flores, a bela estação do verão e o outono carregado de uvas.

[605] Todas elas desceram do alto do céu em amarga lamentação por Mêmnon, e com elas vieram as chorosas Plêiades. As águas de Esepo e as altas montanhas ecoaram seu lamento incessante. No

meio delas, então, atirando-se sobre o filho, a deusa Aurora exprimiu em alta voz sua dor:

[610] "Morreste, filho querido, e trouxeste à tua mãe a mais amarga tristeza. Agora que morreste, não posso suportar levar luz aos imortais no céu. Descerei às terríveis profundezas do submundo, para onde tua alma voou depois da morte, deixando o caos e a escuridão horrível cobrirem o mundo,

[615] para que a tristeza possa tocar o coração do filho de Cronos também. Não sou menos honrada que a filha de Nereu; sob Zeus, contemplo e realizo tudo. Mas tudo em vão; se assim não fosse, Zeus teria respeitado minha luz. Vou para a escuridão. Zeus pode trazer Tétis até o Olimpo

[620] do mar, para brilhar para os deuses e os homens. Prefiro abandonar o céu às trevas e à escuridão, por medo de lançar luz sobre o corpo de teu assassino." Enquanto ela falava, lágrimas corriam por seu rosto imortal como um rio que flui para sempre, encharcando o chão

[625] ao redor do cadáver. A Noite Imortal compartilhou a dor de sua querida filha; o deus do céu envolveu todas as estrelas em névoa e nuvens em homenagem à deusa Aurora. Os troianos regressaram à cidade, sofrendo por Mêmnon, sentindo a perda do rei e de seus companheiros.

[630] Tampouco era completa a alegria dos argivos, acampados na planície entre os mortos. Enquanto louvavam Aquiles da lança de freixo, eles choravam por Antíloco, misturando tristeza com alegria. Enquanto isso, Aurora gemia e chorava amargamente.

[635] a noite inteira sob um manto de escuridão. Não cogitava erguer-se, e odioso para ela era o grande Olimpo. Ao seu lado, seus cavalos de pés velozes gemiam muito e pisavam na terra estranha enquanto contemplavam a soberana em sua tristeza, ansiosos como estavam para retornar.

[640] Zeus, furioso, trovejava incessantemente e o chão tremia ao redor, enquanto o tremor tomava conta da Aurora imortal. Então rapidamente os etíopes de pele escura enterraram Mêmnon, de luto por ele e com incessantes lamentos. Ao redor do túmulo de seu forte filho, a deusa Aurora, de olhos de boi,

[645] os transformou em pássaros com o dom de voar pelo ar. Ainda hoje as inúmeras raças dos homens os chamam memnônides. Ainda hoje, junto ao túmulo de seu antigo rei investem com gritos lamentosos e espalham poeira sobre a sepultura. Depois levantam entre si o tumulto da contenda

[650] para homenagear Mêmnon. Mêmnon, entretanto, alegra-se na morada de Hades ou entre os bem-aventurados da Planície Elísia; com esse espetáculo se consola o coração da imortal Aurora.

[655] As aves combatem até que, exaustas, as de um lado matam as do outro no conflito, ou então as duas hostes cumprem seu destino combatendo por seu rei. Tudo isso as aves velozes realizam por determinação de Aurora, imortal portadora da luz. Ela então se elevou ao céu acompanhada pelas estações frutíferas, que a levaram ao palácio de Zeus, ainda que relutante,

[660] persuadida por palavras capazes de vencer a mais pesada dor, pois ela ainda estava de luto. Não podia esquecer seu dever; tamanho era o temor que lhe inspirava a incessante censura de Zeus, porque dele vem tudo dentro dos limites da terra e da corrente do Oceano e das estrelas flamejantes acima.

[665] À sua frente seguiram as Plêiades, e com suas próprias mãos ela abriu as portas do céu e espalhou as trevas.

LIVRO III

Depois dos funerais de Antíloco, Aquiles volta ao combate e impele os troianos até as muralhas. Apolo o atinge mortalmente junto às Portas Ceias; Ájax resgata o corpo em meio a violenta luta. Os aqueus, as Nereidas e as Musas lamentam o herói, cujo cadáver é queimado e sepultado, enquanto Posêidon consola Tétis prometendo a Aquiles honras divinas.

[1] Quando brilhou a luz de Aurora, entronizada em esplendor, os lanceiros de Pilos levaram aos navios o corpo de Antíloco, lamentando em alta voz seu senhor. Ao sepultá-lo nas margens do Helesponto,

[5] grande foi sua dor. Ao redor gemiam os robustos filhos de Argos, tomados de amarga tristeza e reverência por Nestor, embora a dor não lhe abatesse o espírito. Verdadeiramente, o coração do sábio suporta corajosamente a aflição e não se deixa subjugar por ela.

[10] A ira pelo amigo Antíloco tornou terrível o filho de Peleu enquanto ele se armava contra os troianos. Mas eles, apesar do medo que lhes inspirava Aquiles da lança de freixo, irromperam ávidos de suas portas, porque as Moiras lhes encheram de coragem o peito. Para muitos deles,

[15] em breve desceriam à morada de Hades, de onde não há retorno, pelas mãos do valente neto de Éaco, que também logo morreria junto à cidade de Príamo. Rapidamente convergiram no mesmo terreno, de ambos os lados, as hostes troianas e os argivos firmes no combate,

[20] ávidos de luta, agora que a batalha se iniciara. Ali o filho de Peleu destruiu poderosa multidão de inimigos. Por toda parte a terra nutriz se encharcou de sangue, e as águas do Xanto e do Simoente ficaram obstruídas por cadáveres. Aquiles continuou a

perseguir e massacrar

[25] até as muralhas da cidade, pois o pânico dominou o exército. Ele teria matado todos eles e derrubado seus portões, arrancando-os de suas dobradiças, ou teria quebrado os ferrolhos com um golpe lateral e aberto um caminho para os dânaos entrarem na cidade de Príamo e teria saqueado suas riquezas,

[30] se a ira não tivesse inflamado o coração impiedoso de Febo ao ver as incontáveis multidões de guerreiros por ele massacradas. Desceu do Olimpo com o salto de uma fera. Sobre os ombros, sua aljava estava cheia de flechas portadoras de morte. De frente para o neto de Éaco ele ficou de pé, enquanto em suas costas

[35] retiniam ruidosamente o arco e a aljava; de seus olhos irrompiam incessantes clarões de fogo, e o chão tremia sob os pés. O grande deus lançou um grito terrível, para afastar Aquiles da batalha pelo temor da voz divina e salvar os troianos da morte:

[40] "Afasta-te dos troianos, filho de Peleu! Não lhes imponhas por mais tempo destinos funestos, para que algum deus do Olimpo não humilhe tua soberba." Mas Aquiles não se intimidou com a voz imortal do deus; as Moiras implacáveis já pairavam sobre ele.

[45] Então, sem reverência pelo deus, ele gritou de volta para ele: "Febo, por que me incitas, contra a minha vontade, a combater os deuses para salvar os soberbos troianos? Já antes me iludiste e afastaste da luta, quando salvaste Heitor da morte,

[50] o homem que os troianos tanto exaltaram em sua cidade. Retira-te agora e regressa à morada dos deuses, ou eu te golpearei, ainda que sejas imortal!" Com isso ele deixou a divindade para trás, perseguindo os troianos que ainda estavam em fuga diante da cidade.

[55] Enquanto os perseguia, o coração de Febo Apolo encheu-se de ira, e ele disse consigo: "Ai! Este homem perdeu o juízo. Agora nem mesmo o filho de Cronos, nem qualquer outra divindade, poderá salvar o insensato que desafia os deuses."

[60] Dito isto, ele ocultou-se numa nuvem e encoberto pela névoa ele disparou uma flecha sinistra, que voou e atingiu o tornozelo de Aquiles. De imediato a dor lhe penetrou o coração e o fez tombar, como uma torre que pela força de um vendaval subterrâneo

[65] desaba sobre a terra profundamente abalada; então caiu no chão o belo corpo do neto de Éaco. Olhando ao seu redor, ele lançou esta terrível ameaça: "Quem me atingiu às ocultas com esta flecha terrível? Tenha ele coragem de enfrentar-me face a face,

[70] para que seu sangue e todas as suas entranhas jorrem em torno de minha lança, e eu o enviarei ao triste Hades. Pois bem sei que não há guerreiro no mundo que de perto possa me vencer com sua lança, mesmo com um coração totalmente destemido em seu peito,

[75] ainda que traga no peito coração inteiramente destemido e possua corpo de bronze. A emboscada é o recurso do covarde para vencer um homem superior. Que ele me enfrente, mesmo que se proclame um deus irado contra os dânaos; meu coração suspeita que seja Apolo, oculto em trevas funestas.

[80] Assim me revelou outrora minha mãe querida: pelas flechas de Apolo eu encontraria morte deplorável junto às Portas Ceias. Não foram palavras vãs." Com mãos intrépidas, arrancou da ferida incurável a flecha funesta. O sangue jorrou,

[85] enquanto ele estava dominado pela dor e o coração cedia à morte. Angustiado, ele jogou fora a arma, quando uma súbita rajada de vento veio, agarrou-a e devolveu-a a Apolo, a caminho do recinto sagrado de Zeus, pois não poderia ser que um dardo imortal se perdesse, lançado por um deus imortal.

[90] Apolo o pegou e rapidamente alcançou o auge do Olimpo, a assembleia geral dos imortais, o lugar onde eles se reuniam em grande número para assistir à luta dos mortais. Alguns estavam ansiosos para conceder um triunfo aos troianos e outros aos dânaos. Tal era a sua divisão

[95] enquanto contemplavam a matança e a morte no combate. Assim que a sábia consorte de Zeus o avistou, repreendeu-o com amargas palavras: "Febo, que ato monstruoso cometeste hoje, esquecido daquelas núpcias que nós, imortais,

[100] celebramos para o divino Peleu? Entre os deuses reunidos, teu doce canto narrou como Tétis de pés argênteos deixou as profundezas do mar para tornar-se esposa de Peleu. Enquanto tocavas a lira, todas as criaturas se reuniram: as feras e as aves selvagens, as colinas de penhascos imponentes,

[105] os rios e toda a floresta profundamente sombreada vieram. Esqueceste tudo isso e cometeste uma crueldade ao matar um grande homem, aquele que tu e os outros imortais, derramando libações de néctar, suplicastes que nascesse de Peleu e Tétis. Esqueceste aquela tua prece

[110] somente para agradar à raça do tirano Laomedonte, para quem guardaste o gado. Embora mortal, ele ultrajou a ti, que és um deus. Foste insensato bastante para esquecer teu antigo serviço e favorecer os troianos. Miserável, tua mente desvairada é incapaz de discernir

[115] qual homem merece sofrer por sua maldade e qual deve ser honrado pelos deuses. Aquiles sempre nos reverenciou e pertencia à nossa raça. Não creio, porém, que a ruína de Troia seja mais branda pela queda do neto de Éaco, pois seu filho

[120] muito em breve virá de Ciros auxiliar os argivos neste duro e amargo conflito, igual ao pai em força e portador de desgraça para muitos inimigos. Não te preocupas verdadeiramente com os troianos: invejas a grandeza de Aquiles, o melhor dos homens.

[125] Insensato, como enfrentarás a filha de Nereu agora, quando ela vier à casa de Zeus para se juntar aos imortais? Ela costumava honrar-te e considerar-te como filho." Assim Hera, em sua amargura, repreendeu duramente o filho do todo-poderoso Zeus. Ele não respondeu uma palavra a ela

[130] por causa de seu respeito pela esposa de seu poderoso pai. Ele não conseguia sequer olhá-la no rosto, mas sentou-se longe dos deuses que vivem para sempre, com os olhos voltados para o chão. O ressentimento contra ele era forte de todos os deuses do Olimpo que apoiavam a causa dânao,

[135] enquanto os que ansiavam conceder o triunfo aos troianos honravam Apolo e exultavam no coração, embora longe dos olhos de Hera, pois todos os celestes temiam-lhe a cólera. Entretanto, Aquiles ainda conservava o ardor da luta. Em seus membros invencíveis

[140] o sangue carmesim fervia, ávido de combate. Nenhum troiano ousava aproximar-se dele, por mais ferido que estivesse. Mantinham-se afastados, como os caçadores recuam temerosos diante de um leão selvagem na floresta; embora uma flecha lhe tenha

perfurado o coração, a fera se recorda

[145] ainda de sua coragem, revolve os olhos fulgurantes e lança terrível rugido das mandíbulas ferozes. Assim a ira e a dolorosa ferida inflamavam o espírito do filho de Peleu, embora já morresse pela flecha de Apolo. Apesar de tudo, lançou-se sobre os inimigos,

[150] sua enorme lança equilibrada. Ele matou o nobre Orythaon, o bravo camarada de Heitor, com um golpe abaixo da têmpora. Seu capacete não conseguiu parar a longa lança como planejado. Ela disparou direto através de metal e osso, para penetrar nos nervos de seu cérebro e assim derramar sua força vital.

[155] ele matou Hipponoos com uma lança enfiada sob a testa na raiz de seu olho. Seu globo ocular caiu da órbita para o chão e seu espírito voou para Hades. Em seguida, ele penetrou na mandíbula de Alkithoos e cortou toda a sua língua. Ele caiu no chão

[160] Dando seu último suspiro, a ponta da lança saindo de sua orelha. Todos estes foram mortos pelo herói enquanto corriam para enfrentá-lo, enquanto ele tirava a vida de muitos outros em fuga, pois o sangue ainda fervia em seu coração. Quando seus membros esfriaram e seu espírito desapareceu,

[165] deteve-se, apoiado na lança. Os troianos prosseguiram na fuga, tomados de pânico, enquanto ele os repreendia: "Vós, troianos e dardânios covardes, mesmo depois de minha morte não escapareis à minha lança impiedosa; todos pagareis com a vida às minhas Erínias vingadoras."

[170] Estremeceram ao ouvi-lo, como nas montanhas os cervos tremem ao rugido do leão e fogem medrosos da fera. Do mesmo modo, a hoste dos cavaleiros troianos e seus aliados estrangeiros tremeu de terror diante da última ameaça de Aquiles,

[175] julgando-o ainda ileso. Mas, vencidos pelo destino o espírito valoroso e o corpo robusto, ele tombou entre os mortos como elevada montanha que desaba. A terra ressoou com o poderoso estrondo das armas na queda do incomparável filho de Peleu. Ainda assim, profundo terror

[180] abalou o coração daqueles que viram caído o inimigo. Assim como, quando os pastores matam uma fera selvagem, sua figura estendida junto ao aprisco enche de medo o rebanho, que não ousa aproximar-se e estremece diante do cadáver como se ainda

estivesse vivo;

[185] Tal era o medo dos troianos por Aquiles após sua morte. Apesar disso, Páris usou palavras fortes para agitar o ânimo do povo, porque o seu coração estava feliz na esperança de que os argivos desistiriam da luta mortal após a queda do filho de Peleu, que era a sua força.

[190] "Amigos, se verdadeiramente me apoiais de coração, ou morramos hoje pelas mãos dos argivos, ou salvemo-nos e arrastemos para Ílion o corpo caído do filho de Peleu com os cavalos de Heitor, que, desde a morte de meu irmão, me conduzem ao combate,

[195] ainda aflitos pela perda do verdadeiro senhor. Se com sua ajuda arrastarmos Aquiles morto, grande glória conquistaremos para os cavalos e para o próprio Heitor, se no Hades os mortais conservam pensamento ou consciência do justo, em vista dos males que Aquiles causou a Troia.

[200] Grande será a alegria nos corações das mulheres troianas quando elas se reunirem ao seu redor na cidade, como temíveis leoas ou leopardos furiosos por seus filhotes em torno de um homem experiente e hábil em caças perigosas. Assim, em volta do corpo de Aquiles assassinado, as mulheres de Troia

[205] Correrão juntas para mostrar seu ódio avassalador, Algumas enfurecidas pela perda dos pais, algumas pelos maridos, Algumas pelos filhos, e outras pelos seus honrados parentes. Mas os mais felizes de todos serão meu pai e os mais velhos, Aqueles mantidos pela idade contra sua vontade dentro dos muros,

[210] Se ao menos pudermos arrastar Aquiles para a cidade e deixá-lo ser devorado pelos pássaros do ar.

[215] Troianos e lícios eram hábeis na arte funesta da guerra e ansiavam por arrastá-lo à cidade sagrada de Ílion. Aquiles, porém, não foi abandonado pelo divino Ájax, que depressa se aproximou e, com a longa lança, expulsou todos para longe do corpo. Ainda assim persistiram no ataque,

[220] combatendo Ájax por todos os lados e investindo sucessivamente, como inúmeras abelhas que volteiam em enxames ao redor da colmeia para repelir um homem; ele despreza os ataques enquanto corta os favos, e elas se angustiam

[225] Afligem-nas tanto o homem quanto a fumaça ondulante; ainda assim, investem de frente, embora ele não lhes dê atenção. Do mesmo modo Ájax desprezava todos aqueles ataques. Em primeiro lugar, ele matou com um golpe acima do peito o filho de Méon, Agelaos, e em seguida o nobre Testor;

[230] Depois Ocítoo, Agestrato, Aganipo, Zoros, Nisso e o famoso Érimas, que veio da Lícia sob o comando do valente Glauco. Sua casa era a íngreme Melanípio, sagrada para Atena, que fica de frente para Massícito, perto do cabo Quelidônio;

[235] os marinheiros tremem diante daquele lugar sempre que precisam contornar seus rochedos escarpados. A morte daquele lício gelou de horror o coração do ilustre filho de Hipóloco, porque ele era seu amigo. Arremessando depressa a lança contra o escudo de muitas peles de boi de Ájax,

[240] não conseguiu alcançar-lhe a bela carne. As peles do escudo protegiam-no e, por baixo delas, a couraça ajustada ao corpo infatigável. Glauco, no entanto, não abandonou o combate mortal em seu desejo de derrotar o neto de Éaco, Ájax.

[245] insensato, lançou este soberbo desafio: "Ájax, já que os homens afirmam que és de longe o melhor de todos os argivos e muito se orgulham de ti, não menos que o corajoso Aquiles, agora que ele está morto também te juntarás a ele na morte neste mesmo dia, assim penso."

[250] Não conhecia a superior valentia do homem contra quem apontava a lança. O firme lutador Ájax, encarando-o sombriamente, respondeu: "Não sabes, desgraçado, quanto Heitor te era superior na batalha? E ainda assim ele evitava a força da minha lança

[255] pois, além da força, possuía mente prudente. Teus pensamentos inclinam-se claramente para a morte e as trevas, já que ousas enfrentar em combate alguém que é muito superior a ti. Não podes alegar ser amigo de minha família, nem com teus dons

[260] persuasivos me afastarás da luta, como fizeste com o poderoso filho de Tideu. Podes ter escapado ao poder daquele homem, mas não permitirei que saias vivo da batalha. Talvez confies nos outros que, neste campo, volteiam ao teu redor como moscas inúteis

[265] em torno do corpo do incomparável Aquiles. A eles também, se atacarem, darei a sombria sentença da morte." Ájax voltou-se contra os troianos, como um leão entre uma matilha de cães em um vale profundo e arborizado. Ele rapidamente despachou uma multidão que estava ansiosa por conquistar glória, tanto troianos

[270] quanto lícios. Aqueles que o rodeavam tremiam de medo, como um cardume de peixes no oceano ao ataque de uma terrível baleia ou de um poderoso golfinho do mar. Assim recuavam os troianos diante do poder do filho de Telamon, atacando-os repetidas vezes na batalha. Ainda assim

[275] continuaram a lutar, de modo que em todos os lados do corpo de Aquiles inúmeros homens jaziam mortos na poeira como muitos javalis ao redor de um leão, pois mortal era a luta entre eles. Ali também o guerreiro filho de Hipolochos foi morto pelo corajoso Ájax. Sobre Aquiles tombou de costas,

[280] como um arbusto da montanha ao lado de um carvalho maciço. Tal foi a queda de Glauco sobre o filho de Peleu, quando atingido pela lança. Para ele, o poderoso filho de Anquises empenhou-se e, com a ajuda de seus amigos guerreiros, arrastou-o para as fileiras troianas para que seus camaradas enlutados

[285] o levassem de volta à cidade sagrada de Ilion. Eneias continuou a combater junto de Aquiles, até que com sua lança o guerreiro Ájax o feriu acima do músculo do braço direito. Com ágeis movimentos saltou para longe da luta mortal e retornou imediatamente para a cidade.

[290] Homens versados na arte da cura trataram-no, limpando primeiro o sangue de sua ferida e depois realizando tudo o mais que fosse necessário para aliviar o sofrimento do ferido. Ájax continuou lutando, como um raio, matando em todas as direções, pois grande era sua angústia

[295] e longa a dor que sentiu pela morte de seu primo. Perto dali, o incomparável filho de Laertes enfrentou o inimigo, que, aterrorizado, fugiu diante dele. Ele matou o veloz Pisandro e Ário, filho de Mênalo, cuja casa era a famosa terra de Abidos.

[300] em seguida, Odisseu matou Atímnio, que foi levado ao forte Emátion pela ninfa de belas tranças Pégasis, ao lado do rio

Grânico. Perto daquele homem, ele abateu Orésbio, filho de Proteu, que vivia abaixo dos vales da elevada Ida, mas cuja mãe,

[305] A famosa Panaceia, jamais o recebeu de volta ao lar, pois tombara pelas mãos de Odisseu, que também tirou a vida de muitos outros com sua lança furiosa, matando qualquer um que encontrasse perto do corpo. Mas então Álcon, filho de Mégacles de pés velozes, atingiu-o com sua lança

[310] junto do joelho direito, e em torno da greva brilhante jorrou sangue escuro. Ele, porém, desconsiderando o ferimento, imediatamente levou a morte ao ávido guerreiro que o ferira, traspassando-o com sua lança através do escudo. Com toda a força de seu braço poderoso ele o empurrou

[315] para trás no chão. As armas retiniram quando ele caiu na poeira; o peitoral em volta de seu corpo estava encharcado de sangue. Odisseu puxou a lança fatal de sua carne e de seu escudo, e com a ponta da lança o alento deixou-lhe os membros e a vida o abandonou.

[320] Embora ferido, Odisseu avançou contra os camaradas de Álcon e não abrandou o fragor da luta. Da mesma forma, os outros dânaos, todos em massa compacta em torno do grande Aquiles, lutaram ferozmente e em suas mãos uma multidão de homens foram depressa massacrados com suas lanças de freixo polido.

[325] Como quando as folhas são espalhadas no chão pelos ventos que pressionam com rajadas violentas as florestas e bosques, quando o outono declina no fim do ano, assim eles foram derrubados pelas lanças dos resolutos guerreiros dânaos. Todos se preocupavam com Aquiles morto,

[330] mas especialmente com o guerreiro Ájax. Por isso matou tantos troianos como uma Quere funesta. Então Páris retesou o arco para Ájax, que logo o percebeu e atirou uma pedra mortal que o atingiu na cabeça e quebrou o elmo de dupla crista, de modo que a escuridão

[335] o engolfou e ele caiu na poeira, sem que as flechas lhe servissem, espalhadas em todas as direções pelo pó, enquanto a aljava ficava vazia, seu arco escapando de suas mãos. Seus camaradas o agarraram e o levaram para Troia na carruagem de Heitor,

[340] Mal respirando e gemendo de dor. Nem as armas do príncipe ficaram abandonadas; eles também foram recolhidos da planície e trazidos de volta ao príncipe. Ájax gritou para ele em sua cólera: “Cão, escapaste da mão pesada da morte

[345] Hoje; mas em breve chegará tua hora derradeira, seja pelas mãos de outro argivo, seja pelas minhas. Agora outro cuidado me ocupa, resgatar desta matança, para os dânaos, o corpo de Aquiles.” Com isso ele lançou a morte funesta sobre aqueles inimigos

[350] que ainda estavam lutando em torno do corpo do filho de Peleu. Quando viram tantos exalarem, pelas mãos poderosas de Ájax, o último alento, eles entraram em pânico e não puderam manter-se firmes, assim como miseráveis abutres afugentados por uma águia, rei de todos os pássaros, quando nas montanhas

[355] devoram ovelhas mortas pelos lobos. Assim foram dispersos em todas as direções pelo valente Ájax, com as pedras que lançava, a espada e a força irresistível. Dominados pelo medo, tentaram escapar todos juntos da batalha, como estorninhos sob o ataque mortal

[360] de um falcão que mergulha; uma após outra, as aves levantam voo em bando cerrado, tentando fugir do desastre. Assim fugiram do campo de batalha para a cidade de Príamo sob o triste manto de uma derrota vergonhosa, aterrorizados pelo ataque do poderoso Ájax,

[365] que os perseguiu com as mãos manchadas de sangue humano. Ele realmente teria matado todos eles sucessivamente, Se eles não tivessem entrado pelos portões abertos da cidade para obter uma breve pausa, pois o pânico tomou conta de seus corações. Encerrando-os nas muralhas como o pastor encerra as ovelhas errantes,

[370] ele retornou à planície, quase sem tocar o solo, pisando em armaduras ensanguentadas e nos corpos dos mortos. Do outro lado daquela vasta extensão, desde as largas ruas de Troia até o Helesponto, jazia uma multidão de mortos, todos aqueles homens que haviam sido alcançados pela sentença celeste.

[375] Como quando um campo cerrado de grãos maduros cai nas mãos dos ceifeiros; no chão jazem incontáveis feixes pesados de grãos, e a visão do trabalho alegra o coração do homem que possui a

esplêndida terra; então, aqueles de ambos os lados que tiveram uma morte maligna,

[380] Alheios agora à batalha e às lágrimas, ficaram ali com o rosto voltado para baixo. Mas os nobres filhos da Acaia deixaram os troianos mortos cobertos de pó e sangue, Até que o filho de Peleu foi entregue à pira, pois ele fora seu amparo na batalha quando atacou com todas as suas forças.

[385] Então os príncipes retiraram seu enorme corpo da luta e o carregaram entre eles. Quando o trouxeram e o colocaram entre as cabanas em frente aos navios, ao redor dele todo o exército se reuniu e soltou um gemido, com o coração aflito por aquele que era a força da Acaia.

[390] Alheio agora ao labor das lanças, Aquiles jazia entre as cabanas junto ao Helesponto gemente. Como uma vez o insolente Tício caiu, quando atacou Leto em seu caminho para Pito, e Apolo, furioso, rapidamente o matou com suas flechas velozes

[395] apesar da força ilimitada; em sangue repugnante jazia, cobrindo muitos sulcos no amplo peito da Terra, sua mãe, que gemia pela queda do filho abominado pelos deuses, enquanto a senhora Leto ria dele. Assim estava Aquiles, caído na terra dos inimigos,

[400] Trazendo alegria aos troianos, mas tristeza sem fim aos aqueus. Ao lamento do exército responderam as profundezas do mar. Então o espírito de cada homem foi abalado ao pensar na própria morte na batalha contra os troianos. Lembrando ali ao lado dos navios os queridos pais

[405] que haviam deixado em casa e as esposas recém-casadas que provavelmente definhavam de tristeza em suas camas solitárias, esperando, com os filhos pequenos, pelos maridos, Gemiam mais alto. tomados pelo desejo de lamentar, choravam incessantemente na costa arenosa.

[410] Lançados de bruços perto do poderoso filho de Peleu, eles arrancaram pela raiz os cabelos de suas cabeças e desfiguraram seus rostos com copiosas porções de areia. Como, depois de uma batalha, dentre os que estão encerrados dentro de seus muros Um grito de desespero se eleva ao ver seus inimigos furiosos

[415] queimando toda a cidade, massacrando o povo indiscriminadamente e saqueando-lhe as riquezas — semelhante grito levantaram os aqueus junto aos navios, porque o salvador dos dânaos, neto de Éaco, jazia enorme ao lado deles, morto por flechas divinas,

[420] semelhante a Ares quando a terrível filha do poderoso Zeus o derrubou com uma pedra enorme na planície de Troia. Os mirmidões lamentavam incessantemente por Aquiles, aglomerando-se ao redor do corpo de seu nobre senhor, que tinha sido gentil e amigo de todos.

[425] Jamais fora cruel ou arrogante no trato com os homens. Tanto na tolerância quanto na força, ele superou todos os homens. Ájax foi o primeiro a falar em voz alta entre seus gemidos, lamentando aquele que também era filho do irmão de seu pai,

[430] Morto por um deus, pois nenhum mortal poderia tê-lo abatido dentre os que vivem sobre a vasta terra. Por ele, então, o glorioso Ájax lamentou com o coração pesado, ora vagando entre as cabanas do filho de Peleu ora pela praia arenosa. Estendido em toda a sua enorme estatura, ele proferiu este lamento:

[435] "Aquiles, poderoso baluarte das forças argivas, Morreste em Troia, longe das planícies de Ftia, atingido por uma flecha amaldiçoada de mão desconhecida, como as que homens covardes lançam no combate. Pois ninguém que confia em si mesmo para manusear um escudo volumoso,

[440] quem sabe de colocar um capacete nas têmporas de modo conveniente para a batalha, empunhar uma lança na mão e quebrar o bronze no peito dos inimigos, ataca nem combate com flechas à distância. Se aquele que te atacou te houvesse enfrentado face a face,

[445] não teria escapado ileso de tua lança veloz. Mas sem dúvida era desígnio de Zeus realizar tudo isso. Tudo aquilo por que trabalhamos ele torna infrutífero. Em breve ele concederá aos troianos a vitória sobre os argivos, agora que removeu de nós um baluarte tão grande.

[450] Oh, que fardo de tristeza Peleu suportará em casa, ao enfrentar uma velhice sem alegria! Talvez a notícia baste para abreviar-lhe a vida; melhor seria que a morte logo o libertasse da dor. Mas, se a funesta notícia do filho não lhe trouxer a morte,

[455] acerba dor afligirá a velhice do miserável homem, devorando-lhe o coração de angústia ao lado de sua lareira, Peleu, a quem os imortais favoreciam acima de todos os homens. Alegria perfeita que os deuses nunca concedem aos mortais sofredores." Tal foi o seu triste lamento pelo filho de Peleu.

[460] Então o idoso Fênix gemeu de tristeza além da expressão, Abraçando o belo corpo do destemido neto de Éaco, e na amarga tristeza de seu coração sábio lamentou em voz alta: "Morreste, meu filho, e uma dor inevitável resta. Quem dera a terra acumulada me houvesse coberto

[465] antes que eu visse teu destino cruel. Pois nunca antes uma dor mais aguda de tristeza perfurou meu coração, nem mesmo quando deixei minha terra e meus pais amorosos, no exílio cruzando a Hélade até que Peleu me acolheu com presentes e me fez governante dos dólopes.

[470] nos braços ele te carregou pelo salão, colocou-te em meu colo e sinceramente me ordenou que cuidasse da criança como se ele fosse meu querido filho. Fiz o que me foi ordenado. Feliz em meu colo, muitas vezes me chamavas de 'Papai' com sua fala ainda imperfeita,

[475] e movido por suas necessidades infantis molhavas a túnica em meu peito. Eu te segurava em meus braços, Cheio de alegria ao pensar que estava criando alguém que cuidaria de mim e me apoiaria na velhice. Tudo o que eu esperava durou pouco tempo.

[480] Agora desapareceste na escuridão, deixando meu coração triste e sofrendo as dores de uma perda terrível. Desejo apenas que me tirem a vida no combate, Antes que o nobre Peleu saiba disso, que creio que chorará sem alívio ao receber a notícia.

[485] Mais deplorável será a dor para nós dois, teu pai e eu, pois agora que morreste nossa amarga tristeza nos levará rapidamente ao mundo subterrâneo, antes mesmo da sentença de Zeus. Muito melhor assim que viver privados de tua proteção."

[490] Assim o velho cedeu à dor incessante. Ao lado dele, o filho de Atreu verteu lágrimas e gemeu em alta voz, consumido pela dor que lhe ardia no coração: "Filho de Peleu, o melhor dos dânaos, morreste. Tua morte deixou indefeso todo o exército aqueu.

[495] Agora que morreste, somos presa mais fácil para os inimigos. Grande alegria tua queda trouxe ao povo de Troia, que te temia como as ovelhas temem o leão. Agora, até junto de nossos navios, combaterão com ardor. Pai Zeus, até tu, com palavras enganosas,

[500] nos enganaste, tu que me prometeste que eu saquearia a cidade de Príamo. Agora, sem cumprir a promessa, iludiste-me inteiramente, pois não creio que o objetivo desta guerra seja alcançado com Aquiles morto." Assim exprimiu a dor do coração, enquanto ao redor o exército

[505] Lamentava com toda a alma o valente filho de Peleu. Os navios ao lado deles ecoavam o som dos seus lamentos; imenso era o barulho que subia pelo ar eterno. Como quando, com a força de um vento poderoso, longas vagas se levantam no mar e varrem com força terrível

[510] na costa, e com o incessante romper das águas as praias e os promontórios juntas fazem um barulho monstruoso; tão terrível gemido sobre o cadáver que os dânaos levantaram em interminável lamentação pelo destemido filho de Peleu. A escuridão da noite teria surpreendido seu luto,

[515] Se o filho de Atreu não tivesse sido abordado por Nestor, filho de Neleu, cuja mente estava cheia de uma dor avassaladora pela memória de seu próprio bom filho Antíloco: "Agamêmnon, poderoso governante dos argivos, É tempo de fazermos cessar o som da lamentação

[520] para hoje. Doravante, ninguém impedirá os aqueus de se encherem de lágrimas durante muitos dias de luto. Agora devemos lavar o sangue repugnante do destemido neto de Éaco e colocá-lo num esquife. Não convém desonrar os mortos por negligência excessiva."

[525] Esse foi o conselho do filho prudente de Neleu. Então o chefe instou seus camaradas com a ordem de colocar rapidamente caldeirões de água sobre as chamas, aquecê-los, e lavar e vestir o corpo com roupas finas, o tecido púrpura que sua mãe havia dado ao seu querido filho

[530] quando ele partiu para Troia. Rapidamente eles cumpriram a ordem de seu senhor. Tendo realizado as outras tarefas

com cuidado, eles colocaram o filho caído de Peleu em sua cabana. Sua visão levou a sábia deusa Tritogênia a sentir pena. Ela borrifou a cabeça dele com ambrosia, que se diz

[535] para manter imaculada por muito tempo a carne das vítimas da morte. Ela o deixou fresco e viçoso, como se ele ainda respirasse. Ela colocou uma expressão terrível na testa do cadáver, Tal como uma vez possuiu seu rosto temível quando ele ficou furioso com a morte de seu amigo Pátroclo.

[540] ela também deu ao corpo maior vigor e bonito. O assombro dominou dos argivos quando eles se reuniram e viram o filho de Peleu como se estivesse vivo. Estendido no esquife, em toda a sua grande estatura, ele parecia ter adormecido. Ao seu redor, tristes mulheres cativas, aquelas que ele mesmo

[545] fizera cativas quando devastou a sagrada Lesbos e a íngreme cidade de cilícia, Tebas de Eécion, Estavam em lamentação, dilacerando a bela carne e batendo em seus peitos com ambas as mãos em sua dor sincera pelo bondoso filho de Peleu.

[550] pois as respeitara, as filhas de seus inimigos. O coração que sentiu a dor mais aguda de todos foi o de Briseida, a esposa cativa do nobre guerreiro Aquiles. Ela rodeava o cadáver, com ambas as mãos dilacerando a bela carne e chorando alto.

[555] em seu peito macio, vergões cor de sangue surgiram por seus golpes; dir-se-ia que são gotas de sangue carmesim sobre o leite. Mas mesmo em sua amarga angústia, sua beleza manteve seu encanto radiante e a graça ainda a revestia. Estas palavras ela pronunciou entre seus lamentáveis lamentos:

[560] “Ai de mim! Este é, de longe, o pior de todos os meus sofrimentos. Nenhuma outra dor tão grande jamais me afligiu, nem a perda dos irmãos, nem a da vasta e bela pátria, como esta causada por tua morte. Tu eras para mim o dia bendito, a luz do sol, a doçura da minha vida,

[565] minha esperança dos bens futuros e minha firme defesa contra o mal. Mais precioso que todo o esplendor da vida e que meus próprios pais, somente tu eras tudo para mim, tua cativa. Fizeste-me tua esposa e libertaste-me dos trabalhos servis. Agora, porém, algum outro aqueu me conduzirá com a frota,

[570] ou para a fértil Esparta ou para a árida Argos. Então, em servidão, suportarei um duro trabalho depois de perder-te tão desastrosamente. Se ao menos a terra tivesse me coberto antes que eu visse tua morte." Então Briseida lamentou o filho massacrado de Peleu

[575] em companhia das miseráveis cativas e dos enlutados aqueus, chorando por seu senhor e esposo. Suas lágrimas de luto nunca secaram, mas escorreram de seus olhos até o chão, como água oculta do sol de uma fonte rochosa, quando acima dela neve e gelo abundantes

[580] se espalham pelo solo duro como ferro, até que a geada sejam derretidos pelo vento leste e pelos raios do sol. Então o crescente som de lamentação alcançou as muitas filhas de Nereu que viviam nas profundezas do mar. Como o coração de todas foi ferido por uma dor dolorosa,

[585] seu lamento doloroso ecoou pelo Helesponto. Cobriram-se com mantos de luto azul-escuros e partiram para o lugar onde os aqueus estavam acampados. Todas juntas abriram caminho através das ondas prateadas, enquanto o mar se dividia a ambos os lados. Avançaram

[590] com o clamor de um bando de grous de rápido voo que foge ao inverno rigoroso. Ao redor das donzelas enlutadas, os monstros marinhos gemiam em resposta. Num instante alcançaram o destino e choraram intensamente pelo valoroso filho de sua irmã. Também as Musas, deixando rapidamente o Hélicon,

[595] vieram com incessante tristeza no peito, em homenagem a Tétis, filha de Nereu de olhos brilhantes. Zeus concedeu coragem inabalável aos argivos, para que não temessem a gloriosa hoste de deusas visível em seu meio. Cercaram o corpo de Aquiles

[600] e, embora imortais, lamentaram-no em uníssono, fazendo ecoar as margens do Helesponto e encharcando de lágrimas o chão em torno do cadáver do neto de Éaco. O exército gemia em alta voz; enquanto choravam por todos os lados, as lágrimas banhavam-lhes as armas,

[605] assim como as cabanas e os navios, tamanha era a dor. A mãe abraçou e beijou os lábios do próprio filho e, entre lágrimas, pronunciou estas palavras: "Feliz seja no céu Aurora vestida de rosa;

feliz também, esquecida da ira contra Asteropeu, a corrente ampla do

[610] Áxio; feliz, enfim, a raça de Príamo. Quanto a mim, irei ao Olimpo, prostrar-me-ei aos pés de Zeus imortal e lamentarei em alta voz. Contra a vontade, ele me entregou como esposa a um homem, a quem a idade implacável depressa venceu

[615] e junto do qual já estão as Moiras portadoras da morte determinada. Minha dor por ele, porém, é menor que por Aquiles, poderoso descendente de Éaco, prometido por Zeus para compensar aquelas núpcias odiosas. Primeiro assumi a forma de vento sibilante, depois de água,

[620] depois a de uma ave e a de fogo ardente. Nenhum mortal pôde possuir-me no leito enquanto eu me transformava em todas as criaturas da terra e do céu, até que o Olímpico me prometeu um filho glorioso, terrível e guerreiro. Essa promessa

[625] cumpriu-se verdadeiramente, pois ele foi o maior dos homens. Zeus, contudo, enganou-me ao encurtar-lhe a vida. Irei, pois, ao céu e, entrando no palácio de Zeus, chorarei por meu filho querido. Dos serviços que prestei a Zeus e a seus filhos, quando estes se achavam vergonhosamente acossados,

[630] eu o lembrarei em minha angústia e moverei seu coração." Depois do amargo lamento da ninfa marinha, a Musa Calíope falou-lhe com inabalável sabedoria: "Cessa o pranto, Tétis imortal. Não permitas que a angústia por teu filho te conduza à cólera do soberano

[635] dos deuses e dos homens. Até os filhos de Zeus, senhor do relâmpago, sucumbiram a destino funesto e morreram. Embora eu seja deusa, a morte também alcançou meu filho Orfeu, cujo canto fazia segui-lo todas as florestas, cada rochedo escarpado e cada rio corrente,

[640] os ventos sibilantes que sopram sem descanso e as aves que voam velozes pelo ar. Eu, porém, suportei corajosamente a dor, pois não convém aos deuses afligir o coração com pesar amargo. Assim também tu, apesar da tristeza, cessa de lamentar o filho.

[645] Os poetas cantarão para sempre sua glória e valentia aos povos da terra, inspirados por mim e pelas outras Musas Piérias. Não deves, portanto, ceder à dor e lamentar como mulher mortal.

Não sabes que sobre cada ser humano que vive

[650] sobre a terra paira uma Moira irresistível, cujo poder nem mesmo os deuses podem desprezar? Em breve ela causará o saque da cidade de Príamo, com todo o seu ouro, e a morte de tantos troianos e argivos quantos escolher. Nenhum deus pode detê-la."

[655] Calíope pronunciou essas palavras com a sabedoria do coração. Então o Sol mergulhou na corrente do Oceano, e pela vastidão do céu estendeu-se a escuridão da noite, que traz alívio aos mortais, mesmo aos que sofrem. Ali, sobre a areia, dormiam os filhos da Acaia,

[660] reunidos em grupos ao redor do cadáver e oprimidos pela desgraça. O sono, porém, não pôde dominar a inquieta Tétis. Sentou-se junto do filho, acompanhada pelas Nereidas imortais. Ao redor, as Musas, alternando-se, proferiam palavras de consolo para fazer o coração angustiado esquecer o lamento.

[665] Quando Aurora, exultante, avançou pelo céu, trouxe a luz mais brilhante a Príamo e a todos os troianos. Entretanto, os dânaos, enlutados por Aquiles, continuaram a chorar durante muitos dias. Em torno deles gemiam as longas praias, enquanto o poderoso Nereu lamentava

[670] em atenção à filha Tétis; com ele choravam as demais divindades marinhas pela morte de Aquiles. Então os argivos entregaram ao fogo o corpo do poderoso filho de Peleu, depois de empilharem vasta quantidade de lenha, que juntos haviam trabalhado

[675] para trazer do monte Ida, incitados pelos filhos de Atreu, que os enviaram a recolhê-la em abundância para apressar a cremação de Aquiles. Ao redor da pira empilharam muitas armas de homens que ele matara no combate. Ali também imolaram muitos

[680] dos mais belos filhos de Troia e lançaram-nos à pira, juntamente com cavalos relinchantes e touros poderosos; acrescentaram ainda ovelhas e porcos gordos. Mulheres cativas e chorosas trouxeram incontáveis tecidos das arcas e lançaram tudo sobre a pira,

[685] amontoando com eles ouro e âmbar. Perto dali, os mirmidões cortaram os cabelos para cobrir o cadáver do senhor. Do mesmo modo Briseida, chorando junto ao corpo, cortou os cabelos

como derradeira oferenda a seu amado. Muitos vasos de óleo foram esvaziados ao redor,

[690] e outros, cheios de mel e vinho, foram colocados sobre a pira — vinho doce, cuja fragrância igualava a do néctar. Acrescentaram muitas outras substâncias odoríferas apreciadas pelos homens, do melhor que produzem a terra e o mar. Quando tudo foi disposto sobre a pira,

[695] tanto a cavalaria quanto a infantaria desfilaram armadas ao redor daquela pira banhada em lágrimas. Entretanto, do Olimpo, Zeus fez chover gotas de ambrosia sobre o corpo do neto de Éaco e, em homenagem à deusa filha de Nereu, enviou Hermes a Éolo, para que convocasse

[700] a força sagrada dos ventos velozes, pois chegara a hora de consumir o cadáver do neto de Éaco. Assim que Hermes chegou, Éolo cumpriu a ordem: convocou o tempestuoso Bóreas e a violenta rajada de Zéfiro e enviou-os depressa para Troia.

[705] Atravessaram o mar com força prodigiosa. Enquanto avançavam, rugiam ao redor o mar e a terra; acima deles, todas as nuvens eram revolvidas pela vastidão do céu. Por ordem de Zeus, ambos os ventos desceram juntos

[710] sobre a pira do guerreiro Aquiles. Ergueu-se o sopro furioso do deus do fogo, enquanto dos mirmidões subia incessante lamento. Movendo-se com a força da tempestade, os ventos agitaram-se dia e noite ao redor do corpo, queimando-o com seu hálito contínuo. Uma massa de fumaça

[715] subiu aos céus sagrados. A montanha de madeira gemeu enquanto o fogo tudo devorava e reduzia a cinza negra. Concluída a grande tarefa dos ventos incansáveis, ambos regressaram com as nuvens às próprias cavernas. O enorme senhor dos mirmidões foi consumido pelo fogo

[720] mais lentamente que os cavalos, os homens e todos os tesouros lançados em torno do cadáver pelos aqueus, que, derramando lágrimas, os haviam depositado sobre o poderoso corpo. Depois extinguiram o fogo com vinho. Seus ossos destacavam-se claramente, diferentes dos demais,

[725] como os de um Gigante invencível. Nenhum dos demais se misturara aos ossos de Aquiles, pois o gado, os cavalos, os filhos

de Troia e tudo quanto fora imolado jaziam em torno do cadáver, um pouco afastados. Ele, no centro, consumido pelo assalto do deus do fogo, permanecera isolado.

[730] Um círculo de companheiros aflitos reuniu-lhe os ossos numa urna ampla e resistente, feita de prata e inteiramente adornada com ouro brilhante. As filhas de Nereu banharam-nos em unguentos e ambrosia, honra especial concedida a Aquiles,

[735] e envolveram-nos em gordura de bois e mel aquecido, para que fossem sepultados juntos. A mãe forneceu a urna, presente outrora recebido de Dionísio e obra esplêndida do hábil Hefesto, na qual depositaram os ossos do valente Aquiles. Sobre ela

[740] os argivos ergueram enorme túmulo, na extremidade de um promontório junto às profundezas do Helesponto, enquanto lamentavam o heroico rei dos mirmidões. Nem sequer os cavalos imortais do destemido neto de Éaco permaneceram sem lágrimas junto aos navios. Também eles

[745] choravam pela morte do rei. Já não queriam conviver com homens infelizes nem com cavalos argivos, tão carregados estavam de dor; desejavam voar para longe das tristezas humanas, sobre a corrente do Oceano e as cavernas de Tétis,

[750] até o lugar onde a divina Podarge os gerara outrora, veloz parelha concebida no abraço de Zéfiro, o vento de voz sonora. Teriam realizado imediatamente o desejo do coração, se a vontade dos deuses não os obrigasse a esperar até que o valoroso filho de Aquiles viesse de Ciros,

[755] a fim de recebê-lo quando chegasse ao acampamento. Tal destino lhes haviam fiado, embora imortais, as Moiras, filhas do sagrado Caos, quando nasceram: serviriam primeiro a Posêidon, depois ao valente Peleu, em seguida a Aquiles, guerreiro incansável,

[760] e, como quarto senhor, ao nobre Neoptólemo, a quem depois, por ordem de Zeus, conduziriam à Planície Elísia, terra dos bem-aventurados. Assim, embora o coração lhes fosse atormentado por amarga angústia, permaneceram junto aos navios, chorando o antigo senhor e desejando contemplar o novo.

[765] Então, deixando para trás as ondas pesadas das profundezas fragorosas, o deus do mar, que fazia tremer a terra, alcançou a costa sem ser visto pelos homens. Ele ficou entre as filhas

imortais de Nereu e falou com Tétis, que ainda estava de luto por Aquiles:

[770] "Cessa o lamento interminável por teu filho. Ele não habitará entre os mortos, mas entre os deuses, como o nobre Dionísio e o poderoso Héracles. Nem a temível Moira o reterá para sempre nas trevas, nem Hades o guardará; em breve ascenderá à luz de Zeus.

[775] Eu lhe darei uma ilha sagrada no Mar Euxino, onde teu filho será deus para sempre. As tribos que vivem ao redor o glorificarão e, com sacrifícios agradáveis, o honrarão não menos que a mim. Cessa, pois, o pranto

[780] e não firas teu coração com a tristeza." Depois de consolar Tétis, passou sobre o mar, leve como uma brisa. O ânimo no peito da deusa encontrou algum alívio, e o deus cumpriu depois a promessa. Os argivos enlutados afastaram-se dali e regressaram

[785] aos navios que os haviam trazido da Grécia. As Musas retornaram ao Hélicon, e as filhas de Nereu mergulharam no mar, ainda gemendo pelo bondoso filho de Peleu.

LIVRO IV

Concluídos os funerais de Aquiles, Tétis retorna do mar para celebrar jogos em honra do filho. Nestor louva o herói morto, e os principais aqueus disputam corridas, luta, pugilato, arco, lançamentos e provas equestres. Ao final, Tétis distribui ricos prêmios a todos os competidores, enquanto Odisseu, impedido por um ferimento, sofre por não participar.

[1] Tampouco o poderoso filho do guerreiro Hipóloco foi esquecido pelos troianos enlutados. Perto deles, diante da Porta Dardânia, o glorioso herói fora colocado sobre a pira funerária. O próprio Apolo

[5] retirou-o velozmente do fogo ardente e entregou-o aos Ventos, para que o conduzissem à terra da Lícia. Depressa o levaram ao aprazível vale de Telandro e sobre ele colocaram uma pedra inabalável. Ali as ninfas fizeram brotar uma corrente de água sagrada,

[10] rio que jamais seca, que ainda as tribos dos homens chamam de Glauco de bela corrente. Isto foi levado a efeito pelos deuses imortais para homenagear o rei dos lícios. Enquanto isso, os argivos ainda lamentavam o valente Aquiles ao lado de seus velozes navios, pois todos eles estavam aflitos

[15] por amarga dor e tristeza, sentindo-lhe a falta como se fosse filho de cada um. Em todo aquele exército, ninguém permaneceu sem lágrimas. Os troianos, contudo, ficaram imensamente alegres ao verem a tristeza dos inimigos e o fogo que consumiu Aquiles. E trocaram entre si estas palavras exultantes:

[20] "Agora o filho de Cronos enviou-nos do Olimpo inesperada alegria, ver com nossos olhos ansiosos Aquiles caído aqui em Troia. Acredito que, com ele caído, o glorioso povo de Troia

terá descanso do derramamento de sangue mortal e da batalha assassina.

[25] Incessante destruição causou a lança furiosa em suas mãos, salpicada de sangue horrível. Nenhum de nós jamais ousou enfrentá-lo e tornar a ver a aurora. Creio que os poderosos filhos da Acaia fugirão em seus navios de belas proas, agora que Aquiles foi morto.

[30] Quem dera o poderoso Heitor ainda estivesse vivo, para acabar de uma só vez com todos os argivos em suas próprias cabanas!" Assim manifestou um troiano sua exultante alegria; mas outro lhe respondeu com prudência: "Pensas que o funesto exército dos dânaos logo voltará para casa,

[35] fugindo em seus navios através do mar enevoado? Mas o ardor guerreiro deles é forte demais para que eles se assustem. Eles ainda têm outros homens valentes e poderosos, o filho de Tideu, o poderoso Ájax e os filhos de Atreu. Ainda os temo, apesar da morte de Aquiles.

[40] Quem dera Apolo os matasse com seu arco prateado! Então o dia de descanso da guerra e da terrível destruição verdadeiramente chegaria até nós em resposta às nossas orações." Enquanto assim falavam, um gemido subiu ao céu entre os deuses que apoiaram os robustos dânaos.

[45] Eles cobriram suas cabeças sob uma massa de nuvens por tristeza do coração. Mas os que estavam do outro lado ficaram contentes, na esperança de conceder aos troianos aquilo que o coração desejava. Neste ponto a gloriosa Hera falou ao filho de Cronos: "Zeus, pai do relâmpago, por que favoreces os troianos,

[50] esquecendo a donzela de belas tranças que outrora concedeste ao divino Peleu para ser sua querida esposa nos vales de Pélion? Tu mesmo tornaste divinas as núpcias, e todos nós, imortais, participamos naquele dia do banquete e oferecemos muitos dons de beleza inigualável.

[55] Esqueceste disso ao planejar uma tristeza dolorosa para a Grécia." Zeus incansável não respondeu a essas palavras dela. Ali permaneceu sentado com dor no coração e muitos pensamentos na mente: A cidade de Príamo seria em breve destruída pelos argivos, mas para eles planejava desastres.

[60] tanto na guerra amarga quanto no mar ressoante. Ele estava pensando então no que iria realizar mais tarde. Quando a luz do dia mergulhou nas profundezas da corrente do Oceano, a treva infinita avançava pela terra escura, o tempo em que os mortais desfrutam de algum alívio das fadigas.

[65] Os argivos cearam ao lado de seus navios, apesar da tristeza. Tais são as exigências do ventre que ninguém consegue afastar as cruéis dores da fome, uma vez que invadem o peito. Logo nossos membros ágeis tornam-se pesados e não há cura além de satisfazer as necessidades do estômago.

[70] Por isso eles comeram a refeição, apesar da dor por Aquiles; todos foram compelidos por uma extrema necessidade. Assim que comeram, um doce sono veio sobre eles, libertando-lhes os membros do sofrimento e restaurando suas forças. As cabeças da Ursa apontavam para o leste,

[75] aguardando a rápida luz do sol. Então Aurora despertou e, com ela, despertou o exército dos valentes argivos, meditando a morte e destruição dos troianos. Eles se moviam como se move o ilimitado mar de Ícaro, ou como um campo de grãos altos e maduros ao se aproximar

[80] da poderosa rajada do vento oeste que reúne nuvens. Tal foi o movimento do exército ao lado do Helesponto. Então o filho de Tideu falou àqueles corações ávidos: "Amigos, se de fato somos perseverantes na guerra, agora mais do que nunca devemos lutar contra o nosso odiado inimigo,

[85] para que não recobrem coragem agora que Aquiles não existe mais. Portanto, revestidos de nossas armas, com os nossos cavalos e carros, cerquemos a sua cidade; nosso esforço nos trará glória." A essas palavras respondeu o poderoso Ájax: "Filho de Tideu, tuas palavras são nobres, longe de serem fúteis,

[90] ao incitares estes dânaos, tão ávidos do combate corpo a corpo, contra os guerreiros troianos. Devemos, porém, esperar ao lado dos nossos navios que a deusa Tétis venha do mar. Ela decidira realizar jogos esplêndidos ao redor do túmulo de seu filho.

[95] Assim me disse ontem, quando partiu para as profundezas do mar, longe dos demais dânaos. Espero que ela esteja perto, e deve aproximar-se depressa. Os troianos, mesmo com o filho de Peleu

morto, não serão demasiado audazes enquanto eu estiver vivo, nem enquanto viveres tu e o incomparável filho de Atreu, nosso senhor."

[100] Assim falou o nobre filho de Télamon, sem saber que, após os jogos, a Moira lhe preparava um destino doloroso e cruel. O filho de Tideu respondeu-lhe: "Amigo, se Tétis realmente vier hoje para realizar jogos esplêndidos ao redor do túmulo de seu filho,

[105] Permaneçamos junto aos navios e mantenhamos aqui os demais. Convém seguir a vontade dos deuses abençoados. Em qualquer caso, mesmo sem o desejo dos imortais, nós mesmos devemos procurar prestar honras a Aquiles." Essas foram as palavras do filho de Tideu, o guerreiro corajoso.

[110] Então a esposa de Peleu saiu do mar, erguendo-se como brisa ao amanhecer. Imediatamente aproximou-se da multidão de homens argivos que aguardava com expectativa, alguns deles para competir nas inúmeras competições e outros para assistir aos competidores.

[115] Diante da assembleia, Tétis, com seu véu azul-escuro, depositou os prêmios que trouxera. Ela instou os aqueus a iniciarem logo as competições e eles obedeceram à deusa. Primeiro o filho de Neleu levantou-se no meio deles, não por desejar competir no pugilato

[120] ou na luta fatigante, porque há muito tempo seus membros e articulações estavam debilitados pela penosa velhice. Mas o espírito e a mente permaneciam-lhe firmes e sãos no peito. Nenhum outro aqueu poderia competir com ele quando se tratava de discursos em uma assembleia.

[125] Até o ilustre filho de Laertes cedeu a ele na oratória da assembleia, assim como o mais régio de todos os argivos, Agamêmnon da lança de freixo. Portanto, no meio deles, ele entoou louvores à graciosa filha de Nereu e disse como superava as outras ninfas do mar

[130] em sabedoria e beleza. Ela o escutou com prazer. Então ele contou sobre as belas núpcias dela com Peleu, que foram celebradas por todos os imortais abençoados juntos nas alturas do Pélion, e como na festa os deuses partilharam o banquete imortal, quando o alimento dos deuses

[135] era trazido pelas mãos imortais das velozes Horas e acumulado em cestos de ouro; Têmis, jubilosa, apressava-se a dispor as mesas de prata, enquanto Hefesto acendia a chama pura e, ao redor, as ninfas misturavam ambrosia em taças de ouro;

[140] e então uma graciosa dança foi iniciada pelas Graças e música pelas Musas, para o deleite das montanhas e dos rios e das feras e para alegria do céu eterno, da adorável caverna de Quíron e dos próprios deuses. Tudo isso o nobre filho de Neleu contou

[145] aos atentos argivos, que ouviram com alegria. Em seguida, ele celebrou os feitos imortais do incomparável Aquiles no meio da assembleia, e todo o exército bradou de alegria. Ele exaltou o glorioso herói com palavras apropriadamente escolhidas, começando assim:

[150] como ele saqueou doze cidades nas ilhas e onze em terra firme; como ele feriu Télefo e o poderoso herói Eécion na terra de Tebas; como ele matou Cicno, filho de Poseidon, com sua lança, e o divino Polidoro,

[155] o belo Troilo e o inigualável Asteropeu; como de sangue tingiu completamente a corrente do rio Xanto e cobriu com incontáveis cadáveres toda a corrente murmurante, quando arrebatou a vida dos membros de Licáon ao lado do rio sonoro;

[160] como ele derrotou Heitor e matou Pentesileia e o glorioso filho de Aurora que está entronizado em esplendor. Assim ele cantou aos argivos uma história que bem conheciam; e quão grande era Aquiles; como ninguém era forte o suficiente para enfrentá-lo, seja nos jogos

[165] entre os jovens que competem pela velocidade dos pés, nas corridas de bigas ou na luta corpo a corpo; quanto ele superou em beleza todos os dânaos; quão ilimitado era seu valor quando a guerra estava em andamento. Então ele implorou aos deuses que lhe permitissem ver o filho,

[170] semelhante a ele, chegando da ilha de Ciros, cercada pelo mar. Os argivos aplaudiram então cada palavra de Nestor, assim como Tétis, de pés prateados, e Tétis deu-lhe os corcéis de pés ligeiros que Aquiles da lança de freixo outrora recebera de Télefo, junto ao rio Caico,

[175] quando a ferida que o torturou foi curada pela mesma lança com a qual o próprio Aquiles o atingiu em batalha, cravando a pesada ponta da lança em sua coxa. Nestor, filho de Neleu, entregou-os aos seus companheiros, que os conduziram aos seus navios com louvores

[180] ao seu divino rei. Então, no meio da reunião, Tétis apresentou dez vacas como prêmios para a corrida, todas com robustos bezerros mamando-lhes os úberes. Estes, o filho de Peleu, incansável e ousado em sua força, arrebanhara do Ida, conquistando-as com sua enorme lança.

[185] Para disputá-las, levantaram-se dois homens desejosos da vitória: primeiro Teucro, filho de Télamon, e depois Ájax, filho de Oileu, campeão dos arqueiros lócrios. Rapidamente cingiram os lombos com tangas, para se cobrirem de maneira decente,

[190] em respeito à esposa do poderoso Peleu e às outras filhas de Nereu que vieram com ela de sua casa no mar para assistir às competições de força dos argivos. A meta da corrida foi indicada para eles pelo filho de Atreu, comandante-chefe dos argivos.

[195] Amigável rivalidade os estimulou e desde o início eles partiram com toda a velocidade de dois falcões. A corrida foi equilibrada e de ambos os lados as tropas espectadoras aplaudiram uns por um, outros pelo outro. Mas no momento em que os ansiosos corredores se aproximaram da meta,

[200] os membros poderosos de Teucro foram detidos, ao que parece, pelos deuses, pois algum deus ou funesto acaso o lançou no ramo traiçoeiro de uma tamargueira profundamente enraizada. Enredado, ele caiu no chão e dolorosamente o pé esquerdo foi torcido para trás; em ambos os lados

[205] os tendões inchados se destacaram. Um grito surgiu entre os argivos quando Ájax ultrapassou-o e disparou exultante, e seus partidários vieram correndo, os lócrios, todos tomados por uma alegria repentina. Eles levaram as vacas para seus navios para ali as apascentarem.

[210] Enquanto isso, os companheiros de Teucro depressa o socorreram e o levaram mancando para longe. Os médicos não perderam tempo em extrair o sangue do pé e cobri-lo com lã macia embebida em pomadas. Então eles ataram cuidadosamente uma

bandagem e afastaram a dor cruel.

[215] Enquanto isso, outros rapidamente voltaram seus pensamentos para a violenta luta, dois homens corajosos, o filho do cavaleiro Tideu e o poderoso Ájax. Eles caminharam até o centro, e o espanto dominou os argivos ao ver que ambos eram semelhantes aos deuses abençoados.

[220] Eles se enfrentaram como feras selvagens nas montanhas lutando por um cervo quando estavam famintos por comida; a força de ambos era igualmente equilibrada; nenhum era inferior em seus poderes mortais. Tão equilibrado era o poder daqueles dois. Finalmente Ájax

[225] agarrou o filho de Tideu com seus braços poderosos, tentando dobrá-lo. Mas ele, com habilidade e força, deslizou-lhe pelo flanco e de repente ergueu o enorme filho de Télamon, metendo o ombro sob o bíceps do outro. Então, atingindo-lhe a coxa com o pé na outra direção

[230] lançou aquele homem enorme no chão e caiu sobre ele. Ergueu-se grande clamor. Mas então, com raiva no coração, o corajoso Ájax levantou-se pela segunda vez, ansioso por um novo combate. Com suas mãos terríveis depressa cobriu-se de poeira e com raiva

[235] chamou o filho de Tideu para o centro. Imperturbável, o outro correu para enfrentá-lo. Sob os pés de ambos levantou-se uma nuvem de poeira. Investiram de ambos os lados como dois touros destemidos, que nas montanhas se encontram numa prova de força e coragem,

[240] levantando poeira com os pés; as colinas ao redor ecoam ao mugido daquelas feras, que com fúria incontrolável opõem a força maciça de suas cabeças sólidas, esforçando-se longamente umas contra as outras; ofegantes devido ao seu esforço, eles prosseguem a luta impiedosa,

[245] enquanto torrentes de espuma de suas bocas escorrem para o chão. Assim, aqueles dois esforçaram-se ferozmente com seus braços poderosos. As costas e os pescoços musculosos de ambos os homens estalavam sob o aperto de suas mãos, como árvores da montanha quando batem seus galhos espalhados uns contra os outros.

[250] Repetidamente sob as coxas robustas do grande Ájax o filho de Tideu meteu as mãos poderosas, mas não conseguiu deslocá-lo para trás por causa da firmeza de sua postura. Ájax, atacando de cima sacudia o outro pelos ombros, tentando prendê-lo no chão.

[255] Eles lutaram para variar continuamente o modo como usavam as mãos. Os guerreiros de todos os lados gritavam alto enquanto assistiam, uns encorajando o glorioso filho de Tideu, outros Ájax. Ájax sacudiu o forte adversário em ambos os sentidos pelos ombros, agarrou-o pela cintura

[260] e de repente jogou-o no chão como pedra com todas as suas forças. O solo de Troia ressoou ruidosamente na queda do filho de Tideu e o exército aplaudiu. Ainda assim, ele saltou ansioso para enfrentar o enorme Ájax pela terceira vez. Mas então Nestor

[265] ficou entre eles e dirigiu-se a ambos: "Chega, meus esplêndidos filhos, desta luta violenta. Todos sabemos o quanto ambos superam todos os outros argivos, agora que o grande Aquiles está morto." Com essas palavras, cessaram o esforço e das sobrancelhas

[270] enxugaram o suor copioso que ainda escorria. Eles se beijaram e encerraram a disputa em amizade. A eles quatro mulheres cativas foram dadas pela deusa senhora Tétis. Sua visão encheu de admiração aqueles dois heróis fortes e destemidos, pois, dentre todas

[275] as mulheres cativas eram excelentes em prudência e habilidades, exceto Briseida, de lindas tranças. Aquiles as capturara outrora em Lesbos e alegrava-se com elas. Uma preparava as refeições; outra servia o vinho com mel para quem jantava;

[280] a terceira lavava as mãos com água após a refeição; a quarta sempre retirava as mesas da festa. Estas, então, foram repartidas entre o poderoso filho de Tideu e o poderoso Ájax e enviadas para seus navios de proa justa. Para competir no pugilato o forte Idomeneu se levantou.

[285] Ele se apresentou porque dominava a perícia de cada competição. Mas ninguém se apresentou para enfrentá-lo, pois todos cederam por reverência à sua idade. Para ele, então, Tétis, no meio deles, apresentou a carruagem e os cavalos de pés velozes que outrora o grande e poderoso Pátroclo

[290] arrebatara dos troianos após matar Sarpédon. Idomeneu os entregou ao seu escudeiro para conduzir aos navios, permanecendo ele mesmo na arena gloriosa. Fênix então se dirigiu aos poderosos homens de Argos: “Desta vez os deuses concederam a Idomeneus

[295] um prêmio esplêndido sem esforço das mãos e ombros, sem uma gota de sangue, para homenagear um homem mais velho. Mas os demais, homens mais jovens, deveis realizar uma competição, opondo uns aos outros as mãos que têm a habilidade do boxe, a fim de alegrar o coração do filho de Peleu.

[300] Quando ouviram suas palavras, eles se entreolharam, mas todos recusaram a disputa, ficando calados. Foi então necessária esta censura do nobre filho de Neleu: “Meus amigos, não convém que homens habilidosos na guerra evitem uma luta amistosa de boxe, que para um jovem

[305] é fonte de prazer, trazendo fama pelo esforço. Quem dera que meus membros ainda mantivessem a força que tinham quando celebramos os jogos fúnebres do divino Pelias, quando eu e meu primo Acasto nos empenhamos para esse fim. Então eu era páreo para o glorioso Polideuces

[310] no boxe, nós dois recebemos prêmios iguais. Na luta livre, até o mais forte de todos, Anceu, recuou assombrado diante de mim. Ele não se atreveu a competir comigo pela vitória, porque em uma época anterior, entre os combatentes epeus,

[315] eu o venci apesar de sua destreza. Suas costas tocaram o pó ao lado do túmulo de Amarinceu, e ao seu redor muitos homens admiraram o poder e a força que eu tinha. Por isso ele já não ergueu as mãos contra mim, apesar de toda a sua força, e eu peguei o prêmio sem me cobrir de pó.

[320] Mas agora a velhice penosa me assola. Por isso peço que aqueles que estão ainda vigorosos se esforcem com todas as suas forças por prêmios. É glorioso para um jovem levar o prêmio de um concurso.” À exortação do velho Nestor, levantou-se o audaz Epeu, filho do orgulhoso e divino Panopeu,

[325] que construiu o cavalo que foi a ruína da cidade de Príamo, mais tarde. Ninguém teve coragem de abordá-lo para uma luta de boxe, embora não fosse perito no combate mortal de Ares.

Sem derramar suor, o grande Epeu teria então

[330] levado um esplêndido prêmio aos navios dos gregos se o filho do nobre Teseu não tivesse vindo ao seu encontro, o lanceiro Acamante, com a força a crescer em seu peito. Em suas mãos ágeis ele usava as correias de couro que Agelaos, filho de Evenor, habilmente

[335] atou em torno delas enquanto encorajava seu rei. Da mesma forma, os camaradas do filho de Panopeu incitaram seu príncipe Epeu. Ele, como um leão no meio deles, ficou ali usando nas mãos os couros endurecidos de um boi morto. De ambos os lados um grande grito surgiu

[340] dos soldados, que encorajavam aqueles homens poderosos a tingir suas mãos incansáveis com sangue. Por vontade própria, com muita impaciência, permaneceram na estreita arena, ambos experimentando os braços, para ver se se moviam tão rapidamente quanto antes e se não estavam pesados pela guerra.

[345] Num piscar de olhos, eles levantaram as mãos um contra o outro. Constantemente observando e movendo-se na ponta dos pés, eles continuaram movendo ora um joelho bem na frente do outro, e assim por um tempo eles se esquivaram da poderosa força um do outro. Contudo, chocaram-se como duas nuvens velozes

[350] que se precipitam uma contra a outra sob a força dos ventos e emitem relâmpagos; todo o céu está perturbado pelo barulho das nuvens e pelo rugido dos ventos. Tal era o impacto dos couros endurecidos sobre os maxilares. Sangue copioso escorreu e se misturou com o suor

[355] que escorria de suas sobrancelhas para avermelhar a flor das faces. O esforço de ambos foi implacável e Epeu não parava de atacar com toda a sua força furiosa. Mas o filho de Teseu combateu com astúcia na luta e muitas vezes fez com que o punho poderoso do outro atingisse apenas

[360] o ar. Então, avançando com destreza com ambas as mãos, ele saltou e desferiu um golpe na testa que lhe abriu a pele até o osso, o que fez o sangue escorrer de seu olho. Mas mesmo assim Epeu com a mão pesada desferiu um golpe na têmpora de Acamante que o fez cair no chão.

[365] Acamante levantou-se num instante, saltou sobre seu poderoso inimigo e bateu-lhe na cabeça. Mas quando ele atacou novamente, esquivando-se com um salto, Epeu acertou a esquerda na testa e a direita no nariz. Ainda assim, o outro empregou toda a destreza das mãos. Mas então os aqueus

[370] separaram-nos, embora quisessem combater pela desejada vitória. Rapidamente seus auxiliares desamarraram as peles ensanguentadas de suas mãos robustas, enquanto recuperavam o fôlego um pouco depois do trabalho, e banhavam suas sobrancelhas com esponjas porosas.

[375] seus camaradas e amigos usaram palavras suaves para reconciliá-los mais uma vez, para que a amarga ira fosse rapidamente esquecida e a amizade restaurada. Seguiram os conselhos dos seus companheiros; o espírito dos sábios está sempre inclinado à gentileza.

[380] Eles se beijaram e sua dolorosa rivalidade foi completamente esquecida. Então Tétis, em seu véu azul-escuro, presenteou os agradecidos boxeadores com taças de prata, um par, que o poderoso filho de Jasão, Êuneo, deu como resgate do robusto Licáon.

[385] para o divino Aquiles na ilha de Lemnos cercada pelo mar. Eles foram feitos por Hefesto para o glorioso Dionísio, como presente quando ele trouxe sua nobre esposa ao Olimpo, a famosa filha de Minos, que havia sido abandonada por Teseu, contra a vontade dela, na ilha de Dia, cercada pelo mar.

[390] Então o nobre Dionísio deu-os cheios de néctar a Toas, seu filho, que os passou a Hipsípile com muitos outros bens; ela os deixou para seu filho, que os deu a Aquiles em pagamento por Licáon. Uma foi levada pelo filho do glorioso Teseu;

[395] A outra foi despachada para seus navios pelo nobre Epeu jubilosamente. Rapidamente todas as feridas causadas pelos golpes foram cuidadosamente atendidas por Podalírio. Primeiro extraiu-lhes os humores por sucção, depois os suturou com mãos hábeis e sobre eles espalhou os unguentos

[400] que outrora lhe foram confiados pelo seu pai. Por sua ação rápida, até mesmo feridas incuráveis são curadas num único dia, e todo o sofrimento desaparece. E assim, nos rostos daqueles homens

e sob os cabelos de suas cabeças, os ferimentos foram rapidamente curados e a dor amenizada.

[405] Para a competição de tiro com arco Teucro e o filho de Oileu se levantaram, que antes haviam competido na corrida. Longe deles, Agamêmnon da lança de freixo colocou um capacete com crista de crina de cavalo, dizendo-lhes: "Vencerá aquele que cortar a crina com seu bronze".

[410] Ájax não demorou, mas atirou sua flecha primeiro, acertando o capacete e fazendo o bronze ressoar agudamente. Então Teucro, cheio de ardor, disparou o segundo tiro e prontamente cortou as crinas com sua ponta afiada. Os guerreiros aplaudiram ruidosamente diante da visão,

[415] dando-lhe os maiores elogios, porque a dor em seu pé veloz ainda o afligia, mas não prejudicava em nada a pontaria com a flecha veloz. A esposa de Peleu apresentou-lhe a bela armadura do divino Troilo, o mais belo dos filhos ainda solteiros.

[420] de Hécuba na sagrada Troia, mas a beleza de nada lhe valeu, porque a força mortal da lança de Aquiles roubou-lhe a vida. Como num jardim orvalhado, fresco e florescente, crescendo fortemente perto da margem de um canal de água,

[425] uma papoula ou espiga antes de amadurecer é cortada por uma foice recém-afiada e não alcança o pleno desenvolvimento nem chega a produzir semente, ceifada pelo bronze reluzente, ainda vazia e sem sementes, quando estava pronta para crescer com o orvalho da primavera.

[430] Assim era o filho de Príamo em sua beleza divina quando morto pelo filho de Peleu, ainda imberbe e ainda sem esposa, quase uma criança em sua juventude. Ele foi arrastado pelo Destino para uma guerra destrutiva. No limiar das alegrias da juventude, na época em que os homens

[435] estão cheios de ousadia e o coração não lhes falta. Imediatamente depois, homens com braços ágeis esforçaram-se por atirar enorme e pesada barra de ferro. Mas por causa do peso, nenhum dos argivos conseguia lançá-la. O único que o conseguiu foi o firme lutador Ájax

[440] com seu braço poderoso, como se fosse apenas um ramo de um carvalho agreste seco no calor do verão, a estação em que

todas as colheitas da terra estão ressequidas. Todos ficaram surpresos ao ver quão longe de sua mão havia voado aquele bronze que dois outros homens mal conseguiriam erguer.

[445] O outrora poderoso Anteu costumava lançá-la facilmente de sua mão para testar sua força, antes de ser destruído pelas mãos poderosas de Héracles. O nobre Héracles levou-a com muitos outros despojos para conservá-la como troféu de suas mãos incansáveis, mas depois

[450] deu-a de presente ao nobre filho de Éaco, quando juntos saquearam a famosa cidade murada de Ílion. Este a deu ao filho, que o trouxe consigo em seus velozes navios para Troia, para recordar-lhe o pai e fazê-lo lutar contra os valentes troianos.

[455] com maior zelo, e como exercício para testar sua força. Essa foi a barra que Ájax lançou tão longe de sua mão poderosa. Então a filha de Nereu presenteou-o com as famosas armas de Mêmnon, o herói divino, muito admiradas pelos outros argivos por seu tamanho extraordinário.

[460] O glorioso guerreiro alegrou-se ao recebê-las; ele era o único cujos membros robustos nelas cabiam quando as vestia sobre o corpo maciço. Ele também tomou o poderoso pedaço de metal para deleitar-se sempre que desejasse exercitar sua força.

[465] Então muitos guerreiros se levantaram e competiram no salto. Agapenor da lança de freixo superou de longe os rivais e ergueram-se aplausos pelo salto longo do homem. Recebeu a bela armadura do poderoso Cicno de Tétis. Depois de matar Protesilau, Cicno

[470] tirou a vida de muitos antes de ser morto por Aquiles. A morte daquele primeiro campeão mergulhara os troianos em tristeza. Aqueles que disputaram o lançamento de dardo em seguida foram superados por Eurípalo. Os guerreiros gritaram, declarando que nem flecha emplumada poderia superar seu lançamento.

[475] Portanto, como prêmio ele recebeu uma taça ampla da mãe do neto guerreiro de Éaco. Feito de prata, foi adquirido por Aquiles após traspassar Minas durante o saque da rica cidade de Lirnesso. Depois, o corajoso Ájax, ansioso por lutar

[480] com punhos e pés, levantou-se e desafiou na arena o guerreiro mais valente. Mas a visão daquele poderoso herói

encheu-os de admiração. Ninguém se atreveu a enfrentá-lo; o ânimo de todos foi quebrado pelo terrível medo que sentiam de que quem fosse atingido pelas mãos invencíveis de Ájax

[485] teria depressa o rosto desfigurado sob os golpes, funesto destino para aquele homem. Todos, por fim, indicaram o resoluto Eurílalo, conhecendo sua habilidade no boxe. Ele, porém, no meio deles, confessou o temor daquele campeão espirituoso com estas palavras:

[490] "Camaradas, qualquer outro aqueu que escolherdes, ousarei enfrentar, mas do poderoso Ájax me assombro. Ele é muito superior e tirará a vida que há em mim se me atacar furioso. Suponho que não escaparia ileso para os navios daquele homem invencível.

[495] Suas palavras provocaram o riso e deleitaram o corajoso Ájax, que recebeu dois talentos de prata reluzente, apresentados a ele por Tétis como um prêmio sem disputa. A visão de Ájax recordou-lhe o filho e encheu seu coração de tristeza.

[500] Em seguida levantaram-se, impelidos pela competição, os que amavam conduzir cavalos: Menelau, o audaz Eurípilo, Eumelo, Toas e o divino Polipetes. Eles atrelaram os cavalos às carruagens,

[505] todos ávidos pela alegria da vitória. Montando rapidamente em suas carruagens, eles lançaram sortes sobre a areia e se posicionaram na linha de partida. Depressa, eles agarraram as rédeas com suas mãos poderosas. Os cavalos atrelados às carruagens estavam impacientes

[510] para avançar. Eles moveram os pés sem efeito, ergueram as orelhas e encharcaram as testeiras com espuma. Num piscar de olhos, os condutores deram uma chicotada nos cavalos de pés ligeiros. Eles avançaram com toda a velocidade das Harpias, esticando-se furiosamente contra as correias dos arreios.

[515] e puxando as bigas tão depressa que pareciam erguer-se do chão. Não se viam rastros de carruagens nem pegadas no chão; tão grande foi a velocidade com que os cavalos galoparam. Uma nuvem de poeira subiu da planície para o céu. Parecia fumaça ou névoa que se espalhava pelos picos

[520] das montanhas pela força do vento sul ou pela força do vento oeste, quando uma tempestade está se agitando e as colinas

estão encharcadas de chuva. Os cavalos de Eumelos saltaram à frente, seguidos pelos do divino Toas. Uns aplaudiam uma quadriga, outros a rival, enquanto ambas aceleravam pela planície.

[526] [...] "Da gloriosa Élida, depois de realizar o grande feito de vencer a veloz carruagem do perverso Enômao, cruel causador da morte dos jovens que buscavam a mão de sua filha, a prudente Hipodamia.

[530] Nem mesmo ele, embora exímio condutor, tinha cavalos de pés velozes iguais a estes; os seus eram muito inferiores, pois estes podem competir com os ventos." Este altivo louvor aos cavalos e a si mesmo encheu de intensa alegria o coração do filho de Atreu.

[535] Seus cavalariços então se apressaram para libertar seus cavalos ofegantes de seus arreios. Da mesma forma, foram libertadas as velozes parelhas de todos os que haviam competido na corrida de bigas. O divino Toas e o resoluto Eurípilo ficaram gravemente feridos; Podalírio tratou rapidamente todas as lesões que

[540] sofreram quando foram dilacerados ao cair de suas carruagens. A alegria do filho de Atreu por sua vitória não teve limites quando a bela Tétis o presenteou com uma bela taça de ouro, o bem precioso do divino Eécion, antes que sua famosa cidade de Tebas fosse saqueada por Aquiles.

[545] Em outro lugar, outros prepararam os cavalos de sela e os conduziram para a pista de corrida. Tomando chicotes de couro de boi nas mãos, todos pularam em seus cavalos e esperaram. Os cavalos morderam os freios com suas bocas espumantes e batiam o chão com as patas, ansiosos

[550] para partir. Num piscar de olhos a corrida começou, e desde o início eles galoparam a toda velocidade em competição acirrada, como as rajadas do vento norte quando sopra com força total ou do rugidor vento sul quando agita o mar com rajadas tempestuosas, no momento em que as nefastas estrelas do Altar

[555] aparecem como um sinal de problemas e lágrimas para os marinheiros. Tamanha era a velocidade deles quando ergueram com seus pés galopantes uma poderosa massa de poeira através da planície. Os cavaleiros gritavam cada um para seu cavalo, com uma mão chovendo chicotadas do chicote e com a outra sacudindo constantemente

[560] a rédea que tilintava ruidosamente em torno das mandíbulas do cavalo. À medida que os cavalos aceleravam, uma forte aclamação veio da multidão e eles voaram pela planície plana. Muito em breve o ágil cavalo que veio de Argos, montado por Estenelos, teria vencido com larga vantagem

[565] se não tivesse sido desviado do curso, para a planície, repetidamente. Pois o filho de Capaneu, apesar de sua habilidade, não teve força para fazê-lo girar, porque o cavalo não estava habituado às corridas. Não era, contudo, de origem obscura: tinha o sangue nobre do veloz Árion, a quem uma Harpia

[570] concebera de Zéfiro de voz sonora como o melhor dos cavalos de longe, pois a velocidade de seus pés poderia igualar as rajadas mais rápidas de seu pai. Os deuses abençoados então deram-no a Adrasto. Dessa linhagem era o cavalo de Estenelos, que o filho de Tideu dera ao companheiro

[575] na sagrada Troia. Então, confiante na velocidade daquele cavalo, ele participou da corrida de cavalos naqueles jogos, esperando conquistar entre os melhores grande glória por sua equitação. E ainda assim nenhuma alegria de coração recompensou seu trabalho nos jogos de Aquiles, pois ele apenas terminou

[580] em segundo lugar, apesar da velocidade; o filho de Atreu ultrapassou-o usando sua habilidade. Agamêmnon ganhou elogios do povo, e também louvaram o corajoso cavalo de Estenelos, bem como o seu cavaleiro, porque ficara em segundo lugar, apesar dos frequentes desvios para longe da meta, num excesso de força e velocidade.

[585] Então o filho de Atreu se alegrou ao receber de Tétis a couraça argêntea do descendente de um deus Polidoro. O prêmio de Estenelos foi o sólido capacete de bronze de Asteropeu, seu par de lanças e seu cinturão armado. Aos demais cavaleiros e a todos que naquele dia

[590] vieram competir nos jogos junto ao túmulo de Aquiles, Tétis ofereceu presentes. Tudo isso foi muito aflitivo para o filho do bravo Laertes, pois, embora desejasse lutar pela vitória, ele foi impedido das provas de força por causa de ferida dolorosa que recebeu do robusto Álcon

[595] ao lutar pelo corpo do poderoso neto de Éaco.

LIVRO V

Terminados os jogos fúnebres, Tétis oferece as armas de Aquiles ao guerreiro que mais se distinguiu no resgate do corpo. Ájax e Odisseu disputam o prêmio, e prisioneiros troianos concedem a vitória a Odisseu. Enlouquecido pela dor e pela deusa Atena, Ájax massacra rebanhos julgando matar os aqueus; recobrada a razão, suicida-se. O exército lamenta o herói e lhe presta solenes honras funerárias.

[1] Concluída a série de competições, a deusa Tétis colocou no meio da assembleia as armas sobre-humanas do magnânimo Aquiles. O espaço encheu-se com o fulgor das cenas intrincadas que a arte de Hefesto

[5] forjara no escudo do destemido neto de Éaco. Habilmente moldados com base na criação daquele deus figuravam primeiro o firmamento e o céu, enquanto a terra e o mar apareciam juntos. Ali estavam os ventos e as nuvens, a lua e o sol, cada qual em seu lugar. Todas as constelações

[10] que giram com o céu estavam representadas. Da mesma forma, abaixo deles estendia-se o ar ilimitado, onde pássaros de bicos longos voavam de um lado para outro; dir-se-ia que eles estavam vivos e se movendo com os ventos. Tudo circundavam Tétis e o fluxo insondável de Tétis e o Oceano;

[15] Ali apareciam as nascentes dos rios que percorrem seus cursos sinuosos em todas as direções pela terra. Perto dali estavam habilmente figuradas altas montanhas com leões terríveis e chacais audazes, bem como ursos e leopardos temíveis. Perto delas havia javalis,

[20] feras poderosas com mandíbulas aterrorizantes, que afiavam ruidosamente suas presas. Perseguiam-nos caçadores que

conduziam uma matilha de cães, enquanto outros homens com pedras e dardos os alvejavam de frente, como se tudo estivesse vivo.

[25] Depois vinham cenas de guerra devastadora e combates horríveis, com homens mortos por todos os lados, juntamente com os seus cavalos. Todo o solo parecia encharcado de sangue abundante sobre aquele escudo sólido. Ali estavam Pânico e Medo e a horrenda deusa da guerra,

[30] com os membros horrivelmente salpicados de sangue. Ali estavam também a mortífera Discórdia e as ferozes Erínias, a Discórdia incitando os homens a entrar em combate sem restrições, e as Erínias soprando rajadas de fogo destrutivo. Correndo por toda parte estavam as Moiras impiedosas e, com elas

[35] vagava a força da morte sombria; perto delas viam-se os fragorosos espíritos da batalha. Dos membros de todos eles, sangue e suor escorriam para o chão. Havia também as Górgonas impudentes, em cujos cabelos se entrelaçavam cobras horríveis

[40] com línguas ferozmente tremeluzentes. Maravilha incomensurável formavam essas cenas intrincadas, projetadas para inspirar grande medo, pois pareciam criaturas que viviam e se moviam. Todas estas, então, eram as maravilhas que representavam a guerra, enquanto as belas obras de paz figuravam à parte.

[45] Perto estavam as inúmeras nações de homens muito pacientes, vivendo em belas cidades, todos sob os olhos da Justiça. Eles se dedicavam a diversas tarefas, cercados por terras carregadas de colheitas de solo negro e fértil. Na obra do deus figurava também a íngreme

[50] e escarpada montanha da santa Virtude, com a própria Virtude de pé com os pés no topo de uma palmeira, tão alta que tocou o céu acima. Por todos os lados, caminhos obstruídos por arbustos amontoados impediam a aproximação de pés humanos, pois muitos

[55] eram os que voltaram intimidados pela subida íngreme e poucos os que persistiram, subindo, cobertos de suor, o caminho sagrado. Viam-se ceifeiros que avançavam, abrindo larga faixa e apressando-se com suas foices recém-afiadas para recolher

[58a] a colheita madura. Atrás deles veio uma multidão de outros para amarrar os feixes e grande era a obra realizada.

[60] Ali havia também bois com o pescoço ainda nas correias do jugo, alguns deles puxando carroças pesadamente carregadas com feixes de espigas cheias, enquanto outros aravam os campos, e o solo parecia preto atrás deles. Seguiam-nos por homens que os estimularam com aguilhões, alguns usando a mão direita

[65] e outros a esquerda. Imenso era o trabalho ali representado. Havia um banquete acompanhado de oboés e liras. Lado a lado estavam coros de jovens e donzelas que dançavam. As donzelas pareciam se mover como se estivessem vivas. Perto de toda essa dança e encantadora festividade

[70] erguia-se do mar, com espuma ainda grudada em seus cabelos, a deusa Cípria de bela coroa, acompanhada pelo Desejo alado e pelas Graças de belas tranças e com um sorriso encantador. Havia também as filhas do orgulhoso deus Nereu conduzindo sua irmã para fora da vasta extensão do mar

[75] para seu casamento com o guerreiro filho de Éaco. Nas proximidades todos os imortais banqueteavam-se no alto pico de Pélion, cercado por prados exuberantes e abundantemente irrigados, que eram adornados com incontáveis flores do campo, com bosques de árvores e lindas fontes de água límpida.

[80] Navios ressoantes atravessavam o mar, uns à deriva e outros avançando em linha reta. Ao redor delas, uma onda perigosa subia cada vez mais, e em todos os lugares os marinheiros, horrorizados, procuravam escapar às tempestades como na vida real,

[85] recolhendo as brancas velas como forma de escapar da morte. Outros, sentados, esforçavam-se nos remos e o seu remar constante embranquecia o mar escuro em torno dos teus navios. Mostrado sorrindo diante de tudo isso, com as criaturas das profundezas, estava o deus do mar, que fazia tremer a terra, conduzido por seus cavalos velozes,

[90] que voavam sobre o mar como se fossem reais sob os golpes do chicote de ouro. O mar agitado aplainava-se à sua passagem, tornando-se plano e calmo à frente. De cada lado do seu mestre, reunia-se uma multidão de golfinhos, que mostrava seu deleite sem limites

[95] acariciando o rei. Do outro lado da onda enevoada, pareciam nadar, embora feitos de prata. Inúmeras outras cenas

estavam naquele escudo, habilmente forjadas pelas mãos imortais do astuto Hefesto. Tudo estava envolvido, como que pela corrente insondável do Oceano

[100] que corria ao redor da borda externa, na qual o escudo foi colocado e todo o trabalho intrincado foi firmemente fixado. Ao lado do escudo havia um capacete de enorme peso. Nele estava representado Zeus, de semblante irado, de pé nos céus, cercado por divindades laboriosas,

[105] que apoiavam Zeus contra os Titãs rebeldes. Chamas ferozes já envolviam os Titãs e raios derramavam-se num fluxo incessante como flocos de neve do céu, depois que a força incomensurável de Zeus foi agitada. Eles foram mostrados queimando enquanto ainda respiravam.

[110] Ao lado dele estava o enorme peitoral oco, inquebrável e sólido, que cabia no filho de Peleu. Junto dela havia um enorme par de grevas que somente Aquiles achava leves, apesar de seu enorme peso. Perto dali brilhava sua espada irresistível,

[115] Equipada com um boldrié dourado e uma bainha de prata, e nele se ajustava um punho de marfim, notável por seu brilho entre aquela armadura maravilhosa. Ao lado, no chão, jazia estendida a poderosa lança do Pélion, tão grande quanto o tronco de um pinheiro alto,

[120] ainda cheirando ao sangue que saiu dos ferimentos de Heitor. Então, Tétis, em seu véu azul-escuro, ainda de luto por Aquiles, dirigiu estas palavras aos argivos: “Este é agora o fim de todas as disputas da arena organizadas para homenagear o filho cuja morte me encheu de tristeza.

[125] Que venha aquele que salvou o corpo, o melhor homem da Acaia, e eu lhe darei esta esplêndida armadura sobre-humana para usar, que até os abençoados imortais admiram muito.” Dois homens se levantaram como rivais, o filho de Laertes e o filho do divino Télamon,

[130] Ájax, que superou de longe todos os dânaos. Assim como uma estrela conspícua no céu brilhante, a Estrela Vespertina, brilha muito mais intensamente do que as outras, assim Ájax resplandecia ao lado da armadura de Aquiles. Apelou ao ilustre Idomeneus e ao filho de Neleu,

[135] assim como para o sábio Agamenon, de quem ele esperava ouvir a verdade sobre o que havia sido feito em uma batalha gloriosa. Da mesma forma, Odisseu tinha total confiança naqueles homens, pois eles gozavam da estima dos dânaos pela sabedoria. Nestor levou Idomeneu e o filho de Atreu

[140] à parte e disse o que eles estavam muito ansiosos para ouvir: "Meus amigos, hoje uma grande e insuportável desgraça é urdida para nós pelos deuses indiferentes no céu, agora que o poderoso Ájax e o sutil Odisseu caminham para uma luta amarga intolerável.

[145] Qualquer dos dois que obtiver do céu a glória da vitória exultará em seu coração. O outro, em grande e crescente pesar, culpará os demais dânaos, mas principalmente nós três. Ele não estará mais como antes, ao nosso lado na batalha. Grande será o pesar dos aqueus

[150] se algum dos dois for tomado por uma ira terrível, pois de todos os nossos campeões, eles são os melhores, um no combate, o outro no conselho. Ouvi-me agora, visto que estou muito mais velho, e não por pouco, e com a minha idade avançada, veio a prudência de muita experiência, boa e má.

[155] no conselho um homem mais velho com conhecimento supera um homem mais jovem pela experiência adquirida. Confiemos aos troianos prudentes o julgamento sobre o divino Ájax e Odisseu, o guerreiro,

[158a] qual deles inspira maior temor ao nosso inimigo e qual deles salvou o corpo do filho de Peleu

[160] da batalha mortal. Temos muitos prisioneiros de guerra vindos de Troia, que no seu estado de cativeiro darão um julgamento honesto no caso destes dois sem favorecer a ninguém, uma vez que todos os aqueus parecem igualmente odiosos quando se lembram da ruína que causamos.

[165] Agamenon da lança de freixo respondeu a Nestor: "Velho, é verdade que não temos ninguém mais sábio do que tu de todos os dânaos, seja jovem ou velho, como demonstra tua proposta de que a raiva implacável contra os argivos arderá naquele que for privado pelo céu

[170] da vitória. Na verdade, esta disputa está entre os melhores. Eu também, no mais íntimo do meu ser, partilho teu desejo de dar o julgamento deste caso aos nossos prisioneiros de guerra, para que a culpa e a retribuição mortal recaiam sobre os guerreiros troianos, livrando-nos do ressentimento."

[175] Depois das palavras de Agamenon, todos, de comum acordo, recusaram-se abertamente a julgar o doloroso caso. Após sua recusa, os ilustres filhos de Troia, prisioneiros de guerra como eram, sentaram-se no meio deles para pronunciar julgamento imparcial naquela disputa de guerreiros.

[180] Ájax, ardendo de raiva, falou diante da assembleia: "Odisseu perverso, algum deus deve ter roubado teu juízo para te julgares igual a mim em força inflexível. Afirmas então ter mantido a multidão ameaçadora longe de Aquiles, quando ele jazia na poeira cercado pelos troianos

[185] e eu estava causando morte e destruição para eles enquanto tu te ocultavas, aterrorizado. Desde o nascimento foste covarde e um homem fraco, tão inferior a mim quanto um cão a um leão que ruge alto. Não há em teu peito nenhum ânimo para lutar firmemente;

[190] Só te ocupas com enganos e atos de vergonha. Ou te esqueceste de quando tentaste evitar ir à cidade sagrada de Ílion com os aqueus reunidos, mas apesar de teus subterfúgios e tua recusa, os filhos de Atreu te trouxeram? Quem dera que eles não tivessem!

[195] Foi por tua sugestão que o famoso filho de Peante foi deixado na sagrada Lemnos por causa do clamor de seus gemidos. Ele não foi o único cuja ruína causaste; Também tramaste a morte do divino Palamedes, que era melhor em força e inteligência.

[200] Agora chegas ao ponto de te opor contra mim, não apenas esquecendo minha gentileza, mas deixando de respeitar alguém que é muito superior a ti. Pois fui eu que certa vez te salvei em batalha, aterrorizado pela multidão de inimigos. Isolado no campo de batalha e abandonado pelos outros

[205] na confusão da luta, tentavas fugir. Quem dera minha própria força naquela batalha tivesse sentido o choque de Zeus vindo do céu, para que os troianos com suas espadas de dois gumes te cortassem membro por membro e te fizessem comida para seus

cães. Não estarias agora

[210] a te opor a mim, confiando em malandragens. Miserável, se estavas certo de que eras o mais forte de todos os homens, por que mantiveste teus navios no meio e não te atreveste, como eu, a arrastar para fora aqueles navios velozes? Claramente foste vítima do medo. Não pudeste proteger

[215] os navios do fogo destrutivo, enquanto eu, com meu espírito destemido, permaneci firme contra o fogo e Heitor. Ele cedeu a mim em todas as lutas, enquanto tu sempre tiveste medo dele. Quem dera que este prêmio nos tivesse sido concedido no combate, quando a luta era intensa sobre Aquiles caído,

[220] para que pudesses me ver carregando esta linda armadura fora do tumulto mortal do inimigo de volta ao nosso acampamento, bem como o corpo do bravo Aquiles. Agora tua pretensão de grandes realizações depende simplesmente da habilidade com as palavras. Nem sequer tens força para usar essa armadura sólida

[225] do guerreiro neto de Éaco ou mãos capazes de empunhar sua lança. Para mim, tudo se ajusta perfeitamente, por isso convém a mim usar uma armadura tão esplêndida, porque não desonrarei o requintado presente do deus. Mas por que permanecemos aqui ao lado da esplêndida armadura

[230] do nobre Aquiles trocando palavras injuriosas para ver quem é o melhor homem em combate mortal? À coragem, não por palavras ofensivas, este prêmio marcial foi colocado diante de todos nós por Tétis de pés prateados. As palavras convêm às pessoas quando se reúnem em assembleia.

[235] Sei que sou um homem melhor e muito mais nobre do que tu e minha linhagem é a mesma do grande Aquiles." Essas palavras de Ájax trouxeram uma resposta de amarga reprovação da mente engenhosa do filho de Laertes: "Falador insolente, Ájax, por que tantas palavras vãs?

[240] Chamaste-me de fraco inútil e problemático, embora eu saiba que sou muito superior a ti, tanto em inteligência como em eloquência, as coisas que tornam os homens fortes. Um penhasco de rocha nas montanhas, por mais duro que seja, é cortado pelos pedreiros, quando eles usam a inteligência,

[245] com facilidade. Graças à inteligência, o mar poderoso e agitado é atravessado com segurança pelos marinheiros, por mais altas que sejam as ondas. Graças à perícia, os caçadores superam leões, leopardos, javalis e outros tipos de animais selvagens poderosos. Touros de ânimo feroz são domesticados para suportar o jugo

[250] pela vontade humana. Tudo, portanto, é alcançado pela inteligência. Tanto no planejamento como na execução de cada tarefa, o insensato é inferior ao homem com conhecimento. Por minha prudência, então, o audaz neto de Eneu escolheu-me em preferência a todos os outros para acompanhá-lo até

[255] os guardas de Troia e grande foi a façanha que fizemos juntos. Até o ilustre filho do poderoso Peleu fui eu quem trouxe para ajudar os filhos de Atreu. Se a necessidade de qualquer outro campeão for necessária pelos homens de Argos, nem tuas mãos o farão chegar, nem o conselho

[260] de quaisquer outros argivos. Sou o único aqueu que o trará com palavras suaves e persuasivas para juntar-se às nossas batalhas. Grande é o poder da fala com os homens quando combinado com a prudência. A coragem, porém, nada realiza e a estatura nada vale

[265] em um homem, se não forem acompanhadas de sabedoria e inteligência. Para mim, os imortais deram força não menor que a sabedoria e assim fizeram de mim um auxílio para o povo de Argos. Não me salvaste, como afirmas, quando eu tentava fugir da multidão de inimigos. Não fugi, mas resisti firmemente

[270] ao ataque de todos os troianos juntos. Eles vieram como torrente de força e fúria, enquanto eu, pela força de minhas mãos, roubei muitas de suas vidas. Tua afirmação, então, não é verdadeira. Não foi a mim que protegeste na batalha, mas a tua própria vida que estavas cuidando, com medo de ser morto por uma lança

[275] quando fugias da luta. Coloquei meus navios no meio, não por medo da força do inimigo, mas para estar sempre à disposição dos filhos de Atreu com planos para a guerra. Tu, porém, colocaste teus navios do lado de fora. Eu, porém, depois de me disfarçar com golpes terríveis,

[280] entrei na cidade dos troianos para saber todos os planos que eles estavam fazendo para esta guerra terrível. Não temi a lança de Heitor, mas fui, na verdade, um dos primeiros a erguer-se disposto a lutar contra aquele homem, quando, seguro de tua coragem, ele desafiou a todos nós.

[285] E agora mesmo sobre Aquiles eu matei muito mais inimigos do que tu e salvei o corpo junto com a armadura. Nem temo tua lança, mas agora estou atormentado pela dor do grave ferimento que recebi por causa desta armadura e de Aquiles após sua morte.

[290] Eu também, como Aquiles, posso alegar o sangue nobre de Zeus." Às palavras de Odisseu respondeu, por sua vez, o poderoso Ájax: "Odisseu, és o mais astuto e problemático dos homens. Não te vi combater lá, nem o viu qualquer outro argivo, quando, após a morte de Aquiles, os troianos

[295] estavam ansiosos para arrastá-lo, enquanto eu, com a força da minha lança, fazia vergarem os joelhos de alguns na luta e colocava outros em fuga com meus repetidos ataques. Eles fugiram em pânico total, como gansos ou grous alarmados pelo ataque de uma águia quando se alimentava em uma campina à beira de um rio.

[300] Assim, os troianos se encolheram diante de minha lança e espada cortante, e entraram em Ílion para escapar de um grande desastre. Se realmente sentiste alguma coragem então, não foi perto de mim que enfrentaste o inimigo, mas em algum lugar distante, combatendo entre diferentes fileiras, não sobre o corpo

[305] do divino Aquiles, onde de fato ardia a batalha." A Ájax respondeu então o astuto Odisseu: "Ájax, não me julgo inferior a ti, tanto em força quanto em mente, por mais renomado que sejas. Minha inteligência é certamente superior à tua

[310] aos olhos dos argivos, enquanto em força sou pelo menos à sua altura ou ainda mais distinto. Isso bem que os troianos sabem; eles tremem mesmo com a visão distante de mim. Tu também, tanto quanto qualquer um, estás bem ciente do meu poder. Conheces todo o esforço que despendi em nossa luta,

[315] naquela ocasião, ao lado do túmulo do morto Pátroclo, quando o valente filho de Peleu celebrou seus famosos jogos." Quando o famoso filho do grande Laertes terminou, os filhos de

Troia decidiram aquela amarga disputa. A vitória e as armas imortais foram concedidas

[320] por todos eles de comum acordo ao guerreiro Odisseu. Odisseu sentiu uma alegria intensa, mas o exército gemeu. A nobre força de Ájax ficou paralisada quando, de repente, a dor e a confusão o dominaram. Por todo o corpo, o sangue carmesim fervia e a bile amarga inundava-lhe

[325] o fígado. Uma angústia terrível tomou conta do coração, e pela base do cérebro uma dor aguda subiu e envolveu totalmente as membranas, confundindo sua mente. Ele fixou os olhos no chão e ficou ali como se não pudesse se mover. Um grupo de companheiros,

[330] Partilhando sua angústia, conduziu-o aos navios de proa justa com muitas palavras de conforto. O caminho que percorreu contra a vontade seria o último, pois o Destino o seguia de perto. De volta aos navios, à beira do mar sem limites, os argivos entregaram-se ao jantar e ao sono.

[335] Enquanto isso, Tétis mergulhou naquele mesmo mar amplo, acompanhada pelo resto das Nereidas. Ao redor delas nadava uma multidão de criaturas, filhos das águas salgadas. As Nereidas ainda estavam profundamente iradas com o sábio Prometeu, quando se lembraram de como sua previsão levara o filho de Cronos

[340] a dar Tétis em casamento a Peleu, embora ela não quisesse. Cimótoe expressou-lhes este forte ressentimento: "Sim, aquele miserável certamente mereceu o que sofreu em suas correntes inquebráveis, quando aquela grande águia lhe mergulhou no ventre e rasgou o fígado que sempre renascia."

[345] Enquanto Cimótoe assim falava com as donzelas do mar de cabelos escuros, o sol se pôs e as sombras espalharam-se pelos campos ao aproximar-se a noite; então estrelas foram espalhadas pelo céu. Os argivos descansaram ao lado de teus navios de proa longa, entregando-se ao sono celestial e ao vinho delicioso

[350] que do reino do nobre Idomeneus, Creta, foi trazido por marinheiros através do mar revolto. Ájax, irado contra os argivos, não cuidou do prazer do jantar em sua cabana, nem gozou do abraço do sono. Furioso, ele vestiu as suas armas.

[355] Empunhando sua espada afiada, ele ponderou pensamentos indizíveis - incendiaria os navios e massacraria todos os argivos ou apenas usar sua espada assassina para retalhar o enganador Odisseu, membro por membro. Esses eram seus pensamentos, e logo ele os teria levado a cabo

[360] se Tritônide não lhe tivesse infligido uma loucura incontrolável, pelo cuidado que ela sentia pelo tão paciente Odisseu, lembrando-se de sua constância em oferecer-lhe sacrifícios. Por isso ela desviou a ira do poderoso filho de Télamon para longe dos homens de Argos. Partiu como uma tempestade

[365] temida por causa de sua carga de rajadas mortais, presságio de terror arrepiante nos olhos dos marinheiros, quando as Plêiades mergulham sob a inquieta corrente do Oceano, encolhendo-se de medo do esplêndido Órion; o ar está agitado e o mar está furioso com a tempestade.

[370] Ájax correu assim ao acaso. Ele correu em todas as direções como fera enfurecida que ataca em um vale profundo e rochoso, espumando nas mandíbulas e desejosa de toda desgraça para os cães ou caçadores que mataram seus filhotes,

[375] que os arrancaram de sua caverna; abre a boca e ruge na esperança de avistar seus queridos filhotes em um matagal; quem quer que o enfrente em seu estado de espírito enlouquecido descobrirá que seu dia de destruição amanheceu. Tal era a raiva implacável de Ájax. Seu negro coração ferveu,

[380] Assim como um caldeirão cheio de água no fogo da lareira, feito assobiar e enfurecer-se incessantemente pelo fogo pela lenha ardente que está empilhada ao redor de sua barriga, por obra de um trabalhador que está impaciente para remover as cerdas de um porco gordo.

[385] Assim o altivo espírito de Ájax ferveu em teu peito. Sua fúria era como um mar sem limites, tempestade ou a impetuosa e incansável força do fogo, quando incessantemente Um vento forte sopra com toda a sua força nas montanhas e em toda parte vasta floresta queima e cai.

[390] Assim, a dor que perfurou o poderoso coração de Ájax fazia-o enfurecer-se de angústia. Uma torrente de espuma escorria da boca, um rugido saía de suas mandíbulas abertas, e a armadura

em volta de seus ombros se chocou. Todos os que o viram tremeram igualmente diante da ameaça de um único homem.

[395] enquanto Aurora com suas rédeas de ouro cavalgava do Oceano, o Sono flutuava leve como uma brisa na expansão do céu, e lá ele encontrou Hera naquele momento retornando ao Olimpo da sagrada Tétis, que ela visitara no dia anterior. Ela o abraçou e beijou, por ser-lhe como genro

[400] desde que adormecera o filho de Cronos na cama para ela, no cume de Ida, quando ele estava zangado com os argivos. Ela dirigiu-se para o palácio de Zeus, enquanto o Sono partiu para a cama de Pasítea e o gênero humano acordou. Enquanto isso, Ájax, como Órion que não conhece descanso,

[405] vagava com uma loucura assassina em teu peito. Ele saltou sobre as ovelhas como um leão de coração forte, cujo coração selvagem é dominado pelas dores da fome. Lançava-as no pó em todas as direções, umas após as outras, como as folhas são espalhadas pela força do vento norte

[410] quando o verão acaba e a estação muda para o inverno. Assim, Ájax, em total fúria, caiu sobre as ovelhas, julgando matar os dânaos. Então Menelau aproximou-se do irmão e falou com ele sem que os demais dânaos ouvissem:

[415] "Este talvez seja o dia da destruição para todos nós. Agora aquele poderoso Ájax está em tomado de loucura. É possível que incendeie os navios e mate todos nós que estamos aqui em nosso acampamento, devido ao seu ressentimento por causa da armadura. Quem dera que Tétis não tivesse organizado um concurso para isso

[420] e que o filho de Laertes não tivesse sido tão insensato a ponto de competir com um homem que lhe é tão superior. Fomos inteiramente enganados, enganados por um poder maligno. Com a morte do neto de Éaco, o único baluarte que nos restou na guerra foi a força de Ájax. Agora ele também

[425] será afastado pelos deuses para trazer infortúnio para nós, completando a destruição total de todos nós." Agamenon da lança de freixo respondeu a ele: "Agora, Menelau, não permitas que a angústia do coração te irrite com o prudente rei dos cefalênios,

[429a] mas com os deuses que estão planejando nossa destruição.

[430] Ele não é o culpado, pois muitas vezes ele tem sido um auxílio para nós e ruína para nossos inimigos." Essas foram as palavras daqueles dois em sua preocupação pelos dânaos. Enquanto isso, ao longe, ao lado do rio Xanto, os pastores encolhiam-se sob arbustos de tamargueiras, evitando o desastre.

[435] Como lebres, com medo de uma águia veloz, se encolhem sob arbustos espessos, enquanto estão próxima, gritando alto, a águia com asas estendidas voa para um lado e para outro, assim os pastores se espalharam diante daquele homem poderoso. Por fim, ele parou na frente de um carneiro que matara

[440] e com uma risada horrível dirigiu-lhe estas palavras: "Jaze aí no pó; sê alimento para cães e pássaros! Nem mesmo a gloriosa armadura de Aquiles pôde salvar-te, pela qual competiste precipitadamente com alguém que era muito melhor. Jaze aí, cão! Não serás lamentado com o abraço

[445] da esposa e dos filhos, em sua dor inconsolável, nem pelos pais, que não te terão como amparo na velhice; longe de casa, aves e cães te devorarão onde caíste.

[450] Entre as criaturas massacradas sujas com todo o seu sangue. Então, porém, da mente e dos olhos de Ájax, Tritônide dissipou o sopro mortal da temível Loucura. A loucura voou para a temida corrente do Estige, o lar dos espíritos velozes de vingança que infligem

[455] tormentos terríveis para todo mortal soberbo. Quando Ájax viu as ovelhas estrebuchando no chão, ficou surpreso, suspeitando que fosse um truque dos abençoados imortais. Toda a força de seus membros desfaleceu e sua alma guerreira foi tomada pela angústia. Em sua angústia

[460] ele não tinha força para mover-se para frente ou para trás. Ele ficou ali como um pico rochoso que nas montanhas se eleva acima de todos os outros, firmemente enraizado. Quando enfim recuperou a consciência dentro de si, soltou um gemido sombrio e proferiu estas palavras queixosas:

[465] "Por que, ó deuses, sou tão odiado pelos deuses? Perturbaram minha mente e infligiram a mais terrível loucura, fazendo-me abater ovelhas que não eram a causa da minha raiva. Quem dera ter me vingado do coração maligno de Odisseu com

essas mesmas mãos. Pois ele me lançou em uma loucura ruinosa,

[470] aquela criatura totalmente perversa. Que seu espírito sofra todos os tormentos que os espíritos da vingança inventam para os homens maus. Que aos demais argivos inflijam batalhas e perdas desastrosas para fazê-los chorar, sobretudo ao filho de Atreu, Agamêmnon. Que não volte

[475] ileso para a casa que ele deseja ver novamente. Mas por que, se sou realmente corajoso, deveria ficar com aqueles que odeio? Foge do maldito exército argivo! Foge da vida que não posso suportar! Os corajosos não são mais recompensados; homens vis são honrados agora e preferidos. E então Odisseu

[480] é honrado entre os argivos, embora eles não se recordem de tudo o que conquistei e sofri pelo exército." Com essas palavras, o valente filho do robusto Télamon cravou a espada de Heitor na própria garganta. Seu sangue jorrou com um gorgolejo e ele estendeu-se na poeira,

[485] semelhante a Tífon atingido pelos raios de Zeus. Ao seu redor, quando ele caiu, a terra escura gemeu alto. Os dânaos então acorreram ao vê-lo deitado na poeira, embora antes ninguém ousara se aproximar dele, quando a visão dele encheu todos de medo.

[490] Agora, em volta do cadáver, eles lançaram-se no chão. de bruços, estenderam-se e amontoaram poeira sobre suas cabeças. O som de sua lamentação subiu ao céu sagrado. Como quando ovelhas felpudas são roubadas de seus tenros filhotes por homens que as levam para preparar uma refeição para si;

[495] as mães saltam alto e balem incessantemente por todos os cercados abandonados por seus filhos; assim igualmente alto naquele dia em torno de Ájax foi o lamento de todo o exército. E alto era o eco da Ida arborizada, da planície e dos navios e do mar sem limites.

[500] Teucro decidira inteiramente a enfrentar o mesmo destino perto de Ájax. Mas ele foi mantido longe de sua enorme espada por outros. Angustiado, ele se jogou sobre o corpo, derramando uma torrente de lágrimas, mais ainda que uma criança que se senta junto à lareira e cobre a cabeça e os ombros com cinzas,

[505] lamentando de todo o coração o dia que o deixou órfão, a mãe morta que amamentou a criança que não conheceu o pai. Tal

foi o lamento de Teucro enquanto rodeava o corpo de seu irmão massacrado e pronunciava estas palavras queixosas: "Ájax, forte em espírito, que perturbou tua razão?"

[510] para te fazer infligir uma morte tão desastrosa a ti mesmo? Foi para aliviar o sofrimento dos filhos de Troia, para virem matar os argivos após tua morte? Já não teremos mais nossa antiga confiança quando formos mortos em batalha, pois eras nosso escudo contra o mal.

[515] Para mim já não há alegria em voltar para casa contigo morto aqui. Em vez disso, desejo morrer neste lugar, para que a terra vivificante possa cobrir-me contigo. Não me importam tanto meus pais, se eles estão vivos, se ainda moram em Salamina, sua casa,

[520] quanto tu, que estás morto, pois eras todo meu orgulho." O gemido que se seguiu às suas palavras foi ecoado pela régia Tecmessa, companheira do nobre Ájax, que, embora cativa, ele tratava como sua esposa e a tornara senhora de tudo quanto cabe às esposas

[525] administrar na casa dos legítimos maridos. Dos abraços daquele homem invencível dera à luz um filho, Eurísaces, que era imagem de seu pai. Por ser ainda muito jovem, fora deixado no berço. Ela gemeu alto ao cair sobre o corpo que ela tanto amava.

[530] manchando a bela figura com a poeira em que ela estava deitada. Do seu coração angustiado gemeu em lamento: "Ai de mim, agora que encontraste a morte não pelas mãos de inimigos em batalha, mas pelas próprias! Então agora uma dor sem fim me espera. Eu nunca pensei

[535] que eu veria o dia totalmente lamentável de sua morte em Troia. Moiras funestas confundiram todas as minhas esperanças. Quem dera que a terra nutritiva já me tivesse tragado antes que eu visse esse teu cruel destino. Nunca sofri um desastre pior do que este,

[540] Nem mesmo meu primeiro infortúnio quando longe de minha casa e pais tu me levaste com outras mulheres cativas, quando amargamente lamentei o fato de que para mim que tinha sido honrada como princesa o dia da escravidão havia chegado. Contudo, a perda do lar ou dos pais queridos

[545] não me aflige tanto quanto a sua morte. Na minha desgraça só pensavas em maneiras de me agradar. Fizeste-me tua esposa e companheira de teus pensamentos e prometeste que imediatamente me tornarias rainha da próspera Salamina quando voltasses de Troia. Mas o céu não o cumpriu.

[550] Agora estás morto e partiste e já não podes ter nenhuma preocupação por mim ou por nosso filho. Ele não conhecerá alegria no pai, nem sucederá ao teu trono. Outros homens farão dele um escravo miserável. Quando o pai já não existe, seus filhos são deixados aos cuidados de homens que são muito

[555] inferiores. Quando os filhos sofrem com a perda dos pais, suas vidas são difíceis de suportar e aflições e novas aflições acumulam-se sobre eles. Para mim, em minha miséria, logo chegará o dia da escravidão. Contigo, que eras um deus para mim já morto." Agamenon, por gentileza, respondeu-lhe assim:

[560]"Boa mulher, ninguém fará de ti sua escrava enquanto o nobre Teucro e eu ainda estivermos vivos. Sempre te honraremos com presentes ilimitados, honrar-te-emos como uma deusa e também teu filho, como durante a vida do divino Ájax, que foi a força da Acaia.

[565] Quem dera que ele não tivesse trazido tristeza a toda a Grécia ao morrer pelas próprias mãos. Pois todos os incontáveis exércitos de nossos inimigos foram incapazes de matá-lo em batalha." Assim falou com a angústia do coração. Ao seu redor, o exército ergueu um gemido lamentável, enquanto o Helesponto ecoava

[570] aos gritos e sobre eles pairava um manto de tristeza mortal. Até o prudente Odisseu sentiu dor pela morte daquele homem, e de sua mente angustiada ele dirigiu estas palavras aos tristes homens da Acaia: "Amigos, é verdade que nada há pior

[575] que a ira que promove conflitos amargos entre os homens. Desta vez, incitou o imponente Ájax com o ressentimento que ele sentia por mim. Quem dera que na disputa pela armadura de Aquiles os troianos nunca tivessem me coroado com uma vitória gloriosa, por causa da qual

[580] o valente filho do robusto Télamon atormentado no espírito pereceu por suas próprias mãos. Contudo, não fui eu o

culpado pela sua raiva, mas o terrível destino que o destruiu. Se eu, no fundo do meu coração, sequer suspeitasse que ele estaria tão perturbado em sua mente, eu mesmo não teria

[585] ido disputar pela vitória, nem teria permitido que qualquer outro dânao competisse. Em vez disso, eu teria pessoalmente tomado aquela armadura celestial e alegremente dado a Ájax com qualquer outra coisa que ele quisesse. Apenas não esperava que ele ficasse tão angustiado

[590] e zangado depois, pois não era por uma mulher ou por uma cidade que eu disputava ou por grandes posses. Nossa rivalidade era simplesmente por causa de proezas, pelas quais os homens sensatos sempre se alegram em lutar. Por mais corajoso que fosse, algum poder hostil do destino

[595] fez com que ele fizesse algo errado. Ser dominado pela paixão é impróprio. É próprio do homem sábio, quando assaltado por muitos males, suportá-los com firmeza de coração e não se entregar à tristeza." Essas foram as palavras do famoso filho do grande Laertes. Quando todos se cansaram de chorar no luto mais profundo,

[600] o filho de Neleu falou com eles em seu estado de pesar: "Meus amigos, vedes quão rápido as Moiras de coração implacável nos infligiram golpe sobre golpe de tristeza amarga com as mortes de Ájax e do poderoso Aquiles, de outros argivos também, entre eles meu próprio filho

[605] Antíloco. Mas quando os homens caem em batalha não convém chorar durante dias a fio numa agonia de dor. Portanto, cessai o lamento indecoroso, porque é melhor para nós prestarmos tudo o que é devido aos homens que morreram – a pira funerária e a sepultura, e o recolhimento dos ossos.

[610] Os mortos não podem ser acordados com nosso lamento, nem têm qualquer percepção quando tragados pelos impiedosas Moiras." Em resposta ao conselho de Nestor, os reis divinos reuniram-se depressa, seus corações oprimidos pela dor, e carregaram o enorme cadáver de Ájax para os navios velozes

[615] sustentando-o por muitas mãos. Eles o cobriram com uma mortalha, depois de lhe lavarem o sangue que, junto com a poeira, cobriu seus poderosos membros e as armas. Em seguida, grande

quantidade de lenha foi trazida das alturas de Ida pelos homens, que então se dispuseram ao redor do corpo.

[620] Amontoaram lenha em abundância ao seu redor e muitas ovelhas e mantos finamente tecidos, as mais nobres cabeças de gado e os cavalos de Ájax, soberbos de sua velocidade incomparável, ouro brilhante e uma quantidade incontável de armaduras, que aquele herói glorioso havia tomado como despojo daqueles que matara.

[625] Ali também eles colocaram âmbar translúcido, que se diz serem as lágrimas das filhas do deus Sol que tudo vê, as lágrimas que uma vez derramaram pela morte de Faetonte, quando choraram junto do poderoso rio Erídano. Como uma honra perpétua para seu filho, o deus Sol

[630] transformou-lhes as lágrimas em âmbar, um bem precioso para os homens. Tudo isso foi lançado na pira funerária pelos homens de Argos para homenagear seu herói caído, Ájax. Ao redor dele também, gemendo em altas vozes, eles colocaram marfim caro, prata com seu brilho enevoado,

[635] vasos contendo óleo e todas as coisas que servem para compor a riqueza esplêndida que honra um homem. Então o fogo foi lançado, feroz e forte. Um vento surgiu do mar, que a deusa Tétis enviou para consumir o poderoso herói Ájax. Durante toda a noite e o dia

[640] ardeu ao lado dos navios ao impulso daquele vento. Assim como uma vez, pelo raio mortal de Zeus, Encélado foi vencido no mar agitado sob Trinácia, enchendo toda a ilha de fumaça; ou como o fogo estava destinado a consumir em vida os membros

[645] de Héracles sob o tormento do truque de Nesso, quando ele ousou um ato terrível e toda Eta ecoou seus gemidos enquanto ele era queimado vivo; seu espírito passou para o ar para ser contado com os deuses, deixando a fama humana para trás, quando a terra recebeu seu corpo duradouro;

[650] Como aqueles em meio àquele fogo, esquecidas todas as batalhas, jazia Ájax em as suas armas. Grande multidão lotou a costa, de troianos alegres e aqueus tristes. Quando o fogo devorador consumiu seu belo corpo, eles apagaram a pira com vinho e recolheram seus ossos.

[655] numa urna dourada. Sobre ela amontoaram um enorme monte de terra não muito longe do promontório Reteu. Depois dispersaram-se entre os navios que galgavam sobre as ondas, tomados de tristeza por alguém que haviam honrado nada menos que Aquiles. A escuridão da noite havia chegado, trazendo o sono aos homens.

[660] Eles, porém, depois do jantar esperaram o amanhecer, dormindo pouco e com os olhos apenas semicerrados. Suas mentes estavam cheias de medo de que durante a noite os troianos pudessem atacá-los, agora que o filho de Télamon estava morto.

LIVRO VI

Desanimados pela morte de Aquiles e Ájax, os aqueus decidem buscar Neoptólemo em Ciros. Enquanto Odisseu e Diomedes partem para trazê-lo, Eurípilo, filho de Télefo e descendente de Héracles, chega em auxílio dos troianos. Ornado com um escudo que representa os trabalhos de Héracles, ele conduz um violento ataque, mata Nireu e Macaão e impele os aqueus até os navios, antes que a noite encerre o combate.

[1] Aurora deixou para trás a corrente do Oceano e o leito de Titono. Subindo pela extensão do céu, ela espalhou luz em todas as direções e trouxe um sorriso à terra e ao ar. Os mortais, tão facilmente perecíveis, voltaram-se para seus trabalhos,

[5] cada qual cuidando do seu. As tropas aqueias vieram em assembleia a pedido de Menelau. Quando todos no acampamento estavam reunidos, ele se dirigiu a eles do meio do exército: "Ouvi, príncipes de nascimento nobre, as palavras que

[10] tenho que dizer. Meu coração está muito angustiado com a morte dos homens que por minha causa vieram lutar nesta guerra amarga, que já não serão acolhidos pelos lares nem pelos pais. Muitos foram ceifados pelo poder do Destino. Quem dera a mão pesada da Morte implacável

[15] tivesse caído sobre mim antes de reunir este exército aqui. Agora os deuses me infligiram a dor incessante de contemplar uma multidão de males. Quem poderia sentir alegria em seu coração ao ver prolongadas as provações de uma guerra sem esperança? Que nós, ainda vivos, escapemos sem demora

[20] a bordo de nossos navios velozes, cada um para sua terra, agora que Ájax e o poderoso Aquiles estão mortos. Com os dois mortos, não creio que escaparemos da morte e da destruição nas

mãos dos malditos troianos, por minha causa e pela desavergonhada Helena. Ela

[25] importa-me menos que vós, mortos diante dos meus olhos em batalha. Que se vá ela e o amante totalmente insignificante. Os deuses esvaziaram seu coração de todo bom senso. Foi no dia em que abandonou minha casa e meu leito conjugal. Agora Príamo e Troia cuidarão dos assuntos dela.

[30] Partamos imediatamente. É muito melhor escapar dos horrores da guerra do que ser destruído." Assim falou para testar os argivos, enquanto seu coração dentro dele ponderava com paixão ciumenta como destruir os troianos e nivelar suas altas muralhas

[35] até os alicerces e saturar Ares com sangue, com o nobre Alexandre caído entre os mortos. Nada supera o ciúme para inspirar ódio. Tais foram os pensamentos de Menelau quando se sentou. Em seguida, o lanceiro, filho de Tideu, levantou-se no meio deles

[40] E foi rápido em repreender Menelau, o favorito de Ares: "Filho covarde de Atreu, que temor vil se apoderou de ti para te fazer falar assim com os argivos, como criança ou mulher, pessoas com poderes insignificantes? Certamente isso não será obedecido pelos melhores filhos da Acaia,

[45] não antes que toda a coroa de muralhas de Troia seja arrasada. É a coragem que traz glória aos homens; a fuga só traz vergonha. Se alguém presente realmente obedecer à tua ordem, cortar-lhe-ei a cabeça imediatamente com meu aço escuro e o lançarei como alimento para os pássaros que voam no céu.

[50] Que os arautos, responsáveis por incitar os ânimos dos homens, sem demora, despertem todas as tropas em todo o acampamento para afiar suas lanças e pôr em ordem os escudos e os demais equipamentos, e também preparar uma refeição para todos, tanto homens quanto cavalos, agora que estão ansiosos pelo combate.

[55] Na planície Ares logo decidirá entre nós." Então o filho de Tideu voltou a sentar-se. Mas então o filho de Testor dirigiu-lhes estas palavras, permanecendo no meio reservado aos oradores: "Ouvi-me, amados filhos de Argos, firmes no combate,

[60] vós que sabeis o quão bem sou capaz de falar palavras proféticas. Há muito eu disse que no décimo ano devastaríamos o

elevado Ilion. Agora isso se cumpre pelos deuses e a vitória está ao alcance dos aqueus. Primeiro, porém, o filho de Tideu e Odisseu, o firme na batalha

[65] devem partir imediatamente para Ciros num navio de cor escura para trazer, pela persuasão, o robusto filho de Aquiles consigo, para que venha como uma luz brilhante para todos nós." Estas palavras do prudente filho de Testor foram acolhidas pelas tropas com um grito de alegria por toda parte, pois em seus corações eles confiavam que

[70] a profecia de Calcas se mostraria verdadeira. Então o filho de Laertes se dirigiu aos aqueus: "Meus amigos, hoje não é hora para um longo discurso para vós, que já estais consumidos pela ansiedade. Eu sei que quando as pessoas estão cansadas elas não gostam

[75] um orador ou mesmo um cantor favorecido pelas imortais Musas Pierianas. Brevidade, portanto, é o que os homens desejam. Então agora estou pronto a fazer o que foi aprovado por todo o exército argivo, juntamente com o filho de Tideu. Iremos juntos e traremos o filho robusto

[80] Do guerreiro Aquiles, usando palavras persuasivas, por mais que sua mãe derrame lágrimas para mantê-lo em casa, quando ela suspeita em seu coração que o filho de um pai poderoso há de inclinar-se à guerra." Suas palavras agora trouxeram esta resposta astuta de Menelau:

[85] "Odisseu, és realmente uma bênção para as forças de Argos. Se realmente o robusto filho do grande coração Aquiles

[86a] vier por tua persuasão de Ciros para dar-nos a ajuda que ansiamos e um dos deuses no céu nos concede a vitória pela qual oramos e eu regressar à Grécia, dar-lhe-ei como esposa minha esplêndida filha

[90] Hermione e muitos presentes preciosos com ela, de boa vontade. Não creio que ele fique tão orgulhoso a ponto de desdenhar esposa e sogro tão nobres. Os dânaos aclamaram a promessa de Menelau. Com a assembleia dissolvida, eles se dispersaram entre os navios

[95] ansiosos pela refeição, que sustenta um homem. Quando terminaram, saciados com a comida, o filho de Tideu, em

companhia do sábio Odisseu, lançou um navio veloz ao mar sem limites. Depressa depuseram provisões e todo o equipamento a bordo

[100] e então embarcaram com uma tripulação de vinte homens, hábeis em remar sempre que os ventos são adversos e quando a superfície do mar está achatada de calmaria. Sentados em seus bancos fortemente construídos, fustigaram o mar agitado levantando muita espuma fervente.

[105] Eles avançaram pelas águas, impelindo o navio com os remos. O esforço dos remos os fazia suar. Como quando os bois, trabalhando arduamente sob o jugo, se esforçam para puxar uma carroça de madeira em seu caminho; sob o peso da carga, o eixo range ao girar;

[110] do pescoço e dos ombros do par oprimido o suor copioso escorre até o chão; tal foi então o trabalho daqueles homens em seus remos pesados. E muito rapidamente eles cobriram a distância sobre o mar. Os demais aqueus observavam-nos partir,

[115] enquanto afiavam seus dardos e lanças mortais para a luta. Atrás das muralhas, os troianos destemidos prepararam-se, ansiosos pela luta, e suplicavam aos deuses abençoados por trégua da matança e alívio do árduo trabalho. Atendendo ao seu desejo, os deuses trouxeram-lhes um forte protetor

[120] contra o sofrimento, Eurípilo, descendente do poderoso Héracles. Seguia-o uma hoste que era habilidosa na guerra, todos aqueles que tinham sua casa junto à foz do longo Caico e confiavam em lanças poderosas. Ao seu redor aglomeravam-se os troianos, com os corações cheios de alegria.

[125] Como quando gansos domésticos guardados num cercado avistam o homem que lhes traz alimento;

[126a] reúnem-se ao redor dele com bicos ruidosos e ao vê-los o coração do homem se aquece; assim os troianos ficaram contentes ao ver o poderoso Eurípilo, cujo valente coração

[130] alegrou-se em vê-los aglomerados. As mulheres, às portas, admiravam o nobre campeão que se destacava na multidão, como um leão entre alguns chacais nas montanhas. Ele foi recebido por Páris e homenageado tantquanto Heitor, como primo deles e de origem comum.

[135] Nascera da nobre irmã de Príamo, Astíoque, quando estivera no forte abraço de Télefo, que era filho do destemido Héracles, nascido da bela Auge sem o conhecimento de seu pai. Quando ele era bebê e precisava de leite,

[140] uma corça veloz o alimentou, amando-o como seu próprio filhote e dando-lhe o úbere de acordo com o plano de Zeus. Não convinha que os descendentes de Héracles perecessem miseravelmente. Assim, o glorioso filho de Télefo foi conduzido com alegria por Páris até sua própria casa pelas largas ruas de Troia.

[145] passando pelo túmulo de Assáraco, a elevada casa de Heitor, e o templo sagrado de Tritônide, perto do qual ficava sua casa e o altar inviolado de Zeus, o Guardião. A respeito de seus irmãos, seus parentes e seus pais, Páris interrogou-o longamente e ele lhe contou tudo.

[150] Então eles conversaram entre si enquanto caminhavam. Eles entraram na casa espaçosa e suntuosa, onde Helena estava sentada como deusa e vestida com a beleza das Graças. Quatro criadas serviam-na diligentemente, enquanto outras estavam fora de seu esplêndido quarto.

[155] executando tarefas como escravos domésticos apropriados. Helena ficou maravilhada ao ver Eurípilo. e ele também ficou maravilhado com Helena. Cumprimentaram-se com palavras de boas-vindas naquela sala perfumada. Então os atendentes colocaram duas cadeiras ao lado da patroa,

[160] onde Alexandre se sentou e ao lado dele Eurípilo. Suas tropas estavam acampadas fora dos muros, onde os valentes guardas troianos estavam posicionados. Depressa depuseram suas armaduras no chão e amarraram seus cavalos nas proximidades, ainda ofegantes após seu penoso esforço.

[165] Nas manjedouras lançaram o alimento de que os cavalos velozes precisavam. A noite então veio sobre eles, escurecendo a terra e o céu. Então eles fizeram a refeição abaixo das imponentes muralhas, ceteus e troianos juntos. Muitas vozes se erguiam enquanto jantavam. Por todo o acampamento havia grandes fogueiras

[170] junto dos abrigos. Ouvia-se o som de siringes estridentes e de oboés de palhetas de tons estridentes, misturado às notas

melodiosas das liras. De suas posições distantes, os argivos escutavam admirados o som de cavalos e homens, de oboés e liras

[175] e siringes que são tocadas pelos pastores e nas festas. Então o comandante de cada acampamento ordenou aos seus homens que guardassem os seus navios com turnos de vigília até o amanhecer, com medo de que os confiantes troianos pudessem vir e incendiá-los, pois agora eles estavam a festejar diante das suas altas muralhas.

[180] Também se banqueteava na casa de Alexandre. Com outros líderes famosos estava o filho guerreiro de Télefo. Príamo e os outros troianos revezaram-se em fazer repetidos apelos para que ele enfrentasse os argivos E infligisse uma terrível ruína, que ele prometeu cumprir.

[185] Após o jantar, eles retiraram-se, cada qual para sua casa. Eurípilo foi para a cama perto da casa, num quarto esplêndido que era o local de descanso habitual do próprio nobre Alexandre e de sua famosa esposa. Era uma sala incrível, a mais excelente de todas,

[190] onde repousou. Os outros dormiram em outro lugar até a chegada da Aurora entronizada em esplendor. Então, o filho de Télefo levantou-se e reuniu-se ao poderoso exército junto com todos os outros líderes em Ílion. Imediatamente os soldados vestiram ansiosamente suas armaduras,

[195] todos ansiosos por combater na primeira linha da luta. Assim também Eurípilo cobriu seu corpo maciço com uma armadura tão brilhante quanto relâmpagos. Seu esplêndido escudo ornava-se de muitas cenas intrincadas, todos os feitos outrora realizados pela coragem e força de Héracles.

[200] Nele, de mandíbulas assustadoras e línguas trêmulas, havia duas serpentes em movimento que realmente pareciam se mover ameaçadoras; mas cada uma era dominada pelo pequeno Héracles. Destemidos eram-lhe a mente e espírito, porque ele tinha a força de Zeus

[205] Desde o nascimento. Pois os descendentes dos deuses celestiais nunca são fracos nem inertes; eles são dotados de coragem ilimitada, mesmo no ventre materno. Ali estava representado o monstruoso leão da Nemeia, e como pelas mãos poderosas do poderoso Héracles

[210] era subjugado. Ao redor de suas mandíbulas temíveis, sangue e espuma apareceram enquanto ele parecia dar seu último suspiro. Perto dali figurava a figura da Hidra de múltiplas cabeças, com línguas ferozmente trêmulas. De suas cabeças mortais, algumas jaziam destruídas no chão, enquanto outras cresciam,

[215] uma multidão no lugar de alguns, árduo trabalho para Héracles e o bravo Iolau, ambos com espíritos destemidos. Enquanto um decepava as cabeças ameaçadoras com cortes rápidos de uma foice dentada, o outro cauterizava com um ferro em brasa, parando o violento ataque do monstro.

[220] A cena seguinte foi do grande javali invencível, com mandíbulas espumantes e levado vivo, como se fosse real, para Euristeu pelo poderoso neto de Alceu. Finamente modelada também era a corça veloz que devastou todas as colheitas de seus infelizes vizinhos.

[225] Por seus chifres dourados aquele poderoso herói a segurava, enquanto ele exalava uma rajada de fogo destrutivo. Perto estavam as funestas aves de Estínfalo. Algumas, atingidas por suas flechas estavam morrendo na poeira, enquanto outros, ainda tentando escapar, disparavam pelo céu cinzento.

[230] Mirando-as em sua fúria, Héracles estava atirando uma flecha após a outra, com extrema rapidez. Lá também os enormes estábulos do divino Áugias foram habilmente moldados naquele escudo indestrutível. Neles, a copiosa corrente do sagrado Alfeu

[235] era desviada pelo poderoso Héracles, enquanto algumas ninfas admiravam seu feito maravilhoso. Em outro lugar apareceu um touro que exalava fogo. Embora fosse incomparável, Héracles forçou-o a submeter-se, segurando-o pelos seus poderosos chifres. Em ambos os braços os músculos incansáveis se destacaram em seu esforço

[240] e o touro pareceu soltar um berro. Não muito longe disso, sobre o escudo, adornado com beleza celestial, estava esculpido Hipólita, a quem Héracles, com seus braços poderosos, ansioso por despi-la de seu cinto finamente modelado, arrastava do cavalo em alta velocidade pelos cabelos, enquanto as outras

[245] amazonas estavam fugindo aterrorizadas. Perto deles, na terra da Trácia, estavam os cavalos funestos de Diomedes, éguas

comedoras de homens. junto de suas repugnantes manjedouras, Héracles as matou junto com aquele rei perverso. Ali aparecia o enorme corpo de Gerião

[250] morto junto de seu gado. Esparramadas na poeira estavam suas cabeças ensanguentadas, destruídas pela força da clava de Héracles. Morto diante dele estava o mais mortal dos cães, Ortro, de força enorme, igual à do cruel Cérbero, que era seu irmão. Perto dali estava

[255] Eurítion, seu pastor, todo sujo de sangue. Perto deles estavam representadas as reluzentes maçãs douradas das Hespérides em sua árvore sagrada, ao redor da qual a terrível serpente jazia morta, enquanto por todos os lados aquelas donzelas se encolhiam de pavor do ousado filho do poderoso Zeus.

[260] Havia também uma visão que realmente assustou até os deuses, Cérbero, que Equidna deu à luz ao incansável Tifeu numa caverna de horror perto da casa da Noite

[262a] negra e terrível. Ele era um monstro hediondo, que, no portão sinistro do Hades, o lacrimoso, mantinha encerrada a multidão de mortos naquele poço de escuridão.

[265] O filho de Zeus, porém, facilmente o dominou com golpes, trouxe-o de cabeças pendentes pela correnteza de Estige, e arrastou-o contra sua vontade para um mundo que lhe era estranho, À força de coragem. À parte foram mostradas as longas ravinas de Cáucaso, onde em todas as direções os grilhões de Prometeu

[270] eram arrancados das rochas às quais estavam presos para a libertação daquele grande Titã. Perto dali estava a cruel águia, com o corpo trespassado pela dolorosa flecha de Héracles. Os poderosos Centauros foram retratados com toda a sua força diante da casa de Folo. Incitados pela Discórdia e vinho

[275] Esses monstros ousaram lutar contra Héracles. Alguns deles jaziam ali, massacrados entre os pinheiros, empunhando-os nas mãos como armas, enquanto outros ainda lutavam furiosamente com seus troncos de pinheiro e não haviam abandonado a batalha. As cabeças de todos eles estavam encharcadas de sangue,

[280] feridas naquela luta impiedosa que parecia real. O sangue deles se misturou ao vinho e tudo foi quebrado: a comida, as tigelas e as mesas finamente polidas. Em outra posição, ao lado do rio

Eveno, Nessos, que fugia daquela batalha, foi destruído pela flecha de Héracles.

[285] por tê-lo provocado por causa de sua adorável esposa. Também foi mostrado o poderoso Anteu em toda a sua força, pois mesmo ele, aquele que estava sempre envolvido em combates de luta, foi erguido e esmagado pelos braços poderosos de Héracles. Deitado ao lado da foz do rápido Helesponto

[290] via-se uma criatura enorme e assustadora atingida pelas flechas de Héracles para libertar Hesíone de suas correntes. Ainda outros feitos maravilhosos do valente neto de Alceu estavam no amplo escudo de Eurípilo, o favorito de Zeus. Ele parecia Ares movendo-se entre as fileiras.

[295] Os troianos que o escoltaram se alegraram ao ver a armadura e o homem vestido com uma beleza divina. Páris então o encorajou a lutar com as seguintes palavras: "Estou feliz que tenhas vindo, pois sinto em meu coração que cada argivo encontrará uma morte miserável".

[300] Junto com seus navios, porque nenhum homem como tu jamais foi visto entre os troianos ou entre os guerreiros aqueus. Imploro-te, pela grandeza e poder de Héracles, com quem te pareces em tamanho, força e aparência esplêndida, aplica-te em ações que correspondam à memória dele,

[305] Salva corajosamente os troianos da matança e conquista-nos algum alívio. Creio que és o único que pode proteger nossa cidade em ruínas de um destino maligno." Eurípilo respondeu a essas palavras de forte encorajamento: "Filho de Príamo, corajoso e bonito como um deus,

[310] Está nos joelhos dos imortais quem vai morrer e quem vai sobreviver à luta violenta. Quanto a mim, conforme o dever e minhas forças de combate permitirem, ficarei em defesa da cidade e juro não retornar antes de matar ou ser morto.

[315] As corajosas palavras de Eurípilo encantaram muito os troianos. Ele então escolheu Alexandre e o valente Eneias, Polidamas com lança de freixo e o nobre Pâmmon, Deífobos também e Ético, o melhor de todos os Paflagônios para comandar a multidão no campo.

[320] Todos estes ele escolheu por sua habilidade no ofício da guerra, a fim de lutar contra o inimigo entre as fileiras mais avançadas na batalha. Imediatamente avançaram na frente da multidão e saíram ansiosos da cidade. Seguiu-os uma multidão de soldados, como um esplêndido enxame de abelhas

[325] que seguem seus líderes para fora de uma colmeia coberta em rumorosa corrente quando chega o primeiro dia de primavera. Assim foram aqueles líderes humanos seguidos no combate. À medida que avançavam, um estrondo poderoso subiu ao céu vindo de cavalos e homens, e o som de suas armaduras desafiava qualquer descrição.

[330] Como quando a força de um vento poderoso desce e agita o mar estéril até o fundo; ondas escuras chegam à costa com um rugido, vomitando algas marinhas das ondas estrondosas, e, ao longo de todas as praias secas o barulho ressoa;

[335] Tal era o som da terra sob os passos daqueles homens. Ao longe, os argivos saíam do seu acampamento fortificado em volta do nobre Agamemnon. Os gritos dos soldados foram ouvidos encorajando uns aos outros a enfrentar a luta mortal e não permanecer ao lado de seus navios acovardados

[340] diante dos sons ameaçadores daqueles que estavam ansiosos pelo combate. Eles foram ao encontro dos troianos que avançavam tão alegremente quanto bezerros encontram as vacas voltando para uma fazenda vindos dos matagais dos pastos primaveris nas encostas, quando os campos estão repletos de colheitas abundantes e a terra está repleta de flores;

[345] Os recipientes estavam cheios de leite de vacas e ovelhas; alto é o mugido que se eleva por todos os lados, vindo do gado misturado, para grande alegria do pastor. Não foi menor o barulho que surgiu daqueles exércitos avançando uns em direção aos outros, os gritos assustadores de ambos os lados.

[350] A batalha desenfreada então sobrecarregou suas forças, com o próprio Tumulto e o horrível Carnificina espreitando entre eles. Lanças, elmos e escudos de couro de boi se chocavam em combate corpo a corpo e ao redor deles o bronze resplandecia como chamas. A batalha estava repleta de pontas de lança, enquanto por todos os lados

[355] O rico solo negro estava encharcado com o sangue de guerreiros massacrados e de cavalos de pés velozes esparramados entre as carruagens, Alguns contorcendo-se por causa dos ferimentos de lanças e outros desabando em cima deles. Seus gritos horríveis rasgaram o ar. Ambos os lados sentiram o impacto do conflito de coração férreo.

[360] Era batalha implacável, alguns lutando com pedras, alguns com lanças e flechas recém-afiadas, outros com machados de batalha de lâmina simples e dupla e outros com espadas e lanças poderosas para combate corpo a corpo. Cada um se defendeu com a arma de sua escolha.

[365] Primeiro os argivos fizeram recuar um pouco as linhas de Troia para trás. Mas então os troianos atacaram e encharcaram de sangue o campo, atacando os argivos. Eurípilo no meio deles, como um furacão negro, percorreu as fileiras do exército matando os homens de Argos

[370] Sem medo. Pois ele foi dotado de força indescritível por Zeus para promover a glória de Héracles. Depois veio Nireu, um homem que rivalizava com os deuses, atingido enquanto lutava contra os troianos pela lança de Eurípilo, logo acima do umbigo, fazendo-o cair no chão.

[375] jorrou-lhe o sangue e encharcou sua esplêndida armadura; encharcadas também ficaram sua beleza radiante e cabelos exuberantes. Ali, entre os mortos, na poeira e no sangue, ele jazia, como o rebento vigoroso de uma tenra oliveira arrancado por um rio inundado ao longo do seu curso estrondoso.

[380] rompendo a margem rompida e abrindo larga fenda; desarraigado, ele jaz pesado com sua flor. Assim, então, sobre as costas largas da terra, estendia-se a bela figura de Nireu em toda a sua beleza. Grande foi o orgulho de Eurípilo sobre o homem que ele matou:

[385] "Jaze na poeira agora que sua beleza maravilhosa falhou em protegê-lo como desejavas. Ao contrário, roubei-te a vida, apesar de teu desejo de escapar. Infeliz, não sabias que enfrentavas um homem melhor. A beleza não é páreo para a força muscular na batalha."

[390] Assim falando, ele iria atacar sua vítima e despir sua esplêndida armadura quando Macaão barrou seu caminho, irritado por causa de Nireu, que havia sofrido seu destino nas proximidades. Com uma lança cruel, Macaão atingiu-lhe o largo ombro direito e fez fluir o sangue daquele homem forte.

[395] Ainda assim Eurípilo não recuou diante do tumulto. Ao contrário, assim como um leão ou um javali nas montanhas enfurece-se quando cercado até destruir o seu atacante, aquele que, dentre a multidão, é o primeiro a ferir, assim ele se lançou sobre Macaão.

[400] e depressa o feriu com sua longa e pesada lança na nádega direita. a outra não recuou diante do atacante, apesar do fluxo de sangue. Ao contrário, num piscar de olhos ergueu uma pedra enorme e bateu com ela na cabeça do valente filho de Télefo.

[405] Salvou-o o capacete de ferimentos graves ou morte no local. Mas a fúria contra seu poderoso inimigo encheu então Eurípilo, o guerreiro, e com espírito furioso cravou diretamente no peito de Macaão sua lança rápida, de modo que sua ponta sangrenta se projetava de suas costas.

[410] Macaão caiu como um touro nas mandíbulas de um leão, e a armadura brilhante retumbou ao redor dele. Eurípilo imediatamente puxou a ponta de lança mortal da carne ferida e bradou estas palavras de triunfo: “Infeliz, a mente em ti não pode ter sido solidamente fundamentada”.

[415] quando tu, um fraco, saíste para enfrentar um homem muito melhor que tu. Por isso caíste na desgraça do céu. Tua recompensa será ter os pássaros dividindo tua carne após sua morte em batalha. Ou esperas voltar para casa depois de escapar de minhas mãos poderosas?

[420] És um curandeiro com experiência em pomadas calmantes; talvez esperes que elas te ajudem a escapar do dia mau. nem mesmo teu pai, de seu lugar no enevoado Olimpo, nem mesmo ele poderia resgatar-te desta vez da morte, Derramando seu néctar e ambrosia sobre ti.

[425] Macaão respondeu-lhe com o pouco fôlego que lhe restava: “Também tu, Eurípilo, não tens muito tempo para viver. Teu destino mortal está ao teu lado, aqui mesmo na planície de

Troia, onde causas estragos." O fôlego de sua vida desapareceu enquanto ele falava e se dirigia direto para o Hades.

[430] O herói se dirigiu a ele, embora agora ele já não vivia: "Jazes no chão agora. Quanto a mim, o futuro não me preocupa, mesmo que a destruição sombria esteja bem em meus passos hoje mesmo. Nós, homens mortais, não vivemos para sempre; a morte está fadada a todos nós."

[435] Então ele esfaqueou o corpo, quando Teucro soltou um grande grito ao ver Macaão na poeira. Longe de Macaão, ele combatia arduamente e entre eles a batalha era urgente, um homem atacando outro. Mesmo assim, Teucro não esqueceu aquele herói caído,

[440] nem Nireu deitado ao lado dele, a quem ele notou somente depois do divino Macaão, caído na poeira. imediatamente chamou os argivos com toda a força de sua voz: "Atacai, homens de Argos. Não cedaisis às investidas do inimigo. Isso significará uma vergonha indescritível para nós

[445] Se o nobre Macaão e o divino Nireu forem arrastados pelos troianos e levados para Ilion. Vinde, pois, lutemos contra o inimigo com vontade, Até que retiremos nossos caídos ou morramos ao lado deles, porque é dever dos homens

[450] defender os seus e evitar que se tornem espólio dos outros. A maior glória dos homens só é obtida através do suor." As palavras de Teucro angustiaram os dânaos. Em volta daqueles corpos, o chão estava avermelhado por muitas vítimas de Ares, homens lutando em ambos os lados numa batalha equilibrada.

[455] A lamentável morte de Macaão, caído na poeira, foi notada por seu irmão Podalírio tarde, pois ele estava sentado entre os navios velozes cuidando dos soldados feridos por lanças. Revestiu-se com toda a sua armadura, a fúria por seu irmão enchendo seu espírito. Seu peito

[460] inflava-se com uma força terrível que o deixou ansioso por entrar na batalha lamentável e seu sangue negro ferveu no coração furioso. Num piscar de olhos ele saltou entre os inimigos brandindo em sua mão ágil sua lança de ponta longa. Rapidamente ele matou o nobre filho de Agamestor,

[465] Kleitos, gerado por uma ninfa de belas tranças ao lado do rio Partênio, cujas águas fluentes cruzam a terra tão suavemente quanto o azeite a caminho do Mar Euxino. Junto ao corpo de seu irmão ele matou outro inimigo, Lasso, o filho divino de Prônoe, que nasceu ao lado

[470] do rio Ninfeu muito perto de uma caverna que é ao mesmo tempo ampla e maravilhosa e considerada sagrada para aquelas mesmas ninfas que habitam as altas colinas dos paflagônios e daqueles que vivem na Heracleia produtora de vinho. É certamente uma caverna adequada

[475] para divindades, porque é imenso de se ver. Através de seu espaço pedregoso corre uma corrente de água que é tão fria quanto gelo. Em todos os seus recessos há crateras de pedra sobre as rochas escarpadas, parecendo ter sido feitas pelas mãos dos homens.

[480] Junto com estes estão figuras de vasos e lindas ninfas, teares e rocas e todos os outros objetos de artesanato humano, visão verdadeiramente maravilhosa para homens mortais que entram naquele recesso sagrado. Há duas maneiras de descer até ele e sair,

[485] Um deles volta-se para as fortes rajadas do vento norte, o outro em direção ao úmido vento do sul. Os mortais entram na caverna escancarada das ninfas vindos do sul, a outra é o caminho dos deuses abençoados, onde os humanos não podem passar, pois ali se abre um abismo.

[490] Todo o caminho até o poço do arrogante Hades; Somente os deuses abençoados têm o direito de passar. Entretanto, em Macaão e no famoso filho de Aglaia, uma multidão de homens foi morta, homens que lutavam de ambos os lados. Por fim, os dânaos arrastaram os dois depois de lutar

[495] arduamente. Diretamente de volta aos seus navios, eles foram trazidos por poucos homens, pois a maioria ainda estava envolvida no ardor da batalha amarga, compelidos a continuar combatendo. Quando muitos homens saciaram a sombria Morte em meio à confusão de sangue e agonia,

[500] a maior parte dos argivos recuou para o recinto de seus navios, colhidos pela maré cruel do ataque de Eurípilo. Um punhado liderado pelos poderosos filhos de Ájax e de Atreu manteve sua posição na batalha. Em breve todos eles teriam morrido

nas mãos do inimigo, cercados pela sua multidão,

[505] se o filho de Oileu não tivesse ferido o prudente Polidamas entre o peito e seu ombro esquerdo, fazendo-lhe fluir o sangue e obrigando-o a recuar um pouco. Deífobo foi ferido pelo famoso Menelau à direita do peito, mas escapou com pés ágeis.

[510] Depois nobre Agamêmnon matou um bom número da multidão assassina e perseguiu Ético com uma lança frenética, mas ele escapou entre seus amigos. Quando Eurípilo, o condutor de exércitos, notou que todos aqueles homens se retiravam do amargo conflito,

[515] imediatamente abandonou as tropas que havia conduzido entre os navios e precipitou-se sobre os dois poderosos filhos de Atreu e o filho de espírito robusto de Oileu, que se destacava na velocidade dos pés e também na luta. Rapidamente ele saltou sobre eles segurando a longa haste de sua lança.

[520] Com ele iam Páris e o valente Eneias, que foi rápido em atirar uma pedra enorme contra Ájax e acertou seu sólido capacete. Ele caiu na poeira, mas não deu seu último suspiro, porque seu dia de destruição estava marcado para seu retorno, junto às rochas Cafereias.

[525] Seus companheiros experientes em batalha o agarraram e o levaram, quase sem respirar, em direção aos navios aqueus. Então, de fato, aqueles reis famosos, os filhos de Atreu, ficaram sozinhos com uma turba assassina que os cercava e atirava de todos os lados tudo quanto encontravam.

[530] Uns lançavam uma chuva de flechas mortais, alguns de pedras, e outros de lanças. Aqueles dois foram apanhados no meio, virando para cá e para lá, como javalis ou leões num cercado, num dia em que os governantes reúnem as pessoas e cruelmente os encerram para encontrarem uma morte terrível.

[535] das feras selvagens que estão encurraladas lá com eles para despedaçar qualquer escravo que chegue perto demais. Assim cercados, aqueles dois mataram seus agressores. Mas, por mais ansiosos que estivessem para escapar, não o conseguiriam sem a chegada de Teucro e do valente Idomeneus.

[540] Com Meríones e Toas e o divino Trasímedes, que antes temiam a força de Eurípilo. Eles teriam escapado do desastre

fugindo para os navios, se a grande preocupação pelos filhos de Atreu não os tivesse levado a enfrentar Eurípilo e a travar batalha desesperada.

[545] Teucro com lança de freixo primeiro enfiou sua arma no escudo de Eneias, mas sem ferir a carne, a cobertura de quatro grandes peles protegendo-o do perigo. Ainda assim o choque o fez recuar um pouco. Meríones então avançou contra o nobre Laofonte

[550] O filho de Peão, nascido pela bela Cleomede junto do rio Áxio, que foi para o sagrado Ílion com o nobre Asteropeu para ajudar os troianos. Meríones então o perfurou com a ponta de sua lança logo acima de suas partes íntimas e fez-lhe saírem as entranhas.

[555] num instante. Seu espírito partiu para a escuridão. Então o companheiro de guerra de Ájax, filho de Oileu, Alcimedonte, lançou-se contra a multidão de robustos troianos. Fazendo uma prece, ele atirou na terrível turba de inimigos uma pedra letal de sua funda. Os homens se desviaram para os lados

[560] com terror daquela pedra enquanto ela assobiava em seu caminho. Um destino mortal dirigiu-o ao auriga de Pâmmon, filho do ousado Hipaso. Atingiu-lhe a têmpora enquanto ele segurava as rédeas e o derrubou direto de sua carruagem diante de suas próprias rodas. As rodas da carruagem rápida

[565] rolaram sobre o infeliz corpo do homem caído quando seus cavalos dispararam. A terrível morte o dominou. Muito rapidamente, seu chicote e suas rédeas ficaram para trás. Pâmmon ficou mergulhado em tristeza. A necessidade de repente fez dele líder e condutor de sua carruagem rápida.

[570] Ele teria encontrado no local seu último dia de destruição, se um dos troianos em meio ao tumulto sangrento não tivesse tomado as rédeas e resgatado seu líder, fortemente pressionado como estava pelas mãos assassinas do inimigo. Enquanto o divino Acamante avançava para atacar,

[575] O robusto filho de Nestor o perfurou acima do joelho e lançou-o em uma dor lancinante devido ao ferimento horrível. Ele recuou da luta e deixou aos amigos a luta que trouxe lágrimas aos homens, pois a luta não o preocupava mais. Então, um dos famosos atendentes de Eurípilo

[580] atingiu um companheiro de Toas, o prudente Deípites, logo abaixo do ombro. A lança chegou perto do coração, causando uma dor cruel e, com o sangue, frio suor correu por seu corpo. Quando ele estava se virando para ir embora, Eurípilo alcançou-o por trás com todas as suas forças

[585] e cortou os tendões que lhe davam velocidade. Seus pés ficaram imóveis onde ele foi atingido e a vida o deixou. Páris foi perfurado por um golpe rápido da lança afiada de Toas em sua coxa direita, o que o fez recuar um pouco para recuperar seu arco e flechas rápidas deixados na retaguarda.

[590] Depois Idomeneu com a maior pedra que conseguiu levantar, atingiu Eurípilo no braço. Caiu no chão sua lança mortal. Ele teve que retirar-se imediatamente para obter outra lança, pois a sua havia sido arrancada de sua mão. Assim, os filhos de Atreu desfrutaram de uma pequena pausa nas lutas.

[595] Mas rapidamente os companheiros de Eurípilo vieram e trouxeram-lhe uma lança longa e dura, com a qual ele abateu a força de muitos. Ele a pegou e atacou o exército com violenta força, matando quem quer que encontrasse, ele derrotou uma multidão de seus inimigos. Nenhum dânao, nem os filhos de Atreu nem qualquer outro combatente,

[600] manteve sua posição por mais tempo, todos dominados pelo terror abjeto. Trazendo uma onda de desastre para todos eles, Eurípilo atacou e massacrou por trás. Ele fez este apelo aos troianos e aos seus camaradas cavaleiros: “Meus amigos, com ânimo unido em nossos peitos

[605] causemos morte e destruição aos dânaos agora que eles, como ovelhas, recuam para o abrigo de seus navios. Nenhum de nós esqueça a arte mortal da guerra que conhecemos desde que éramos meninos.” Eles obedeceram saltando sobre os argivos como um só homem.

[610] Estes fugiram em absoluto terror da luta selvagem com os inimigos em sua perseguição, como cães de presas brancas Perseguindo cervos selvagens pelas florestas de longas ravinas. Muitos caíram ao pó, apesar do desejo de fugir da matança que os ameaçava tão gravemente.

[615] Eurípilo matou então os nobres Bucólion, Niso, Crômio e Antifo, uns habitantes dos ricos Micenas e outros de Lacedemônia. Eles foram os homens famosos que foram condenados à morte por ele. Da multidão comum ele matou inúmeras hordas.

[620] Não poderia cantar todos eles por mais que quisesse, nem mesmo se tivesse um coração de aço no peito. Eneias derrubou Feres e Antímaco, ambos vindos de Creta com Idomeneus. Vítima do grande Agenor foi o nobre Molos,

[625] que viera de Argos sob o comando de Estênelo. Enquanto ficava para trás em sua fuga da briga, ele foi atingido pela lança recém-afiada na parte inferior da perna direita. A ponta da lança atravessou-o, cortando a espessura do tendão e quebrando cruelmente o osso.

[630] O homem estava condenado a ter uma morte verdadeiramente dolorosa. Então Páris derrubou Mósino e o valente Fórcis, dois irmãos que viajaram de Salamina para lá a bordo dos navios de Ájax, mas não retornaram neles. Depois ele matou Cleolau, digno companheiro de Meges,

[635] atingindo-o no lado esquerdo do peito, de modo que a escuridão mortal o dominou e seu espírito voou para longe. Embora morto, dentro de seu peito seu coração perfurado pela dor ainda produzia pulsações rápidas e agitava a arma emplumada. Páris disparou rapidamente outra flecha, contra o audaz

[640] Eécion, e a ponta de bronze cravou-se diretamente em sua mandíbula. Ele gemeu e com seu sangue se misturaram lágrimas. Cada guerreiro matou um inimigo diferente, até que grande parte do terreno ficou lotado com tropas inteiras de argivos caídas umas sobre as outras. Agora os troianos teriam incendiado os navios,

[645] se a noite não os tivesse alcançado com uma mortalha de névoa. Eurípilo retirou-se, portanto, e com ele os troianos, um pouco longe dos navios até as margens do Simoeis, onde acamparam cheios de alegria. Enquanto isso, os argivos com muitos gemidos desabaram na areia entre seus navios,

[650] oprimidos pela tristeza por seus mortos, pois negro era o destino que se abatera sobre tantos deles na poeira.

LIVRO VII

Enquanto Eurípilo mantém os aqueus acuados junto aos navios, Odisseu e Diomedes chegam a Ciros e persuadem Neoptólemo a partir para Troia. Deidameia lamenta a decisão do filho, mas o jovem recebe as armas de Aquiles e entra imediatamente no combate. Sua chegada reanima os aqueus, contém o assalto troiano às muralhas e anuncia o confronto decisivo com Eurípilo.

[1] Quando o céu ocultou as estrelas e a Aurora despertou com um clarão de luz que derrotou a escuridão da noite, os valorosos filhos de Argos marcharam diante de seus navios decididos a enfrentar Eurípilo

[5] e lutar com todas as suas forças, exceto aqueles que ficaram junto de seus navios para enterrar Macaão e Nireu, homem que rivalizava com os abençoados imortais com sua beleza radiante, mas não era forte no corpo. Os deuses não concedem perfeição aos seres humanos em tudo,

[10] pois o Destino determina que o mal deve acompanhar o bem. Assim, com a beleza radiante do régio Nireu, a fraqueza estava ligada. Mas os dânaos não o desprezaram, pois seus ritos funerários e lamentações funerárias igualaram-se aos do nobre Macaão, a quem honraram

[15] como um deus imortal por causa de sua famosa sabedoria. Um só túmulo foi erguido para os dois. Enquanto isso, na planície a loucura da guerra assassina continuava. De ambos os exércitos veio um poderoso fragor: o esmagamento de escudos de couro de boi com pedras e lanças.

[20] Enquanto o exaustivo trabalho da guerra empenhava os demais, Podalírio permanecia em jejum, deitado na poeira e gemendo em voz alta. Não queria deixar o túmulo de seu irmão e

seu espírito atormentado estava decidida a se matar pelas próprias mãos.

[25] Ora levava as mãos na espada ora procurava por um veneno mortal, enquanto os companheiros continham-no com muitos apelos calmantes. Em sua angústia inabalável, ele teria acabado com sua vida com suas próprias mãos, ali sobre o recém-construído túmulo de seu bravo irmão,

[30] se o filho de Neleu não tivesse sido informado e vindo socorrê-lo em sua terrível aflição. Encontrou-o ora Atirando-se na sepultura lamentável ora derramando poeira sobre sua cabeça e batendo em o peito com golpes violentos de seus punhos enquanto gritava

[35] o nome de seu irmão. Ao redor de seu senhor, servos e companheiros juntaram-se aos seus camaradas em gemidos, todos dominados pela dor. Para acalmar sua amarga tristeza, Nestor disse-lhe: "Este sofrimento miserável deve parar, meu filho. Não convém que um homem com o seu bom senso

[40] chorar como uma mulher prostrada ao lado de um morto. Não o trarás de volta à luz agora que seu espírito alçou voo e desapareceu no ar, enquanto seu corpo foi consumido pelo fogo e seus ossos foram entregues à terra. Seu fim foi digno de sua vida. Mas sua tristeza indescritível

[45] deve ser suportada como a minha por um homem tão bom quanto Macaão, o filho que perdi nas mãos do inimigo, que na lança se destacou não menos do que com sua sabedoria. Nenhum jovem um homem que amasse teu pai tanto quanto me amava. Ele morreu por mim, desejando de salvar

[50] seu pai. E, no entanto, imediatamente após a sua morte, suportei de comer e viver para ver a luz do dia, sabendo que todos nós, homens, devemos trilhar Um caminho comum para o Hades e para todos nós é fixado pelo Destino um objetivo sombrio. Portanto, todo homem mortal

[55] deve aprender a aceitar os dons dos deuses, tanto os bons quanto os dolorosos." O aflito Podalírio respondeu a Nestor, enquanto lágrimas de tristeza ainda escorriam e banhavam suas bochechas floridas: "Pai, meu coração está dominado por uma dor insuportável por um irmão tão sábio e que me criou

[60] como se eu fosse seu filho quando nosso pai subiu ao céu, Embalando-me em seus braços e ensinando-me com devoção os conhecimentos da cura para doenças. Compartilhamos o leito e a mesa. E nos deleitamos em ter tudo em comum. Como, então, posso esquecer a dor que me assalta? Sua morte

[65] extinguiu meu desejo pela adorável luz da vida." O velho respondeu a estas suas palavras tristes: "Todos os mortais compartilham esta maldição comum do céu, o luto. Todos serão cobertos pela terra, embora nosso caminho até o fim da vida não seja o mesmo

[70] nem segue cada qual o caminho cada um de nós deseja, porque tanto as boas quanto as más fortunas repousam sobre os joelhos dos deuses acima, misturadas pelo Destino. Nem um único Imortal pode vê-los, pois eles se tornaram invisíveis, Escondidos como estão por uma névoa maravilhosa. Somente o Destino

[75] impõe as mãos sobre eles, sem olhar quando do Olimpo ela os lança na terra. São levados em todas as direções como por rajadas de vento, e muitas vezes um homem digno é dominado pelo desastre, enquanto a riqueza recai sobre o vil sem mérito, pois a vida humana é verdadeiramente cega.

[80] E por isso não andamos com segurança, mas muitas vezes Nossos pés ficam propensos a tropeçar. O caminho é sinuoso e levam Às vezes ao sofrimento e à angústia, outras vezes à felicidade. Nenhum homem mortal foi completamente feliz, do início ao fim. O bem e o mal por cada um são diferentes.

[85] Como a nossa vida é curta, não é certo vivê-la com tristeza. Sempre espere por melhorias, em vez de prender o coração à dor. Além disso, existe um ditado entre nós que diz que para um lar eterno no céu vão as almas dos bons, mas as dos maus, para as trevas. Duas coisas falam

[90] em favor de seu irmão, sua bondade para com os outros mortais E teu pai imortal. Ele, eu acredito, subiu para se juntar à raça dos deuses pela intercessão de teu pai." Com essas palavras encorajadoras ele o levantou do chão, embora ainda não quisesse, e o levou para longe daquela terrível sepultura

[95] voltando-se repetidamente e gemendo dolorosamente. Então eles chegaram aos navios, onde um penoso combate envolveu

tanto os aqueus quanto os troianos na batalha em andamento. O espírito indômito de Eurípilo era como o do deus da guerra, e, com mãos incansáveis e lança furiosa

[100] ele massacrou hordas de seus inimigos. O chão estava repleto de cadáveres dos mortos de ambos os lados. Avançava neles enquanto lutava destemido, com mãos e pés salpicados de sangue. Ele nunca cessou sua luta implacável. Com sua lança ele abateu o corajoso Peneleos

[105] quando eles se encontraram naquele campo impiedoso, e muitos ao seu redor ele massacrou. Sem deter suas mãos na luta, perseguiu os argivos com fúria, assim como antes, nas alturas de Fóloe o poderoso Héracles desencadeou toda a sua força furiosa sobre os Centauros,

[110] matando cada um deles apesar de sua velocidade E força e proficiência em combate mortal. Da mesma forma, em rápida sucessão, os lanceiros dânaos sucumbiram ao ataque de Eurípilo, e em todas as direções tropas inteiras deles foram espalhadas na poeira onde haviam caído.

[115] Como sob a violência de um rio caudaloso, as margens de uma região arenosa são arrancadas em longos trechos de cada lado; para o mar corre a inundação fervente e destrutiva; por todos os lados os penhascos ecoam o rugido de todas as águas correntes

[120] e o desabamento constante dos diques à medida que são arrastados; assim foram os famosos filhos guerreiros de Argos: muitos caíram no pó nas mãos de Eurípilo, quantos ele alcançou na batalha sangrenta. Aqueles que escaparam só foram salvos pela força dos pés. Mesmo assim

[125] conseguiram arrastar Peneleos para fora do tumulto estridente para seus navios na mesma tentativa, com a velocidade do pé, de escapar do implacável destino de uma morte terrível. Eles fugiram em desordem para o abrigo de seus navios, pois não tinham força de espírito para enfrentar Eurípilo;

[130] eles foram tomados por um pânico lamentável por Héracles para maior glória de seu robusto neto. Eles ficaram ali encolhidos atrás de seu muro como cabras ao abrigo de uma colina, com medo de um vento cortante que traz uma forte queda de neve ou granizo gelado

[135] com suas rajadas geladas; apesar de todo o seu desejo de pastar, eles não enfrentarão a rajada acima do topo da colina, mas amontoados no abrigo das ravinas, eles esperam a tempestade passar, preferindo alimentar-se sob os matagais sombrios em multidões, até que as rajadas do vento mau tenham cessado.

[140] Os dânaos também permaneceram sob suas muralhas, tremendo diante do ataque do poderoso filho de Télefo. Ele estava a ponto de derrubar o muro

[142a] com a força de suas mãos e destruir navios e soldados, quando Tritogênia finalmente inspirou coragem aos argivos. Assim, com uma barragem incessante de mísseis mortais

[145] do topo de seu muro, eles continuaram matando seus inimigos em rápida sucessão, até que o muro ficou molhado com sangue repugnante em meio aos gemidos de homens feridos. Desta forma, a luta continuou noite e dia, ceteus e troianos contra os resolutos guerreiros argivos,

[150] Às vezes na frente dos navios, outras vezes ao longo da muralha, uma luta verdadeiramente desesperada. Mesmo assim, por apenas dois dias, o derramamento de sangue daquela amarga batalha foi interrompido, depois que o rei Eurípilo recebeu uma embaixada dos dânaos, que solicitava uma trégua na luta.

[155] Para consignar à pira funerária os mortos em combate. Ele concordou imediatamente, e o intervalo na terrível luta foi usado por ambos os lados para enterrar os corpos daqueles que haviam caído na poeira. O principal luto dos aqueus foi pelo morto Peneleos, sobre quem amontoaram

[160] um túmulo largo e alto para os futuros homens contemplarem. A massa de guerreiros mortos eles enterraram separadamente, seus espíritos dolorosamente afligidos com uma dor avassaladora, e para todos eles construíram uma única pira e uma só sepultura. Da mesma forma, ao seu lado, os filhos de Troia

[165] enterraram seus mortos. Mas a mortífera Discórdia não dormia e continuava a estimular a coragem e a força de Eurípilo para enfrentar seus inimigos. E assim ele nunca se retirou dos navios, mas permaneceu lá sempre alimentando o combate com os dânaos. Enquanto isso, os homens do rápido navio negro chegaram a Ciros.

[170] Lá encontraram o filho de Aquiles em frente de sua casa, ora entre atirar flechas e lanças ora exercitando-se com seus cavalos de pés velozes. Eles ficaram felizes em vê-lo exercitar-se nas artes da luta implacável, apesar da dor que sentia

[175] pela morte de teu pai, já comunicada a ele. Enquanto corriam para encontrá-lo, ficaram surpresos ao observar como ele se parecia com o corajoso Aquiles em sua bela forma. Ele falou primeiro e os cumprimentou com estas palavras: "Estranhos, sois são muito bem-vindos à minha casa.

[180] Dizei-me de onde vindes, quem sois e que necessidade que o leva através das ondas áridas." Esta pergunta foi respondida pelo nobre Odisseu: "Somos companheiros de Aquiles, o poderoso guerreiro, de quem és filho de Deidameia, o sábio.

[185] Nós mesmos podemos ver que és a imagem perfeita Daquele homem que rivalizou com a força dos imortais. Eu sou de Ítaca, este é de Argos, a terra dos cavalos, se acaso ouviste o nome do filho guerreiro de Tideu ou o do astuto Odisseu, que agora está

[190] diante de ti, vindo por causa de uma profecia. Tem piedade de nós e salva o exército argivo vindo para Troia. Dessa forma, a guerra acabará, e terás presentes incalculáveis dos aqueus. Eu mesmo dar-te-ei as armas de teu pai divino,

[195] cuja beleza realmente te encantará. Não são como as armas dos homens mortais, mas são tão excelentes quanto as do deus da guerra. Estão cobertas por uma sólida camada de ouro adornada com entalhes intrincados, sendo tais que o coração do próprio Hefesto entre os deuses foi aquecido

[200] com sua criação divina. A visão delas irá realmente surpreender-te, porque a terra, o céu e o mar estão formados no escudo, em torno do qual um poderoso círculo de criaturas é representado como se se movessem, maravilha até para os imortais. Nenhum homem mortal

[205] na terra jamais viu ou carregou tais armas, exceto teu pai, que foi honrado como Zeus por todos os aqueus, enquanto eu o amava especialmente como amigo. Quando ele foi morto, carreguei seu corpo para os navios, depois de causar uma destruição impiedosa a muitos inimigos.

[210] Por isso suas famosas armas me foram concedidas pela deusa Tétis. Mas estou disposto a entregá-las a ti quando chegares a Ílion. Além disso, Menelau, assim que saquearmos a cidade de Príamo e regressarmos de navio à Grécia,

[215] far-te-á seu genro, se quiseres, em recompensa por teu auxílio. E conceder-te-á, juntamente com a filha de belas tranças, ouro e riquezas incontáveis, tudo quanto convém acompanhar uma princesa de ricos bens." Então lhe respondeu o valoroso filho de Aquiles:

[220] "Se é por causa dos oráculos que os aqueus me chamam, partamos amanhã através do vasto mar, para ver se posso tornar-me para os dânaos a luz que desejam. Agora, porém, passemos ao banquete de boas-vindas em minha casa, tal como convém preparar para os hóspedes.

[225] Quanto às minhas núpcias, os deuses poderão cuidar delas mais tarde." Assim falou e tomou a dianteira; eles o seguiram cheios de alegria. Quando chegaram à mansão e ao seu encantador pátio, encontraram ali Deidameia consumida pela tristeza, definhando como a neve que se derrete nas montanhas

[230] sob as rajadas assobiantes do vento leste e o sol incansável. Então ela definhara desde a morte de seu glorioso marido. Apesar de seu estado de tristeza, aqueles reis famosos falaram palavras de saudação para ela. Seu filho se aproximou e disse-lhe claramente os nomes e a linhagem de ambos,

[235] mas o propósito da visita ele reteve para o dia seguinte, receando de que a dor dela desse lugar a lágrimas de angústia e ela implorasse para impedi-lo de partir como ele desejava. Assim que jantaram, o sono veio refrescar todos os que viviam na terra de Ciros,

[240] ilha rodeada pelo mar, em torno da qual ressoavam as ondas do Egeu que se quebram em suas costas. O sono desejável, porém, não envolveu Deidameia, pois sua memória foi despertada pelo nome do astuto Odisseu e pelo do divino Diomedes, os mesmos homens

[245] que a haviam privado de Aquiles, o poderoso guerreiro, ao persuadir seu coração valente a ir e enfrentar o inimigo na batalha. Ali, o Destino implacável o encontrou e destruiu sua esperança de

retorno, infligindo uma dor imensurável a teu pai, Peleu, bem como a Deidameia.

[250] Por isso que seu coração estava dominado por um pavor indescritível diante da prontidão de seu filho para partir para o tumulto da guerra, receando que nova dor não se somasse à sua dor terrível. Aurora subiu aos céus elevados, e de suas camas os homens levantaram-se rapidamente. Assim que Deidameia

[255] quando o percebeu, ela se jogou no peito largo do filho, gemendo amargamente e bradando alto para o céu. Assim como uma vaca nas montanhas muge incessantemente enquanto procura seu bezerro nos vales e ruidosos são os ecos das alturas das montanhas circundantes;

[260] tais eram os ecos de seu choro em todos os recantos daquele salão elevado e ela expressou sua miséria assim: "Ó meu filho, por que teu espírito ansiava hoje por seguir estranhos até Ilion, aquela cidade de lágrimas, onde muitos encontram seu fim na luta assassina

[265] apesar de sua experiência no hediondo negócio da guerra? Ainda és muito jovem para ter aprendido as artes marciais que podem proteger um homem do dia mau. Ouve o que eu digo e permanece em casa, para que as más notícias de Troia não cheguem aos meus ouvidos

[270] que sejas morto em batalha. Meu coração diz que não voltarás algum dia da guerra para cá. Nem mesmo teu pai conseguiu escapar da condenação da morte, mas foi destruído em ação, quem era mais forte que tu e outros guerreiros, com uma deusa por mãe,

[275] tudo por causa das artimanhas desses homens, que agora estão te incitam a ir e se juntar a essa guerra lamentável. Por isso que meu coração está cheio de medo e tremor. receando que tu, meu filho, morto também não venha a provar que minha sorte é ser deixado abandonado e sofrer vergonhosamente.

[280] Pois nenhum infortúnio pior pode acontecer a uma mulher do que perder seus filhos após a morte do marido; sua casa deserta devido à devastação da morte. Imediatamente seus vizinhos se apropriam das terras, consumindo os bens e desrespeitando o direito.

[285] Verdadeiramente não há nada mais lamentável e indefeso do que uma mulher que é deixada sozinha em sua casa.'' Estas palavras e lamentos dela foram respondidos por seu filho: "Tem coragem, mãe, e não fale palavras de mau presságio. As únicas mortes na guerra são aquelas ordenadas pelo Destino.

[290] Se me está destinado a perecer pela causa dos aqueus, deixa-me primeiro fazer algo digno da linhagem de Éaco." Dito isto, o idoso Licomedes veio para o seu lado e falou com ele em sua ânsia de lutar: "Criança corajosa, tão parecida com teu pai poderoso,

[295] eu sei que és forte e valente. Mesmo assim Não menos que uma guerra amarga as ondas mortais do mar São motivo de medo, pois os marinheiros estão sempre à beira da morte. Deves tomar cuidado, meu filho, sempre que vier navegar mais tarde de Troia ou de qualquer outro lugar, com os muitos perigos...

[300] Quando o sol entrou no enevoado Capricórnio depois de deixar para trás o atirador de flechas, o Arqueiro, o tempo perigoso das tempestades impulsionadas pelo vento, ou quando na corrente larga do Oceano descem as estrelas de Órion em seu curso descendente para a escuridão.

[305] Lembra-te também de tomar cuidado com o perigoso equinócio, quando sobre o poderoso golfo das amplas águas do mar, ventos fortes aparecem de algum lugar e colidem. Depois, há o cenário das Plêiades; cuidado com sua fúria sobre o mar, bem como com outras constelações

[310] que os homens sofredores aprenderam a temer ao surgirem e se pôr sobre a extensão do mar." Assim falando ele beijou seu neto e não tentou detê-lo em seu desejo pelo barulho da guerra. Com um sorriso encantador, o menino estava ansioso para embarcar imediatamente para o navio.

[315] Mas ainda assim a conversa chorosa de sua mãe o manteve no palácio, embora seus pés estivessem ansiosos para ir. Como quando um cavalo veloz que ansiava por uma corrida é contido por seu cavaleiro, enquanto relincha e morde o freio; o peito está encharcado de espuma;

[320] seus pés estão ansiosos para ir embora e não ficam parados; Alto é o barulho de seus cascos ágeis Constantemente mudando de lugar; em todas as direções Flui sua juba impaciente enquanto joga a

cabeça para o alto com muitas bufos, para deleite de seu mestre;

[325] tal era o esplêndido filho do robusto Aquiles, enquanto sua mãe tentava conter seus pés impacientes. Mesmo em sua tristeza, ela sentia orgulho de seu filho. Depois de beijá-la beijado mil vezes, ele a deixou sozinha, chorando dolorosamente, na casa de seu amado pai.

[330] Como em algum prédio uma andorinha dominada pela dor chora por seus filhotes, que apesar de seu chilrear desesperado, uma cobra perigosa devorou e angustiou a mãe amorosa; agora, desolada, ora voa sobre o ninho, ora ao redor da porta decorada

[335] lamentando amargamente os filhotes; assim chorava a amorosa Deidameia, uma vez se jogando na cama do filho e chorando alto ora chorando nas ombreiras da porta. No colo ela colocava os brinquedos feito para ele e deixado em casa,

[340] que encantava seu terno coração quando ele era pequeno. Se ela avistasse um dardo que ele havia deixado para trás, ela o cobria de beijos e qualquer outra coisa do filho que ela avistasse com um soluço. Mas aquele jovem guerreiro já não ouvia o luto interminável de sua mãe, pois ele estava longe

[345] caminhando em direção ao navio veloz. Levado por suas pernas ágeis, ele parecia radiante como uma estrela. De ambos os lados, o guerreiro Odisseu e o filho de Tideu o escoltaram. Com eles foram vinte homens de bom senso e segurança, aqueles em quem Deidameia mais confiava em casa

[350] e deu como prontos atendentes ao filho. Então eles correram junto com os valentes filhos de Aquiles enquanto ele atravessava a cidade em direção ao navio. Entre eles, ele caminhou exultante. Sua alegria foi compartilhada por Tétis, as outras filhas de Nereu e do deus do mar de cabelos escuros

[355] ao ver o robusto filho do nobre Aquiles. Ele já estava decidido a fazer a guerra, a causa das lágrimas. Embora ainda fosse um menino, ainda sem barba. Foi sua coragem e força que o estimularam. Ele saiu correndo de sua terra natal Parecendo o deus da guerra entrando na briga sangrenta,

[360] quando seu coração está cheio de fúria contra o inimigo; Assustadora é sua testa carrancuda e ao seu redor seus olhos brilham tão intensamente quanto fogo; suas bochechas parecem estar

sempre vestidas de beleza misturada com terror arrepiante, enquanto ele ataca causando medo nos próprios deuses.

[365] Tal era o digno filho de Aquiles. Por toda a cidade, orações subiram aos deuses para trazerem seu nobre líder de volta em segurança da terrível guerra. Suas orações foram ouvidas pelos imortais e ele se destacou de todos os seus seguidores. Quando alcançaram à costa do mar agitado,

[370] eles encontraram os remadores já a bordo do navio polido Preparando a vela e geralmente ocupados com o navio. Então eles embarcaram imediatamente. Os homens desamarraram os cabos E ergueram as pedras das âncoras, permanência constante dos navios. O bom tempo para navegar foi concedido pelo marido de Anfitrite

[375] felizmente por causa de sua grande preocupação pelos aqueus, duramente pressionados como estavam pelos troianos e pelo orgulhoso Eurípilo. De cada lado do filho de Aquiles estavam sentados aqueles heróis, regalando-o com relatos dos feitos de teu pai, Aqueles alcançados na longa viagem e na terra

[380] do lutador corpo a corpo Télefo e daqueles feitos contra os troianos, enquanto ele conquistava glória para os filhos de Atreu ao redor da cidade de Príamo. Isso aqueceu seu coração e despertou seu desejo de obter tanto poder e glória quanto seu destemido pai. Enquanto isso, em seu quarto, sofrendo por seu filho,

[385] nobre Deidameia derramava lágrimas de angústia. Tal era a sua angústia que o coração dentro dela derretia como chumbo flexível em brasas ou um pedaço de cera. Ela nunca parou de gemer enquanto olhava para o mar sem limites, já que as mães

[390] choram por seus filhos se eles saírem para jantar. O navio já estava longe e sua vela começava a desaparecer e não parecia diferente da neblina. Mas seus gemidos e gemidos duraram todo aquele dia. O navio acelerava sobre o mar com vento seguinte,

[395] mal tocando a superfície da água turbulenta. Alto era o som das ondas que ferviam em torno da quilha. Rapidamente cobriu um enorme abismo em seu curso profundo. A escuridão da noite então a alcançou, mas com a ajuda do vento e do timoneiro ela continuou a cruzar as profundezas

[400] do mar até que a Aurora em sua glória subiu aos céus. Aos seus olhos apareceram os picos da montanhas do Ida, Crisa, o

templo Esminteu, o promontório Sigeu e o túmulo do neto guerreiro de Éaco. Mas o filho de Laertes teve a sabedoria de não mostrar

[405] a Neoptólemo por medo de encher de tristeza o espírito dentro do peito. Então, logo eles passaram pelas ilhas Calidnas e deixaram Tenedos para trás. Agora eles podiam ver o santuário de Eleous com o túmulo de Protesilau sob a sombra de altos olmos.

[410] Quando estes cresceram alto o suficiente do solo para vislumbrar Ilion, logo seus topos começaram a murchar. Impulsionado pelo vento e pelos remos, o navio chegou perto de Troia, alcançando o local onde todos os outros navios haviam sido encalhados pelos argivos, que estavam então envolvidos em árduo trabalho,

[415] lutando ao longo do muro que eles próprios construíram como defesa tanto para os navios quanto para o poderoso exército em batalha. Ali mesmo teria sido destruído pelas mãos de Eurípilo e derrubado, se o filho do poderoso Tideu não tivesse sido rápido em ver

[420] que a parede estava sob ataque. Ele saltou imediatamente do navio E gritou encorajamento com toda a força que tinha no peito: "Meus amigos, os argivos estão hoje apanhados numa terrível maré de desastre. Então, apressai-vos; vamos vestir nossa armadura brilhante E entrar no tumulto desta luta devastadora.

[425] A luta agora foi trazida diretamente para nossas muralhas pelos guerreiros troianos, que em breve destruirão toda a longa muralha e causarão calamidades ao queimar nossos navios. Então teremos perdido o retorno que é o desejo do nosso coração. Em vez disso, em breve estaremos mortos antes do tempo

[430] e jazeremos em túmulos de Troia, longe de nossas esposas e filhos." Num piscar de olhos, o resto respondeu saltando do navio Juntos. Suas palavras encheram todos de horror, Exceto o destemido Neoptólemo, cuja coragem igualava a de teu pai. Ele estava possuído pela luxúria da batalha.

[435] Dirigiram-se apressadamente para os aposentos de Odisseu, que eram os mais próximos do navio de proa escura. Lá, muitas armas de reserva foram preparadas, algumas delas pertencentes ao astuto Odisseu oras a seus camaradas divinos, todas

tiradas de homens que eles mataram.

[440] Os bravos vestiram o melhor da armadura, enquanto as piores foram vestidas por aqueles cujos peitos continham um espírito mais fraco. Odisseu vestiu o que tinha vindo de Ítaca e deu a Diomedes, filho de Tideu, um lindo conjunto que uma vez foi arrancado por ele do poderoso Soco.

[445] O filho de Aquiles vestiu a armadura de teu pai, o que o fez parecer exatamente com ele. Muito levemente, por causa do trabalho manual de Hefesto, ele se ajustava à sua estrutura, embora outros o considerassem enorme. Mas para ele toda a armadura parecia leve.

[450] Sua cabeça não sentiu o peso do capacete...

[450a]... Apesar de seu enorme volume em suas mãos, ele empunhava com facilidade a lança que tinha sede de sangue. Os argivos que avistaram Neoptólemo não puderam aproximar-se dele como gostariam, porque foram duramente pressionados por aquela luta tumultuada ao longo da parede.

[455] Como em uma ilha desabitada no mar longínquo, a separação dos seres humanos aflige os homens que foram detidos por fortes ventos na direção errada por muito tempo; na miséria, eles andam pelo navio e suas provisões começam a secar, quando são socorridos por um vento favorável;

[460] assim, o exército aqueu, até então angustiado, regozijou-se com a chegada do poderoso Neoptólemo e esperou por um espaço para respirar em seu penoso trabalho. Seus olhos brilhavam como os de um leão sem controle;

[465] no alto das montanhas com seu espírito severamente provocado, ele desce correndo para atacar alguns caçadores, que estão prestes a entrar em sua caverna com a intenção de arrastar seus filhotes enquanto eles são separados de seus pais em um vale sombrio; de uma altura o leão

[470] avista e ataca os caçadores assassinos com um rugido terrível de suas mandíbulas selvagens. Assim o glorioso filho do destemido neto de Éaco sentiu seu espírito despertado contra os guerreiros troianos. Ele liderou mergulhando no mais feroz dos combates

[475] na planície, o local onde ele pensava que a muralha grega era o alvo mais fácil para os ataques do inimigo, porque suas ameias defensivas eram ali mais fracas. O resto foi com ele cheio de ânsia pela guerra. Lá eles encontraram o corajoso Eurípilo e seus camaradas

[480] escalando uma das torres, exultantes na esperança de destruir toda a extensão da parede e matar todos os argivos de uma vez. Mas esse era um desejo que os deuses não iriam realizar. Em vez disso, Odisseu e o robusto Diomedes, o divino Neoptólemo e o grande Leonteu

[485] rapidamente os empurraram para fora da parede com uma saraivada de mísseis. Como em uma fazenda pastores resistentes e seus cães expulsam leões poderosos, atacando de todos os lados, com gritos e força física; com olhos brilhantes, as feras continuam girando para um lado e para o outro em sua luxúria ansiosa

[490] para rasgar as vacas e seus bezerros entre os dentes; Mesmo assim são obrigados a recuar pela coragem dos cães e pelos vigorosos ataques dos pastores;... Um pouco, até onde uma pedra pesada pudesse ser atirada. Os troianos não foram autorizados a recuar para longe dos navios

[495] por Eurípilo instando-os a manterem-se muito perto de seu inimigo até que ele capturasse os navios e destruísse totalmente os argivos, pois Zeus o havia enchido de força ilimitada. Imediatamente ele agarrou uma pedra dura e irregular, correu e atirou-a contra aquela parede alta.

[500] Com um tremendo estrondo, a imponente muralha foi abalada até os seus alicerces. O terror tomou conta de todos os aqueus, que pensavam que o muro havia desabado completamente na poeira. Apesar disso, eles não recuaram diante do terrível tumulto, mas mantiveram sua posição como chacais ou como lobos,

[505] aqueles desavergonhados devastadores de rebanhos, quando são expulsos de suas cavernas nas montanhas por pastores com seus cães, com a intenção de trazer uma morte cruel e rápida aos filhotes; apesar da pressão do bombardeamento, eles não recuarão, mas manterão a sua posição para proteger os seus jovens.

[510] Assim, pelo bem dos navios e de suas próprias vidas, eles permaneceram firmes na luta. Então o ousado Eurípilo lançou estas

ameaças em voz alta contra todos eles na frente de seus navios: “Vós são covardes com nada além de espíritos fracos em vós. Seus mísseis não me assustam e não teriam me feito recuar

[515] dos navios sem parede para impedir meu ataque. Agora, como cães que se encolhem diante de um leão na floresta, Tu evita a morte pura ao lutar comigo por dentro. Se vós viessem para a planície de Troia, longe de seus navios, Tão ansiosos para lutar como costumavam ser, então ninguém

[520] poderia salvá-los de uma morte miserável, pois cada um de vós jaziria na poeira destruída por mim.” As palavras que ele falou não foram cumpridas. Ele não sabia que uma terrível maré de desastre não estava longe dele, trazida pelas mãos do destemido Neoptólemo,

[525] que muito em breve o derrubaria na lança furiosa. Mesmo agora, aquele herói teve muito trabalho violento, a matança de troianos na muralha. Eles tentaram escapar do bombardeio vindo de cima, sendo rechaçados em confusão ao redor de Eurípilos, todos dominados por um medo terrível.

[530] Assim como as crianças ao redor dos joelhos do pai se encolhem de medo do poderoso trovão de Zeus, fazendo com que as nuvens se quebrem e o céu ronque assustadoramente; assim, os filhos de Troia refugiaram-se com os ceteus em volta do seu grande rei, com medo de qualquer coisa que fosse atirada contra eles

[535] pelas mãos de Neoptólemo. A morte voava direto Sobre as cabeças do inimigo, fazendo com que sua guerra fosse motivo de lágrimas. A perplexidade paralisou agora os corações dos troianos, que pensaram ter visto a imponente figura de Aquiles vestido com sua própria armadura.

[540] Seu doloroso espanto foi mantido oculto em seus corações, para que o pânico não passasse deles para as mentes dos ceteus e do rei Eurípilo. Apesar do medo excessivo, eles permaneceram onde quer que estivessem, presos entre o desastre e o pânico terrível. Uma sensação de vergonha os conteve tanto quanto o medo doloroso.

[545] Como quando homens que caminham a pé por uma estrada acidentada avistam uma torrente que desce a montanha, fazendo as rochas ecoarem por toda parte; eles não têm nenhum

desejo de entrar na torrente turbulenta, apesar de sua pressa; a visão da destruição diante de seus pés

[550] enche-os de medo e desaparece a preocupação com a viagem; assim, os troianos permaneceram, evitando a batalha, Sob a muralha argiva, embora o divino Eurípilo os incitasse constantemente ao conflito. Ele nutria a esperança de que matar tantos em batalha esgotaria a força do braço daquela figura imponente. No entanto, ele nunca desistiu.

[555] Quando Atena percebeu o violento esforço daqueles homens, ela deixou os elevados salões do perfumado Olimpo. Ela passou pelos topos das montanhas e nunca tocou o chão com os pés na pressa. Carregada no ar sagrado,

[560] ela tinha aparência de nuvem e maior velocidade que o vento. Logo ela chegou a Troia e colocou os pés no cume do ventoso Sigeu. De lá, ela viu a batalha entre aqueles combatentes corpo a corpo e deu glória aos aqueus. O filho de Aquiles possuía em maior medida que os outros

[565] tanto coragem quanto força, que quando combinadas nos homens lhes conferem grande glória. Ele foi dotado de ambos, já que o sangue dele era de Zeus e ele era como teu pai. Muitos ele matou sob aquelas torres em seu destemor. Como pescador, ávido por pescar no mar,

[570] carrega para a destruição dos peixes o poder do deus do fogo a bordo de seu barco, e quando é aceso por sua respiração, o fogo brilha intensamente ao redor do barco; da água escura os peixes vêm correndo, ansiosos por um vislumbre do brilho que será o último deles, pois com as farpas de seu tridente o pescador

[575] mata-os enquanto eles correm, contentes com a captura; assim, o glorioso filho de Aquiles, o poderoso guerreiro, em volta daquele muro de pedra, continuou matando as hordas hostis enquanto elas avançavam.

[580] Todos os demais aqueus não combateram menos, onde quer que estivessem nas ameias. O barulho ressoou ao longe através dos navios e da costa e gemeu alto a longa parede sob os golpes. Um cansaço indescritível dominou ambos os exércitos, enfraquecendo a força corporal dos homens, mas sobre o nobre filho do robusto Aquiles não tinha nenhum poder, porque seu poderoso espírito

[585] era completamente incansável. Enquanto ele lutava, ele permaneceu intocado pela fadiga. Sua força era igual à de um rio que nunca seca, que o início de grande incêndio não consegue pôr em fuga, nem mesmo com um vento forte a agitar a força sagrada do deus do fogo, pois se ele se aproximar

[590] aquelas águas correntes, a força terrível delas é extinta e não pode tocar a maré incansável. Assim, o valente descendente do filho guerreiro de Peleu permaneceu intocado pelo medo ou pelo cansaço doloroso, enquanto ele lutava e encorajava seus companheiros.

[595] Nem mesmo sua adorável carne foi marcada por um único míssil, embora tantos fossem lançados. Como flocos de neve ao redor de uma rocha, continuaram a descer em vão; todos eles foram desviados pelo amplo escudo e sólido capacete, belos presentes de um deus. Nestes o poderoso descendente de Éaco exultou.

[600] Bradando e andando pela parede, ele constantemente incitava os argivos a um combate inabalável...pois ele era de longe o melhor de todos. Seu espírito nunca se cansaria de conflitos mortais e ele tinha a intenção de vingar a lamentada morte de teu pai. Os Mirmidões

[605] regozijaram-se com seu senhor e cruel foi aquela luta ao redor da muralha. Então ele matou dois filhos de Meges, o rico em ouro, que era descendente de Dimas e tinha filhos tão esplêndidos. Eles eram talentosos no lançamento do dardo, na condução de cavalos em batalha e no manejo habilidoso da longa lança.

[610] Nasceram de um só nascimento de Periboia ao lado do rio Sangário, Celto e Eúbio. Eles não gozaram da sua riqueza ilimitada por muito tempo, porque o Destino lhes impôs uma vida útil muito curta. Como ambos viram a luz do dia juntos, ambos

[615] agora morreram nas mãos do destemido Neoptólemo, um perfurou o coração por sua lança, o outro atingiu a cabeça com uma pedra fatal, que esmagou o sólido capacete sobre sua cabeça e com seu colapso seu cérebro foi esmagado. Em torno daquele par, inúmeras hordas de outros inimigos

[620] foram massacrados então. A obra do deus da guerra tornou-se cada vez maior Até a hora de desatrelar dos bois, quando

o dia celestial terminou. O exército do destemido Eurípilo retirou-se um pouco dos navios. Aqueles nas muralhas gozaram de um pouco de descanso, enquanto os filhos de Troia

[625] descansaram de seu trabalho exaustivo, pois a luta foi terrível ao redor da muralha, e todos os argivos teriam perecido ao lado de seus navios, se o poderoso filho de Aquiles não os tivesse defendido naquele mesmo dia do grande exército do inimigo e de seu líder

[630] eurípilos. Neoptólemo conheceu então o idoso Fênix, que ficou surpreso com sua semelhança com o filho de Peleu. Ondas de alegria e tristeza indescritível tomaram conta dele: tristeza pois ele se lembrou do pé veloz de Aquiles E alegria ao ver um filho tão robusto.

[635] Ele chorou de felicidade, pois os seres humanos nunca estão livres da tristeza, mesmo quando experimentam alegria. Ele o abraçou como um pai abraça um filho, que, depois de muito sofrimento, pela vontade dos deuses, volta para casa para grande deleite de teu pai.

[640] Então Fênix beijava a cabeça e o peito de Neoptólemo enquanto ele o abraçava e pronunciava estas palavras de admiração: "Oh, bem-vindo, digno filho de Aquiles, a quem uma vez amamentei quando ele era pequeno nestes meus braços com tanto amor. De acordo com o grande plano dos deuses

[645] ele rapidamente cresceu como uma muda florescente, enquanto eu me deleitava com sua esplêndida aparência e sua voz. Ele foi realmente uma bênção para mim e eu o amei como meu querido filho e ele me amou tanto quanto seu próprio pai. Eu era um pai para ele e ele um filho para mim.

[650] Ele costumava dizer quando me via 'Nosso sangue deve ser o mesmo Porque nossas mentes estão unidas.' Em destreza ele estava muito Acima de mim, como um deus abençoado em constituição e força. Tu é a imagem dele, de modo que tenho a impressão de vê-lo ainda vivendo entre os argivos. Mas aguda é a dor

[655] por ele que turva meus dias e na minha miserável velhice eu definho. Quem dera que a terra tivesse sido amontoada para me cobrir enquanto ele ainda estava vivo. É uma coisa gloriosa ser enterrado pelas mãos de um parente que cuida de tu. Mas, criança,

embora este meu coração entristecido nunca possa

[660] esquecê-lo, tu não deve se angustiar com o luto. Deves ajudar os mirmidões e os cavaleiros aqueus em seus extremos, voltando contra nosso inimigo a fúria que sente por seu belo pai. Grande glória será tua por matar Eurípilo, que nunca se cansa de lutar.

[665] És e serás tão superior a ele quanto teu pai era mais poderoso do que teu pai miserável." O filho do louro Aquiles respondeu assim às suas palavras: "Velho amigo, os juízes de minha destreza na batalha serão o o Destino soberano e o poderoso deus da guerra.

[670] Dito isto, ele queria sair da parede naquele mesmo dia usando a armadura de teu pai. Mas ele foi detido pela Noite, o portador do alívio do trabalho árduo aos homens, que surgiu do Oceano coberto por seu manto de escuridão. Os alegres filhos de Argos o festejaram não menos do que o poderoso Aquiles ao lado dos navios, encorajados como estavam por sua prontidão para entrar na batalha.

[675] Por isso o honraram magnificamente com inúmeros presentes do tipo que constitui a riqueza de um homem. Alguns deles deram-lhe ouro e prata, alguns mulheres cativas, alguns bronze em grande abundância, alguns ferro,

[680] enquanto outros o presentearam com jarras de vinho tinto, cavalos de pés velozes e o equipamento usado para a guerra e vestes finamente tecidas, o adorável trabalho das mulheres. Diante disso, o coração de Neoptólemo brilhou de alegria.

[685] Eles agora voltaram sua atenção para jantar em seus aposentos, a fim de festejar o filho divino de Aquiles, nada menos que um imortal celestial, quando Agamêmnon dirigiu-lhe estas palavras de maior exultação: "Verdadeiramente és é o filho do destemido neto de Éaco,

[690] meu filho; tens sua força, aparência e tamanho excepcionais, bem como sua coragem e qualidades mentais internas. Dás ao meu coração um brilho de conforto. Tenho grandes esperanças de que por tuas mãos e pela lança que empunhas, destruiremos as hordas hostis e a famosa cidade de Príamo,

[695] porque és como teu pai. Na verdade, parece-me vê-lo ao lado dos navios, no momento em que gritava ameaças aos troianos furiosos pela queda de Pátroclo. Mas ele já está com os abençoados imortais e de lá ele te enviou hoje para salvar os argivos da beira da destruição."

[700] Este discurso foi respondido pelo robusto filho de Aquiles: "Agamemnon, quem dera encontrá-lo ainda vivo, para que pudesse contemplar o filho amado, que não desonra o poderoso pai; assim espero continuar, se os deuses celestes me preservarem."

[705] A resposta expressou a sabedoria firmemente fixada em seu coração. As pessoas ao seu redor ficaram maravilhadas com sua nobre natureza. Quando eles se fartaram de jantar e festejar, o robusto filho do destemido neto de Éaco levantou-se de sua refeição e dirigiu-se aos aposentos de teu pai.

[710] Lá encontrou muitas armas armazenadas, tomadas de guerreiros mortos por ele. Ao redor dele, por todos os lados, mulheres viúvas cativas preparavam os alojamentos, como se o senhor estivesse vivo. A visão da armadura troiana e dos servos o fez gemer de saudade do teu pai.

[715] Como quando em matagais de floresta e vales emaranhados, após a morte de um leão feroz por caçadores, o filhote de leão chega à sua caverna sombria e continua a contemplar todo o vazio da toca; a visão de ossos amontoados de muitas criaturas mortas em ocasiões anteriores —

[720] cavalos e gado — faz com que sofra intensamente pelo pai; assim o filho da valente descendência de Peleu sentiu o arrepio da tristeza. Ao seu redor, os criados ficaram maravilhados. Entre eles, Briseida, ao olhar para o filho de Aquiles, ora vibrava de alegria em seu coração, ora se contorcia

[725] de tristeza pela memória de Aquiles. Seu coração dentro dela ficou impressionado com uma admiração muda, pois era como se o próprio destemido neto de Éaco ainda estivesse vivo. Enquanto isso, os troianos, por seu lado, também se regozijavam, Festejando o poderoso herói Eurípilo em seus aposentos.

[730] Nada menos que o nobre Heitor quando ele estava matando os argivos em defesa de sua cidade e de todas as suas propriedades. Então, na hora em que os mortais desfrutam da

doçura do sono, os filhos de Troia, bem como os resolutos guerreiros argivos, exceto das suas sentinelas, dormiram um sono verdadeiramente pesado.

LIVRO VIII

Ao romper da aurora, Neoptólemo e Eurípilo conduzem seus exércitos ao combate. Depois de vasta matança, os dois heróis enfrentam-se, e o filho de Aquiles mata Eurípilo com a lança paterna. Ares intervém em favor dos troianos, mas Atena acorre para detê-lo; Zeus afasta ambos da luta, e os aqueus perseguem o inimigo até as muralhas antes de regressarem aos navios para celebrar a vitória.

[1] Espalhando luz sobre a terra, o Sol ergueu-se dos confins do mundo, onde Aurora tem sua morada. Então os troianos e os valorosos filhos da Grécia se armaram, de ambos os lados ansiosos pelo combate.

[5] um lado foi encorajado pelo digno filho de Aquiles a ir enfrentar os troianos com espírito intrépido, o outro pelo poderoso filho de Télefo, que esperava derrubar o muro, destruir os navios com fogo terrível, e impor suas mãos assassinas sobre os homens.

[10] Mas toda a sua esperança estava fundada no vazio. As Parcas já estavam muito perto, rindo com absoluto desprezo por seus desígnios fúteis. Então, aos Mirmidões, o destemido filho de Aquiles falou estas palavras de encorajamento para sua tarefa:

[15] "Ouvi-me, meus companheiros, e fortalecei vossos corações para a luta, para que possamos ser um remédio para as dores da guerra para os argivos, mas para o inimigo um desastre. Que ninguém tenha medo. Pois a coragem é a fonte de força e destreza para os homens mortais, enquanto o medo destrói os poderes do corpo

[20] e o espírito. Portanto, cinjamo-nos todos de força para a guerra, para não dar ao exército troiano espaço para respirar e fazê-los acreditar que Aquiles ainda está vivo nas fileiras argivas. O

coração de Tétis exultou,

[25] quando do mar ela viu seu neto em toda a sua pujança. Rapidamente transpôs a alta muralha, postando-se atrás dos cavalos imortais de seu pai.À medida que, da beira do oceano, o Sol surge à vista com um brilho de fogo esplêndido por toda a terra

[30] e, junto de seus cavalos e carro, Sírio, a estrela que traz doença e pestilência aos mortais; assim avançou sobre o exército troiano aquele poderoso guerreiro, filho de Aquiles. A parelha imortal que o levava fora-lhe confiada a afastar aquela horda dos navios

[35] por Automedonte, que era seu cocheiro. Os cavalos ficaram felizes em carregar um mestre que se parecia tanto com o neto de Éaco; em seus corações imortais, eles sentiram que ele era um herói igual a Aquiles. Grande foi também a alegria dos argivos que se reuniram em torno de

[40] o poderoso Neoptólemo cheios de ansiedade, assim como vespas agressivas quando são perturbadas... Do seu abrigo eles voam desejando picar a carne dos mortais; aglomerando-se em torno de seu ninho. Tornam-se um verdadeiro flagelo para as pessoas que passam por ali.

[45] Foi assim que eles saíram dos navios e da muralha. Ansiosos pela batalha, e larga extensão cobriam suas fileiras. Por toda parte, toda a planície brilhava com as armas dos homens À luz ofuscante do sol que vinha do céu acima. Como uma nuvem que atravessa o ar sem limites

[50] quando impulsionada pelas poderosas rajadas do vento norte na estação de neve e inverno rigoroso, uma mortalha de escuridão envolvendo todo o céu, então a terra foi preenchida com duas forças convergentes a uma curta distância dos navios. Na expansão dos céus

[55] ergueu-se a poeira dispersa. Ruidosamente se chocaram com as armas dos homens e sua multidão de carros. Avançando para a batalha seus cavalos relincharam. Cada homem obedeceu ao ardor que o levou a esse conflito cruel. Como quando longas vagas são movidas por dois ventos diferentes

[60] que vêm com um rugido assustador através da extensão do mar de algum lugar e fazem rebentar umas contra as outras suas

rajadas, de modo que uma tempestade mortal assola as profundezas do oceano, fazendo o monstruoso Anfitrite gemer em meio às ondas assassinas que surgem em todas as direções

[65] tão alto quanto montanhas imponentes, e terrível é o tumulto de ondas subindo de lados opostos sobre o mar; assim, os exércitos adversários se uniram na batalha. Terríveis em sua fúria, agitados pela própria Discórdia, chocaram-se como trovões e relâmpagos

[70] que enchem o ar com estrondos poderosos, sempre que os ventos com sua contenção feroz e suas rajadas furiosas Fazem com que as nuvens se quebrem por causa da raiva de Zeus com homens que desprezam a honra de Têmis em suas ações. Foi assim que eles atacaram um ao outro, lança colidindo

[75] com lança e escudo com escudo, enquanto homem após homem atacava. Em primeiro lugar, o valoroso filho do guerreiro Aquiles matou o digno Melaneu e o glorioso Alcidamante, filhos do guerreiro Alexínomo, que viveu na côncava Cauno, perto de um lago de águas cristalinas

[80] ao pé dos nevados montes Imbro e Tarbelos. Matou Mines, filho do veloz Cassandro, a quem a nobre Creúsa dera à luz ao lado das águas correntes do rio Lindos, que é a fronteira entre os guerreiros cários e a famosa terra de Lícia.

[85] ele então derrubou o lanceiro Móris, que viera da Frígia, e, junto dele, Pólibo e Hipomedonte, atingindo um no coração e o outro na clavícula. Ele matou por todos os lados e a terra gemeu sob o peso dos cadáveres troianos. Eles caíram diante dele como arbustos secos.

[90] Caem diante da rajada de um fogo destrutivo, uma presa fácil, no início do outono do vento norte. Assim, suas fileiras ruíram diante do ataque daquele homem. Eneias então matou o robusto Aristóloco, acertando-o na cabeça com uma pedra e esmagando seu capacete

[95] e crânio, e logo a vida abandonou-lhe os ossos. Em seguida, o filho de Tideu matou o veloz Eumeu, que morava no elevado Dárdano, o local da cama de Anquises, o lugar onde a deusa do amor uma vez jazia em seus braços. Agamenon então matou Eustrato da Trácia,

[100] que não voltou da guerra, mas morreu longe de sua terra. Meríones abateu o filho de Pisenor, Clemo, que era o querido e fiel companheiro de Glauco. Ele tinha sua casa ao lado do rio Límiro, e foi homenageado como rei pelo povo daquela região

[105] após a morte de Glauco ter posto fim ao seu reinado, por todos os que viviam nas terras ao redor de Fênix, o pico de Massícito e o altar de Quimera. Um homem matou outro naquela briga. Entre eles, Eurípilo infligiu funestos destinos a muitos inimigos do

[110]. O primeiro que ele matou foi o robusto lutador Éurito, seguido por Menécio, de de fulgente cinturão, ambos camaradas divinos de Elefenor, então próximos desses Hárpalo, que era amigo do astuto Odisseu. Odisseu, porém, trabalhava arduamente em uma posição distante

[115] e não conseguia defender o companheiro caído. Mas seu camarada o valoroso Antifo ficou irritado com sua morte. Então ele mirou em Eurípilo, que não conseguiu acertá-lo, porque sua lança forte saiu um pouco do curso e acertou o guerreiro Melânio, a quem sua mãe

[120] nasceu ao lado do rio Caíco, de bochechas claras, Clite, depois de se deitar com Erilau. Furioso com a morte de seu camarada, Eurípilo saltou direto para Antifos. Mas seus pés rápidos o ajudaram a fugir para as fileiras amigas. Ele não foi morto pela lança

[125] do filho guerreiro de Télefo, porque ele estava prestes a morrer uma morte terrível nas mãos do matador Ciclope depois, já que tal era o prazer do Destino hostil. Eurípilo direcionou seu ataque para outro lugar e sob seus ataques constantes numerosos guerreiros caíram por sua lança.

[130] assim como árvores altas são derrubadas pela força do aço em colinas densamente arborizadas e enchem as ravinas, Dispostas no chão em todas as direções. Assim os aqueus foram abatidos pela lança do guerreiro Eurípilo, até o momento em que, com orgulho no coração, o filho

[135] de Aquiles veio enfrentá-lo. Ambos brandiam suas longas lanças na ânsia de atacar um ao outro. Eurípilo foi o primeiro a fazer estas perguntas: “Quem és e de onde vens para lutar comigo? O destino impiedoso certamente te conduz para o Hades.

[140] Ninguém escapou de mim neste conflito cruel. A cada um que veio aqui com o objetivo de lutar contra mim, infligi uma morte dolorosa implacavelmente, e ao lado das águas de Xanto a carne e os ossos de todos foram despedaçados pelos cães.

[145] Agora dize-me quem és e a quem pertencem os cavalos de que te glorias." o valoroso filho de Aquiles respondeu às suas perguntas assim: "Por que, se pretendo de derramar sangue em batalha, como um inimigo fingindo ser um amigo, pedes que te conte minha linhagem, que é conhecida por muitos?

[150] Eu sou filho do corajoso Aquiles, aquele que com seu longo golpe de lança uma vez pôs teus pais em fuga. O mau destino da morte certamente te teria arrebatado, se Aquiles não tivesse se apressado em curar sua dor mortal. Os cavalos que me carregam são os do meu pai divino.

[155] uma Harpia os deu à luz após acasalar com o vento oeste. Eles até correm pelo mar árido a pé, tocando-o com as pontas dos cascos e acompanhando os ventos em velocidade. Agora que conheces a linhagem dos meus cavalos e a minha, deves também conhecer minha infatigável lança

[160] provando-a frente a frente. Sua origem remonta às altas alturas de Pélion, onde deixou o tronco e o solo natal." Com isso o glorioso herói saltou de sua carruagem para o chão, brandindo sua grande e longa lança. O outro ao seu lado agarrou com suas mãos poderosas uma rocha enorme

[165] e a lançou contra o escudo de ouro de Neoptólemo. Mas não conseguiu abalá-lo em seu ataque. Assim como o enorme penhasco de uma montanha elevada permanece firme; nem mesmo a força combinada de todos os rios alimentados pela chuva é capaz de afastá-lo, pois está firmemente enraizado;

[170] assim, o valoroso filho de Aquiles permaneceu inabalável. Nem mesmo então a força e a coragem de Eurípilo diminuíram diante do invencível filho de Aquiles, pois era incitado pela própria ousadia e pelas Parcas. Os corações de ambos ferviam em seus peitos e a armadura brilhante que usavam

[175] estava em conflito. Eles caíram uns sobre os outros como terríveis feras selvagens, cuja luta se torna mais feroz nas montanhas quando são picados pelas cruéis dores da fome e lutam por um boi

ou um veado que foi morto; lançam-se uma contra a outra e os vales reecoam

[180] com suas lutas. Assim, aqueles dois atacaram um ao outro, juntando-se em uma batalha impiedosa. Ao redor deles, longas linhas de soldados de ambos os exércitos mantinham-se cerradas no labor da luta; a luta que surgiu em torno deles foi severa. Com toda a força das rajadas repentinas de vento os dois homens

[185] entraram em confronto, cada um ansioso com sua lança para derramar o sangue do outro. Eles eram constantemente estimulados por Ênio, que estava ao lado deles. Então eles nunca relaxaram seu ataque, mas continuaram golpeando os escudos uns dos outros e às vezes apunhalando as grevas e os capacetes com suas cristas elevadas,

[190] Às vezes até tocando a carne na tarefa mortal que levou aqueles valentes guerreiros. A visão deles encheu o coração da Discórdia de alegria. Embora o suor copioso fluísse deles, eles se mantiveram firmes e nunca enfraqueceram, já que ambos eram de origem imortal. Os deuses no Olimpo...

[195] alguns apoiavam o valoroso filho de Aquiles, outros o divino Eurípilo. Os dois lutaram incansavelmente como se fossem os picos de altas montanhas. Seus escudos soaram alto com golpes de lança desferidos de ambos os lados. Finalmente o grande longa

[200] lança do Pélion cortou a garganta de Eurípilo depois de tão duro combate. Seu sangue carmesim jorrou em um momento. Pela ferida, a vida fugiu de seus membros e a escuridão da morte envolveu seus olhos. Ele caiu no chão em sua armadura como uma árvore alta,

[205] um pinheiro ou um abeto, pela força gelada do vento norte. Tombou arrancada pelas raízes. Tão vasto espaço ocupou a queda do corpo de Eurípilo, que fez ressoar a planície de Troia com seu estrondo. Uma palidez lívida cobriu rapidamente o cadáver, apagando toda a sua beleza rosada.

[210] em exultação, o poderoso guerreiro expressou seu triunfo: "Eurípilo, julgavas que destruirias os dânaos com seus navios, infligindo uma morte miserável a todos nós. Mas os deuses não iriam satisfazer o teu desejo. Em vez disso, apesar de toda a sua força incansável, foste abatido

[215] pela poderosa lança de meu pai, da qual ninguém jamais escapou dos que vieram me enfrentar, mesmo que fossem feitos de bronze. Os troianos ficaram aterrorizados ao ver aquele bravo herói, que rapidamente despojou a vítima da armadura

[220] para seus ágeis camaradas levarem para os navios acaianos. Montando sua carruagem veloz puxada por uma equipe incansável ele seguiu seu caminho, como através dos céus sem limites vai um raio rodeado de relâmpagos enviado pelo invencível Zeus, cuja queda enche até os imortais de medo

[225] exceto o poderoso Zeus; ao cair no chão, esmaga árvores e penhascos de montanhas rochosas. Assim, Neoptólemo avançou contra os troianos, semeando a ruína. Eles caíram por todos os lados, onde quer que seus cavalos imortais o levassem. O chão estava cheio deles e todo avermelhado de sangue.

[230] como quando, nos vales das montanhas, inúmeras folhas caem como uma chuva e cobrem densamente a terra, Tão vasta hoste de troianos foi colocada no chão Pelas mãos de Neoptólemos e dos valentes argivos. Suas mãos corriam com copioso sangue vermelho-escuro

[235] de homens e cavalos, e os aros das rodas de suas carruagens estavam completamente encharcados enquanto giravam em seu caminho. Os troianos teriam então entrado pelos seus portões, como bezerros em fuga de um leão ou porcos de uma tempestade, Se o terrível deus da guerra, em seu desejo de ajudar, não

[240] os troianos devotados à guerra, descendentes do Olimpo sem o conhecimento dos outros deuses. Seus cavalos o levaram para a batalha, Cujos nomes eram Fogo e Chama e Tumulto e Medo. Levados pelo barulhento vento norte pela Vingança de rosto feroz, seu hálito é um fogo mortal. Um gemido no céu cintilante

[245] marcou sua investida na batalha. Rapidamente o deus chegou a Troia e trovejou ruidosamente no chão sob os pés de seus cavalos sobrenaturais. No limite do combate, ele sacudiu sua enorme lança e gritou para os troianos, Incitando-os a enfrentar seus inimigos na briga. O som

[250] de sua voz sobrenatural surpreendeu a todos, incapazes de ver a forma imortal do deus ou de seus cavalos, pois estavam escondidos na névoa. Mas a voz sobre-humana que chegou tão

claramente aos ouvidos dos troianos de algum lugar Foi compreendida pela conhecida habilidade do divino Heleno.

[255] Encantado, ele gritou em voz alta para o exército em retirada: "Covardes, por que fugis diante do corajoso filho do guerreiro Aquiles? Ele é mortal como nós e não pode igualar a força do deus da guerra, que agora nos auxilia em nossa necessidade. Seu alto grito está nos incitando

[260] para lutar contra os argivos no corpo a corpo. Portanto, resisti com coragem, meus amigos, e enchei o peito de ousadia. Não creio que Troia possa receber um Ajudante melhor em batalha. O que pode ser melhor do que o deus da guerra na guerra, quando ele dá apoio às pessoas armadas,

[265] como ele veio em nosso auxílio hoje? Portanto, fixai o pensamento na batalha e eliminai do espírito o medo." Em resposta, os troianos se levantaram e enfrentaram os argivos. Assim como os cães diante de um lobo nos matagais da floresta, tendo evitado sua força até então, voltam-se para combatê-lo

[270] sob os repetidos apelos de encorajamento do pastor; assim, os troianos, naquele terrível campo de guerra, desfizeram-se de todo o terror, de modo que homem contra homem lutou bravamente. A armadura que eles usavam tocava com golpes de espadas, lanças e mísseis.

[275] Pontas de lança perfuraram a carne dos guerreiros e copioso foi o sangue que encharcou o terrível deus da guerra. Um após o outro eles caíram Lutando dos dois lados. A balança da batalha estava equilibrada. Como quando jovens numa extensa vinha numa encosta cortam uma fileira de uvas com lâminas de aço

[280] competindo com a maior pressa, e igualmente seu trabalho progride, porque são iguais em idade e força; assim, para esses dois exércitos, as escalas funestas da batalha foram equilibradas de maneira uniforme. Mantendo sua posição com grande força de coração, os troianos confiaram no destemido poder de Ares

[285] e os argivos no filho do robusto Aquiles. Assim, a matança continuou e, através dela, a mortal Ênio perambulava livremente, com os braços e ombros salpicados de sangue horrível, o corpo escorrendo com suor repugnante. Ela não favoreceu nenhum dos lados, mas se deleitou com o combate igual.

[290] por respeito a Tétis e também ao deus da guerra Ares. Então Neoptólemos derrubou o famoso Perimedes, que tinha sua casa ao lado do bosque Sminthian. Em seguida, ele matou Kestros, o robusto lutador Phaleros, o forte Perilaos e Menalkes da lança de freixo,

[295] carregado por Ifianassa aos pés do sagrado Cila para o habilidoso Medon, um mestre de carpintaria. Medon ficou em casa na própria pátria, mas não teve alegria com seu filho, pois sua casa e o fruto de seu trabalho mais tarde foram compartilhados por parentes distantes após sua morte.

[300] Deífobos matou o robusto lutador Lykon, atingindo-o logo acima da virilha. Ao redor daquela longa lança, todas as suas entranhas caíram e esvaziaram sua barriga. Eneias então matou Dymas, que anteriormente morava em Aulis e tinha ido com Arkesilaos

[305] para Troia, mas nunca mais viu sua amada terra. Euryalos com um golpe doloroso de sua lança derrubou Astraios. Diretamente em seu peito, a dolorosa ponta de lança voou em sua direção e, cortando a passagem de sua garganta, trouxe-lhe uma morte que deixou a garganta inundada de sangue.

[310] um pouco longe dele, o corajoso Agenor matou Hipômenes, o nobre camarada do guerreiro Teucro, atingindo rapidamente sua clavícula. Com o sangue, o alento abandonou-lhe o corpo e a escuridão da morte o envolveu. Teucro sentiu uma pontada de tristeza pela morte de seu camarada

[315] e atirou uma flecha rápida apontando diretamente para Agenor, mas não conseguiu acertá-lo quando ele fez o menor desvio. Aterrissou no guerreiro Deiófonte ao seu lado, entrando pelo olho esquerdo e saindo pela orelha do lado direito, partindo o globo ocular, pois o Destino

[320] dirigiu a farpa amarga à vontade. Ainda de pé ele saltou no ar, até que uma segunda flecha foi disparada e assobiou até sua garganta, onde atravessou direto e cortou os tendões, selando uma dolorosa condenação para ele. Então, de homem para homem, estava lidando com a morte, o que encantou os destinos

[325] e a Ruína. Então, a selvagem Discórdia, em seu entusiasmo, deu um grito poderoso e uma resposta assustadora foi

dada por Ares, o que inspirou fortemente os troianos com coragem, mas assustou os argivos, fazendo com que suas fileiras se voltassem imediatamente. Ele não intimidou, porém, o filho de Aquiles, que se manteve firme

[330] e lutou para matar bravamente um homem após o outro. Como através de moscas que enxameiam em torno de um balde de leite um menino varre a mão e com seu golpe fraco as moscas são mortas; em todas as direções ao redor da embarcação eles respiram suas vidas e o feito encanta o menino;

[335] assim, o glorioso filho do impiedoso Aquiles regozijou-se com aqueles que ele matou. Ele não prestou atenção a Ares e ao seu apoio aos troianos, mas matou-os por todos os lados enquanto o exército inimigo o atacava, assim como o ataque dos ventos tempestuosos é resistido por um alto pico de montanha.

[340] Tão firme e destemido ele ficou ali e seu ardor irritou Ares, que teria lutado com ele cara a cara, sua nuvem sobrenatural se desfez, se Atena não tivesse pousado na floresta Ida de algum lugar do Olimpo. O tremor tomou conta da terra sagrada e do riacho sonoro

[345] do Xanto, abaladas por ela. Os espíritos das ninfas foram abalados pelo medo que sentiam pela cidade de Príamo. Ao redor de sua armadura imortal voavam relâmpagos e de seu escudo invencível serpentes horríveis respiravam constantes torrentes de fogo. Acima dela, as nuvens eram tocadas por seu elmo prodigioso.

[350] Ela teria combatido ali mesmo Contra o impetuoso Ares, se Zeus, em sua sabedoria, não tivesse dissuadido a ambos com um terrível trovão do alto dos céus. Ares retirou-se da batalha, pois ficou claro para ele que o poderoso Zeus estava zangado.

[355] ele retirou-se para a terra invernal da Trácia agora que os troianos já não ocupavam seu espírito altivo. Nem o nobre Palas permaneceu na planície de Troia, mas também partiu para a sagrada terra de Atenas. Mas ainda assim os exércitos estavam empenhados num combate mortal. Os troianos, porém,

[360] perderam o ânimo, enquanto os argivos, sempre ávidos por lutar, seguiam de perto os calcanhares de seus inimigos em retirada, como ventos que seguem os navios à vela sobre as fortes ondas do mar ou fogo furioso atacando arbustos ou cães velozes,

ávidos da perseguição, perseguindo cervos da montanha.

[365] Assim, os dânaos seguiram seus inimigos encorajados Pelo filho de Aquiles, enquanto, com a enorme lança, ele abatia qualquer um que encontrasse no corpo a corpo. Os troianos, recuando em derrota, refugiaram-se atrás de seus portões elevados. Assim, os argivos repousaram um pouco do combate,

[370] depois de encerrarem as hordas troianas na cidade de Príamo, como pastores encurralando cordeiros dentro de seus currais solitários. Enquanto os bois recuperam o fôlego após o pesado trabalho de puxar uma carga até o topo de uma colina difícil, Ofegando rapidamente sob seu jugo, assim os aqueus

[375] recuperaram o fôlego de seu trabalho na armadura. Mas ainda assim eles estavam ansiosos para lutar sob as muralhas e então cercaram a cidade. Os troianos, depois de puxarem rapidamente as grades de seus portões, esperaram atrás de seus muros por um ataque vigoroso. Assim como os pastores dentro de seus rebanhos aguardam

[380] uma tempestade diminuindo em um dia de violenta tempestade, com nuvens, relâmpagos e chuva em rápida sucessão; embora estejam ansiosos para alcançar as pastagens, eles não se aventurarão no exterior até que a violenta tempestade e os rios caudalosos e barulhentos tenham diminuído;

[385] assim, os troianos atrás de suas muralhas aguardavam com medo o ataque de seus inimigos, que logo surgiu contra a cidade. Como quando gralhas ou estorninhos de asas abertas Descem em nuvens abundantes sobre oliveiras carregadas Ansiando por aquela comida deliciosa, nem conseguem

[390] a gritaria dos jovens consegue afastá-los antes de se alimentarem, pois a fome os torna imprudentes; então os dânaos surgiram em força ao redor da cidade de Príamo. Eles caíram nos portões no desejo de demolir aquela enorme obra do poderoso deus do terremoto.

[395] os troianos não se esqueceram de lutar apesar do medo. Na verdade, eles se posicionaram nas torres e continuaram seu trabalho. Assim, de suas mãos habituadas ao trabalho, disparou uma torrente de flechas, pedras e lanças velozes na multidão de inimigos, pois Phoibos lhes deu força.

[400] para resistir, seu coração está realmente determinado a salvar os guerreiros troianos, mesmo após a morte de Heitor. Então Meríones lançou um míssil fatal e atingiu Filodamas, um amigo de Polites, o forte, logo abaixo de sua mandíbula, de modo que a flecha ficou presa em sua garganta.

[405] ele caiu como um abutre derrubado de sua rocha pelo tiro mortal da flecha afiada de um jovem. Tal foi a sua queda repentina do topo da torre. Sua armadura colidiu com os membros sem vida que seu espírito havia deixado. Exultante com sua vítima, o filho do poderoso Molos

[410] disparou uma segunda flecha em seu intenso desejo de atingir Polites, filho do duradouro Príamo. Mas ele evitou isso com um súbito movimento lateral de seu corpo; sua bela carne permaneceu ilesa pela flecha. Como em um navio no mar que acelera com vento contrário

[415] um marinheiro avista um recife recortado em meio à onda E, ansioso por evitá-lo, afasta o navio Movendo o leme com a mão na direção que ele deseja, um pequeno esforço evitando um grande desastre; Portanto, ver o dardo mortal a tempo salvou a vida daquele homem.

[420] Não houve interrupção na luta. O sangue avermelhava as paredes e as altas torres e ameias, onde quer que os troianos fossem mortos pelas flechas dos poderosos aqueus. Nem estes últimos estavam livres de problemas, pois muitos deles também estavam avermelhando o chão. E a destruição absoluta reinou

[425] com ambos os lados massacrados, para deleite da sombria Ênio, que estava despertando o Conflito, a irmã da Batalha. Os portões e muros de Troia teriam sido quebrados naquele ponto Pelos argivos, sua força sendo tão prodigiosa, Se não fosse pelo grito repentino do lendário Ganimedes

[430] olhando do céu e cheio de pavor por seu país: "Oh pai Zeus, se eu sou realmente parente de tu e foi por sua ordem que deixei a famosa Troia para viver com os imortais, abençoado com vida sem fim, Ouça-me agora que meu coração está tãoangustiado.

[435] Não serei capaz de suportar a visão da minha cidade em chamas e do meu povo sendo destruído neste conflito cruel, pois não pode haver dor pior do que essa. Mas se esse é o desígnio fixo do

seu coração, Afaste-o de mim, porque então a minha dor será

[440] mais fácil de suportar se eu não ver com meus próprios olhos. Nada pode ser mais odioso e lamentável do que ver o próprio país sendo destruído pelas mãos de seus inimigos." Essas foram as palavras e gemidos do belo Ganimedes. Zeus respondeu pessoalmente ocultando completamente a famosa cidade de Príamo

[445] com uma enorme nuvem. Assim, a batalha assassina foi envolta em névoa e ninguém conseguia mais distinguir a posição da parede, tão totalmente coberta pela nuvem mais espessa. Trovões e relâmpagos nos céus ecoaram

[450] ao redor deles. Os dânaos ficaram consternados com o barulho de Zeus e o filho de Neleus gritou em voz alta para eles: "Ouvi-me, vós, líderes dos argivos. A força de nossos membros será perdida com Zeus agora dando tanta ajuda para encorajar os troianos. Uma maré de desastre verdadeiramente terrível

[455] se aproxima. Voltemos rapidamente para nossos navios e acabemos com a labuta nesta amarga turbulência, ou Zeus poderá queimar-nos a todos em sua terrível raiva. Devemos obedecer a esses seus presságios, como todos são obrigados a obedecê-lo, porque ele é muito mais forte

[460] do que os deuses poderosos e também os humanos fracos. Certa vez, quando estava irado com os presunçosos Titãs, ele derramou a força de seu fogo do céu e queimou toda a terra abaixo dele, fazendo a ampla corrente do Oceano Ferver desde suas profundezas até seus limites mais distantes.

[465] Até os cursos dos rios mais longos estavam todos secos. Todas as criaturas foram destruídas, aquelas nutridas pela generosidade da terra, pelo mar sem limites e pelas águas dos rios sempre fluindo. Acima deles, o céu maravilhoso Estava escondido pela fumaça e pelas cinzas e a terra estava angustiada.

[470] É por isso que temo a fúria de Zeus neste dia. Voltemos então aos navios, já que ele está ajudando os troianos hoje. Outra vez ele certamente nos dará glória. Um dia é amigo e outro é inimigo. Ainda não pode ser nosso destino saquear esta cidade famosa,

[475] mesmo que as palavras de Calcas estivessem corretas, aquelas que ele uma vez dirigiu a todos os aqueus reunidos, que no décimo ano destruiríamos a cidade de Príamo." Eles responderam

deixando aquela cidade famosa para trás, abandonando a batalha por medo das ameaças de Zeus,

[480] porque eles respeitavam o conhecimento daquele herói sobre a sabedoria antiga. Mesmo assim, eles não negligenciaram os homens que haviam tombado em combate, mas deram-lhes sepultamento depois de arrastá-los para fora do campo. Eles não estavam cobertos pela nuvem, mas apenas pela elevada cidade com suas muralhas inescaláveis, em torno das quais tantos

[485] filhos de Troia e Argos haviam sido vítimas do deus da guerra. Assim que chegaram aos navios, removeram o equipamento de combate e lavaram toda a poeira, suor e sangue coagulado, Parando nas ondas do rápido Helesponto. O deus do sol conduziu sua equipe incansável para a escuridão,

[490] À medida que a noite se espalhava pela terra e afastava os homens de suas tarefas, os argivos homenagearam o valente filho do guerreiro Aquiles, não menos do que honraram seu pai. Nos aposentos dos comandantes, ele jantou exultante. Nenhum cansaço o oprimia, pois Tétis havia removido todas as dores incômodas de seus membros.

[495] e lhe dado a aparência de alguém que não conhecia o cansaço. Quando seu coração forte ficou plenamente satisfeito com a refeição, ele foi para os aposentos de seu pai, onde foi abraçado pelo sono. Enquanto isso, os dânaos dormiam na frente de seus navios, vigiando alternadamente. Pois eles estavam com muito medo

[500] que o exército de Troia ou seus aliados em combate corpo a corpo queimariam seus navios e roubariam o retorno de todos eles. Da mesma forma, na cidade de Príamo, as hordas troianas se revezavam para dormir ao lado de seus portões e muros, com medo de um ataque devastador dos argivos.

LIVRO IX

Depois das honras fúnebres a Eurípilo, Neoptólemo visita o túmulo de Aquiles. No combate seguinte, Deífobo reanima os troianos e enfrenta o filho de Aquiles, mas Apolo o salva; Posêidon impede o deus de matar Neoptólemo. Por conselho de Calcas, Odisseu e Diomedes vão a Lemnos buscar Filoctetes. Curado por Podalírio, o arqueiro reconcilia-se com os chefes aqueus e prepara-se para retornar à batalha.

[1] Dissiparam-se as trevas da noite, e Aurora despertou no horizonte para encher de luz sem limites o céu prodigioso. Logo os valorosos filhos de Argos contemplaram a planície e viram a altura de Ílion

[5] livre de nuvens, admirados ainda com o prodígio da véspera. Os troianos recusavam-se agora a combater fora das altas muralhas, pois o medo dominava a todos,

[7a] convencidos de que o glorioso filho de Peleu ainda vivia. No meio deles, Antenor assim suplicou ao soberano dos deuses: "Ó Zeus, senhor do Ida e do céu radiante,

[10] escuta minha prece e afasta de nossa cidade esse poderoso guerreiro de desígnios homicidas, seja ele Aquiles, que afinal não desceu ao Hades, seja algum outro aqueu semelhante àquele herói.

[15] Na cidade de Príamo, descendente dos deuses, perecem muitos homens. Não há repouso para o mal; a morte e a desgraça crescem a cada dia. Pai Zeus, já não te comove esta matança praticada pelos aqueus.

[20] Esqueces até teu próprio filho, o divino Dárdano, e concedes todo auxílio aos argivos. Se decidiste realmente que os troianos pereçam miseravelmente às mãos deles, cumpre-o de uma vez; não prolongues nosso sofrimento."

[25] Zeus ouviu no céu aquela súplica ardente e depressa concedeu um dos pedidos, mas recusou o outro. Consentiu que muitos troianos perecessem com seus filhos, porém não afastou das largas ruas de Troia o belicoso filho de Aquiles.

[30] Antes o inflamou ainda mais, desejoso de conceder glória à prudente filha de Nereu. Tal era o desígnio do maior de todos os deuses. Entre a cidade e as vastas águas do Helesponto,

[35] argivos e troianos queimavam, juntamente com os cavalos, os mortos em combate. A matança cessara porque, por ordem de Príamo, o arauto Menetes fora pedir a Agamêmnon e aos demais aqueus licença para cremar os cadáveres; eles consentiram,

[40] respeitando os mortos, contra os quais não subsiste rancor. Terminada a obra das numerosas piras, os argivos regressaram ao acampamento, e os troianos aos salões do rico Príamo, consumidos de dor pela queda de Eurípilo,

[45] a quem haviam honrado como aos próprios filhos do rei. Sepultaram-no à parte dos demais mortos, diante da Porta Dardânia, onde o rio de longo curso, engrossado pelas chuvas de Zeus, revolve suas águas.

[50] Enquanto isso, o filho do intrépido Aquiles visitou o enorme túmulo do pai. Entre lágrimas, beijou a lápide bem lavrada e, gemendo profundamente, disse: "Eu te saúdo, pai, ainda que estejas sob a terra.

[55] Não te esquecerei agora que foste para a morada de Hades. Quem dera eu te houvesse encontrado vivo entre os argivos! Então, alegrando-nos um com o outro, teríamos arrebatado riquezas sem conta da sagrada Ílion.

[60] Mas nunca viste teu filho, nem eu te vi vivo, como tanto desejei. Ainda assim, embora permaneças longe, entre os mortos, tua lança e teu filho enchem de terror os inimigos, e os dânaos exultam ao contemplar alguém semelhante a ti no corpo, no espírito e nos feitos."

[65] Assim falou; enxugou das faces as lágrimas ardentes e apressou-se de volta aos navios do magnânimo pai. Não ia sozinho: acompanhavam-no doze mirmidões e o velho Fênix, que gemia amargamente pela perda do célebre Aquiles.

[70] A noite cobriu a terra e as estrelas surgiram no céu. Depois da ceia, repousaram até o despertar de Aurora. Então os argivos vestiram as armas, cujo fulgor alcançava o próprio firmamento, e saíram sem demora pelos portões,

[75] numa só multidão, semelhantes aos flocos de neve que caem densos e rápidos das nuvens no inverno gelado. Assim fluíam para fora da muralha; terrível era o clamor que erguiam, e a terra gemia sob seus passos.

[80] Os troianos ouviram o grito, viram o exército e se espantaram. O pressentimento da ruína esmagou-lhes o coração, pois a hoste inimiga aparecia como vasta nuvem; as armas retiniam com o movimento dos homens, e de seus pés erguia-se poeira incessante.

[85] Então alguma divindade encheu de coragem o coração de Deífobo e o livrou do medo, ou seu próprio espírito o impeliu ao combate, para que afastasse da pátria, com a lança, as forças destruidoras do inimigo. Dirigiu aos troianos estas palavras animosas:

[90] "Amigos, enchei o peito de ardor guerreiro e lembrai as misérias que a cruel guerra inflige aos que acabam cativos. Não lutamos apenas por Alexandre ou Helena, mas pela cidade e por nossas próprias vidas,

[95] por esposas, filhos queridos, pais venerados, por todos os nossos bens e pela terra amada. Prefiro cair em combate e ser coberto por ela a ver nossa pátria sob a lança dos inimigos; não creio que a infeliz raça humana conheça desgraça maior.

[100] Abandonai, pois, o medo execrável e fortalecei-vos comigo para a luta implacável. Aquiles já não vive para combater-nos: o fogo o consumiu. Algum outro aqueu reuniu agora o exército. É vergonhoso que Aquiles ou qualquer outro aterrorize os defensores da própria pátria.

[105] Não recuemos diante da obra de Ares, por mais que tenhamos sofrido. Não sabeis que, para a raça atribulada dos homens, ao trabalho seguem a alegria e a prosperidade; que, depois dos ventos devastadores da tempestade, Zeus devolve aos mortais um dia sem nuvens;

[110] que à doença mortal seguem a saúde e a força, e à guerra, a paz? Nada permanece imutável com o correr do tempo." Inflamados por suas palavras, prepararam-se às pressas para o combate. Por toda a cidade ressoava o estrépito dos jovens que se armavam.

[115] A um deles, a esposa, apesar do temor, reunia as armas e, chorando, colocava-as ao seu lado. A outro, os filhinhos traziam apressados todo o equipamento do pai; primeiro ele partilhava a tristeza deles, depois sorria, orgulhoso,

[120] e mais firme se tornava seu desejo de combater por eles e por si. A outro, o velho pai ajustava com mãos experientes as peças que o protegeriam, exortando o filho amado a não ceder a ninguém e mostrando-lhe no peito as muitas cicatrizes de antigas guerras.

[125] Quando todos estavam armados, precipitaram-se da cidade, desejosos do combate mortal. Cavaleiros correram contra cavaleiros velozes; massas de infantes investiram contra infantes; carros enfrentaram carros. A terra ressoou sob o assalto.

[130] Cada chefe gritava ordens aos seus. Depressa se travaram, e por toda parte ouviu-se o choque das armas. De ambos os lados ergueu-se um único e medonho fragor; uma corrente de projéteis voava nos dois sentidos.

[135] Lanças, espadas e dardos produziam estrépito indescritível nos escudos. Muitos eram feridos por machados aguçados, e o sangue manchava-lhes as armas. Das muralhas, as mulheres de Troia contemplavam o combate terrível de seus homens,

[140] tremendo e elevando preces por maridos, filhos e irmãos. Ao lado delas sentavam-se anciãos de cabelos brancos, angustiados pelos filhos queridos. Somente Helena permanecia em casa com as servas, retida por sua vergonha inexprimível.

[145] Do lado de fora, os guerreiros labutavam sem descanso. Em torno deles alegravam-se as Parcas, e ao longe ressoava o brado da mortífera Discórdia, chamando ambos os exércitos. A poeira tingia-se com o sangue dos abatidos em todas as partes da luta.

[150] Deífobo matou então o poderoso auriga Hipásida; do carro veloz ele caiu entre os cadáveres, causando aflição ao senhor, que temeu morrer também às mãos do nobre filho de Príamo enquanto segurava as rédeas.

[155] Melântio, porém, percebeu-o e saltou depressa para o carro. Sacudindo as longas rédeas, guiou os cavalos e, à falta de chicote, incitou-os com a lança. O filho de Príamo deixou-os e avançou para onde outros se apinhavam.

[160] A muitos trouxe de súbito o dia fatal, pois atacava audazmente como vendaval destruidor. Incontáveis eram os mortos por suas mãos; os cadáveres cobriam o chão. Assim como um lenhador entra numa ravina arborizada nas montanhas

[165] e se apressa a derrubar árvores novas para fazer carvão, cobrindo as encostas com troncos caídos que lhe alegram o coração, assim, pelas mãos velozes de Deífobo, os aqueus pereciam em multidão, caindo uns sobre os outros.

[170] Alguns ainda enfrentavam os troianos; outros fugiam para a larga corrente do Xanto. Deífobo impeliu-os até dentro da água e não cessou a matança. Como na praia do piscoso Helesponto laboriosos pescadores puxam para terra uma rede repleta,

[175] e, enquanto parte dela ainda está no mar, um jovem salta com arpão farpado para dar terrível morte aos peixes-espada, matando quantos alcança e avermelhando a água com sangue, assim as mãos de Deífobo tingiam de púrpura o Xanto com o sangue dos corpos ali amontoados.

[180] Contudo, a batalha não era incruenta para os troianos, pois, em outra parte das fileiras, o robusto filho de Aquiles os abatia. A visão do neto proporcionava a Tétis alegria igual à dor que sentira pelo filho de Peleu.

[185] Pela lança de Neoptólemo, numerosos homens tombavam com seus cavalos, enquanto ele os perseguia e matava. Abateu o célebre Âmides, que o enfrentou a cavalo, sem que sua estimada perícia equestre lhe trouxesse vantagem.

[190] A lança fulgente atravessou-lhe o ventre e saiu junto à espinha; as entranhas derramaram-se, e o destino mortal o alcançou aos pés do corcel veloz. Depois matou Ascânio e Enopo, atingindo um na garganta, junto à boca,

[195] e o outro abaixo do pescoço, lugar particularmente fatal aos homens. Massacrava todo aquele que encontrava. Quem poderia nomear todos os que pereceram na batalha pelas mãos de Neoptólemo? Seus membros jamais se fatigavam.

[200] Como um jovem trabalha o dia inteiro num fértil olival, golpeando com a vara, e logo cobre o chão com frutos sem conta, assim poderosa multidão tombava pelas mãos daquele herói.

[205] Em outra parte, Agamêmnon da lança de freixo, o filho de Tideu e outros campeões dânaos combatiam com ardor na luta impiedosa. Tampouco o medo dominava os valorosos chefes troianos: eles lutavam resolutos e continham sem cessar os que tentavam recuar.

[210] Muitos, porém, ignoravam os comandantes e fugiam, aterrados pela força aqueia. Por fim, o poderoso descendente de Éaco percebeu que os dânaos eram massacrados em rápida sucessão às margens do Escamandro.

[215] Deixou escapar para a cidade os que vinha abatendo e ordenou a Automedonte que conduzisse o carro ao lugar onde tantos aqueus pereciam. Ele obedeceu de imediato e, com o chicote, lançou a parelha imortal contra o tumulto.

[220] Os cavalos voaram sobre os mortos, levando velozmente o poderoso senhor. Como Ares entra na batalha homicida, de pé no carro, fazendo a terra tremer; as armas celestes que lhe cobrem o peito ressoam e fulgem como fogo,

[225] assim o poderoso filho de Aquiles avançou para enfrentar o valente Deífobo. Nuvens de poeira erguiam-se dos cascos. Quando Automedonte reconheceu o filho de Príamo, revelou ao senhor o nome do célebre herói:

[230] "Meu senhor, ali estão as tropas de Deífobo e o próprio guerreiro, que outrora fugiu diante de teu pai. Agora algum deus ou poder infundiu-lhe coragem." Neoptólemo nada respondeu; ordenou apenas que conduzisse mais depressa,

[235] para salvar os dânaos moribundos de seu triste destino. Quando os dois se aproximaram, Deífobo, apesar do grande ardor guerreiro, deteve-se como fogo terrível que alcança a margem da água.

[240] Espantou-se ao ver os cavalos do magnânimo neto de Éaco e, com eles, um guerreiro de estatura igual à do pai. O coração oscilava entre fugir e enfrentá-lo. Como um javali expulsa chacais dos filhotes recém-nascidos,

[245] mas se detém ao surgir um leão, sem querer avançar nem recuar, afiando as presas enquanto a espuma lhe escorre das mandíbulas, assim o filho de Príamo esperava com cavalos e carro, revolvendo pensamentos e girando a lança nas mãos.

[250] O filho do implacável Aquiles disse-lhe: "Filho de Príamo, por que tanta fúria contra argivos mais fracos, que fugiram aterrados por tuas ameaças e golpes, fazendo-te julgar o melhor dos guerreiros? Se ainda há ânimo em teu peito,

[255] prova em combate minha lança invencível." Assim falando, investiu como leão contra cervo, de pé no carro do pai. Sua lança teria matado senhor e auriga, se Apolo não os envolvesse rapidamente numa névoa sombria,

[260] arrebatando Deífobo da refrega mortal e colocando-o em Troia, para onde fugiam os demais. O neto de Peleu lançou a arma no ar vazio e gritou: "Cão, escapaste de meu poder. Não foi teu valor que te salvou,

[265] mas um deus que te ocultou na treva lançada do alto e te arrancou da ruína." Enquanto falava, o filho de Crono dispersou a escuridão como névoa e espalhou-a pelo céu. Logo reapareceram a planície e toda a região.

[270] Neoptólemo viu os troianos ao longe, junto às Portas Ceias. Como faria o pai, avançou contra o inimigo que fugia. Assim como os marinheiros tremem diante de uma vaga ameaçadora, erguida pelo vento em enorme largura e altura quando a tempestade enlouquece o mar,

[275] semelhante terror apoderou-se dos troianos à sua aproximação. Ele, entretanto, exortava os companheiros: "Ouvi-me, amigos, e enchei o peito de coragem intrépida, como convém aos valentes que desejam conquistar esplêndida vitória

[280] e glória no tumulto da batalha. Arrisquemos a vida e esforcemo-nos além das forças até realizarmos nosso desejo de saquear a célebre Troia. É vergonhoso permanecer aqui tanto tempo sem nada alcançar, mostrando-nos fracos como mulheres.

[285] Prefiro morrer a ser chamado inútil para a guerra." Reanimados, precipitaram-se com maior audácia na obra de Ares e atacaram os troianos, que não lutavam com menor ardor, alguns fora da cidade, outros sobre as muralhas, no interior dos portões.

[290] Implacável era a guerra: os troianos queriam conter as ameaçadoras forças inimigas; os poderosos argivos, saquear a cidade. Todos sofriam cruelmente. Nesse momento, desejoso de socorrer os troianos, o filho de Leto saltou do Olimpo, envolto em nuvem.

[295] Ventos fortes levaram-no velozmente, ornado de armas douradas; a senda de sua longa descida brilhava como relâmpago, e grande era o ruído da aljava. O céu ressoou prodigiosamente, e a terra retumbou quando ele pousou os pés infatigáveis junto ao Xanto.

[300] Seu brado terrível deu coragem aos troianos e fez os aqueus temerem prolongar a luta sangrenta. Percebendo-o, o poderoso deus que sacode a terra infundiu força aos aqueus oprimidos. Pela intervenção dos imortais, a batalha tornou-se mortífera,

[305] abatendo incontáveis guerreiros de ambos os lados. Enfurecido contra os aqueus, Apolo preparava-se para atingir o valoroso filho de Aquiles no mesmo ponto em que ferira seu pai. A princípio, aves agourentas que gritavam à esquerda e muitos outros sinais o contiveram;

[310] depois, sua ira já não quis obedecer aos presságios. Ciente disso, o deus marinho de negros cabelos ocultou-se em névoa prodigiosa. Sob seus pés, enquanto avançava, tremia a terra escura. Para deter Apolo, bradou:

[315] "Detém-te, filho; não mates o imponente filho de Aquiles. Sua morte não agradará ao senhor do Olimpo, e grande será a dor que eu e todas as divindades marinhas sofreremos, como antes por Aquiles.

[320] Retorna ao céu sagrado, para que não me enfureças e eu abra na terra sem limites um abismo que engula de uma vez Ílion e suas muralhas na escuridão. Tu mesmo sentirias a dor desse desastre."

[325] Assim falou. Por respeito ao irmão de seu pai e por temor pela cidade populosa, Apolo retirou-se para o céu, e Posêidon para o mar. A matança continuou, para alegria da Discórdia,

[330] até que, por ordem de Calcas, os aqueus regressaram aos navios e abandonaram o combate. Não estava destinado que Ílion caísse antes que Filoctetes se unisse à hoste aqueia com sua força e

perícia na funesta arte da guerra.

[335] Calcas soube-o pelas aves sagradas ou pelo exame das entranhas das vítimas, pois dominava a adivinhação e, com ciência divina, conhecia todas as coisas. Confiando nele, os filhos de Atreu desistiram da luta cruel

[340] e enviaram à próspera Lemnos o robusto filho de Tideu e o intrépido Odisseu, numa nau veloz. Logo chegaram, através do vasto Egeu, à ilha produtora de vinho, cidade de Hefesto, onde outrora as esposas tramaram terrível morte para os maridos,

[345] movidas por extremo ressentimento: eles não as honravam e deitavam-se com cativas trácias, conquistadas pela lança quando devastaram a terra dos belicosos trácios. O feroz assalto do ciúme lhes inchou de ira o coração.

[350] Com mãos impiedosas, mataram os próprios maridos dentro de casa, sem misericórdia daqueles a quem estavam unidas. A recusa governa o coração de esposa e marido quando a enfermidade do ciúme os ataca e os espinhos da angústia os ferem.

[355] Assim aquelas mulheres trouxeram a desgraça aos maridos e, numa só noite, tornaram viúva a cidade inteira; tamanha era a força do espírito indômito que as possuía. Quando os dois emissários chegaram a Lemnos e à caverna rochosa

[360] onde jazia o filho do nobre Peante, espantaram-se ao contemplar o herói gemendo sob dor atroz, estendido no solo áspero. Ao redor, penas de numerosas aves formavam-lhe o leito; outras, costuradas, protegiam-lhe o corpo do inverno cruel.

[365] Quando a fome o atormentava, disparava uma flecha infalível contra o alvo que escolhesse. Comia algumas aves e aplicava outras à ferida terrível, para aliviar a negrura da dor. Dos dois lados do rosto pendiam mechas de cabelo emaranhado,

[370] semelhantes às de uma fera que uma armadilha oculta e dolorosa prende pelo pé em sua caminhada noturna; impelida pela necessidade, ela rói com os dentes cruéis a extremidade da pata, escapa para a toca e ali é torturada pela fome e pela aflição.

[375] Assim Filoctetes era esmagado pela dor na grande caverna. O corpo consumira-se, reduzido a pele e ossos, e odor medonho envolvia a imundície de seu rosto. Presa de sofrimento irresistível,

tinha os olhos fundos sob as sobrancelhas.

[380] Seus gemidos não cessavam, pois a ferida enegrecida alcançava o osso; a podridão penetrava e a dor roía-lhe o interior. Como num promontório em pleno mar uma rocha áspera acaba vencida pela água salgada que sem cessar a corrói,

[385] e a violência dos ventos e das ondas abre e escava cavidades, assim a ferida do pé era alimentada pelo veneno pútrido injetado pelas presas serrilhadas de uma terrível serpente aquática,

[390] animal repugnante que, dizem, causa feridas incuráveis depois de seco em terra pelo calor do sol. Por isso o poderoso herói sucumbia a dores sem remédio. Da chaga escorria continuamente um líquido que salpicava o chão da vasta caverna,

[395] prodígio para os homens das gerações futuras. Junto ao leito repousava uma longa aljava cheia de flechas: algumas destinadas à caça, outras aos inimigos, untadas com o veneno incurável da serpente.

[400] Diante delas jazia ao alcance da mão um enorme arco de chifres recurvos, construído pelas mãos invencíveis de Héracles. Ao ver os dois homens aproximarem-se da ampla caverna, Filoctetes primeiro apontou-lhes as flechas cruéis,

[405] lembrando a ira que sentira quando, muito tempo antes, o abandonaram entre fortes gemidos numa costa deserta. Teria realizado ali mesmo o desejo do coração, se Atena não lhe houvesse abrandado a cólera amarga ao reconhecer os rostos familiares.

[410] Eles se aproximaram com expressão de dolorosa compaixão e sentaram-se, um de cada lado, no interior da caverna. Perguntaram-lhe sobre a chaga mortal e a dor terrível que ela causava; ele lhes contou seus sofrimentos.

[415] Animaram-no, prometendo que a ferida seria curada e as penas teriam fim, se voltasse às forças aqueias, que permaneciam junto aos navios em grande angústia, inclusive os filhos de Atreu.

[420] Disseram-lhe também que nenhum aqueu lhe causara o sofrimento, mas apenas as cruéis Parcas, às quais ninguém sobre a terra pode escapar. Invisíveis, elas perseguem diariamente a infeliz raça humana, ora quebrando a força dos mortais com vontade impiedosa,

[425] ora concedendo-lhes súbita glória. Todos os destinos humanos, dolorosos ou agradáveis, são tecidos conforme seu querer. Ouvindo Odisseu e o divino Diomedes, Filoctetes pôs fim à cólera, embora extrema pelas dores padecidas.

[430] Levaram-no imediatamente, com alegria e juntamente com as armas, ao navio na praia ressoante. Com uma esponja porosa, limparam-lhe o corpo e a ferida cruel, lavando-o com água abundante, que lhe trouxe algum alívio.

[435] Prepararam depressa a boa refeição que ele tanto desejava e comeram juntos a bordo. Chegou a Noite imortal, e o sono desceu sobre eles. Permaneceram até a aurora junto à costa de Lemnos cercada pelo mar.

[440] Ao raiar do dia, recolheram cabos e âncoras recurvas, ansiosos por partir. Atena enviou vento favorável à nau de longa proa. Estenderam a vela com as duas escotas e puseram em curso o navio de muitos bancos.

[445] Ao vento sibilante, ele voava sobre as águas planas; uma onda escura quebrava em torno, murmurando, e a espuma cinzenta fervia por toda parte. Bandos de golfinhos corriam ao redor, percorrendo velozes as sendas do mar.

[450] Logo chegaram ao piscoso Helesponto, onde encontraram o restante da frota. Os aqueus alegraram-se ao ver os homens por quem o exército ansiava, e eles desembarcaram contentes.

[455] O valente filho de Peante estendeu aos companheiros as mãos emagrecidas. Os dois conduziram-no à praia sagrada, mancando dolorosamente e apoiado em seus braços robustos,

[456a] como carvalho numa floresta, cortado pela metade pela força do lenhador, ou pinheiro resinoso que ainda permanece de pé sobre a pouca madeira não golpeada, quando o tronco é talhado para fabricar uma tocha nas montanhas.

[460] A árvore, pesada e enfraquecida pelo vento, apoia-se em rebentos vigorosos capazes de sustentar-lhe o peso. Assim Filoctetes, oprimido pela dor insuportável, apoiava-se nos dois heróis que o levaram até os argivos reunidos.

[465] Ao ver o mestre do arco afligido por ferida tão cruel, todos sentiram piedade. Mas Podalírio, semelhante aos deuses celestes, tornou-o forte e saudável mais depressa que o pensamento: aplicou habilmente numerosos bálsamos e invocou pelo nome o próprio pai.

[470] Logo os aqueus, unânimes, aclamaram o filho de Asclépio. Lavaram Filoctetes e ungiram-lhe todo o corpo com azeite. Por vontade divina, desapareceram a prostração e a angústia, e os corações alegraram-se ao vê-lo livre da enfermidade.

[475] À palidez sucedeu o rubor; à fraqueza dolorosa, força vigorosa; todos os membros tornaram a encher-se. Como espigas num campo recuperam o viço depois de quase morrerem sob chuva excessiva e, reanimadas pelas brisas, florescem sobre a terra laboriosa,

[480] assim o corpo de Filoctetes, antes tão abatido, depressa se restaurou. Na bacia arredondada deixou as preocupações que lhe oprimiam o espírito. Ao vê-lo regressar, por assim dizer, da morte, os argivos ficaram assombrados.

[485] Julgaram obra dos deuses, e era de fato como supunham. A nobre Tritogênia restituiu-lhe a estatura e a beleza que possuía entre os argivos antes de a doença esmagá-lo.

[490] Todos os campeões acompanharam o filho de Peante aos aposentos do rico Agamêmnon e o honraram com um banquete. Quando se saciaram de alimento e bebida excelentes, Agamêmnon da lança de freixo falou:

[495] "Amigo, foi pela vontade dos deuses que outrora, em nossa cegueira, te abandonamos na Lemnos cercada pelo mar. Não guardes ira contra nós. Não agimos à revelia dos bem-aventurados; parece que os próprios imortais quiseram impor-nos grande mal,

[500] mantendo-te distante, pois és incomparável em abater inimigos com flechas. Sobre todas as terras e mares, os caminhos da vida permanecem ocultos por vontade das Parcas. São numerosos, ramificados e tortuosos, voltados para todas as direções.

[505] Por eles os homens são levados pelo destino celeste, como folhas impelidas pelas rajadas. Muitas vezes o homem bom encontra-se num caminho mau, e o mau, num caminho bom. Ninguém lhes escapa nem pode escolhê-los por si mesmo.

[510] Cabe ao sábio, quando os ventos o lançam numa senda dolorosa, suportar firmemente a desventura. Porque erramos e agimos injustamente, mais tarde te compensaremos com dádivas sem conta, se algum dia conquistarmos a próspera Troia.

[515] Por ora, recebe sete mulheres, vinte cavalos velozes vencedores de prêmios e doze trípodes, para que te alegrem por toda a vida. Em meus aposentos terás sempre honra régia à mesa." Assim falou e ofereceu ao herói presentes belíssimos.

[520] O magnânimo filho de Peante respondeu: "Bom amigo, já não estou irado contigo nem com qualquer argivo que me tenha ofendido. Sei que o espírito do homem bom deve ser flexível. Não convém permanecer para sempre zangado e intratável;

[525] deve-se ser ora severo, ora brando. Vamos repousar, pois ao homem que deseja combater aproveita mais o sono que prolongar excessivamente o banquete." Assim falando, levantou-se e foi para o alojamento dos companheiros.

[530] Eles prepararam com alegria o leito de seu rei guerreiro, que repousou contente até a aurora seguinte. A noite sagrada retirou-se; as colinas tingiram-se com a luz do sol, e os mortais ocuparam-se em seus variados trabalhos.

[535] Ávidos do combate mortal, os argivos afiavam uns as pontas polidas das lanças, outros as flechas e os dardos. Ao amanhecer, prepararam alimento para homens e cavalos, e todos comeram.

[540] Então o robusto filho do nobre Peante exortou-os: "Vamos; chegou o momento de pensar na batalha. Ninguém permaneça junto aos navios antes de rompermos as célebres defesas de Troia, cercada de muralhas, e de incendiarmos a cidade."

[545] Essas palavras aqueceram-lhes o coração. Vestiram as couraças e tomaram os escudos; depois saíram dos navios numa só massa, armados com lanças de freixo, escudos de couro bovino e elmos de dupla crista. Nas fileiras, cada homem comprimia o seguinte; dir-se-ia não haver espaço entre eles, tão cerradamente avançavam.

LIVRO X

Filoctetes retorna ao combate portando o arco e as flechas de Héracles. Depois de nova e violenta matança, enfrenta Páris e o fere mortalmente com uma seta envenenada. O príncipe procura Enone no Ida e suplica-lhe a cura, mas ela, ressentida pelo abandono, recusa-se a salvá-lo. Páris morre na montanha; vencida pelo arrependimento e pelo antigo amor, Enone lança-se à pira funerária e arde ao lado do marido.

[1] Enquanto isso, todos os troianos permaneciam fora da cidade de Príamo, revestidos das armas e mantendo junto de si carros e cavalos velozes. Enquanto cremavam os mortos em combate, temiam que o exército aqueu se precipitasse sobre eles.

[5] Quando viram os inimigos avançar para a cidade, amontoaram às pressas um túmulo sobre os mortos, impelidos pelo terrível temor daquela visão. Polidamante, homem de extraordinária prudência e entendimento, dirigiu-lhes estas palavras em meio à aflição:

[10] "Amigos, a fúria de Ares tornou-se insuportável. Precisamos encontrar algum meio de enfrentar a guerra, pois a perseverança dá vantagem aos dânaos. Ocupemos o alto de nossas sólidas torres e dali combatamos noite e dia,

[15] até que os dânaos regressem à fértil Esparta ou desanimem de manter, junto às muralhas, um cerco sem glória. Por mais que se esforcem, não terão força bastante para romper estes altos muros, obra imperecível dos deuses, em que não existe fraqueza.

[20] Tampouco nos faltam alimento e bebida. No palácio do rico Príamo conservam-se provisões abundantes, suficientes até para uma multidão maior reunida por longo tempo,

[25] ainda que aqui chegasse, desejoso de socorrer-nos, um exército três vezes mais numeroso." O valente filho de Anquises censurou-o: "Polidamante, não sei por que te chamam prudente, quando nos aconselhas a continuar sofrendo dentro da cidade.

[30] Uma longa permanência aqui não desanimará os aqueus; eles nos oprimirão ainda mais ao ver que os evitamos. Se prolongarem o cerco, teremos a dor de perecer em nossa própria terra. Ninguém virá de Tebas trazer-nos alimento saboroso,

[35] nem vinho da Meônia, se ficarmos encerrados na cidade. A fome terrível nos dará morte miserável, por mais que as muralhas nos protejam. Para escaparmos ao destino cruel, devemos tomar as armas ao lado de nossos filhos

[40] e pais venerados, e ver se Zeus nos salva por descendermos de seu nobre sangue. Se também ele nos odeia e estamos destinados a perecer, melhor é alcançar morte gloriosa em defesa da pátria que esperar um fim miserável."

[45] Todos aclamaram suas palavras. Com elmos, escudos e lanças, formaram imediatamente uma linha compacta. Do Olimpo, os olhos do onipotente Zeus contemplaram os troianos armando-se para combater os argivos, e o deus inflamou o espírito de cada homem,

[50] para que ambos os exércitos se consumissem na luta implacável: Alexandre logo morreria pelas mãos de Filoctetes, num combate motivado por sua esposa. A Discórdia, senhora do tumulto, reuniu as hostes; ninguém a via, pois uma nuvem

[55] de sangue cobria-lhe os ombros. Ora entre os troianos, ora entre os aqueus, espalhava copioso tumulto. Em torno dela, Pânico e Medo laboravam sem temor pela glória da magnânima irmã de seu pai. O ardor fazia-a crescer de pequena a gigantesca.

[60] Sua armadura era de aço salpicado de sangue. Brandia no ar a lança mortal; sob seus pés tremia a terra escura, e seu hálito era sopro terrível de fogo. Não cessava de bradar para incitar os guerreiros, que depressa se encontraram

[65] na batalha, conduzidos por aquela deusa à obra monstruosa. Seus gritos pareciam ventos violentos no começo da primavera, quando as altas árvores cobrem-se de folhas; pareciam o rugido do fogo nos matagais secos ou a fúria do vasto mar

[70] sob vento ensurdecedor, quando um assobio poderoso ressoa por toda parte e os joelhos dos marinheiros tremem. Tamanho era o estrondo da terra sob as tropas que investiam. Travou-se a batalha, e cada homem saltou contra outro. Eneias matou primeiro o dânao Harpalião,

[75] filho de Arizelo, que Anfínome dera à luz na terra dos beócios e que viera a Troia com o nobre Protoenor para auxiliar os argivos. Eneias atingiu-lhe a carne delicada do ventre e privou-o do alento e da doce vida.

[80] Perto dali, matou Hilo, filho do guerreiro Tersandro, cravando-lhe na garganta a lança aguçada. Aretusa dera-o à luz junto ao rio Leteu, em Creta cercada pelo mar; sua morte afligiu Idomeneu. Enquanto isso, o neto de Peleu abatia doze troianos

[85] em rápida sucessão com a lança paterna: primeiro Cebro; depois Hármon, Pasíteo, Ismeno e Imbrásio, Flégias e Esquédio, Mnesseu, Anfínomo e Ênomo,

[90] por fim Fális e Galeno. Este habitara o escarpado Gárgaro e distinguia-se entre os poderosos troianos. Viera com hoste incontável porque Príamo, descendente de Dárdano, lhe prometera presentes magníficos. Insensato, nada pressentia do próprio destino,

[95] pois aquela guerra dolorosa logo lhe daria a morte, antes que recebesse os dons da casa de Príamo. Então o Destino destruidor lançou contra os argivos Eurímenes, companheiro do magnânimo Eneias, enchendo-lhe o coração de coragem para abater

[100] muitos homens antes de cumprir, com a própria morte, o destino. Matava por toda parte como Ruína impiedosa; os guerreiros recuavam diante dele, enquanto, no fim da vida, enfurecia-se sem pensar no que o aguardava. Teria causado estrago imensurável,

[105] se os braços não se fatigassem e a ponta da lança não se dobrasse para trás. O punho da espada perdeu a resistência e partiu-se, como estava destinado. Então a lança de Meges atingiu-lhe a garganta; o sangue jorrou da boca, e num instante chegaram a dor e a Morte.

[110] Dois companheiros de Epeu, Deileão e Anfião, preparavam-se para despojar Eurímenes, quando, junto daquele corpo, encontraram morte miserável pelas mãos do forte e audaz

Eneias. Como num vinhedo as vespas que atacam os frutos

[115] são mortas entre os cachos que secam e expiram antes de prová-los, assim os dois foram abatidos antes de saquearem as armas. O filho de Tideu matou Mênon e Anfínoo, ambos valorosos; Páris matou Demoleão,

[120] filho de Hípaso, que vivera na Lacônia, junto às águas profundas do Eurotas, e viera a Troia sob o comando do veloz Menelau. Páris atingiu-o com uma flecha abaixo do seio direito e expulsou-lhe dos membros a vida.

[125] Teucro matou então Zeliste, célebre filho de Médon, cuja morada ficava na região pastoril da Frígia, sob uma caverna consagrada às ninfas de belas tranças. Ali, ao ver do alto Endimião adormecido junto ao rebanho, a deusa Lua descera

[130] do céu, impelida pelo desejo daquele jovem, embora fosse imortal e pura. Ainda hoje se veem, sob alguns carvalhos, vestígios de seu leito. Em torno dele, vertia-se nos bosques leite de vaca, prodígio para os homens:

[135] de longe dir-se-ia leite cinzento, mas é uma corrente de água límpida que, depois de breve curso, coagula inteiramente e se torna superfície de pedra. Meges, filho de Fileu, investiu contra Alceu e atravessou-o com a lança abaixo do coração palpitante.

[140] A vida amada logo o abandonou. Nunca regressou da guerra de tantas lágrimas para receber as boas-vindas dos infelizes pais, que ansiavam por ele: Fílis, de belo cinto, e Márgaso, habitantes junto às águas cristalinas do Harpaso,

[145] que une seu caudal ruidoso e abundante ao perigoso Meandro, sempre engrossado pela corrente furiosa. Esquilaceu, companheiro de Glauco e lanceiro de freixo, foi ferido pelo filho de Oileu num encontro cerrado, logo acima do escudo.

[150] A lança cruel atravessou-lhe o ombro de um lado ao outro, e o sangue salpicou o escudo. Contudo, não o matou: seu dia fatal esperava-o junto às muralhas da pátria, depois que a alta Ílion fosse saqueada pelos aqueus.

[155] Ele escapou da guerra e regressou sozinho à Lícia. Diante da cidade, as mulheres cercaram-no e perguntaram por filhos e maridos. Quando lhes contou a morte de todos, elas o apedrejaram,

[160] de modo que nenhum proveito lhe trouxe o regresso. Seus gemidos foram abafados sob um manto de pedras, que lhe formaram túmulo mortal junto ao santuário e à sepultura do poderoso Belerofonte, na célebre Tlos, perto da rocha da filha do Titã.

[165] Cumprido assim o destino, desde então, por ordem do glorioso filho de Leto, recebe honras imperecíveis como um deus. Em seguida, o filho de Peante matou Deiôneo e Acamante da lança de freixo, filho de Antenor. Poderosa foi a multidão de jovens abatidos por ele.

[170] Sua fúria entre os inimigos igualava-se à de Ares ou à de um rio caudaloso que rompe elevados diques quando, em cheia, ruge em torno das rochas e desce perigosamente das montanhas engrossado pelas chuvas,

[175] corrente magnífica e perene, cujas águas prodigiosamente revoltas nenhuma barreira pode conter. Assim, até a visão distante do valoroso filho de Peante privava os inimigos da força de aproximar-se. Irresistível era o vigor que lhe enchia o peito,

[180] e ele portava as armas primorosas do guerreiro Héracles. Ao longo do fulgente boldrié estavam representados ursos ferozes e impudentes, chacais aterradores e leopardos de expressão ameaçadora;

[185] perto deles, lobos intrépidos, javalis de presas cintilantes e leões poderosos, todos terrivelmente vivos. Em cada parte apareciam combates de medonha matança. Tais eram as figuras intricadas que cobriam o boldrié.

[190] Outras cenas adornavam a enorme aljava. Nela, Hermes, filho de Zeus veloz como o vento, matava o gigantesco Argos junto ao rio Ínaco, cujos muitos olhos dormiam alternadamente. O poderoso Faetonte aparecia no Erídano,

[195] lançado do carro; da terra ardente subia fumaça negra, como se fosse verdadeira. O divino Perseu matava a terrível Medusa no lugar onde se banham os astros, nos confins da terra, onde corre o Oceano profundo e, a cada noite, o Sol infatigável encontra a Noite.

[200] Ali também o grande filho do invencível Jápeto pendia de um penhasco abrupto do Cáucaso, preso por laços indestrutíveis.

Uma águia devorava-lhe o fígado sempre renascente, e ele parecia gemer. O célebre Hefesto lavrara essas cenas

[205] para o poderoso Héracles, que as dera ao filho de Peante, seu verdadeiro amigo e companheiro. Orgulhoso das armas, Filoctetes abatia hostes inteiras. Por fim, Páris avançou contra ele, tendo nas mãos as flechas mortais e o arco flexível, e audazmente foi ao encontro da hora derradeira.

[210] Disparou da corda vibrante uma seta veloz, que seguiu curso não inteiramente inútil. Errou Filoctetes, que se desviou um pouco, e atingiu Cleodoro, guerreiro distinto, acima do peito, atravessando-lhe o ombro.

[215] Faltava-lhe o largo escudo que teria impedido a triste morte. Recuava desprotegido porque Polidamante, com pesado machado, cortara-lhe o boldrié e fizera cair o escudo dos ombros. Ainda combatia com a lança cruel quando aquela flecha,

[220] vinda de outra parte, o atingiu. Alguma divindade desejava trazer morte sombria ao prudente filho de Lerno, que Anfíale dera à luz na fértil Rodes. Assim que Páris o matou com a seta cruel, o robusto filho do nobre Peante

[225] estendeu avidamente o arco veloz e bradou: "Cão, dar-te-ei de presente morte e destruição, já que tanto desejas medir-te comigo. Isso aliviará todos os que por tua causa sofrem nesta guerra terrível. A ruína cessará depressa

[230] quando aqui pereceres, pois és o flagelo de todos." Puxou a corda trançada até o peito e curvou o arco, mirando a flecha impiedosa de modo que apenas a ponta surgisse além da arma, dominada por sua força viril. A corda vibrou ruidosamente,

[235] e a flecha partiu com sinistro assobio. O grande herói não errou, embora não extinguisse o ânimo do inimigo: alguma força ainda lhe restava. A seta não atingiu ponto vital; apenas roçou a bela carne da mão. Páris pôde armar novamente o arco, mas, antes que disparasse,

[240] outra flecha do filho de Peante atingiu-o acima da virilha. Páris já não permaneceu no combate e recuou às pressas, como cão que, depois de atacar, foge amedrontado diante do leão. Assim, atravessado por agudas dores no coração,

[245] retirou-se da batalha. A luta prosseguiu com matança recíproca, verdadeiramente sangrenta em ambos os exércitos. Cadáveres acumulavam-se sobre cadáveres, numerosos como gotas de chuva, pedras de granizo ou flocos de neve que, sobre montanhas arborizadas,

[250] o vento oeste espalha no inverno por ordem de Zeus. Assim os guerreiros destruídos pelo destino impiedoso tombavam em multidões e se amontoavam. Páris soltava gemidos terríveis por causa da ferida. Logo os médicos acorreram ao herói aflito.

[255] Os troianos entraram na cidade, e os dânaos regressaram rapidamente às naus escuras. A noite suspendeu o combate e libertou os membros da fadiga, derramando sobre os olhos o sono, bálsamo do sofrimento. Mas durante toda a noite o sono não dominou o inquieto Páris.

[260] Nenhuma cura lhe trouxe alívio, pois estava destinado que somente Enone o salvasse da morte, se assim quisesse. Obedecendo ao oráculo, partiu contra a vontade, impelido pela necessidade cruel,

[265] para apresentar-se à esposa legítima. Aves agourentas saíram-lhe ao encontro; umas gritavam sobre sua cabeça, outras voavam para a esquerda. Ora a visão o aterrorizava, ora julgava que o voo nada significasse; na verdade, anunciavam morte dolorosa e terrível.

[270] Chegou à casa da célebre Enone. Sua aparência espantou as servas e a própria esposa. Logo caiu-lhe aos pés. A carne ferida do ventre, enegrecida por fora e por dentro até a medula gordurosa dos ossos,

[275] apodrecia pelo veneno medonho. O coração desfalecia sob a dor que o atravessava. Como uma doença causa sede furiosa, inflama o peito e resseca o coração palpitante de um homem; a bílis ardente ferve, e o espírito

[280] paira lânguido sobre os lábios secos, ansiando pela água que conserva a vida, assim a dor abrasava o peito de Páris. Com forças vacilantes, dirigiu-lhe estas palavras: "Venerada esposa, não me odeies nesta aflição

[285] porque outrora te deixei desolada em casa contra minha vontade. As Parcas inevitáveis conduziram-me a Helena. Quem dera, antes de partilhar seu leito, eu houvesse exalado o último

suspiro em teus braços! Pelos deuses que habitam o céu,

[290] por teu leito e por nosso amor conjugal, tem misericórdia e põe fim à dor terrível, aplicando à ferida mortal os bálsamos destinados a salvar-me, se assim quiseres. Somente teu coração decidirá

[295] se me livrarás ou não de morte miserável. Apressa-te, por piedade, e cura o poder do veneno que logo me matará, enquanto ainda resta força vital em meu corpo. Não conserves o ciúme amargo nem me abandones a uma morte impiedosa,

[300] caído a teus pés. Ofenderias as Preces, filhas de Zeus tonitruante, que, provocadas pelo orgulho humano, perseguem os culpados com espírito vingativo. Apressa-te, senhora, detém as Parcas funestas, embora eu te tenha ofendido em minha insensatez."

[305] As palavras de Páris não abrandaram os pensamentos sombrios de Enone; ela respondeu escarnecendo de sua extrema aflição: "Por que vieste procurar-me, tu que outrora me abandonaste em casa entre amargos lamentos

[310] por causa da funesta filha de Tíndaro? Seu leito te proporcionava prazer, pois ela é muito superior à esposa legítima e dizem que é imortal. Corre a suplicar-lhe; não sou eu quem deves persuadir com lágrimas e narrativa lamentável.

[315] Quem dera eu possuísse o coração e a força de uma fera, para primeiro dilacerar-te a carne e depois beber-te o sangue, em vingança pelo sofrimento que tua loucura voluntária me causou. Infeliz, onde estão agora tua deusa do amor, de bela coroa,

[320] e o invencível Zeus? Terá esquecido o genro? Conserva-os como salvadores e retira-te de minha casa, ruína completa para deuses e homens. Teus crimes fizeram sofrer os próprios imortais, uns pela morte dos filhos, outros pela dos netos.

[325] Afasta-te de meu lar e vai visitar Helena. É no leito dela que deves gemer noite e dia, atormentado pela dor penetrante, até que ela ponha fim aos sofrimentos." Assim expulsou de sua porta Páris gemendo. Insensata, não pensou na própria morte,

[330] pois, morto Páris, as Parcas logo seguiriam também seu rastro, conforme o destino tecido por Zeus. Páris atravessou os cumes arborizados do Ida,

[332a] naquela derradeira viagem a que o destino o conduzia, mancando dolorosamente e torturado no íntimo. Hera imortal viu-o e sentiu alegre calor no peito,

[335] enquanto estava no jardim de Zeus, no Olimpo. Ao seu lado sentavam-se quatro donzelas servidoras, filhas que a Lua radiante gerara da união com o Sol na vastidão do céu, irmãs infatigáveis muito diferentes entre si.

[340] Uma delas governa o inverno e Capricórnio. A vida dos mortais atravessa essas quatro divisões, governadas sucessivamente pelas donzelas; isso, contudo, pertence aos cuidados de Zeus. Elas conversavam sobre os acontecimentos que o Destino sinistro planejava:

[345] o odioso casamento da filha de Tíndaro com Deífobo; o amargo ressentimento de Heleno e sua ira contra aquela mulher; como os filhos da Acaia o capturariam no alto das montanhas, ainda irritado com os troianos, e o conduziriam às naus velozes;

[350] como, seguindo seu conselho, o filho do poderoso Tideu e Odisseu escalariam a elevada muralha, dariam morte miserável a Alcátoo e, com o consentimento da própria deusa, tomariam a imagem da prudente Tritogênia, que protegia a cidade e o povo de Troia.

[355] Nem mesmo um deus, por maior que fosse sua ira, teria força para saquear a próspera cidade de Príamo enquanto aquela deusa permanecesse inviolada em sua defesa. Sua imagem imortal não fora lavrada em ferro por mãos humanas;

[360] o próprio filho de Crono a lançara do Olimpo na cidade do rico Príamo. A esposa de Zeus e as donzelas falavam dessas e de muitas outras coisas. Enquanto isso, Páris perdeu a vida no Ida e não regressou para ser visto por Helena.

[365] As ninfas cercaram-no e lamentaram-no em altos brados, recordando sem dúvida o tempo em que ele, desde a primeira infância, partilhava sua companhia e conversação. Pastores de pés ágeis uniram-se ao lamento, com o coração ferido, e os vales repetiram os gemidos.

[370] Então um pastor comunicou à esposa do sofredor Príamo o terrível destino de Alexandre. O choque abalou-lhe o espírito, os membros cederam e ela lamentou: “Estás morto, filho querido, e me

deixaste dor sobre dor inevitável, pois eras de longe o melhor

[375] de meus filhos depois de Heitor. Por isso te chorarei enquanto o coração bater no peito. Os deuses participam de nossos sofrimentos, e alguma Parca imaginou estas desgraças. Quem dera eu não as houvesse conhecido e tivesse morrido nos dias de paz e prosperidade!

[380] Agora somente posso esperar males ainda piores: meus filhos mortos; a cidade saqueada e incendiada pelos magnânimos dânaos; minhas filhas, noras e as demais troianas arrastadas com os filhos para a escravidão."

[385] Assim lamentava, enquanto o marido ainda nada sabia, sentado em lágrimas sobre o túmulo de Heitor,

[386a] o filho a quem Príamo mais estimara, porque era o mais valente e sua lança defendera a pátria. A dor por Heitor impediu que o prudente coração do rei soubesse da morte de Páris. Longo e alto foi o lamento de Helena,

[390] embora as palavras pronunciadas para os ouvidos troianos fossem diferentes das preocupações de seu coração. Disse consigo mesma: "Esposo, foste uma maldição para mim, para Troia e para ti próprio. Tua morte miserável deixou-me numa situação odiosa,

[395] da qual só posso esperar males piores. Quem dera as Harpias me tivessem arrebatado quando primeiro te segui, impelida por funesto destino! Agora os deuses trouxeram a ruína a ti e a mim, desventurada. Todos me têm horror e ódio inexprimíveis,

[400] e não encontro refúgio. Se fugir para o exército dânao, serei recebida com violência; se permanecer aqui, os homens e mulheres de Troia logo me cercarão e despedaçarão. Meu cadáver não será coberto pela terra, mas devorado por cães e bandos de aves.

[405] Quem dera o Destino me houvesse destruído antes de eu sofrer tudo isso!" Suas palavras eram menos um lamento pelo marido que arrependimento choroso pelo terrível crime cometido. As troianas em torno gemiam como se chorassem Páris, mas pensavam em outras pessoas:

[410] umas recordavam os pais; outras, os maridos; outras, os filhos ou parentes queridos. Somente Enone foi atravessada até o fundo do nobre espírito. Não lamentou com as demais mulheres de

Troia: sozinha em casa, chorava intensamente o leito do antigo marido.

[415] Como no alto das montanhas o gelo se forma da neve espalhada sobre os vales pelas rajadas do vento oeste, mas, quando os cumes ao redor se encharcam de água corrente, até o gelo mais espesso das ravinas

[420] derrete-se numa torrente gelada, assim Enone, em sua terrível dor e angústia, desfazia-se em pranto pelo homem com quem se casara. Entre gemidos amargos, disse consigo: "Ó loucura perversa! Ó vida odiosa!

[425] Em minha infelicidade, amei o marido com quem esperava alcançar, unidos os corações, o célebre limiar final da velhice. Mas o céu decidiu de outro modo. Quem dera as sombrias Parcas me houvessem arrebatado quando soube que seria separada de Alexandre!

[430] Embora ele me tenha abandonado em vida, ousarei um feito terrível: morrerei ao seu lado, pois já não encontro alegria na luz do dia." Enquanto falava, lágrimas dolorosas rolavam-lhe dos olhos. Ao pensar na morte do marido, consumia-se secretamente como cera ao fogo,

[435] receosa do pai e das servas bem vestidas, até que, da vastidão do Oceano, a Noite se estendeu sobre a terra sagrada, libertando os mortais dos trabalhos. Quando todos na casa adormeceram, o pai e os servos, ela abriu o portão

[440] e partiu como o vento, tão depressa quanto as pernas podiam levá-la. Como novilha das montanhas, cheia de desejo por um touro, é impelida pela paixão a correr velozmente, sem medo do pastor, dominada pelo instinto irresistível,

[445] na esperança de encontrar nos bosques o companheiro, assim Enone percorreu rapidamente grande distância, desejando alcançar quanto antes a pira sinistra. Nenhum cansaço lhe pesava nos joelhos; os pés tornavam-se cada vez mais leves, impelidos pelo destino mortal

[450] e pela deusa Cípria. Já não temia as feras hirsutas que encontrava na noite, embora antes a aterrorizassem. Pisou cada rocha e penhasco das montanhas arborizadas e atravessou todas as ravinas. Ao vê-la do alto, a deusa Lua recordou o nobre Endimião

[455] e, compadecida da jovem que corria, brilhou em toda a plenitude e tornou claro o longo caminho. Enone chegou depressa ao lugar da montanha onde as ninfas lamentavam em torno do corpo de Alexandre.

[460] Um fogo vigoroso ainda o envolvia, pois pastores reunidos de todas as partes do monte haviam amontoado lenha como última homenagem ao companheiro e rei. Permaneciam ao redor derramando copiosas lágrimas. Enone,

[465] ao vê-lo claramente, não soltou grito algum apesar da dor; cobriu com o manto o belo rosto e saltou sobre a pira, arrancando de todos alto gemido. Ardeu ao lado do marido. As ninfas espantaram-se ao vê-la tombar junto ao esposo,

[470] e cada uma disse em seu coração: "Páris foi verdadeiramente perverso ao abandonar esposa tão devotada e escolher uma mulher dissoluta, trazendo ruína para si e para o povo de Troia. Insensato, não respeitou os sentimentos feridos da prudente esposa,

[475] que o amava mais que a luz do Sol, embora ele a desprezasse e não lhe demonstrasse amor." Assim pensavam as ninfas, enquanto o casal ardia no meio da pira, esquecido da luz do dia. Em torno, os pastores contemplavam assombrados, como outrora

[480] os argivos reunidos se admiraram ao ver Evadne estendida sobre o corpo de Capaneu, morto pelo doloroso raio de Zeus. Quando a força destruidora do fogo consumiu Enone e Páris, ocultos num só monte de cinzas,

[485] apagaram a pira com vinho, depositaram os ossos num vaso de ouro e ergueram sobre eles um túmulo coroado por duas estelas opostas, sinal da amarga desavença entre ambos.

LIVRO XI

Depois da morte de Páris, aqueus e troianos renovam o combate diante das muralhas. Eneias, auxiliado por Apolo e Ares, impele por algum tempo os argivos, mas Neoptólemo restaura-lhes a coragem, enquanto Afrodite retira Eneias da luta. No dia seguinte, os aqueus atacam simultaneamente os portões e formam com os escudos uma cobertura cerrada para alcançar os muros. Eneias e os defensores de Troia frustram o assalto, e a batalha prolonga-se sem resultado decisivo.

[1] As mulheres de Troia lamentavam dentro da cidade, pois não podiam alcançar o túmulo de Páris, muito distante das altas muralhas. Fora delas, os jovens continuavam sem descanso o labor da batalha sangrenta,

[5] mesmo depois da morte de Alexandre: os aqueus atacavam até junto da cidade, e os troianos, impelidos pela necessidade, saíam das muralhas. No meio deles moviam-se a Discórdia e a terrível deusa da guerra, semelhantes a cruéis espíritos vingadores,

[10] ambas exalando pela boca morte e destruição. Perto delas enfureciam-se as Parcas, desprovidas de pudor e respeito. Em outra parte, Pânico e Ares incitavam os exércitos, acompanhados pelo Medo, cuja figura, toda salpicada de sangue carmesim,

[15] tornava alguns homens mais fortes e enchia outros de terror. Por toda parte, dardos, lanças e flechas voavam em todas as direções, desejosos de matar. O contínuo estrépito das armas que se chocavam envolvia os combatentes de ambos os lados naquela luta homicida.

[20] Neoptólemo matou então Laodamante, criado na Lícia junto às belas águas do Xanto, que a esposa de Zeus tonitruante, a deusa Leto, revelara aos homens ao abrir com as mãos o solo

rochoso da célebre região,

[25] quando se achava oprimida pelas longas e dolorosas dores do parto dos imortais. Em seguida, Neoptólemo abateu Niro, atravessando-lhe a mandíbula com a lança; o bronze entrou-lhe pela boca e cortou a língua que ainda falava.

[30] Com um uivo, ele agarrou a ponta irresistível, enquanto as faces gritantes se enchiam de sangue. Impelida por mão poderosa, a lança cruel prendeu-o ao chão quando a vida já o abandonava. O nobre Evênor foi ferido pouco acima do flanco;

[35] a arma penetrou-lhe o fígado e trouxe morte rápida e dolorosa. Depois tombaram Ifítion e Hipomedonte, poderoso filho de Mênalo, a quem a ninfa Ocírroe dera à luz junto ao Sangário. Ela não o acolheu de volta: as Parcas malditas lhe haviam roubado cruelmente o filho,

[40] impondo-lhe amarga dor. Eneias matou então Brêmon e Andrômaco, criado em Cnossos, enquanto Brêmon crescera na sagrada Licto. Ambos tombaram dos carros puxados por cavalos velozes.

[45] Um convulsionou-se em torno da longa lança que lhe atravessara a garganta; o outro fora atingido, na delicada base da têmpora, por uma pedra mortal arremessada por mão vigorosa, e expirou envolvido pelo destino sombrio.

[50] Os cavalos assustaram-se e, privados dos aurigas, vagaram entre pilhas de cadáveres, até serem capturados pelos companheiros do nobre Eneias, cujos corações exultaram com o rico prêmio. Filoctetes atingiu então Píraso com uma flecha mortal enquanto ele abandonava o campo,

[55] cortando-lhe os tendões flexíveis atrás do joelho e destruindo-lhe o movimento. Ao vê-lo aleijado, um dânao cortou-lhe rapidamente a cabeça com a espada. O chão recebeu o corpo decapitado; a cabeça rolou para longe,

[60] ainda desejosa de falar, enquanto o espírito partia num instante. A lança de Polidamante atingiu Cléon e Eurímaco, que haviam vindo de Sime sob o comando de Nireu. Ambos dominavam a arte de enganar mortalmente os peixes com o anzol,

[65] lançar redes no mar sagrado e manejar da borda do barco o tridente de pontaria rápida e certeira. Mas nenhuma perícia marítima os salvou da ruína. O robusto Eurípilo feriu o glorioso Helo,

[70] a quem a formosa Clite dera à luz junto ao lago Gigeu. Ele jazia de bruços no pó. Separado do corpo tombara o braço musculoso, cortado do ombro pela espada cruel, ainda segurando a lança que desejava erguer para o combate,

[75] mas em vão, pois já não era guiado pelo homem. Contorcia-se sem efeito como a cauda de uma serpente perigosa, que salta depois de cortada, mas já não tem poder para a difícil tarefa de matar quem a feriu.

[80] Assim o braço direito do magnânimo guerreiro ainda desejava manejar a lança, mas perdera toda a força. Enquanto isso, Odisseu abateu Eno e Poliído, ambos ceteus, um com a lança, o outro com terrível golpe de espada.

[85] Estênelo matou o nobre Abante com um arremesso. A lança atravessou-lhe a garganta e alcançou o delicado tendão da nuca; o coração deteve-se, e a força dos membros se desfez. O filho de Tideu matou Laódoco; Agamêmnon, Mélio; Deífobo, Dríade e Álcimo.

[90] Agenor abateu Hípaso, célebre guerreiro vindo do Peneu. Esmagado por uma divindade, não pôde retribuir aos pais o amor recebido. Toas matou Lamo e o valente Linceu; Meríones, Lícon; Menelau, Arquéloo,

[95] cuja morada ficava ao pé da serra Corícia e da rocha do engenhoso Hefesto, que maravilha os mortais. Dentro dela arde um fogo perpétuo, inextinguível noite e dia; ao redor, contudo, erguem-se palmeiras florescentes carregadas de frutos,

[100] embora suas raízes queimem na pedra. Os imortais parecem tê-la feito como prodígio para as gerações futuras. Teucro preparou-se então para atingir com uma flecha Menetes, filho do nobre Hipomedonte, que avançava.

[105] Pensamento, mãos e olhos concentraram-se em lançar a seta dos chifres flexíveis. O projétil funesto saltou das mãos ágeis, e, enquanto a corda ainda vibrava, o homem já se convulsionava: as próprias Parcas acompanharam a flecha até o ponto vital do

coração,

[110] sede do pensamento e da força humana, rápida estrada para a morte. Da robusta mão de Eurílalo partiu enorme pedra, que abalou as fileiras troianas em movimento. Como um homem, irritado contra os grous de grito longínquo que invadem a plantação,

[115] gira depressa sobre a cabeça a funda de couro bovino e lança-lhes uma pedra, cujo assobio dispersa no céu suas longas fileiras; tomadas de pânico, as aves giram e se chocam, produzindo terrível algazarra depois do voo ordenado,

[120] assim os inimigos se aterrorizaram diante do projétil do vigoroso Eurílalo. Seu curso, dirigido pelo céu, não foi inútil: o impacto esmagou o elmo e a cabeça do poderoso Meleu, dando-lhe destino horrível.

[125] Em torno da matança geral, a terra gemia. Como quando um vento liberta violentamente sua força, e sob as rajadas estrondosas árvores altas tombam em todas as direções, arrancadas pelas raízes, fazendo o chão da floresta ressoar,

[130] assim os homens caíam no pó; terrível era o estrépito das armas e alto o eco da terra. Seus pensamentos concentravam-se na luta amarga, que lhes trazia ruína recíproca. Então o nobre Apolo aproximou-se de Eneias

[135] e de Eurímaco, filho guerreiro de Antenor. Eles combatiam juntos contra os poderosos aqueus, semelhantes a dois bois fortes e da mesma idade, jungidos ao carro. Tomando a figura do adivinho Polimestor, o deus falou-lhes:

[140] "Eurímaco e Eneias, descendentes de deuses, não vos convém ceder aos argivos. Nem mesmo o poderoso Ares se alegrará em enfrentar-vos, se estiverdes dispostos a lutar, pois as Parcas teceram para ambos um longo fio de vida."

[145] Assim falou e desapareceu, misturando-se aos ventos. Eles sentiram no íntimo a força divina e logo se encheram de coragem sem limites. A fúria inflamou-lhes o espírito, e lançaram-se contra os argivos como vespas perigosas dominadas por terrível ira

[150] que atacam abelhas ao vê-las saírem em enxame da colmeia ou buscarem cachos de uvas que secam no outono. Com igual

velocidade os filhos de Troia investiram contra os belicosos aqueus.

[155] As sombrias Parcas alegraram-se com a luta; Ares riu, e a deusa da guerra soltou grito horrível. Alto foi o choque das armas fulgentes. Com mãos irresistíveis, os troianos massacraram incontáveis inimigos.

[160] Os soldados tombavam como o grão amadurecido no calor sufocante do verão, sobre o qual hábeis ceifeiros trabalham às pressas, repartindo entre si os largos campos de grande propriedade. Assim fileiras sem número caíam pelas mãos troianas.

[165] O chão encheu-se de cadáveres e corria sangue. A matança aqueceu o coração da Discórdia. Sem interromper o assalto mortal, os troianos atacavam como leões cruéis que invadem um rebanho; os adversários pensavam apenas na fuga vergonhosa.

[170] Todos os que ainda tinham os pés intactos fugiam da batalha mortal. O guerreiro filho de Anquises perseguia-os sem descanso, golpeando-lhes as costas com a lança, acompanhado por Eurímaco. Do alto, Apolo curador alegrou-se com a visão.

[175] Como um homem encontra porcos numa seara madura, antes da ceifa, e lança contra eles cães vigorosos; os animais, aterrados pelo ataque, esquecem o alimento e fogem juntos vergonhosamente,

[180] enquanto os cães logo alcançam-lhes os calcanhares e os mordem cruelmente por trás, para alegria do proprietário, assim Febo exultava ao ver tão grande exército argivo fugir da batalha.

[185] Os argivos já não cuidavam das façanhas guerreiras; apenas rogavam aos deuses rapidez nos pés, pois neles residia a única esperança de regressar. Todos sentiam a fúria das lanças de Eurímaco, Eneias e seus companheiros.

[190] Então um argivo, confiante demais na própria força ou destinado a morrer, conteve o cavalo que fugia do fragor e tentou fazê-lo voltar ao combate. O magnânimo Agenor, porém, foi mais rápido e cortou-lhe o braço junto ao ombro com um machado de dois gumes.

[195] O osso cedeu ao aço, os tendões romperam-se e o sangue jorrou das veias. O corpo caiu sobre o pescoço do cavalo e depois entre os mortos, deixando suspenso o braço vigoroso, cujos dedos

ainda apertavam as rédeas flexíveis,

[200] como quando pertencia ao homem vivo. Era visão prodigiosa: um braço ensanguentado pendente da correia, meio pelo qual Ares aterrorizava os inimigos. Dir-se-ia ainda trabalhar por amor à equitação. Assim o cavalo levava a lembrança do senhor assassinado.

[205] Eneias atingiu Etálides com a lança acima dos rins; a ponta saiu junto ao umbigo, trazendo as entranhas. Estendido no pó, ele agarrava com as mãos a ponta da arma e as vísceras, rugia horrivelmente e mordia a terra; a dor, porém, terminou com a vida.

[210] O pânico dominou os argivos, como bois que avançam sob o jugo do arado quando uma mosca sedenta de sangue lhes fere o flanco. Em tormento indescritível, abandonam o trabalho, afligindo o lavrador pela perda do esforço e pelo temor de que o ferro impiedoso do arado,

[215] saltando atrás deles, lhes alcance os pés e corte os tendões. Tamanho terror tomou os dânaos e afligiu o filho de Aquiles, que bradou para deter o exército: "Covardes, por que fugis como estorninhos inúteis assustados por um falcão?

[220] Retomemos a coragem, pois é muito melhor perecer no combate que escolher uma fuga indigna." Suas palavras depressa encheram-lhes o peito de audácia. Neoptólemo lançou-se confiante sobre os troianos, brandindo na mão a lança veloz,

[225] e com ele avançaram os mirmidões, levando no peito a força de um vendaval. Concederam aos argivos algum alívio do tumulto. Revestido do espírito paterno, Neoptólemo matou inimigos em rápida sucessão, e os atacantes recuaram,

[230] como ondas incontáveis que, sob o sopro de Bóreas, correm ferventes para a praia, mas são empurradas de volta por outro vento que sopra furiosamente em sentido contrário.

[235] Assim os troianos, que antes atacavam os dânaos, recuaram diante do filho do divino Aquiles, mas apenas um pouco: a força do intrépido Eneias obrigou-os a sustentar audazmente o combate cruel.

[240] Ênio mantinha os dois lados igualmente equilibrados. Neoptólemo, porém, nunca brandiu contra Eneias a lança paterna.

Tétis, de belas vestes, em respeito à deusa do amor, desviava para outras partes do exército a fúria e a poderosa força do neto.

[242a] Enquanto ele matava numerosos troianos, Eneias abatia incontáveis aqueus. A matança alegrava as aves desejosas de devorar

[245] as entranhas e a carne dos homens, mas trazia somente dor às ninfas, filhas do Simois e do Xanto de belas águas. Enquanto os guerreiros combatiam, ventos inquietos levantaram tamanha poeira que todo o ar superior escureceu como sob uma névoa.

[250] Nem o chão podia ser visto, tão cegos estavam os olhos. Ainda assim, a luta continuou. Quem caía nas mãos de alguém era morto, ainda que fosse amigo muito querido; no tumulto, ninguém distinguia inimigo de companheiro.

[255] A confusão teria reinado, e todos pereceriam miseravelmente sob as espadas homicidas de ambos os lados, se o filho de Crono, do alto do Olimpo, não afastasse a poeira do campo e acalmasse os ventos perniciosos.

[260] A batalha prosseguiu, mas o trabalho tornou-se menos árduo, pois agora viam quem devia ser morto como inimigo e quem devia ser poupado. Ora os dânaos repeliam os troianos, ora os troianos empurravam as fileiras dânaas.

[265] Sombria era a luta, e os projéteis de ambos os lados caíam como nevasca. O terror dominou os pastores que contemplavam o tumulto das alturas do Ida. Erguiam as mãos aos deuses celestes, rogando que Ares destruísse todos os inimigos

[270] e libertasse os troianos da guerra lamentável, permitindo-lhes enfim contemplar o dia da liberdade. Mas ninguém lhes deu atenção. O Destino cruel guardava outros desígnios; ele não respeita o poderoso Zeus nem qualquer imortal.

[275] Nada pode desviar sua mente impiedosa nem o quinhão que, para homens e cidades, seu fio inevitável tece no nascimento. Por ele todas as coisas crescem e declinam; por sua ordem nasceu o labor da guerra entre troianos domadores de cavalos e aqueus combatentes.

[280] Sem descanso, traziam uns aos outros o destino impiedoso da matança. Ninguém sentia medo; lutavam com ardor, pois a coragem conduz os homens até a ponta da lança. Quando muitos

tombaram mortos no pó, prevaleceu o valor dos argivos,

[285] por vontade de Palas, a deusa guerreira, que se aproximou da batalha e lhes prestou poderoso auxílio, ávida por saquear a célebre cidade de Príamo, que então lamentava amargamente a morte de Alexandre.

[290] A própria Afrodite arrebatou rapidamente o célebre Eneias da batalha e da luta mortal, cobrindo-o com um manto de névoa, pois não estava destinado que ele continuasse a combater os argivos diante das altas muralhas.

[295] Por isso ela evitou a prudente Tritogênia, decidida a auxiliar os dânaos e capaz de matar Eneias apesar das Parcas, pois outrora nem mesmo poupara Ares, muito mais forte que ele. Os troianos já não sustentaram a linha de frente e recuaram atônitos.

[300] Então os argivos, com a fúria de feras selvagens e ardendo no zelo de Ares, lançaram-se sobre eles. Tamanha foi a matança que os cadáveres obstruíram os rios e cobriram a planície. Homens e cavalos tombavam no pó, e muitos carros eram virados.

[305] O sangue corria por toda parte como chuva abundante, enquanto a Ruína atravessava a luta. Os troianos atravessados por espadas e lanças jaziam como madeiras dispersas ao longo da praia,

[310] quando homens, soltando inúmeros nós das cavilhas resistentes, desmontam uma vasta jangada e abandonam as longas tábuas, que cobrem toda a largura da costa e são banhadas pelas ondas escuras do mar profundo.

[315] Assim os mortos jaziam no pó e no sangue, esquecidos da batalha e das lágrimas. Os poucos que escaparam da luta impiedosa entraram na cidade, evitando por pouco a ruína completa. Esposas e filhos retiraram-lhes dos membros ensanguentados as armas manchadas de sangue.

[320] Prepararam banhos quentes, e por toda a cidade médicos correram às casas dos feridos, ocupando-se das chagas. Gemidos de esposas e filhos cercavam os que haviam regressado, enquanto muitos ausentes eram chorados.

[325] Os atingidos por dores terríveis permaneciam deitados, gemendo, e não se voltavam para a ceia depois do esforço. Cavalos velozes relinchavam ruidosamente pelo alimento. Entre cabanas e

navios, os aqueus ocupavam-se em trabalhos semelhantes.

[330] Os cavalos luminosos de Aurora atravessaram a corrente do Oceano, e as raças humanas despertaram. Alguns dos poderosos filhos guerreiros de Argos marcharam para a alta cidade de Príamo; outros ficaram nos alojamentos junto aos feridos,

[335] receando que alguma força inimiga atacasse e tomasse os navios para socorrer os troianos. Estes resistiam das torres, e travou-se luta amarga. Diante das Portas Ceias, o filho de Capaneu combatia ao lado do divino Diomedes.

[340] Do alto, o robusto Deífobo, o forte Polites e os companheiros repeliam-nos, primeiro com flechas, depois com rochedos. Alto era o estrépito de elmos e escudos golpeados, que protegiam os guerreiros da morte dolorosa.

[345] Junto à Porta Dardânia combatia o filho de Aquiles, cercado pela hoste dos mirmidões, todos peritos na guerra cruel. Heleno e o magnânimo Agenor repeliam-nos da muralha com inúmeros projéteis,

[350] chamando os troianos à ação, embora estes já lutassem espontaneamente com ardor em defesa dos muros da pátria. Na porta voltada para a planície e para os navios velozes, Odisseu e Eurípilo combatiam sem descanso,

[355] enquanto o nobre Eneias os rechaçava confiante do alto da muralha com pedras. Diante do Simois, Teucro da lança de freixo enfrentava duro trabalho. Cada um sofria onde estava. Então os valorosos homens de Odisseu, seguindo uma ideia engenhosa do chefe,

[360] organizaram os escudos para a obra de Ares, colocando-os sobre as cabeças, sobrepostos e unidos num só movimento. Dir-se-ia o teto protetor de um salão, sólido bastante para deter a rajada de um vento úmido ou a chuva torrencial de Zeus.

[365] Assim as fileiras argivas eram fortalecidas pela cobertura compacta. Seus corações valentes estavam unidos como os escudos. Do alto, os filhos de Troia lançavam pedras, que rolavam para o solo como se caíssem de áspera rocha.

[370] Grande número de lanças, dardos dolorosos e outros projéteis perigosos cravavam-se nos escudos ou na terra; alguns,

desviados por armas lançadas de toda parte, voavam para longe sem efeito. O enorme estrépito não produzia medo nem recuo,

[375] assim como não o faria o som da chuva. Marchavam firmemente até a muralha; nenhum se separava, e mantinham a formação cerrada, como nuvem sombria que o filho de Crono, no profundo inverno, conduz pelo alto do céu.

[380] As fileiras avançavam com poderoso fragor e o ruído dos pés marchando. A poeira erguida pouco acima do chão era levada pelas brisas para trás. O som das vozes misturadas parecia o zumbido das abelhas dentro das colmeias.

[385] O hálito dos soldados ofegantes formava névoa em torno deles. Imensa era a alegria e o orgulho dos filhos de Atreu ao contemplarem aquela muralha inabalável no fragor da luta. Planejavam aproximar-se juntos dos portões de Príamo,

[390] quebrar com machados de dois gumes as altas muralhas e lançar os portões por terra, arrancando-os dos gonzos. O magnífico plano parecia realizável. Mas nem machados aguçados nem escudos bastaram quando o poderoso Eneias

[395] ergueu enorme rocha com ambas as mãos e a arremessou com toda a força, dando triste destino aos homens apanhados sob os escudos, como cabras que pastam sob um penhasco e são esmagadas por uma rocha partida, aterrorizando as que se alimentam perto.

[400] Tamanho foi o choque dos dânaos. Eneias continuou lançando pedra após pedra e mergulhou as fileiras em completa confusão. Como penhascos presos a diferentes faces de um mesmo pico são despedaçados por Zeus Olímpio com trovões e raios ardentes,

[405] aterrorizando os pastores vizinhos, assim o pânico dominou os aqueus quando Eneias desfez rapidamente o baluarte formado por seus sólidos escudos. Algum deus lhe concedera coragem tão imensa que nenhum homem ousava erguer os olhos contra ele.

[410] As armas que lhe cobriam os membros poderosos fulgiam como relâmpago sobrenatural. Perto dele, oculto na escuridão, estava Ares, dirigindo todos os projéteis para que trouxessem morte e terror aos argivos.

[415] Eneias combatia como o próprio Zeus Olímpio quando, no céu, massacrou furiosamente a insolente raça dos Gigantes, feito terrível que abalou a terra sem limites, Tétis, Oceano e o firmamento, enquanto os membros de Atlas tremiam sob o assalto do deus infatigável.

[420] Assim as fileiras argivas ruíam pelas mãos de Eneias. Ele percorria furioso toda a muralha e, ansioso pelo combate, lançava tudo quanto encontrava, pois abundava o material defensivo sobre os muros dos firmes guerreiros dardânios.

[425] Com tamanha força prodigiosa, Eneias rechaçava numeroso exército e renovava a coragem dos troianos. Severo era o sofrimento em torno da cidade, e muitos aqueus e troianos encontraram a morte.

[430] Altos eram os gritos de ambos os exércitos. Eneias exortava os troianos a lutar com todo o ardor pela cidade, pelas esposas e pela própria vida; o filho do intrépido Aquiles incitava os argivos a permanecer junto às célebres muralhas

[435] até tomarem e incendiarem Troia. Um tumulto indescritível envolvia as hostes durante todo o dia. Não havia repouso: uns estavam decididos a conquistar a cidade pela força; outros, a salvá-la.

[440] A alguma distância do magnânimo Eneias, Ájax combatia e infligia morte aos troianos com projéteis lançados de longe. Ora enviava uma flecha através do ar; ora, dardos destruidores, abatendo um homem após outro.

[445] Aterrados pela força do nobre herói, os troianos abandonaram aquela parte da muralha. Um de seus soldados, o melhor dos guerreiros lócrios, o valente Alcimedonte, confiando no rei, na própria força e na audácia juvenil,

[450] estava tão impaciente pelo combate que pôs os pés ágeis numa escada, desejoso de abrir aos companheiros um caminho para a cidade - caminho de ruína. Ergueu o escudo sobre a cabeça e subiu a senda fatal, tomado por decisão intrépida.

[455] Ora brandia a lança formidável, ora continuava a subir depressa. Teria causado grande dano aos troianos, se, ao surgir no alto e contemplar pela primeira e última vez o interior da cidade,

[460] Eneias não o percebesse mesmo de longe e saltasse contra ele. Atingiu-o na cabeça com grande pedra; tamanha era a força do herói que a escada se partiu com o homem. Ele caiu veloz como flecha lançada da corda, perseguido pela morte destinada,

[465] girando sem cessar. O espírito gemeu e misturou-se ao ar antes de o corpo alcançar o chão pedregoso. Somente a couraça bateu contra a terra, pois a lança pesada, o largo escudo e o sólido elmo haviam-se separado dele.

[470] Os lócrios em torno gemeram ao ver fim tão triste. O cérebro daquela cabeça de cabelos flutuantes espalhou-se por toda parte; todos os ossos estavam quebrados, e os membros ágeis, horrivelmente cobertos de sangue.

[475] Então o nobre filho de Peante viu Eneias avançando furioso pela muralha como poderosa fera selvagem. Mirou depressa e disparou uma flecha contra o célebre herói. Não errou o alvo, mas a seta não atravessou o escudo robusto nem alcançou a bela carne,

[480] pois a deusa do amor a desviou, fazendo-a apenas roçar o couro bovino. Em vez de cair inutilmente, atingiu Mimas entre o escudo e o elmo de crina. Ele tombou da torre como cabra selvagem ferida pela seta cruel de um caçador.

[485] Caiu por inteiro, abandonado pela vida preciosa. Enfurecido pela morte do amigo, Eneias lançou uma pedra que matou Toxícmes, valente companheiro de Filoctetes, esmagando-lhe todos os ossos da cabeça com o elmo e detendo-lhe o nobre coração.

[490] Então o glorioso filho de Peante bradou: “Eneias, imaginas ser o mais valente quando toda a tua obra se realiza das torres, lugar onde mulheres fracas combatem os inimigos? Se és homem, desce armado da muralha e conhece

[495] o valoroso filho de Peante por meio de lanças e flechas.” O valente filho de Anquises não respondeu, embora desejasse, pois desesperada era a luta ao longo de toda a muralha e não havia interrupção.

[500] Nenhum lado abandonou o combate amargo. Oprimidos por Ares, durante muito tempo não encontraram repouso no esforço, embora todo o trabalho permanecesse inútil.

LIVRO XII

Como os assaltos às muralhas continuam inúteis, Calcas aconselha os aqueus a vencer Troia por meio de um ardil. Odisseu concebe o plano do cavalo de madeira, que Epeu constrói com o auxílio de Atena. Os principais guerreiros ocultam-se em seu interior, enquanto a frota parte para Tênedos e Sínon permanece junto ao cavalo. Enganados por ele e surdos aos avisos de Laocoonte e Cassandra, os troianos levam a máquina para dentro da cidade e celebram, sem compreender os prodígios que anunciam sua ruína.

[1] Apesar de seus esforços intermináveis em torno das muralhas de Troia, os lanceiros dânaos não conseguiram atingir seu objetivo na guerra. Então uma reunião dos líderes foi convocada por Calcas, a quem o deus arqueiro concedera o conhecimento

[5] do voo dos pássaros, dos astros e de todos os outros sinais disponíveis aos homens pela graça dos deuses. Estas foram as suas palavras para aqueles que ali se reuniram: "Não desperdiceis mais esforços no cerco da cidade, antes procurai conceber algum recurso diferente".

[10] ou estratagema que pode favorecer-nos e salvar nossos navios. Ontem observei aqui mesmo um sinal. Um falcão estava perseguindo uma pomba, até que a pomba, com pressa, escapou para um buraco na rocha. O falcão furioso primeiro esperou longamente, tomado de impaciência ao lado

[15] junto à abertura, enquanto a pomba se mantinha afastada. Mas então ele pensou no truque de se esconder num arbusto. Quando a pomba, em sua loucura, precipitou-se para fora, acreditando que o falcão estava longe, ele lançou-se sobre ela e infligiu uma morte cruel àquela mísera ave. Não tentemos, portanto, saquear pela força a cidade

[20] de Troia, mas vejamos o que um truque ou estratagema pode alcançar." Nenhum deles soube conceber uma maneira de pôr termo à guerra funesta, apesar de todos os seus esforços para encontrar alguns meios. O único que concebeu um plano engenhoso foi o filho de Laertes, que respondeu com este discurso:

[25] "Amigo tido na mais alta honra pelos deuses celestiais, se estiver realmente fadado que os guerreiros aqueus saqueiem a cidade de Príamo por meio de um ardil, é preciso construir um cavalo que encerre em si os chefes, uma emboscada em que entraremos de bom grado. O exército deverá partir

[30] para Tênedos com a frota, quando todos tiverem queimado seus quartéis, para que os troianos vejam isso da cidade e saiam correndo destemidamente para a planície. Um homem de coragem, que ninguém em Troia conheça, deve permanecer aqui ao lado do cavalo e fortalecer o seu coração guerreiro.

[35] Ele deve fingir que os aqueus queriam sacrificá-lo para seu retorno, mas que ele escapou de sua violência brutal abrigando-se sob o esplêndido cavalo que foi feito para apaziguar a raiva que Palas sentia pelos lanceiros de Troia. Ele deve sustentar essa história enquanto o questionarem,

[40] Até que eles sejam convencidos, apesar de sua crueldade, e o levem apressadamente para a cidade em um estado lamentável, para que ele possa nos dar o sinal para o combate mortal, para o exército levantar rapidamente uma tocha ardente e alertar os líderes para saírem do amplo cavalo,

[45] enquanto os filhos de Troia dormem desavisados." Suas palavras foram recebidas com aplausos gerais, conquistando especialmente a admiração de Calcas pela prudência com que aconselhara os aqueus, um recurso e estratagema eficazes que garantiriam uma vitória para os argivos, mas um desastre total para Troia.

[50] Ele, portanto, dirigiu estas palavras aos principais guerreiros: "Não procureis conceber outro estratagema agora, meus amigos, mas deixai-vos persuadir pelo belicoso Odisseu. Seu engenhoso plano alcançará certamente o seu fim. O desejo dos dânaos já está sendo cumprido pelos deuses,

[55] Por toda parte aparecem sinais seguros de seu cumprimento. Através do céu límpido acima de nós soam ruidosamente os trovões e relâmpagos de Zeus, enquanto à direita do exército as aves passam velozes emitindo gritos prolongados. Abandonemos, pois imediatamente esta espera sem fim

[60] em torno da cidade. A necessidade inspirou coragem aos troianos, o que incita até mesmo um homem sem valor à guerra. O momento em que os homens são mais fortes em ação é quando arriscam as suas vidas na imprudência da destruição total, como agora os filhos de Troia lutam destemidamente.

[65] para defender sua cidade, com os corações inflamados de furor." Respondeu-lhe então o robusto filho de Aquiles: "Calcas, os homens valentes enfrentam diretamente os inimigos quando combatem; aqueles que se escondem e lutam apenas do alto das muralhas são covardes dominados pelo medo.

[70] Não procuremos, portanto, ardil nem qualquer outro estratagema. O labor da lança é a verdadeira prova dos guerreiros: os homens corajosos sempre prevalecem na batalha." Respondeu-lhe então o poderoso filho de Laertes: "Valoroso filho do destemido descendente de Éaco,

[75] Cada palavra confiante que pronunciaste, fiado em tua força, é digna de um homem verdadeiro e corajoso. No entanto, nem o destemido valor do teu invencível pai foi suficiente para saquear a rica cidade de Príamo, nem todos os nossos esforços intermináveis. Sem demora, então,

[80] Como Calcas aconselha, voltemos aos nossos navios velozes e lá construamos um cavalo pelas mãos de Epeu, o homem que é de longe o melhor de todos os argivos na carpintaria, cuja habilidade lhe foi ensinada por Atena." O argumento de Odisseu convenceu todos os líderes.

[85] Exceto o guerreiro Neoptólemo. Tampouco se convenceu o valoroso e audaz Filoctetes, pois ambos ainda estavam ávidos pelos horrores da batalha. Com a intenção de retomar a luta, ordenaram às suas próprias forças que levassem até aquelas enormes muralhas

[90] todos os engenhos de guerra que poderiam ajudá-los. Eles contavam com a destruição da próspera cidade, pois ambos haviam vindo para a guerra por vontade dos deuses. Logo eles teriam

realizado tudo o que seus corações desejavam, se Zeus não tivesse demonstrado sua raiva vinda dos céus, sacudindo

[95] o chão sob os pés dos argivos, convulsionando todo o ar acima e lançando um poderoso raio na frente daqueles guerreiros, de modo que toda a Dardânia ressoou. Rapidamente seu ânimo audaz converteu-se em temor, esquecendo toda a sua esplêndida força.

[100] Então eles seguiram o famoso Calcas, embora de má vontade. Eles retornaram aos seus navios com o resto dos argivos, respeitando o profeta que diziam ser filho de Zeus, seja de Zeus ou de Febo; obedeciam a cada palavra sua. Quando o céu brilhante foi coroado com estrelas que brilhavam

[105] em todos os lugares, fazendo os homens esquecerem as fadigas, Atena deixou o elevado trono dos deuses abençoados e, na forma de uma jovem donzela, aproximou-se do exército nos navios. Ela postou-se sobre a cabeça do guerreiro Epeu, em um sonho, e ordenou-lhe

[110] para fazer um cavalo de madeira. Ela prometeu que, se ele se apressasse, ela mesma o ajudaria e inspiraria imediatamente o seu espírito, estimulando-o a realizar a tarefa. Ao ouvir as palavras da deusa, ele acordou assustado de seu sonho feliz, exultante por ter reconhecido a deusa imortal. Seu coração já não acolhia

[115] outro propósito, pois sua mente estava constantemente fixada no trabalho maravilhoso, impregnado como estava de habilidade sutil. Ao chegar, a Aurora levou a bendita escuridão até o Érebo e encheu o ar com uma luz brilhante. Epeu então contou aos argivos que o aguardavam

[120] seu sonho com a deusa, assim como ele o viu e ouviu. Ao ouvi-lo, uma alegria sem limites apoderou-se deles. Então os filhos de Atreu enviaram homens às pressas para os desfiladeiros verdejantes das alturas arborizadas de Ida. Atacando os pinheiros da floresta, derrubaram

[125] as árvores mais altas e todos os vales ecoavam seus golpes. As extensas cristas das altas montanhas foram despojadas de sua floresta. Cada vale foi aberto à vista, perdido agora o antigo encanto que oferecia aos animais. Os troncos jaziam secando, privados do sopro dos ventos poderosos.

[130] Depois que os aqueus os cortaram com seus machados, eles rapidamente os carregaram da montanha arborizada para a costa do Helesponto. Entregaram-se de coração ao trabalho, tanto os homens quanto as mulas. Distribuídos por toda parte, o exército trabalhou sob a direção de Epeu.

[135] Alguns serravam os troncos com suas serras dentadas e cortavam-nos em pranchas, enquanto outros com machados cortavam galhos de toras que ainda não haviam sido serradas. Todos trabalharam arduamente em suas diferentes tarefas. Epeu primeiro construiu pernas para o cavalo de madeira e depois

[140] o ventre, ao qual ele encaixou as costas, as ancas e a garganta na frente. E então ele colocou uma juba no topo do pescoço elevado, que se movia como se fosse real, uma cabeça desgrenhada, uma cauda de longos pelos, olhos brilhantes, orelhas e tudo mais

[145] com o qual um cavalo é adornado. A obra prodigiosa cresceu como se estivesse viva. Essa foi a arte sublime que a deusa lhe deu. Em três dias tudo foi concluído por inspiração de Palas. A alegria apoderou-se da poderosa hoste de argivos e todos se maravilharam de que da madeira tanto a vida quanto a velocidade

[150] se houvessem produzido, a aparência de um cavalo relinchando. Então o nobre Epeu, junto ao seu cavalo gigantesco, rezou com as mãos estendidas à invencível Tritogênia: "Ouça, deusa de grande coração; proteja a mim e ao seu cavalo do perigo." Em resposta à sua oração, Atena, a deusa da sabedoria

[155] tornou sua obra um objeto de admiração para as pessoas na terra, tanto para aqueles que o viram quanto para aqueles que souberam dele mais tarde. A visão da obra de Epeu estava dando alegria aos dânaos, e os troianos derrotados permaneceram dentro de suas muralhas para evitar a sorte implacável da morte.

[160] Só então o senhor Zeus, sozinho entre todas as divindades, foi para a corrente do Oceano e para as cavernas de Tétis e a discórdia eclodiu entre os imortais. Seus corações estavam divididos por paixões conflitantes. Cavalgando em ventos tempestuosos e descendo do céu à terra, eles fizeram o ar

[165] ressoar. Aproximaram-se das margens do Xanto e posicionaram-se em campos opostos, alguns favorecendo os aqueus

e outros os troianos, com os seus espíritos possuídos pelo desejo de batalha. Lá se juntaram a eles aqueles cujo domínio era a extensão do mar. Na sua raiva, alguns estavam empenhados em destruir

[170] O cavalo traiçoeiro com os navios e outros a adorável cidade de Ílion. O Destino de mil recursos, porém, os deteve e voltou para o conflito mútuo o ânimo dos deuses. Ares começou a luta lançando-se diretamente contra Atena e os outros também se lançaram uns contra os outros. A armadura dourada dos imortais

[175] Ressoou fortemente a cada movimento, a extensão do mar vizinho respondeu com um rugido e a terra negra tremeu sob os pés das divindades. Todos deram um grande grito juntos e o som terrível subiu até a extensão do céu e desceu até o abismo do altivo Hades,

[180] Aterrorizando os Titãs nas profundezas. Perto dali, toda o elevado Ida gemia em resposta e os ruidosos cursos dos rios sempre fluindo, bem como as longas ravinas, os navios dos argivos e a famosa cidade de Príamo. Somente os humanos estavam livres do medo, estando ao lado das divindades.

[185] Por decreto dos próprios deuses, ignorantes do conflito. Enquanto isso, picos inteiros do Monte Ida eram quebrados com as mãos e arremessados uns contra os outros. Mas tão facilmente quanto a areia, eles foram quebrados nos membros invencíveis dos deuses em diminutos fragmentos. Isso não escapou à atenção

[190] de Zeus no fim da terra. Imediatamente ele deixou a corrente do Oceano e subiu na extensão do céu. Ele foi transportado pelo vento leste e pelo norte, pelo vento oeste e pelo sul, quando a brilhante Íris os colocou sob o jugo maravilhoso de sua carruagem eterna, que o Tempo infinito havia feito.

[195] de aço indestrutível com suas mãos incansáveis. Quando ele alcançou o grande pico do Olimpo, sua raiva fez todo o ar tremer. Em todas as direções, alto era o estrondo de seus trovões e relâmpagos; densos e velozes, seus raios caíram no chão; imenso foi o fogo

[200] no ar. Os corações dos imortais foram tomados pelo terror e todos os seus membros tremiam, por mais imortais que fossem. Temendo por todos eles, a gloriosa Têmis, veloz como o pensamento, saltou através das nuvens e logo se aproximou deles. Só

ela se manteve distante do grave conflito.

[205] Estas foram as palavras com as quais ela tentou impedi-los de brigar: “Acabar com essa ruidosa contenda”. Não é certo, quando Zeus está zangado, que vós, eternos, luteis por causa dos homens de breve vida. Se não cessardes, todos desaparecereis em breve. Ele arrancará todas as montanhas e as empilhará

[210] juntas sobre vós, sem poupar nem os próprios filhos nem as filhas. Ele vos cobrirá a todos sob uma vasta massa de terra. Não haverá nenhuma fuga para a luz. A horrível escuridão vos reterá para sempre.” Eles seguiram seu conselho por medo da ameaça de Zeus.

[215] Abstendo-se de mais lutas, eles deixaram de lado sua ira funesta e fizeram um pacto de pacífica amizade. Depois, alguns deles voltaram para o céu, alguns para o mar, enquanto outros permaneceram na terra. Enquanto isso, os guerreiros aqueus receberam este prudente conselho do filho de Laertes:

[220] “Ouvi-me, valorosos comandantes dos argivos. Mostrai-me agora o que desejo saber, quais dentre vós têm força e valor excepcionais. Chegou a hora de um feito decretado pelo destino. Com o deus da guerra preenchendo nossos pensamentos, entremos no cavalo polido para encontrar

[225] Fim desta confusão da guerra. Será melhor para nós se pudermos usar o engano de um ardil mortal para saquear a grande cidade, o nosso propósito ao virmos para cá e a causa de tanto sofrimento longe da terra que amamos. Vinde, pois, fortalecei os corações com valor verdadeiro.

[230] Qualquer um que, sob a terrível compulsão da guerra, encha seu coração de coragem pode matar um homem melhor, apesar de sua desvantagem. O coração cresce verdadeiramente através da coragem, que é de longe a melhor parte de um homem. Vós, chefes, deveis formar uma emboscada eficaz,

[235] Enquanto os demais irão esperar na sagrada Tênedos, até que nós, líderes, sejamos arrastados para dentro da cidade por inimigos que supõem que eles estão trazendo um presente para Tritogênia. Algum jovem corajoso que não seja conhecido pelos troianos deve permanecer ao lado do cavalo com um coração firme como o aço.

[240] Ele deve fixar sua atenção com muita firmeza em tudo o que eu disse, sem admitir outro pensamento em sua mente, para não denunciar aos troianos o que os aqueus estão fazendo." O apelo de Odisseu encontrou resposta em Sínon, um esplêndido guerreiro, enquanto todos os demais recuaram atemorizados, pelo feito que ele deveria realizar

[245] Era verdadeiramente grandioso. A firmeza de seu espírito surpreendeu aquele grande exército quando ele falou no meio deles: "Odisseu e vós todos, valorosos filhos da Acaia, realizarei este feito como desejais, por mais que me maltrateis, ainda que decidais

[250] lançar-me vivo no fogo. Meu coração está firmemente resolvido: ou morrerei nas mãos do inimigo ou, escapando, conquistarei grande glória para os argivos em sua necessidade."

[255] Hoje; antes não possuía semelhante coragem. Alguma divindade o impele a ser a ruína de todos os troianos, ou dos nossos. Penso que muito em breve o fim desta guerra cruel será revelado." Tal foi o comentário do exército dos belicosos aqueus.

[260] Então Nestor, de onde estava sentado, despertou a multidão assim: "Agora precisamos, queridos filhos, de força e coragem. Agora os deuses estão colocando em nossas mãos o repouso das fadigas e a vitória honrosa que desejamos. Ide com coragem, portanto, para o interior do amplo cavalo,

[265] Porque a grande glória é, para os mortais, a recompensa da coragem. Quem dera que meu corpo ainda tivesse tanta força como na época em que o filho de Éson convidou os príncipes a bordo de seu veloz navio, o Argo, e eu mesmo pretendia ser o primeiro dos príncipes a embarcar.

[270] Até que fui detido contra a minha vontade pelo divino Pélias. Agora, porém, a penosa velhice me oprime. Mas mesmo assim, como se estivesse no viço da juventude, entrarei no cavalo com coragem. Um deus me dará força e glória." O filho do louro Aquiles respondeu assim às suas palavras:

[275] "Nestor, em prudência és o maior de todos os homens. Mas a velhice impiedosa o domina, nem a sua força é suficiente para o trabalho que deseja. Deves, pois, retirar-te para a costa de Tênedos. Quanto à emboscada, nós, os jovens, famintos de batalha,

[280] entraremos nele ansiosos para cumprir sua ordem, venerável ancião." O filho de Neleu respondeu às suas palavras aproximou-se e beijou-lhe as mãos e a cabeça porque se dispusera primeiro a entrar ele mesmo no espaçoso cavalo, enquanto instava o homem mais velho a ficar do lado de fora.

[285] Com os outros dânaos, movido pelo desejo de enfrentar a empresa. Em vista de seu entusiasmo pela batalha, Nestor dirigiu-se a ele assim: "Tanto na força como nas palavras prudentes, és filho de teu pai, o divino Aquiles". Espero que, com o auxílio de tuas mãos, nós, os argivos, destruamos a famosa cidade de Príamo.

[290] Finalmente o nosso trabalho será recompensado com grande glória, depois de tanto trabalho penoso na guerra. Os deuses colocaram as coisas dolorosas junto aos pés dos homens, mas as coisas boas estão longe, e entre ambas se interpõe o esforço. É por isso que o caminho para a ruína miserável

[295] é fácil para os homens, enquanto o caminho da glória é árduo, onde os pés devem primeiro trilhar fadigas penosas." O glorioso filho de Aquiles respondeu às palavras de Nestor: 'Ancião, que se cumpra tua esperança, já que essa é nossa prece e deve ser preferida.

[300] Mas se os deuses escolherem o contrário, que assim seja. Prefiro ser a gloriosa vítima do deus da guerra a escapar de Troia com um fardo de desgraça." Dito isto, sobre seus ombros ele colocou a armadura imortal de seu pai. Então os demais campeões

[305] os guerreiros se armaram, todos aqueles com espírito destemido. Musas, peço-lhes que me digam com precisão, um por um, os nomes de todos os que entraram no espaçoso cavalo. Fostes vós que enchestes de poesia o meu espírito, mesmo antes que a penugem me cobrisse as faces,

[310] Quando eu cuidava dos meus nobres rebanhos na terra de Esmirna, a três distâncias de um grito do Hermo, perto do templo de Ártemis, no Jardim da Liberdade, numa colina que não era muito elevada nem demasiado baixa. O primeiro a entrar no cavalo gigantesco

[315] foi o filho de Aquiles e com ele o poderoso Menelau, Odisseu, Estênelo e o divino Diomedes. Depois foram Filoctetes, Anticlo e Menesteu e com eles o valente Toas, os louros Polipetes,

Ájax, Eurípilo e o divino Trasímedes.

[320] Meríones e Idomeneu, ilustre par; depois Podalírio da lança de freixo, Eurímaco, o divino Teucro, e o corajoso Iálmeno, Tálpio, Anfímaco, e o lutador inabalável Leonteu e com eles Eumelo, como um deus, Euríalo,

[325] Demofonte, Anfíloco e o poderoso Agapenor, com Acamante e Meges, filho do robusto Fileu. Todos os outros campeões notáveis também entraram, quantos o polido cavalo podia conter. O último a entrar foi o nobre Epeu,

[330] O homem que fez o cavalo. Ele conhecia o segredo de como abrir e fechar as portinholas do cavalo. Foi por isso que ele entrou por último e puxou para dentro as escadas em que haviam subido. Com tudo fechado com segurança, ele sentou-se ao lado do ferrolho. Em silêncio então

[335] Todos eles estavam suspensos entre a vitória e a morte. O resto do exército navegava em mar aberto depois de incendiar os alojamentos onde dormiam. No comando deles estavam dois chefes de coração valoroso, Nestor e o lanceiro Agamêmnon.

[340] Apesar do desejo de entrar no cavalo, foram detidos pelos argivos para ficarem com a frota e comandarem o resto do exército, pois os homens cumprem muito melhor as tarefas quando os seus líderes os vigiam. Assim permaneceram fora, embora fossem campeões.

[345] Muito em breve chegaram à costa de Tênedos. Lançando as âncoras ali nas profundezas e desembarcando o mais rápido que puderam, amarraram os cabos à costa e não se moveram de onde estavam, esperando ansiosamente o aparecimento da tocha.

[350] Enquanto isso, os homens encerrados no cavalo estavam perto de seus inimigos, ora esperando perecer, ora confiando que destruiriam a cidade. Esses ainda eram seus pensamentos quando chegou a aurora. Os troianos agora notaram ao longo da costa do Helesponto a fumaça ainda subindo no ar. As naus, contudo,

[355] que lhes trouxe tanta ruína da Grécia, eles não podiam ver. Alegres então todos foram correndo para a praia, depois de se armarem, pois o medo ainda tomava conta de seus corações. Ali notaram o cavalo polido e, rodeando-o, ficaram maravilhados com a vastidão da estrutura.

[360] Depois avistaram o infeliz Sínon por perto. Dirigindo-lhe perguntas sobre os dânaos de todos os lados, eles formaram um círculo ao seu redor. Com palavras gentis, eles o interrogaram a princípio, mas depois fizeram ameaças terríveis e continuaram a ferir o homem astuto.

[365] por longo tempo. Mas ele, firme como uma rocha, mantinha os membros imóveis. Por fim cortaram-lhe do corpo as orelhas e também o nariz, desfigurando-o completamente para fazê-lo dizer a verdade: para onde haviam ido os navios dânaos e se o cavalo

[370] se continha alguns deles em seu interior. Mas tal era o seu espírito resoluto que, desconsiderando o tratamento vergonhoso deles, ele resistiu firmemente aos seus golpes e sob terrível tortura pelo fogo; tão grande foi a força que Hera insuflou nele. As palavras enganosas que ele proferiu no meio deles foram estas:

[375] "Os argivos fugiram através do mar em seus navios, desanimados pelo sofrimento de uma guerra prolongada. Foi a pedido de Calcas que eles construíram este cavalo para a guerreira Tritogênia, como forma de apaziguar a ira que a deusa nutre por causa de Troia. Para garantir

[380] seu retorno seu retorno, eles planejaram me matar a conselho de Odisseu, sacrificando-me ao lado do mar ressoante aos deuses das profundezas. Mas vendo isso, afastei-me de suas libações perversas e dos grãos sagrados de cevada e, pela vontade dos imortais, caí aos pés do cavalo.

[385] Ali eles foram forçados, contra sua vontade, a me abandonar, por respeito à corajosa filha do poderoso Zeus." Tais foram suas palavras astutas, seu espírito indomado pela dor. O homem forte suporta o mal que não pode evitar. Alguns troianos acreditaram nele, enquanto outros mantiveram

[390] Que ele era hábil impostor. A estes agradou o conselho de Laocoonte, que argumentou prudentemente que se tratava de algum truque terrível inventado pelos aqueus. Ele instou todos a atear fogo no cavalo imediatamente, para descobrir se suas traves ocultavam algum segredo.

[395] Eles realmente o teriam obedecido e escapado da destruição se Tritogênia, em sua raiva furiosa contra ele e contra o

povo e a cidade troianos, não tivesse abalado o solo sagrado sob os pés de Laocoonte. Imediatamente ele foi tomado pelo terror e o tremor dissolveu

[400] a força dos membros do homem orgulhoso. Ao redor de sua cabeça espalhava-se a escuridão da noite. Uma dor horrível percorreu suas pálpebras e desordenou os olhos sob as sobrancelhas desgrenhadas. Feridas por dores penetrantes desde as raízes, suas pupilas ficaram confusas. Seus olhos começaram a rolar

[405] com profunda aflição e uma dor agonizante penetrou nas membranas da base de seu cérebro. Seus olhos pareciam alternadamente extremamente vermelhos e, em contraste, cobertos por uma película doentia. Deles saía um fluxo incessante, assim como a água

[410] misturada à neve que escorre de uma rocha escarpada nas colinas. Ele parecia enlouquecido, vendo tudo em dobro e soltando gemidos terríveis. Mas ainda assim ele exortou os troianos, desconsiderando sua miséria. Privados de sua luz abençoada pela deusa, seus olhos ficaram fixos e brancos sob as pálpebras.

[415] após o sangramento fatal. Ao seu redor, o povo gemia, com pena do homem que amavam e temendo que pudessem ter insensatamente ofendido a deusa que reúne o espólio. Seus pensamentos mudaram para sua própria ruína, porque eles maltrataram o corpo do miserável Sínon.

[420] na esperança de que ele lhes contasse toda a verdade. Então eles o acolheram na cidade de Troia, compadecendo-se dele tarde demais. Quando todo o povo se reuniu, lançaram apressadamente uma corda em volta daquele enorme cavalo, que amarraram em cima, pois o hábil Epeu

[425] Tinha equipado os seus pés maciços com rodas de madeira que deslizavam suavemente, para que, impelido por homens, pudesse entrar na cidade, quando puxado pelas mãos dos troianos. Unindo todos os esforços ao mesmo tempo, começaram a puxá-lo, como quando um navio é puxado por homens que se afadigam para o mar revolto;

[430] Os sólidos rolos emitem um forte gemido sob a pressão e da quilha sai um guincho horrível, enquanto o navio desliza em direção às águas revoltas. Assim eles arrastaram a obra de Epeu, sua

própria destruição, para a cidade, trabalhando juntos. Cobriram-na

[435] com o adorno de inúmeras guirlandas floridas e coroaram as próprias cabeças da mesma forma. Altos erguiam-se os gritos do povo encorajando-se mutuamente. A deusa da guerra riu ao ver o desfecho funesto da guerra, enquanto nas alturas Atena e Hera ficaram encantadas. Quando os troianos

[440] chegando à sua grande cidade, eles abriram uma brecha no alto das muralhas e trouxeram o cavalo funesto para dentro. Todas as mulheres de Troia ergueram um clamor e, ao se reunirem para olhar, Admiraram aquela obra poderosa em que sua ruína estava escondida. Laocoonte persistiu em exortar seus camaradas

[445] a destruir o cavalo com fogo ardente. Mas eles o ignoraram por medo de incorrer na censura dos imortais. Algo ainda pior que a magnânima deusa Atena tinha reservado para os infelizes filhos de Laocoonte. Dizia-se haver uma caverna sob uma rocha escarpada,

[450] escura e inacessível aos mortais, onde viviam naquela época criaturas terríveis, da estirpe mortal de Tífon, nos recantos de uma ilha que leva o nome de Calidna, defronte de Troia, no mar. Foi lá que a deusa acordou duas poderosas serpentes

[455] e convocou-as para Troia. Seu súbito despertar fez toda a ilha tremer. Sua passagem fez o mar rugir e as ondas se abrirem diante delas. Avançavam velozes com línguas tremulantes e assustadoras, o que fazia os monstros marinhos estremecerem. Por todos os lados vinham altos gemidos das ninfas, as filhas

[460] De Xanto e Simoente, enquanto no Olimpo a dor feriu a deusa Cípria. As serpentes logo alcançaram o destino imposto por Atena, afiando as presas mortais em suas bocas terríveis para atacar aquelas crianças infelizes. Um pânico avassalador tomou conta dos troianos ao avistar tais monstros em sua cidade.

[465] Nenhum homem, por mais forte e destemido que fosse, foi capaz de enfrentá-los. Todos estavam possuídos por medo e angústia abjetos, enquanto se esquivavam daquelas criaturas. As mulheres choraram, algumas delas até esquecendo os filhos na tentativa de evitar a morte que temiam para si mesmas. Toda Troia

[470] gemeu à sua aproximação. Em meio à súbita aglomeração, a pele rasgava-se dos membros daqueles que lotavam as ruas e se

encolhiam por todos os lados. Uma só figura permaneceu, Laocoonte com seus meninos, presos por sua condenação mortal e pela deusa. Recuando diante da morte aqueles seus filhos

[475] e ambos foram apanhados pelas mandíbulas letais das serpentes. Eles estenderam os braços para o pai, mas ele foi impotente para salvá-los. Os troianos observavam à distância e choravam, interiormente paralisados. As serpentes cumpriram com alegria a ordem de Atena tão funesta para Troia

[480] E desapareceram juntos sob a terra. Um traço visível permaneceu no local onde entraram no santuário de Apolo na sagrada Pérgamo. Diante do santuário, os filhos de Troia se reuniram e para os filhos de Laocoonte que morreram tão cruelmente construíram um cenotáfio, sobre o qual lágrimas

[485] foram derramadas pelos olhos cegos de seu pai. Ao lado dele, a mãe proferiu junto ao cenotáfio muitas palavras entre lágrimas. Pressentindo males ainda maiores, ela gemeu pela perda que a imprudência do marido havia causado, enquanto temia a ira dos deuses. Ao redor de seu ninho devastado, nas profundezas de algum vale sombreado,

[490] Ferido pela dor mais aguda, lamenta um rouxinol, cujos filhotes indefesos, antes de aprenderem uma canção melodiosa, foram destruídos nas mandíbulas de uma cobra terrível, causando angústia à mãe; em sua tristeza indescritível ela enche sua casa vazia com gritos de lamentação;

[495] Com tanta tristeza agora aquela mãe lamentava a morte dos seus filhos, chorando pelo seu túmulo vazio. A cegueira do esposo acrescia-lhe amarga dor. Tal foi o seu lamento pelos filhos e pelo marido, filhos mortos e marido privado da luz do sol.

[500] Os troianos começaram a sacrificar aos imortais com libações de vinho doce, esperando em seus corações serem aliviados do peso da guerra lamentável. Suas vítimas, porém, não ardiam e o fogo se apagou, não menos do que se uma chuva torrencial tivesse caído.

[505] A fumaça que subia estava manchada de sangue, cada coxa das vítimas tombou palpitando no chão e os altares desabaram. As libações transformaram-se em sangue, as imagens dos deuses derramaram lágrimas e os templos umedeceram-se de sangue. O som

de gemidos surgiu de lugares inesperados. Os altos muros ao redor deles estremeceram

[510] e as torres retumbaram, como se fossem desabar. Por vontade própria, os ferrolhos dos portões se abriram com ruídos assustadores, enquanto gemidos tristes vinham dos pássaros noturnos que emitiam gritos de desolação. Cada estrela acima daquela cidade divinamente construída

[515] ocultou-se na neblina, embora o céu estivesse livre de nuvens e brilhando intensamente. Os arbustos de louro ao lado do templo de Febo murcharam, que até então eram viçosos e verdes. Então também lobos e chacais vieram uivando destemidamente dentro dos portões. Incontáveis outros presságios apareceram,

[520] prenunciando a ruína para o povo e a cidade de Dárdano. Nenhum temor, contudo, invadiu as mentes dos troianos, apesar da visão de todos esses prodígios terríveis entre eles. As Parcas roubaram-lhes todo o bom senso, para que depois do banquete pudessem encontrar o seu destino de morte nas mãos dos argivos.

[525] Só um coração era constante, uma só mente permanecia lúcida: a de Cassandra. Nenhuma de suas palavras deixava de cumprir-se. Embora verdadeiras, suas palavras pareciam sempre vãs aos ouvintes por decreto do destino, para que os troianos caminhassem à ruína. Então, quando ela viu esses presságios sinistros em Troia convergindo

[530] para uma única conclusão, ela gritou alto como uma leoa, quando em um matagal foi esfaqueada ou baleada por um caçador ardoroso, e cujo coração se enfurece enquanto ela corre, com força irresistível, pelas altas colinas. Assim Cassandra, seu coração profético dentro de sua fúria,

[535] saiu do palácio. Seus cabelos derramavam-se sobre os ombros alvos e descendo pelas costas. Seus olhos estavam brilhando destemidamente. Sob sua cabeça, o pescoço, como o tronco de uma árvore sob um vendaval, continuava se contorcendo para um lado e para outro. A nobre donzela deu um grande gemido e gritou em voz alta:

[540] "Pobres tolos, entramos no reino das trevas. Ao nosso redor a cidade está cheia de fogo e sangue e de um destino horrendo. Por toda parte prodígios que deveriam nos fazer chorar são

mostrados pelos deuses e aos pés da Morte jazemos. Infelizes por não conhecerem sua desgraça. Todos vós

[545] vos alegrais com vossa loucura. Um grande desastre está escondido aqui. Contudo, não acreditareis em mim, diga eu o que disser, porque as Erínias, zangadas contra nós pelo casamento fatal de Helena, e as Parcas impiedosas precipitam-se por toda parte na cidade. Este vosso mísero banquete,

[550] Maculado de sangue, é o último que desfrutareis. O caminho que trilhais já vos conduz à companhia dos mortos." Então alguém pronunciou estas perniciosas palavras injuriosas: "Filha de Príamo, tua língua delirante e tua mente insana tornam tudo quanto dizes vazio como o ar.

[555] Não há em ti o puro recato de uma virgem. És vítima de uma loucura mortal. É por isso que és sempre desprezada por todos por tuas palavras incessantes. Vai-te e dirige teus funestos presságios aos argivos e a ti mesma. Talvez um castigo ainda mais doloroso

[560] que o desavergonhado Laocoonte te aguarda. Não é certo destruir tão precipitadamente os benévolos presentes dos deuses." Alguns troianos da cidade disseram isso e outros também culparam a donzela por proferir palavras que julgavam insensatas. Isso porque o desastre e a força cruel do Destino

[565] estavam junto deles. Assim, ignorando sua condenação, com palavras injuriosas eles a afastaram do espaçoso cavalo. Pois ela estava ansiosa para quebrar todas as suas madeiras ou queimá-las com fogo ardente. Com essa intenção ela pegou um pedaço de madeira de pinho em chamas da lareira

[570] precipitou-se em frenética corrida. Na outra mão ela carregava um machado de dois gumes e se dirigia ao cavalo funesto, para revelar sua terrível emboscada aos próprios olhos dos troianos. Eles, porém, rapidamente removeram de suas mãos tanto o fogo quanto o aço destrutivo e sem qualquer receio prepararam

[575] Aquela festa fatal, pois a sua última noite começaria em breve. Enquanto isso, os argivos encerrados no cavalo ficaram felizes ao ouvir o rumor do banquete em Ílion, ignorando Cassandra, que inspirava a sua própria admiração. pois reconhecera com exatidão o propósito e o plano dos aqueus.

[580] Sua aflição era semelhante à de um leopardo correndo pelas montanhas, quando pastores laboriosos, vindos de uma fazenda, com seus cães o expulsam rapidamente e a criatura de espírito selvagem recua voltando-se repetidas vezes, com angústia em seu coração. Assim Cassandra deixou o cavalo espaçoso, angustiada

[585] com a matança dos troianos, o grande desastre que ela previa.

LIVRO XIII

Durante a noite, enquanto os troianos dormem vencidos pelo vinho, Sínon transmite o sinal à frota e liberta os guerreiros ocultos no cavalo. Os aqueus invadem Troia, massacram os habitantes e incendeiam a cidade. Neoptólemo mata Príamo; Astíanax é lançado de uma torre; Menelau recupera Helena, e Eneias escapa com o pai e o filho sob a proteção de Afrodite. Em meio à destruição, os vencedores reencontram Etra e conduzem as mulheres troianas ao cativeiro.

[1] Os troianos festejavam por toda a cidade em meio aos sons misturados e estridentes de oboés e siringes. Em todas as direções havia cantos e danças e uma confusão de vozes dos comensais, como acontece com a comida e o vinho.

[5] Com cálices cheios erguidos nas mãos, bebiam sem cuidado. E assim entorpeceu-se-lhes o entendimento e os olhos começaram a girar. Em rápida sucessão, um balbucio de palavras entrecortadas saiu de seus lábios. Os móveis de suas casas e os próprios edifícios

[10] Pareciam estar em movimento. Tiveram a impressão de que toda a cidade girava e seus olhos estavam velados pela névoa. A visão e a inteligência dos homens são prejudicadas quando o vinho não diluído é engolido em goles. Palavras como estas foram ditas por aquelas mentes entorpecidas:

[15] "Em vão os dânaos reuniram seu grande exército aqui. Os infelizes nunca realizaram o que planejavam fazer. Eles levantaram acampamento diante de nossa cidade, em nada superiores a crianças tolas ou frágeis mulheres." Assim falaram os troianos com as mentes entorpecidas pelo vinho.

[20] Os pobres tolos não percebiam a destruição já às suas portas. Assim que o sono os dominou em toda a cidade, saciados

como estavam com comida e vinho abundante, Sínon ergueu uma tocha acesa, um luminoso sinal de fogo para os argivos. Imensa inquietação

[25] Invadiu-lhe o coração o temor de que o sinal fosse visto por troianos de braços vigorosos e tudo fosse revelado de uma vez. Mas eles estavam em suas camas e adormecidos no sono derradeiro, oprimidos pelo vinho abundante. Enquanto isso, a frota de Tenedos, ao ver o sinal, aprestou-se para navegar.

[30] Agora Sínon se aproximou do cavalo e chamou em voz baixa, muito baixo, para que nenhum dos troianos o ouvisse, mas apenas os chefes dânaos, a quem as asas do sono haviam abandonado em sua ânsia de agir. Quando os que estavam lá dentro ouviram a mensagem, todos

[35] inclinaram os ouvidos para Odisseu. Ele aconselhou-os a que saíssem com calma e cautela. Ao obedecer ao chamado dele para a batalha, eles queriam saltar do cavalo para o chão e começar o trabalho. Contudo, em sua sabedoria, ele deteve o ataque geral e com mãos ágeis

[40] Abriu silenciosamente os dois flancos do cavalo de madeira, guiado por Epeu, o da lança de freixo. Erguendo a cabeça um pouco acima das tábuas, olhou em volta para ver se algum troiano estava acordado. Como quando sente as dores de uma fome terrível,

[45] Um lobo desce das colinas impelido pela fome diretamente para um espaçoso curral, evitando homens e cães cujo objetivo é guardar o rebanho, e atravessa a cerca do curral sem que nada lhe detenha os passos; assim Odisseu desceu do cavalo. E logo atrás dele

[50] vieram os demais poderosos chefes da Grande Grécia, descendo em fila pelas escadas que Epeu havia construído para que aqueles líderes de braços vigorosos entrassem e saíssem do cavalo. Assim desceram por elas, de ambos os lados,

[55] assim como intrépidas vespas quando são perturbadas por um lenhador; todo o enxame, com os ânimos exaltados, desce do galho em resposta ao barulho. Com igual ardor aqueles homens desceram do cavalo para a próspera cidade dos troianos, e os corações

[60] batiam-lhes no peito. Logo começaram a matar o inimigo enquanto os outros ainda estavam no mar. Os seus navios

aceleravam sobre as águas, com Tétis orientando o seu curso e enviando um vento favorável, que alentou os corações dos aqueus. Alcançando rapidamente as margens do Helesponto

[65] e, encalhando ali mais uma vez os seus navios, com perícia recolheram os aprestos que as naus sempre transportam. Assim que desembarcaram, dirigiram-se para Ílion, tão silenciosamente quanto ovelhas que voltam apressadas para o seu rebanho, voltando das pastagens da floresta numa noite de outono.

[70] Então, silenciosamente, seguiram para a cidade de Troia, ansiosos por apoiar seus líderes. Assim como leopardos famintos, atacando de todas as direções, lançam-se sobre um redil no alto das colinas arborizadas enquanto o pastor cansado está dormindo; uma após outra

[75] as ovelhas são abatidas ali na escuridão, e por toda parte havia sangue e cadáveres. Terrível matança havia começado, embora a maioria das forças dânaas ainda estivesse do lado de fora. Todos chegaram então às muralhas de Troia, e com fúria desenfreada precipitaram-se

[80] na cidade de Príamo respirando o furor de Ares. Aquela cidade, porém, eles encontraram já cheia de combate e cadáveres, por toda parte a triste visão de edifícios queimando furiosamente, espetáculo que lhes alegrou o coração. Também eles se lançaram contra os troianos com propósito implacável.

[85] Ares e a funesta deusa da guerra se enfureceram entre eles. Por toda parte o sangue negro corria e encharcava o chão devido à matança dos troianos e de seus aliados estrangeiros. Alguns, já nas gélidas garras da morte, jaziam pela cidade no próprio sangue, e sobre eles

[90] outros tombavam exalando o último alento. Alguns tinham as entranhas apertadas nas mãos e, naquele estado lamentável, perambulavam pelas suas casas. Alguns tiveram os dois pés decepados e rastejaram entre os cadáveres com lamentos indescritíveis. Muitos que estavam ansiosos para lutar, depois de morderem a poeira,

[95] tiveram mãos e cabeças decepadas de uma só vez. Outros, tentando fugir, tiveram lanças atravessadas nas costas até o peito. Em outros casos, penetravam até a virilha, acima dos genitais, onde a

lança do incansável deus da guerra é mais agonizante de todas.

[100] Em todas as partes da cidade ouviam-se os uivos angustiados dos cães, juntamente com os gemidos lamentáveis dos homens nas agonias da morte. Os sons que ecoavam por todas as casas eram indescritíveis. O lamento triste das mulheres era como o grito dos grous quando avistam uma águia

[105] descendo do alto do céu, pois nenhuma coragem lhes habita o peito e eles simplesmente gritam em voz alta, aterrorizados por aquele pássaro sagrado. Tais eram por toda parte os altos lamentos das mulheres troianas, algumas delas acordadas de suas camas e outras saltando

[110] para o chão. Com as cintas esquecidas em sua angústia, elas vagavam sem rumo, com nada mais do que uma túnica sobre o corpo. Algumas nem sequer tiveram tempo de vestir-se com um vestido longo ou com um véu. O pavor dos inimigos que avançavam as prendeu impotentes no chão

[115] com os corações palpitantes. As infelizes simplesmente se apressaram em cobrir a nudez com as mãos. Angustiadas, algumas arrancaram os cabelos da cabeça e bateram no peito com as mãos, enquanto choravam alto. Ainda outras mostraram-se audazes o suficiente para enfrentar o inimigo em ação, esquecendo-se completamente

[120] todo temor no seu desejo frenético de ajudar aqueles que enfrentam a morte, os seus maridos ou os seus filhos, pois grande foi a coragem que retiraram da sua extrema necessidade. Os lamentos acordaram as crianças do seu sono, crianças cujos ternos espíritos nunca conheceram cuidados. Aglomerados, elas exalavam o último alento, algumas prostradas

[125] que haviam visto a morte deles em sonhos. Ao redor deles, as sombrias Parcas deleitavam-se com suas mortes miseráveis. Assim como os porcos no palácio de um príncipe opulento quando ele prepara um banquete abundante para seu povo, eles foram mortos aos milhares, e ao sangue horrendo foram misturados

[130] o vinho que restava nas crateras. Ninguém poderia então conservar o ferro sem ficar manchado de sangue, por mais débil combatente que fosse. Os troianos foram simplesmente massacrados. Assim como as ovelhas são destruídas por chacais ou

por lobos ao começar do calor abrasador do meio-dia,

[135] quando o pastor está ausente, e num local com sombra, eles ficam amontoados num grupo compacto, esperando enquanto o pastor leva o leite para a fazenda... para encher os amplos ventres; as feras atacam todas e sorvem-lhes o negro sangue, persistindo até destruírem

[140] todo o rebanho, banquete funesto para o miserável pastor; assim os dânaos mataram um após o outro na cidade de Príamo no ataque daquele combate derradeiro. Nenhum troiano ficou ileso, mas todos aqueles cujos membros ainda se moviam estavam cobertos de sangue abundante.

[145] Também para os argivos a luta não foi isenta de feridas. Alguns deles foram atingidos por cálices, outros por mesas; outros foram atingidos ao lado das lareiras por tições ainda acesos. Outros ainda morreram ali depois de serem espetados em espetos onde permaneciam entranhas de porcos, ainda quentes.

[150] e crepitantes com o hálito ardente do deus ígneo. Outros foram abatidos por machados e segures afiados e jaziam em convulsões no sangue. Das mãos de alguns os dedos foram cortados, quando procuravam alcançar uma espada no desejo de se defenderem de um destino odioso.

[155] Outro esmagou a fronte e o cérebro de outro com uma pedra lançada durante aquela confusão. Como feras selvagens quando feridas dentro do redil de um pastor solitário, sua ira elevou-se ao extremo da fúria frenética durante aquela noite horrenda. Em sua grande avidez de combate

[160] Eles levaram a luta até o palácio de Príamo, expulsando seus inimigos em todas as direções. Mas muitos dos argivos também foram mortos com lanças. Pois os troianos que eram rápidos o suficiente para pegar uma espada ou uma lança longa em suas casas, começaram a matar seus inimigos, embora estivessem entorpecidos pelo vinho.

[165] Um fulgor extraordinário inundou a cidade por causa dos muitos aqueus que carregavam tochas ardentes, para que no conflito pudessem distinguir claramente seus amigos dos inimigos. Agora o filho de Tideu encontrou em meio à confusão o lanceiro Corebo, filho do glorioso Mígdão,

[170] E com um golpe de lança perfurou sua côncava garganta, por onde a comida e a bebida passam rapidamente. Sobre aquela lança, alcançou-o o destino sombrio, quando ele caiu no negro sangue e na multidão de cadáveres. O insensato não gozou das núpcias pelas quais viera

[175] no dia anterior à cidade de Príamo e prometeu expulsar os aqueus de Ilion. O céu não cumpriu sua esperança, pois as Parcas o anteciparam enviando a morte. Perto dele, aquele que o matara encontrou e matou Euridamas da lança de freixo, genro de Antenor, o homem

[180] que era o mais prudente de todos os troianos. Lá também ele encontrou Ilioneu, um ancião ilustre, e desembainhou sua terrível espada contra ele. Então as pernas envelhecidas cederam-lhe por completo. Tremendo de terror e estendendo ambas as mãos,

[185] com uma das mãos agarrou a espada afiada, com a outra, os joelhos daquele guerreiro homicida. Apesar de sua paixão pelo combate, esquecendo sua raiva ou por inspiração de algum deus, ele retirou brevemente sua espada do velho, deixando-o proferir uma súplica àquele homem rápido e poderoso. Foi uma apressada

[190] expressão de angústia, dominado como estava por um medo abjeto: "Eu te imploro, quem quer que seja dos homens poderosos de Argos, respeita estas mãos que te suplicam e abranda tua terrível ira. Grande é a glória conquistada ao matar um homem jovem e forte. Mas se matares

[195] um velho, nenhuma fama por bravura o acompanhará. Portanto, afasta de mim as mãos e dirige-as contra os jovens, se esperas um dia chegar a uma idade avançada como a minha." Assim lhe respondeu o filho do poderoso Tideu: "Ancião, certamente espero alcançar uma velhice feliz.

[200] Mas enquanto minha força estiver inalterada, não pouparei inimigo algum; lançá-los-ei todos no Hades. É a marca do homem corajoso vingar-se dos inimigos." Com isso o temível herói enfiou sua espada mortal em sua garganta, no ponto onde a vida dos homens mortais

[205] é rapidamente encerrado, através das passagens vitais do sangue. Enquanto sucumbia à terrível condenação de ser morto pelas mãos do filho de Tideu, o herói, para matar mais troianos,

avançou pela cidade, dando vazão à fúria de sua força. Ele derrubou o nobre Abas e com sua longa lança atingiu

[210] o célebre Eurícon, filho de Perimnesto. Ájax matou Anfimedonte; Agamêmnon, o filho de Damastor; Idomeneu matou Mimas e Meges matou Deiopites. Agora o filho de Aquiles com sua lança invencível matou o nobre Pâmone, atingiu Polites enquanto ele atacava,

[215] e em seguida derrubou Tisífono, sendo todos os três filhos de Príamo. Então ele encontrou no conflito o nobre Agenor e o matou. Abateu guerreiro após guerreiro, e por toda parte a Morte Negra assistiu à matança. Revestido da força paterna, Neoptólemo

[220] Massacrou furiosamente todos quantos encontrou. Lá também ele encontrou, nesse furor homicida, o próprio rei adversário junto ao altar de Zeus Protetor. Príamo reconheceu imediatamente o filho de Aquiles, mas não sentiu medo, porque o seu coração desejava a morte ao lado dos próprios filhos.

[225] Então ele expressou-lhe sua ânsia de morrer: “Filho corajoso de Aquiles, o poderoso guerreiro, mata-me sem piedade em meu infortúnio. Certamente, depois de tudo o que sofri, não tenho nenhum desejo de ver a luz do sol que tudo vê. Meu único desejo agora

[230] É perecer com os meus filhos e assim esquecer a minha dor cruel e o horrendo estrépito da guerra. Se ao menos teu pai tivesse me matado antes que eu assistisse à queima de Ílion, quando lhe trouxe um resgate pelo corpo de Heitor, depois que teu pai o matou. Mas esse é o fio

[235] As Parcas fiaram para mim. Então sacia tua poderosa espada derramando meu sangue e fazendo-me esquecer minha angústia.” Assim lhe respondeu o vigoroso filho de Aquiles: 'Velho, ordenas a quem já o deseja. Pois és meu inimigo, não te deixarei entre os vivos,

[240] pois nada é mais caro para os homens mortais do que a vida.” Dito isto, ele cortou a cabeça de cabelos brancos do velho, tão facilmente quanto alguém colhe uma espiga num campo já maduro durante o calor do verão. Com um gemido alto, sua cabeça rolou pelo chão,

[245] Longe dos membros que sustentavam seus passos. Em seu sangue negro ele jazia entre os demais mortos, despojado de sua riqueza e linhagem e a numerosa descendência. A glória humana nunca permanece inalterada por muito tempo e a desgraça pode rapidamente surpreender um homem.

[250] Então Príamo foi apanhado pela sua condenação e esqueceu os seus muitos problemas. Só então Astíanax foi jogado por guerreiros dânaos do alto de uma torre elevada e sua preciosa vida foi roubada. Eles o arrancaram dos braços de sua mãe, onde jazia, com raiva de Heitor por todos os problemas que ele lhes causou.

[255] Durante sua vida, o que os fez odiar seu descendente também. Então eles atiraram seu filho do alto daquela muralha, uma criança que ainda nada sabia da guerra. Assim como os lobos da montanha que precisam de comida com cruel astúcia conduzem um bezerro sobre um penhasco ressonante

[260] Depois de cortá-lo do úbere materno de sua mãe; a mãe, lamentando sua preciosa filho, corre de um lado para outro com gritos altos e queixosos, até que ela mesma é pega por outro mal, leões que vêm atrás dela; então, na intensidade da dor que ela sentia por seu filho

[265] A filha do nobre Eécion, chorando amargamente, foi conduzida com outras mulheres cativas por seus inimigos. A ideia das terríveis mortes de seu filho, de seu marido e de seu pai fez com que a filha de belos tornozelos de Eécion contemplasse sua própria morte, porque para pessoas de sangue real

[270] A morte em batalha é melhor do que servir a inferiores. Com o coração profundamente angustiado, ela pronunciou estas palavras queixosas: "Apressai-vos agora e lançai meu corpo também desta terrível muralha, de algum rochedo ou para dentro do fogo, vós, argivos, pois minhas desgraças são indescritíveis".

[275] Meu digno pai foi morto pelo filho de Peleu na santa Teba, assim como em Troia foi meu glorioso marido, que era para mim tudo o que meu coração poderia desejar. Ele me deixou então com um filho pequeno em nossa casa, de quem eu tinha orgulho ilimitado e em quem depositava.

[280] Grandes esperanças, das quais um Destino maligno me enganou. Arrancai-me, portanto, imediatamente, em minha angústia, de uma vida que se tornou um fardo para mim. Não me leveis para suas casas com outros prisioneiros de guerra, porque meu coração não tem mais prazer no convívio humano agora que o céu

[285] Destruiu minha família. Terrível angústia me aguarda se for levada de Troia, além de minhas outras angústias." Assim falou, desejosa da morte, já que a vida é vergonhosa para aqueles cuja antiga glória foi engolida pela humilhação. O desprezo dos homens é uma coisa terrível.

[290] Mas, na escravidão, forçaram-na a seguir contra sua vontade. Em casas de todos os tipos, homens perdiam a vida e delas subia o pranto, mas não na morada de Antenor, porque os argivos estavam conscientes da sua acolhedora hospitalidade.

[295] No passado, ele recebeu e abrigou em Troia o divino Menelau quando chegou com Odisseu. Como um favor para ele, então, os principais filhos da Acaia pouparam-lhe a vida e deixaram-lhe todos os seus bens, respeitando assim um verdadeiro amigo e Têmis, que tudo vê.

[300] Foi então que o valente filho do nobre Anquises, depois de muitos feitos valorosos com a lança ao redor em torno da cidade de Príamo, descendente dos deuses, ceifando muitas vidas, quando viu a cidade incendiada pelas mãos devastadoras do inimigo, a destruição do povo

[305] Em massa com todos os seus bens e das suas casas as mulheres e os filhos arrastados, já não esperava no seu coração tornar a ver a pátria com os seus belos muros. Em vez disso, ele procurou um meio de escapar daquele grande desastre. Como nas profundezas do mar salgado um homem que controla o leme

[310] de uma nau e esquiva-se habilmente dos ventos e das ondas que vêm de todos os pontos na odiosa estação das tempestades, à medida que as mãos e o espírito se cansam e o navio começa a afundar sob a superfície, então ele abandona o leme e embarca num pequeno barco sozinho, não mais preocupado com a nau

[315] mercante; assim o valente filho do sábio Anquises abandonou aos inimigos a cidade que estava em chamas ferozmente,

arrebatou o filho e o pai e partiu com eles. Com suas mãos fortes ele acomodou o pai, debilitado como estava pela dura velhice, em seus ombros largos,

[320] Mas pegou seu filho pela mão terna, cujos pés mal tocavam o chão e aterrorizado pelos feitos mortíferos e pelo barulho da batalha da qual ele foi tirado. Impelida pela necessidade, a criança delicada aguentou-se, agarrando-se firmemente, enquanto as lágrimas escorriam por suas bochechas macias. Eneias transpôs

[325] muitos cadáveres com pés ágeis, mas na escuridão pisou involuntariamente em muitos. A deusa Cipriana guiou seu neto, filho e marido, ansiosa para resgatá-los do terrível desastre. Sob os pés apressados de Eneias, as chamas recuaram por toda parte, e o deus ígneo

[330] os sopros ardentes abriam-se. As lanças e flechas dos homens caíram sem dano no chão, todas as que os aqueus dirigiram para Eneias naquela batalha lamentável. Então Calcas deu um grito alto para conter o exército: "Deixai de tomar a cabeça do poderoso Eneias como alvo".

[335] de vossas flechas mortíferas e das tuas lanças assassinas. Está destinado pela gloriosa vontade dos deuses que ele vá do Xanto ao amplo Tibre para fundar uma cidade venerável, um objeto de admiração para as gerações futuras, e ser o rei de países amplamente dispersos.

[340] O domínio de sua descendência se estenderá mais tarde até o sol nascente e seu eterno pôr-do-sol. É seu direito juntar-se às fileiras dos imortais, porque ele é filho da bela Afrodite. Outra razão pela qual não deveríamos pôr as mãos neste homem

[345] É isso em preferência ao ouro ou a quaisquer outros bens que possam proteger um exilado em terra estrangeira, a todas as riquezas preferiu teu pai e seu filho. Esta noite nos mostrou um filho de admirável piedade com teu pai idoso, além de ser pai irrepreensível."

[350] Todos prestaram atenção às palavras de Calcas e consideraram Eneias um deus. Ele rapidamente percorreu a cidade até onde seus pés ansiosos o conduziam, enquanto os argivos persistiam no saque da próspera cidade de Troia. Neste ponto Menelau usou sua espada mortal

[355] para matar o infeliz Deífobo, que encontrou, entorpecido pelo vinho, na cama de Helena. Ela fugiu e se escondeu no palácio. No derramamento de sangue, o assassino pronunciou estas palavras de exultação: "Cão, recebeste de minhas mãos uma morte miserável.

[360] Hoje. A esplêndida aurora de amanhã não te encontrará vivo em Troia, apesar de te afirmares genro de Zeus tonitruante. A negra Morte se tornou sua anfitriã, agora que no leito de minha esposa encontraste um fim miserável. Quem dera eu tivesse encontrado antes

[365] o maldito Alexandre em batalha e lhe tivesse também tirado a vida. Isso teria aliviado minha angústia. Ele, no entanto, desceu rapidamente para a escuridão gelada da morte, seu justo castigo. É evidente que não haverias de gozar com aquela minha esposa, porque a inviolável Themis

[370] jamais deixa escapar os homens pecadores. Seus olhos estão voltados para eles noite e dia e por toda parte ela voa em seu caminho aéreo através das nações dos homens ajudando Zeus a punir os praticantes de más ações." Com isso ele continuou a causar morte impiedosa a seus inimigos.

[375] A fúria cada vez maior no seu coração era alimentada pelo ciúme. Seu espírito valente estava cheio de desígnios malignos contra os troianos, que a venerável Justiça realizou. Eles foram os primeiros a cometer a indignação em relação a Helena, os primeiros a violar os seus juramentos,

[380] Os canalhas, quando, apesar do sangue sacrificial, ignoraram os imortais na sua perversidade. Mais tarde, os espíritos da vingança infligiram-lhes sofrimento. Alguns deles morreram fora de seus muros e outros dentro, em meio aos prazeres de festejar com suas esposas de belos cabelos.

[385] Por fim, no recôndito do palácio, Menelau descobriu a sua consorte trêmula de medo do perigo que representava o seu legítimo esposo de coração audaz. Quando ele a viu, em seu estado de ciúme, ele iria matá-la. Sua violência, porém, foi contida pela adorável Afrodite,

[390] Que fez sua espada cair de sua mão e interrompeu seu ataque. Ela dissipou seu ciúme negro e do fundo de seu coração e de seus olhos despertou um doce desejo. Um estranho espanto tomou

conta dele e, ao ver sua beleza brilhante, ele não conseguiu mais levar-lhe a espada à garganta.

[395] Ele ficou ali como um tronco ressequido em uma floresta montanhosa, que nem as rajadas rápidas do vento norte podem sacudir quando se lançam pelo ar, nem as do sul. Assim, atônito, ficou muito tempo, com as forças bastante abaladas ao ver sua consorte. De repente desapareceu de sua mente

[400] Todos os agravos que ela cometeu contra o leito conjugal. Todos foram eliminados pela deusa Cipriana, que domina o entendimento dos deuses e também dos homens mortais. Mesmo assim ele pegou sua espada afiada do chão e avançou contra sua esposa, mas agora agiu com propósito diferente.

[405] Objetivo em mente; foi um truque para iludir os aqueus. Desta vez, seu zelo foi contido por seu irmão Agamêmnon, que usou muitas palavras tranquilizadoras para fazê-lo mudar de ideia, por medo de que todos os seus esforços tivessem sido em vão: "Vamos, Menelau, controle sua raiva". Não tens o direito

[410] condenar à morte a esposa por quem tanto sofremos, maquinando a ruína de Príamo. Helena não é a culpada como supões, mas Paris por violar tua hospitalidade e Zeus, protetor de hóspedes e anfitriões. Então o céu o puniu dolorosamente."

[415] Menelau obedeceu-lhe prontamente. Os deuses então lamentaram a famosa Troia, escondendo-se em nuvens sombrias, todos exceto Tritônia e Hera, cujos corações se encheram de exultação ao verem a famosa cidade de Príamo, descendente dos deuses, sendo saqueada.

[420] No entanto, nem mesmo a própria deusa sábia Tritogênia estava totalmente livre de lágrimas, uma vez que no seu próprio templo Cassandra foi ultrajada pelo robusto filho de Oileu cego no coração e no entendimento. Mais tarde, a deusa o fez pagar pelo crime, abatendo-o com terrível desgraça.

[425] Ela não olhou para o ato vergonhoso, mas cobriu-se de vergonha e indignação, desviando seus olhos terríveis para o alto telhado do templo. Sua imagem sagrada ressoou e o chão de seu templo estremeceu. Mas Ájax não cessou o ultraje, iludido pela deusa Cípria.

[430] Por toda a cidade, edifícios altos desabavam por todos os lados e o pó sufocante se misturava à fumaça. O barulho foi assustador e o estrondo repercutiu nas ruas.

[432a] Ardia a casa de Eneias e ardia também toda a morada de Antímaco. Imensa foi a chama que envolveu a elevada e formosa Pérgamo, o santuário de Apolo,

[435] o templo sagrado de Tritônia e altar de Zeus Protetor. O fogo consumiu os belos aposentos dos filhos de Príamo. A cidade foi totalmente destruída. Alguns dos troianos foram mortos pelos filhos de Argos, outros pelo fogo destrutivo e pelos seus próprios edifícios,

[440] que se tornaram ao mesmo tempo o seu fim predestinado e o seu túmulo. Alguns deles enfiaram espadas nas próprias gargantas, quando fogo e inimigos eram vistos juntos em frente às suas portas. Outros mataram seus filhos e suas esposas e caíram mortos após o ato monstruoso a que foram levados.

[445] Outro, supondo que estivesse bem longe do inimigo, rapidamente agarrou um cântaro das chamas do deus ígneo, pronto para ir em busca de água. Mas um argivo encontrou-o primeiro e com um golpe de lança tirou-lhe a vida, entorpecido pelo vinho forte. Dentro de sua casa

[450] ele caiu e o cântaro vazio caiu ao lado dele. Outro estava fugindo pelo corredor quando a viga central desabou em chamas sobre ele e causou morte imediata. Muitas mulheres que fugiram angustiadas e, enquanto corriam, lembraram-se de seus preciosos filhos

[455] deixados em suas camas em casa. Então, virando-se imediatamente, elas morreram com seus filhos sob o prédio caído. Por toda a cidade cavalos e cães em pânico fugiram do fogo furioso que temiam. Sob seus pés eles pisotearam os mortos e infligiram danos aos vivos

[460] Avançando constantemente contra eles. Um grito ecoou pela cidade, enquanto um jovem corria em meio às chamas e gritava. Todos os habitantes de Troia encontraram uma condenação impiedosa, mas diversos caminhos os levaram à morte miserável. As chamas subiram aos céus sagrados espalhando um maravilhoso

[465] Brilho, que era visto pelos povos que viviam por toda parte, desde tão distantes quanto os altos picos do Monte Ida, da Trácia Samos e do mar Tenedos. Alguém navegando no mar profundo disse estas palavras: “Aqueles corajosos argivos terminaram sua grande empresa

[470] Depois de suportar tanto por causa de Helena de olhos brilhantes. Troia que já foi tão próspera agora está consumida pelo fogo e nenhum deus deu a ajuda que era desejada. Todas as ações dos mortais são vigiadas pelo destino irresistível. Muitas coisas indistintas e imperceptíveis

[475] são elevadas à glória, enquanto as coisas excelsas são rebaixadas. Muitas vezes do bem surge o mal e do mal algo de bom com as mudanças da nossa dura vida.” Tais foram as palavras de quem viu de longe aquele resplendor maravilhoso. Os troianos ainda enfrentavam uma grande angústia.

[480] Os argivos lutaram pela cidade, assim como os ventos, quando incitados à violência, agitam o mar sem limites quando em frente a Arcturo, o astro dos ventos funestos, o Altar se eleva no firmamento estrelado, voltado para o sul enevoado, e em sua ascensão

[485] Muitas naus naufragam e perdem-se no mar enquanto os ventos são tempestuosos. Como estes, os filhos da Acaia devastaram o elevado Ilion, enquanto o grande fogo o consumia. Assim como uma montanha densamente coberta por bosques é rapidamente consumida por um fogo que é atiçado

[490] pelos ventos; as longas cristas circundantes ressoam e todas as criaturas selvagens ali são terrivelmente atormentadas, cercadas como estavam na floresta pela força do deus ígneo; tal foi a morte dos troianos na cidade. Nenhum dos deuses no céu os salvou agora que as Parcas os envolveram

[495] Ao redor daquela grande rede da qual os mortais nunca escapam. Só então, na cidade, Demofonte e o firme Acamante encontraram Etra, mãe do poderoso Teseu. Desejando vê-los, ela foi guiada por algum deus que a colocou cara a cara com eles. Ela fugiu desnorteada

[500] da luta e do incêndio. Quando aqueles dois viram o porte e a estatura da mulher à luz do incêndio, pensaram que só poderia

ser a esposa, semelhante a uma deusa, de Príamo, descendente dos deuses. Imediatamente eles correram para impor as mãos sobre ela, no desejo de conduzi-la

[505] aos dânaos. Com um gemido lamentável, ela disse: "Não, ó esplêndidos filhos de guerreiros argivos, não me arrasteis como inimiga para vossos navios. Não sou troiana de nascimento. Corre em mim nobre sangue dânao de maior renome, pois Piteu foi

[510] meu pai, em Trezena. Fui dada em casamento ao nobre Egeu e o filho famoso que tive foi Teseu. Por isso, em nome do grande Zeus e de vossos amados pais, se é verdade que os filhos do nobre Teseu vieram aqui com os filhos de Atreu, apresentai-me, no acampamento,

[515] a seus queridos descendentes. Eles o desejarão e julgo que tenham idade semelhante à vossa. Minha vida renascerá, se eu puder vê-los vivos e ambos valorosos guerreiros." Ao ouvir as palavras de Etra, eles se lembraram de seu próprio pai, de tudo o que fizera por Helena e de como Afidna fora saqueada.

[520] pelos filhos de Zeus tonitruante, no momento em que eles próprios foram secretamente afastados da luta pelas suas amas, pois eram então apenas crianças. Eles também se lembraram da ilustre Etra, de tudo o que ela sofreu quando foi obrigada a ser cativa, sendo ao mesmo tempo sogra e serva.

[525] de Helena, semelhante a uma deusa. Ambos ficaram mudos de alegria. Então o digno Demofonte respondeu ao seu pedido ansioso: "Os deuses já trouxeram cumprimento ao desejo de teu coração, pois aqueles que vês são os filhos de teu nobre filho, nós mesmos. Tomar-te-emos em nossos braços amorosos,

[530] para conduzir-te aos navios e depois levar-te com alegria ao solo sagrado da Grécia, onde outrora foste rainha." Ao ouvir isso, a avó daqueles guerreiros lançou os braços em volta dele e o abraçou, beijando seus ombros largos e também sua cabeça, seu peito e suas faces barbadas.

[535] Então, da mesma forma, ela beijou Acamante. Lágrimas de alegria correram dos olhos dos três. Como quando um homem permanece em terras estrangeiras e chega a notícia de sua morte; mas depois, vindo de longe, ele retorna à sua casa e lá seus filhos o veem

[540] e choram em sua grande alegria; ele, por sua vez, também chora na frente dos filhos em casa; por toda a casa se espalha o som lamentoso de seu pranto jubiloso; assim se erguia o doce clamor do choro deles agora. Também então a filha do tão provado Príamo,

[545] diz-se que Laódice levantou as mãos para o céu, rezando aos bem-aventurados imortais para que a terra a engolisse antes que ela fosse submetida ao trabalho servil. Algum deus a ouviu e prontamente fez com que a terra sem limites se abrisse sob seus pés. A mando daquele deus

[550] A terra recebeu a donzela real em um abismo, quando Ílion foi destruído. Dizem que, por causa daquela cidade, Electra, vestida com longos mantos, ocultou sua forma em névoa e nuvem, renunciando à companhia das outras Plêiades, que são suas estrelas irmãs.

[555] Os outros são claramente visíveis para os mortais que labutam, elevando-se ao céu como uma tropa, enquanto só ela está sempre escondida da vista, porque foi seu nobre descendente Dárdano cuja cidade venerável caiu sem ajuda do próprio grande Zeus no céu; diante das Parcas

[560] mesmo o poder do poderoso Zeus deve ceder. Tais coisas talvez tenham sido obra da sábia vontade dos deuses. Ainda assim, a fúria dos argivos contra os troianos aumentou por toda a cidade. A Discórdia decidiu o desfecho do combate.

LIVRO XIV

Depois da queda de Troia, os aqueus repartem o saque e conduzem as mulheres cativas às naus. Menelau reconcilia-se com Helena, enquanto a sombra de Aquiles exige o sacrifício de Políxena; morta a jovem, Hécuba entrega-se ao lamento e sofre prodigiosa transformação. Quando a frota enfim parte, Atena obtém de Zeus uma tempestade contra os gregos: Ájax, filho de Oileu, perece, muitas naus naufragam e os sobreviventes dispersam-se por diferentes terras.

[1] Agora a deusa Aurora do trono de ouro saltou do Oceano para os céus, enquanto a Noite recolheu-se ao Caos. A cidade de fortes muralhas de Troia foi invadida e destruída pelos argivos e imenso o saque conquistado.

[5] Como rios engrossados pelas tempestades que descem das montanhas com estrondo quando chove torrencialmente; muitas árvores altas com tudo o que cresce nas encostas e até penhascos nas montanhas são carregadas para o mar; assim os dânaos, depois de saquear e queimar Troia,

[10] Levaram todas as riquezas de Troia para as naus que transpõem as ondas. Com elas trouxeram de todas as direções as mulheres de Troia, algumas delas virgens ainda ignorantes do casamento prometido, algumas recentemente submetidas ao amor dos maridos, outras cujos cabelos eram grisalhos e outras ainda mais jovens.

[15] Do que aquelas cujos filhos foram arrancados do peito enquanto buscavam leite com lábios ávidos pela última vez. Também seguia entre a multidão era o próprio Menelau conduzindo sua consorte para fora da cidade em chamas, seu grande empreendimento concluído, mas e à alegria misturava-se a vergonha.

[20] Agamêmnon da lança de freixo conduzia a nobre Cassandra e o valoroso filho de Aquiles conduzia Andrômaca. Odisseu, porém, arrastava Hécuba à força. Dos seus olhos as lágrimas corriam em torrentes como se viessem de uma fonte. Seus membros tremiam, seu coração perturbado pelo terror. Ela tinha rasgado

[25] Os cabelos grisalhos da cabeça e cobrira-se com cinzas, sem dúvida tiradas de sua lareira e despejadas em punhados quando ela viu Príamo morto e a cidade queimada. Alto foi o gemido que ela emitiu no momento em que a escravidão a submeteu contra a vontade. Cada homem forçou um diferente

[30] Mulher troiana em pranto para ir com ele para seus navios. Intenso foi o lamento daquelas mulheres por todos os lados, e amargo, de fato, a lamentação sobre seus filhos pequenos. Como quando pequenos leitões com suas mães de presas brancas são levados de seu cercado familiar para um novo

[35] Pelos homens no início do inverno; em sua angústia, eles mantêm uma incessante troca de guinchos entre si; foi assim que as mulheres troianas lamentaram a conquista dos dânaos. Tanto a senhora quanto a serva sofreram então a mesma compulsão. Helena não se entregou aos lamentos. Foi a vergonha que

[40] Isso pousou em seus olhos escuros e fez com que a pele de suas lindas bochechas ficasse vermelha. O coração dentro dela foi torturado pela ideia de que, quando chegasse às suas naus escuras, os aqueus poderiam maltratá-la. Foi por isso que seu espírito estava cheio de medo e tremor.

[45] Assim, com a cabeça escondida sob um véu, ela seguiu os passos do marido, mostrando o brilho da vergonha em suas bochechas, como a deusa Cipriana no dia em que as divindades celestiais viram com seus próprios olhos como nos braços de Ares ela desonrara o leito,

[50] Quando estava presa nos laços de fina malha feitos pelo habilidoso Hefesto, ela ficou presa e sentiu a angústia de sua vergonha diante daquela tropa de deuses abençoados reunidos ali com Hefesto. É algo terrível para uma mulher ser vista com vergonha manifesta pelos olhos do marido.

[55] Assim foi a aparência e a vergonha sem mistura de Helena, enquanto ela se dirigia com as mulheres troianas cativas para as naus de bons remos dos argivos. Ao seu redor, os soldados maravilharam-se ao ver a esplêndida beleza e encanto daquela mulher irrepreensível. Nenhum deles se atreveu

[60] Injuriá-la com palavras, mesmo em segredo, ainda menos abertamente. Contemplavam-na como a uma deusa, com deleite, pois ela era uma espetáculo por que todos ansiavam. Como quando os homens vagaram pelo mar agitado e finalmente vislumbraram a pátria pela qual oraram;

[65] Agora que estão a salvo da morte nas profundezas, estendem as mãos para a sua terra com alegria infinita no coração; tal foi a alegria de todos os dânaos. Eles não se lembravam mais do trabalho e da dor da guerra; tal foi o ânimo que a deusa do amor infundiu em todos eles

[70] Em favor de Helena de olhos brilhantes, filha de Zeus. Enquanto isso, a visão da amada cidade em ruínas fez Xanto, ainda se recuperando das sangrentas batalhas, chorar junto às ninfas das águas, já que Troia havia sofrido um desastre tão repentino e a cidade de Príamo foi arrasada.

[75] Como quando uma tempestade de granizo atinge um campo de trigo maduro e o corta em pedaços, destruindo todas as espigas com seu início cruel; os caules ficam achatados no chão, inúteis, enquanto o fruto está apodrecendo tão terrivelmente no solo, para tristeza avassaladora do proprietário;

[80] Tal foi a dor que afligiu o coração de Xanto pela desolação de Ílion. Sua tristeza era incessante, embora ele fosse imortal. A elevada Ida também chorou com Simoente, e todos os distantes correntes de Ida derramaram lágrimas de lamentação pela cidade de Príamo.

[85] Os argivos retornaram aos seus navios com exultação, cantando alternadamente sobre o grande poder da gloriosa Vitória, sobre a raça sagrada de imortais abençoados, sobre sua própria ousadia e coragem, e sobre a obra imortal de Epeu. O canto deles subiu pelo ar até os céus, como os gritos

[90] De inúmeras gralhas ao amanhecer de um dia claro e calmo, quando depois de uma tempestade devastadora não há sopro de

vento. Tal canto, erguido junto às naus por corações exultantes... Deu prazer àqueles imortais no céu que haviam sido defensores sinceros dos guerreiros argivos.

[95] Aqueles, porém, que defenderam os troianos ficaram furiosos ao ver a cidade de Príamo consumida pelo fogo. Mas, apesar do seu desejo, eles não podiam sobrepujar o Destino para auxiliá-los. Não seria fácil desviar o Destino de seu curso Mesmo para o próprio filho de Cronos, cujo poder é maior

[100] Do que a dos outros imortais e Zeus é a fonte de todas as coisas. Os argivos colocaram muitas coxas de bois sobre lenha e queimaram-nas juntas. Então, enquanto circulavam pelos altares, derramavam vinho doce sobre os sacrifícios ardentes para agradecer às divindades por esse grande feito.

[105] Durante a alegre festa, eles celebraram em voz alta todos aqueles que com suas armas entraram no cavalo de madeira. Eles ficaram maravilhados com o famoso Sínon por ter suportado a tortura dolorosa do inimigo. Todos eles continuaram honrando-o com canções e com um fluxo incessante

[110] De presentes. Seu espírito tenaz sentiu prazer com o triunfo dos argivos, sem reclamar de sua própria desfiguração. Para uma pessoa sábia e sensata, a glória é muito preferida ao ouro, à beleza física ou a outras bens que os seres humanos possam possuir ou esperar.

[115] Então, festejando ao lado de seus navios, com os corações agora livres do medo, eles repetiram as seguintes palavras uns para os outros: "Alcançamos o objetivo desta longa guerra, conquistamos glória em toda parte ao destruir nossos inimigos e sua grande cidade. Concede-nos agora, Zeus, o retorno que desejamos."

[120] Em resposta, o Pai não concedeu retorno a todos. Entre eles, os versados na arte... ... Pois eles não tinham mais medo do campo de batalha ruidoso e então se voltaram para os costumes da vida ordenada, para a festividade alegre.

[125] Os cantores atenderam aos seus desejos contando, em primeiro lugar, como o exército se reuniu no solo sagrado de Áulis; depois, como a força invencível do filho de Peleu saqueou doze cidades em ataques por mar e onze no continente sem limites; todos os seus feitos

[130] Contra o rei Télefo e o poderoso Eécion e como ele matou o orgulhoso Cicno; todas as provações dos aqueus na luta que se seguiu à cólera de Aquiles; como depois arrastou Heitor pelos muros de sua cidade natal; como ele tirou a vida de Pentesileia em batalha e venceu

[135] O filho de Titono; como o poderoso Ájax derrubou Glauco com a lança de freixo e como o famoso herói Eurípilo foi morto pelo filho do veloz Aquiles; como Paris foi derrotada pelas flechas de Filoctetes; os nomes de todos os heróis que entraram naquele cavalo

[140] Do engano; como, depois de saquear a cidade de Príamo, divinamente descendente, eles estavam festejando longe dos males da guerra. Os temas de seu canto seguiram suas diferentes desejos. A festa durou até o meio da noite, quando finalmente cessaram a comida e o vinho puro.

[145] Os dânaos voltaram-se para o repouso do sono, que afasta os cuidados. O trabalho árduo do dia anterior dominou todos eles. Embora eles tivessem alegremente festejado a noite toda, foram vencidos pelo sono, apesar de sua grande relutância. Então outros dormiam onde quer que estivessem, mas em seus aposentos

[150] O filho de Atreu estava conversando com sua bela esposa. Sobre os olhos daqueles dois o sono ainda não havia caído; a deusa Cipriana pairava sobre seus corações, para fazê-los lembrar-se de seu antigo leito de amor e afastar toda angústia. Helena quebrou o silêncio com as seguintes palavras:

[155] "Não te irrites comigo, Menelau. Não deixei tua casa e teu leito por vontade própria, mas o poderoso Alexandre e os filhos de Troia vieram e me levaram embora enquanto estavas longe de casa. Eu estava constantemente procurando encontrar morte miserável,

[160] Por meio do laço cruel ou então pela espada letal, mas as pessoas no palácio usaram palavras suaves para me deter, apesar da dor que sentia por ti e nossa querida filha. Para o bem dela, para a nossa alegria conjugal e por ti mesmo, suplico-te que esqueça o terrível problema que lhe causei.

[165] Menelau, na sua sabedoria, deu esta resposta: "Deixa de pensar agora no sofrimento de nossos corações. Que tudo isso fique trancado dentro da morada negra do esquecimento. É errado

continuar relembrando más ações." Suas palavras a encheram de alegria e libertaram seu coração do medo,

[170] Pois sentia que a raiva amarga de seu marido havia terminado. Ela o abraçou e dos olhos de ambos escorreram lágrimas de doce emoção. Alegremente, eles se deitaram lado a lado e seus corações relembraram como eles se uniram em casamento.

[175] Assim como a hera e a videira entrelaçam seus caules tão intimamente que nenhum vento é forte o suficiente para separá-los, assim aqueles dois se agarraram intimamente no abraço apaixonado do amor. Quando o sono bem-aventurado finalmente chegou para aqueles dois também,

[180] Aquiles, semelhante a um deus, o herói de coração valente pôs-se acima da cabeça de seu filho na mesma forma viva que fora a ruína dos troianos e a alegria dos aqueus. Depois de beijar carinhosamente seu pescoço e seus olhos brilhantes, ele o exortou com estas palavras:

[185] "Saudações, meu filho. Não permitas que teu espírito ser dilacerado pela tristeza pela morte de teu pai, pois agora compartilho um lar com os deuses abençoados. Então deixa de afligir o coração por minha causa e enche o espírito com todas as minhas forças. Sê sempre o principal campeão argivo, sem ceder a ninguém

[190] Em valor. No conselho, porém, deixa-te guiar por aqueles que são os mais velhos. Então todos reconhecerão seu bom senso. Honra os homens cuja constância é irrepreensível. Os homens bons são naturalmente amigos, assim como os mal-intencionados. Se teus pensamentos estiverem certos, suas ações também estarão.

[195] A meta da Virtude nunca é alcançada pelo homem cujo pensamento não é honroso, porque o tronco é difícil de escalar e os ramos se estendem bem alto no ar. Mas aqueles cuja força é unida ao esforço colherão deliciosos frutos do seu trabalho.

[200] Quando eles escalarem a famosa árvore da Virtude de bela coroa. Portanto, cubra-se de glória e tenha sabedoria suficiente para não dilacerar seu espírito pela tristeza por causa do infortúnio, nem para ficar muito feliz com a sorte. Mostra brandura com os amigos que amas, com teus filhos e tua esposa,

[205] Tendo presente que o ser humano nunca está longe das portas do seu destino maldito e da casa dos mortos. A raça humana é como a grama que floresce, que floresce na primavera; alguns definham enquanto outros crescem. Por isso deves ser gentil. Agora comunica isto aos argivos,

[210] Especialmente ao filho de Atreu, Agamêmnon: Se realmente se lembram de todos os meus feitos ao redor das muralhas de Príamo e de tudo o que saqueei antes de chegarmos à terra de Troia, que agora satisfaçam o meu desejo, trazendo para o meu túmulo, do tesouro de Príamo, a bem vestida Políxena

[215] Para sacrificá-la imediatamente, porque minha raiva por eles é ainda maior do que antes por Briseida. A ondulação do mar eu colocarei em movimento, enviando tempestade após tempestade, até que, por sua própria insensatez eles definhem, obrigados a permanecer aqui por tanto tempo que, em seu anseio

[220] Pelo retorno, derramem libações em minha honra. Quanto à donzela, depois de lhe tirarem a vida, não me oponho a que a sepultem longe." Dito isso, partiu veloz como a brisa e logo alcançou a planície Elísia, onde há um caminho

[225] que conduz tanto para cima como para baixo ao mais alto céu e é usado pelos imortais bem-aventurados. Quando o sono abandonou o filho de Aquiles, seu nobre coração foi aquecido pela lembrança de seu pai. A deusa Aurora ergueu-se na expansão dos céus espalhando a noite e revelando a terra e o ar.

[230] Então os filhos da Acaia saltaram de suas camas, ansiosos por seu retorno. Começaram a arrastar as naus para o mar profundo com corações exultantes. Mas então a pressa foi interrompida pelo robusto filho de Aquiles, que os convocou para uma reunião e lhes transmitiu a ordem de seu pai:

[235] "Ouvi de mim, queridos filhos de Argos firmes no combate, a ordem que meu famoso pai me deu na escuridão da noite passada, quando eu estava dormindo na cama, dizendo que ele era um dos eternos imortais. Ordenou que vós e vosso rei, filho de Atreu,

[240] Trouxésseis, como o mais belo prêmio de maior beleza desta guerra, ao seu enorme túmulo a bem vestida Políxena, para sacrificá-la e depois enterrá-la à distância. Se partirdes ao mar em

desrespeito a ele, ele ameaçou que, levantando ondas contrárias no mar,

[245] Reteria os navios e o exército aqui por muito tempo." Seu discurso os convenceu e eles oraram como se fossem a um deus. As ondas das profundezas já cresciam com um vendaval, maiores e mais cerradas do que antes, sob um vento furioso. Todo o vasto mar foi agitado

[250] Pelas mãos de Poseidon, mostrando favor ao poderoso Aquiles. De repente, todos os ventos desceram sobre as águas. Os dânaos, em uma só voz, oraram fervorosamente a Aquiles, usando palavras como estas entre si: "Tampouco Aquiles era filho do grande Zeus.

[255] Portanto, agora ele é um deus, embora anteriormente fosse um de nós. O Tempo Infinito não pode destruir a estirpe dos deuses abençoados." Dito isto, eles partiram para o túmulo de Aquiles conduzindo Políxena como uma novilha para sacrifício a um deus, arrancada por pastores de sua mãe na floresta,

[260] que, angustiada, clama do fundo do coração alta e lamentavelmente. Tal foi então o lamento da filha de Príamo, nas mãos dos seus inimigos, derramando copiosas lágrimas. Como debaixo de uma pesada pedra de moinho o fruto de uma oliveira, que não foi enegrecido pelas chuvas do inverno,

[265] Derrama óleo abundante acompanhado de um forte rangido de rolos, enquanto os homens esticam as cordas; então agora, enquanto a filha do tão provado Príamo era arrastada em direção ao túmulo do impiedoso Aquiles, lágrimas amargas escorriam de seus olhos acompanhadas por seus gemidos.

[270] As lágrimas enchiam a dobra do seu vestido e encharcavam a sua pele, que era verdadeiramente branca como o precioso marfim. Então, coroando suas outras tristezas amargas, uma dor mais aguda afligiu o coração da sofredora Hécuba. Pois então recordou um sonho triste e doloroso,

[275] Uma visão durante o sono na noite anterior. Ela pensou que estava ao lado do túmulo do divino Aquiles gemendo. Seus cabelos derramavam-se da cabeça até o chão; de ambos os seios, o sangue carmesim fluiu para a terra e encharcou a sepultura.

[280] Assustada com isso e prevendo algum grande desastre, em meio a seu lamentável lamento ela gritou de tristeza. Como uma cadela que chora na frente de uma casa late alto, quando suas tetas começarem a inchar de leite, porque seus filhotes, antes de verem a luz do dia,

[285] Foram jogados fora por seus senhores como presa de pássaros; às vezes ela choraminga e late e outras vezes ela uiva, e o ar fica cheio de um horrendo clamor; assim Hécuba gemeu e gritou por tua filha. "Ai de mim, que hei de lamentar primeiro, que hei de lamentar por último devo lamentar

[290] Na angústia do meu coração e na plenitude das minhas angústias? O sofrimento inimaginável dos meus filhos, do meu marido, de Troia ou das minhas miseráveis filhas ou da minha atual presente submissão ao cativeiro? Pois as Parcas me envolveram cruelmente em uma série de males.

[295] Minha filha, também para ti fiaram uma desgraça tão terrível e inimaginável. Eles tiraram o seu canto nupcial, já tão próximo, e decretaram uma morte que é intolerável e indescritível. Aquiles, mesmo na morte, ainda alegra o seu coração com o nosso sangue.

[300] Quem dera que contigo, minha querida filha, hoje a terra me engolisse antes que eu visse tua morte." Dito isto, de seus olhos fluía um fluxo incessante de lágrimas, pela desgraça sobre cruel desgraça que ela tinha. Quando chegaram ao túmulo do divinizado Aquiles,

[305] Seu amado filho primeiro desembainhou sua espada afiada, depois com a mão esquerda segurou a donzela, enquanto a direita foi colocada sobre o túmulo enquanto ele pronunciava as seguintes palavras: "Pai, ouve a prece de teu filho e dos outros argivos e não sejas mais severo e zangado conosco.

[310] Em breve teremos realizado tudo quanto desejas. Portanto, sê propício a nós e concede depressa o doce retorno pelo qual oramos." Com isso ele cravou a espada letal na garganta da donzela. Logo a vida que ela amava a deixou,

[315] Enquanto ela soltava um gemido lastimoso no limiar da morte. Ela caiu no chão com o rosto para baixo e todo o seu pescoço ficou avermelhado, assim como a neve nas montanhas, quando um

javali ou um urso é perfurado por um dardo, fica rapidamente avermelhada no topo pelo sangue escuro da fera.

[320] Os argivos entregaram-na imediatamente para ser levada à cidade, à casa do divino Antenor, já que ele era o troiano que cuidava dela em sua casa como futura esposa de seu nobre filho Eurímaco. Assim, ele enterrou aquela famosa filha de Príamo

[325] Junto de sua casa, próximo do santuário de Ganimedes em frente ao templo de Atena Atritônia. Então, finalmente, as ondas diminuíram, o terrível vendaval cessou e as águas ficaram calmas. Os argivos rapidamente retornaram aos seus navios com exultação,

[330] Louvando com canções a raça dos deuses abençoados e Aquiles. Imediatamente festejaram, depois de cortarem as coxas do boi para os imortais, um alegre sacrifício para todos eles. Agora, em taças de prata e ouro, sem dúvida, eles bebiam o vinho doce, seus espíritos

[335] Cheios de esperança de chegar aos seus países de origem. Quando eles se fartaram de banquetes e folia, o filho de Neleu falou assim aos companheiros atentos: "Meus amigos, agora que estamos livres da longa ameaça da guerra, ouvi o que direi para alegrar vossos corações ansiosos.

[340] Agora é a hora do deleite do coração, a hora do retorno. Partamos. Parece que o poderoso espírito de Aquiles depôs sua penosa ira e a forte onda foi acalmada pelo deus que abala a terra. As brisas sopram suaves, e as ondas já não se encrespam. Arrastemos, pois,

[345] Nossas naus para o mar com pensamentos fixos no retorno." Suas palavras alegraram os ouvintes e eles se prepararam para navegar. Então apareceu um presságio para os homens mortais admirarem: Foi a esposa de Príamo, aquele rei tão provado, que mudou sua forma humana na de uma mísera cadela. O exército

[350] Maravilhou-se quando todo o seu corpo foi transformado em pedra por um deus, uma maravilha poderosa para as gerações futuras. A pedido de Calcas, os aqueus levaram-na de navio e colocaram-na do outro lado do Helesponto. Então, apressados eles arrastaram seus navios para o mar

[355] E guardaram a bordo os despojos que antes haviam levado, a caminho de Troia, dos povos vizinhos conquistados e tudo

o que trouxeram do próprio Ílion, o que lhes deu o maior prazer, sendo verdadeiramente enorme. Muitas mulheres cativas seguiram com o coração profundamente triste.

[360] Então eles embarcaram em seus navios. Mas Calcas não acompanhou sua corrida impaciente para o mar e até tentou deter os outros argivos. Ele temia que uma morte terrível estivesse chegando aos dânaos nos rochedos de Cafareu. Eles, porém, não acreditaram nele, porque suas mentes estavam iludidas

[365] Pelo destino maligno. Foi apenas o veloz filho do nobre Anfiarau, Anfíloco, com seu conhecimento de profecia, que ficou para trás com o prudente Calcas. Ambos estavam fadados a viajar para longe de suas próprias terras, para as cidades dos panfílios e dos cilícios.

[370] Tais coisas seriam mais tarde dispostas pelos deuses. Enquanto isso, os aqueus soltaram as amarras da costa e levantaram apressadamente as pedras das âncoras. O Helesponto ressoou sob suas naus velozes, enquanto cortavam o mar. Em ambos os lados da proa estavam presas muitas armas

[375] De inimigos que eles mataram. No alto havia inúmeros troféus de vitória suspensos. Eles enfeitaram os navios, bem como suas cabeças e as lanças e escudos com os quais lutaram contra o inimigo. Das proas seus líderes derramaram vinho no mar azul escuro, com muitas orações

[380] Aos deuses abençoados, para que lhes concedam um retorno sem males. Essas orações misturavam-se com os ventos e, para longe dos navios, eram levadas em vão para as nuvens e para o ar. Com o coração dolorido, as mulheres cativas continuaram olhando para Ilion, entre muitos soluços e gemidos escondidos.

[385] Dos argivos, pois grande era a dor interior que sentiam. Alguns deles seguraram os joelhos com as mãos; na miséria alguns

[386a] Apoiavam as sobrancelhas nas mãos, enquanto nos braços de outros eram seguradas crianças, que eram demasiado jovens para lamentar a sua escravidão ou os desastres do seu país. Seus pensamentos estavam fixados no peito, pois o coração de uma criança está isento de preocupações.

[390] Todos os cabelos das mulheres estavam soltos e seus lamentáveis seios foram rasgados pelas unhas. Sobre as lágrimas

secas que ainda cobriam suas bochechas, lágrimas frescas fluíam grossas e rápidas de seus olhos. Elas viam a infeliz pátria ainda ardendo fortemente e nuvens de fumaça ainda subindo.

[395] Para a célebre Cassandra, todos agora voltaram o olhar com admiração, ao lembrarem-se da sua profecia de destruição. Ela riu com desprezo das mulheres que choravam, apesar da dor que sentia pelas odiosas desgraças do seu país. Os troianos que escaparam da guerra impiedosa

[400] Agora se reuniram na cidade, ansiosos por se ocuparem em enterrar os cadáveres. Para essa triste tarefa Antenor os conduziu. Esses poucos construíram uma pira para muitos. Os argivos, em constante estado de exultação, a princípio avançaram com os remos pelas águas escuras do mar.

[405] Mas então, com grande pressa, içaram as velas dos seus navios e logo deixaram para trás toda a costa da Dardânia e com ela o túmulo de Aquiles. Para seus espíritos, apesar da alegria, as lembranças de seus camaradas mortos trouxeram fortes dores de tristeza. Então, para aquela terra estrangeira

[410] Olharam para trás ao vê-lo recuar para longe dos navios. Logo eles estavam navegando além das ondas do Tenedos, cercado pelo mar. Depois passaram por Crisa, a residência de Esminteu Febo e da sagrada Cila. Quando a ventosa Lesbos apareceu, eles rapidamente contornaram

[415] O cabo de Lecto, que é o fim do alcance de Ida. Suas velas agora ondulavam e ressoavam e em torno de suas proas a onda escura rugia. Suas sombras se projetavam ao longo das ondas e seus caminhos através do mar eram brancos. Todos os argivos teriam alcançado o solo sagrado da Grécia,

[420] Atravessando incólumes as profundezas do mar, se Atena, filha de Zeus tonitruante, ficado tão zangada com eles? Assim que se aproximavam da costa ventosa de Euboia, ela concebeu uma ruína esmagadora e impiedosa para o senhor dos lócrios. Dando rédea solta à sua ira

[425] Ela foi até Zeus, o chefe dos imortais, e falou com ele longe dos outros, incapaz de conter sua raiva: “Pai Zeus, agora são insuportáveis as ofensas dos homens contra os deuses. Eles não respeitam nem a ti nem as outras divindades, já que a punição não

atende mais

[430] Aqueles que são maus. Frequentemente, o homem bom está envolvido em sofrimento mais do que o mau e não encontra fim para a aflição. É por isso que não há mais respeito pela justiça e os homens perderam todo o sentimento de vergonha. Não ficarei no Olimpo nem mais serei chamada de tua filha, a menos que possa punir

[435] O sacrilégio dos aqueus. Dentro do meu próprio templo, o filho de Oileu ofendeu-me gravemente ao não demonstrar respeito quando Cassandra levantou repetidamente as suas mãos inocentes para mim. Ele não teve medo do meu poder, nem respeito pela minha divindade, mas cometeu um ato intolerável.

[440] Não permitas, portanto, que a tua vontade imortal se recuse a realizar o desejo do meu coração, para que outras pessoas possam tremer quando os deuses demonstram o seu descontentamento.

[445] Dar-te-ei até as armas que outrora, como um favor para mim, foram forjadas pelas mãos incansáveis dos Ciclopes, se as quiseres. Tu então, com teu espírito indomável, pode por si mesmo desencadear uma tempestade desastrosa sobre os Argivos." Dito isto, seu relâmpago rápido, seu raio mortal,

[450] E seu trovão destrutivo foi colocado ao lado de sua intrépida filha, o que alegrou muito o espírito dentro dela. Imediatamente ela vestiu sua égide terrível e brilhante, inquebrável, massiva, que até os imortais admiram. Nela estava representada a horrível cabeça do temível

[455] Medusa. Serpentes poderosas exalando uma rajada furiosa de fogo inextinguível foram mostradas no topo. Toda a égide no peito da deusa ressoou, tão alta quanto o relâmpago no céu maravilhoso. Ela agarrou as armas de seu pai, que nenhum deus pode carregar

[460] Além do grande Zeus. Ela fez o alto Olimpo tremer e causou confusão de nuvens por todo o ar. A terra estava coberta de noite e o mar de escuridão. Zeus ficou encantado com a visão. A extensão dos céus foi abalada pelos passos da deusa e o céu ressoou,

[465] Como quando o invencível Zeus avança para a batalha. Atena imediatamente despachou a imortal Íris do céu para voar

através do mar enevoado até Éolo, para fazê-lo enviar todos os ventos juntos com força total, para que eles caíssem constantemente sobre as alturas.

[470] Do rochoso Cafareu e do mar subir com a fúria de suas explosões mortais. Quando Íris a ouviu, ela disparou a toda velocidade formando um arco através das nuvens. Dir-se-ia que era fogo combinado com ar e água escura. Ela chegou a Eólia, onde os ventos que sopram com força

[475] São mantidos em cavernas e um cinturão de rochas escarpadas protege as cavidades ecoantes. Perto fica a casa de Éolo, filho de Hipotes. Ela o encontrou em casa com sua esposa e seus doze filhos e expôs-lhe o que Atena havia planejado para a viagem de volta dos dânaos.

[480] Obedecendo-lhe, saiu e com um tridente nas mãos incansáveis atingiu a enorme montanha, Onde os ventos barulhentos e violentos estavam encerrados Dentro do seu covil oco, em torno do qual se ouvia o som constante do seu terrível rugido. Ele quebrou a colina com seu golpe

[485] E os ventos irromperam num instante. Ele ordenou que todos formassem a tempestade mais negra com o sopro e fizessem o mar subir com uma onda perigosa que cobriria os penhascos de Cafareu. Eles se levantaram tão rapidamente que nem ouviram o fim das ordens do rei. Eles correram pelo mar, o que fez

[490] Um gemido monstruoso. Ondas como penhascos montanhosos vieram de todas as direções. Os espíritos dos aqueus foram despedaçados dentro deles, enquanto seus navios eram levados pelas ondas em um momento alto no ar e noutro rolavam, como se caíssem em um precipício,

[495] Num abismo escuro, enquanto a força irresistível das ondas que se separavam continuava a fazer ferver a areia. Atingidos como estavam pelo desamparo, ficaram chocados demais para conseguir colocar as mãos nos remos, nem tiveram forças para recolher as velas rasgadas pelo vento nas vergas,

[500] Por mais que quisessem, nem puderam recolocá-las em seu curso; tão forte foi o estrondo das rajadas. Os timoneiros não tinham mais o poder de guiar os lemes das embarcações com movimentos rápidos de suas mãos hábeis. Pois aqueles ventos

funestos espalhavam tudo por toda parte.

[505] Toda a esperança de sobrevivência os havia abandonado, agora que a terrível ira dos imortais se combinavam com a escuridão da noite e uma violenta tempestade. Poseidon agitava o mar impiedoso como um favor à gloriosa filha de seu irmão, que também estava, em sua fúria impiedosa, disparando

[510] Com relâmpagos no céu, onde Zeus respondeu com trovões, desejoso de honrar a tua filha. Todas as ilhas vizinhas e a costa continental foram açoitados pelas inundações do mar nas proximidades da Eubóia, onde acima de tudo as divindades acumulavam aflição sobre aflição implacável.

[515] Para os argivos. A bordo dos navios ouviam-se os gemidos e lamentos dos homens que morriam e as madeiras dos navios que se despedaçavam, pois colidiam continuamente uns contra os outros e todos os esforços eram em vão. Alguns deles lutaram com os remos para repelir os navios

[520] Que eram arremessadas contra eles, mas sofreram uma queda terrível, com remos e tudo, nas profundezas. Morreram de modo lastimável. Pois quando foram apanhados pela colisão das longas vigas de seus navios, os corpos de todos eles foram horrivelmente esmagados. Alguns deles caíram dentro de seus navios

[525] E jaziam como mortos. Alguns foram obrigados a nadar agarrados aos remos polidos, enquanto outros flutuavam em pranchas. O rugido que subia das profundezas era tal que o mar, o céu e a terra pareciam estar todos confundidos numa só massa.

[530] Com seu trovão olímpico, Atena Atritônia mostrou-se digna do poder de seu pai, enquanto ao seu redor o ar ressoava. Então, para trazer morte e desastre a Ájax, ela lançou um raio em seu navio e com o impacto espalhou seus fragmentos em todas as direções. Terra e ar ressoaram

[535] E as águas circundantes de Anfitrite subiram em uma onda. Os homens foram todos expulsos do navio. Por todos os lados ondas gigantescas caíam, enquanto dos relâmpagos da deusa flashes brilhantes disparavam através da escuridão. Engolindo a salmoura nojenta do mar agitado e ofegando

[540] Exalando a vida, aqueles homens foram à deriva pela superfície. As mulheres cativas sentiram alegria então, mesmo enquanto morriam. Alguns deles afundaram-se no mar com os braços em volta dos filhos, míseras mulheres, enquanto outros, na sua angústia, seguravam nos braços as cabeças dos seus inimigos, com os quais desejavam.

[545] Para partilhar as suas mortes miseráveis, para fazer com que os dânaos paguem um preço adequado pela sua indignação. Isso encantou o coração da altiva Tritogênia enquanto ela observava de cima. Ájax primeiro manteve-se à tona em uma prancha de seu navio, depois usou os braços para abrir caminho pelas profundezas salgadas,

[550] Com toda a força prodigiosa de um Titã incansável. As ondas do mar salgado foram fendidas pelos braços musculosos do valente herói. Os deuses que o observavam maravilharam-se com sua força e coragem. Em um momento ele foi levantado no ar por uma onda monstruosa

[555] Tão alto quanto o pico de uma montanha elevada, e em outro desceu para ficar escondido como em uma ravina. Mas mesmo assim seus braços resistentes não se fatigavam. Ao seu redor, incontáveis raios caíram e foram extintos no mar. Sua destruição predestinada ainda não foi planejada

[560] Pela filha de Zeus tonitruante, apesar de sua raiva, antes que sua dor e sofrimento fossem multiplicados. Portanto, sua angústia nas profundezas demorou a subjugá-lo, embora estivesse atacado pelos inúmeros males com os quais o destino assolou aquele herói. A necessidade lhe dava força da necessidade.

[565] Ele se vangloriou de que mesmo que todos os olímpicos combinassem sua ira e agitassem todo o mar contra ele, ele escaparia. Mas ele não conseguiu escapar do ataque dos deuses. O poderoso deus que abala a terra ficou indignado quando o viu agarrando com uma das mãos a rocha

[570] De Giras, e em sua raiva furiosa ele sacudiu o mar e a terra sem limites juntos. Todos os penhascos de Cafareu foram abalados em seus alicerces e as praias rugiram sob os golpes terríveis das ondas furiosas produzidas pelo deus irado, que rompeu e lançou ao mar

[575] A própria laje de rocha que Ájax agarrou com as mãos. Ele debateu-se naquela rocha por um longo tempo, de modo que suas mãos foram rasgadas e o sangue escorreu de suas unhas. A chuva constante de espuma que vinha das ondas ferventes deixava sua cabeça e sua barba desgrenhada completamente brancas.

[580] Ele ainda teria escapado de seu destino maligno, se o deus não tivesse rasgado as entranhas da terra e lançado uma colina inteira sobre ele. Como outrora, sobre o gigante Encélado, a guerreira Palas levantou a Sicília e a derrubou, de modo que ainda arde com o poder do gigante invencível.

[585] Sopro ígneo abaixo do solo; assim, o penhasco da montanha enterrou o infeliz senhor dos lócrios, quando caiu de cima e esmagou o poderoso herói. Assim, a negra destruição da morte o alcançou, oprimido como estava pela terra e pelo mar estéril.

[590] Os outros aqueus também foram arrastados pelo grande golfo, alguns ainda a bordo em estado de choque, enquanto outros caíram de seus navios, todos vítimas de terrível angústia. Alguns dos navios foram transportados de lado sobre o mar, enquanto outros foram com as quilhas viradas para cima. Alguns tinham seus mastros

[595] Quebrados na base pela força do vento, alguns tiveram todas as suas madeiras espalhadas pelas rajadas, enquanto outros naufragaram e afundaram nas poderosas profundezas sob o peso da chuva torrencial, incapazes de suportar o vento e a água furiosa do mar e do céu.

[600] Em conjunto. Os céus fluíam como um rio, sem interrupção, e o maravilhoso mar abaixo estava furioso. Este comentário foi feito: "Essa tempestade deve ter atormentado a humanidade na época da prodigiosa dilúvio de Deucalião, quando a terra se transformou em mar, águas profundas por toda parte".

[605] Estas foram as palavras de um dânao profundamente chocado com a terrível tempestade. Muitos morreram e seus corpos encheram uma vasta extensão de mar ao redor e lotaram todas as praias, pois muitos foram lançados em terra pelas ondas. As águas turbulentas de Anfitrite foram totalmente cobertas

[610] Pelas madeiras dos navios. Nenhuma onda apareceu entre eles. As sortes de morte que se abateram sobre eles foram diferentes. Alguns deles morreram miseravelmente devido à força irresistível do mar aberto e outros quando seus navios foram despedaçados nas rochas, enganados por Náuplios em sua raiva por seu filho.

[615] Quando a tempestade se levantou e os argivos estavam a perecer, ele sentiu uma grande alegria no meio da sua tristeza, porque um deus lhe tinha concedido uma rápida vingança ao contemplar a odiada hoste em perigo nas profundezas. Ele fez uma oração urgente a seu pai para que afundasse seus navios e afogasse todos eles.

[620] Poseidon atendeu em parte à sua oração; o resto foi levado pelas ondas escuras do mar. Com a sua mão incansável ergueu uma tocha ardente de pinheiro e enganou os aqueus, que pensaram ter encontrado um ancoradouro seguro num porto. Eles chegaram a um fim terrível sobre um recife escarpado,

[625] Eles e seus navios. A um mal acrescentaram desastre ainda pior, quando foram despedaçados naquelas rochas cruéis em uma noite de horror. A morte foi evitada por poucos, aqueles salvos pelo favor de um deus. Atena, no entanto, dividia-se entre a grande alegria em seu coração e a apreensão

[630] Por causa do prudente Odisseu, porque estava destinado a sofrer muitas desgraças devido à hostilidade de Poseidon. Agora, porém, o ciúme no coração invencível daquele deus voltava-se contra as muralhas e torres que as forças argivas construíram para defender-se contra os nefastos ataques troianos.

[635] Assim, ele rapidamente fez transbordar todo o mar que vem do Euxino, descendo o Helesponto, e o levou às praias troianas. A chuva do céu foi enviada por Zeus em apoio ao glorioso deus que abala a terra. Tampouco o deus arqueiro permaneceu inativo.

[640] Todas as águas que fluem das alturas de Ida foram por ele canalizadas para um único ponto para inundar a obra dos aqueus. Este foi o efeito combinado do mar e das torrentes turbulentas, quando foram terrivelmente engrossadas pela chuva de Zeus. A escura e gemente vaga de Anfitrite impediu-as

[645] De entrar no mar até que todas as muralhas dos dânaos fossem implacavelmente arrasadas. O próprio Poseidon rasgou as

entranhas da terra e causou um grande jorro ascendente de água junto com lodo e areia. Com todas as suas forças ele sacudiu Sigeu, fazendo as praias estremecerem, e Dardânia

[650] Desde os fundamentos. Então aquela enorme fortificação desapareceu sob o mar e afundou na terra, quando esta se abriu. Só restava visível a areia, quando o mar recuou, sob os ecoantes penhascos, e estendeu-se ao longo da costa. Isso sem dúvida

[655] Resultava do ressentimento dos deuses. Enquanto isso, os argivos que haviam sido dispersos pela tempestade continuaram a viagem. Desembarcaram em lugares diferentes, onde o céu guiou cada um, tantos quantos haviam escapado da desastrosa tempestade no mar.